

LETÍCIA BLACK



Frutos do
PECADO



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

FRUTOS DO PECADO

Letícia Black

2017 © Direitos Reservados

Dedicatória

Eu não me lembro o seu nome.

Te encontrei em um shopping qualquer. Você me conheceu pelos meus escritos, me pegou pela mão e desabafou sobre sua vida. Sobre os abusos que tinha sofrido.

Foi a primeira vez que entendi que conversava com as pessoas através do que escrevia e que você esperava que eu respondesse, talvez com uma solução para os seus problemas, o que não pude te dar naquele dia.

Mas escrevi esse livro. E ele foi para você. E para todas as outras meninas que não tiveram a oportunidade de me perguntar, mas que esperavam que eu dissesse.

Vocês não estão sozinhas.

-

Image

Já houve um tempo em que ser bastardo era mais fácil. Os homens não tinham problemas em assumir seus filhos de fora do casamento (embora alguns não o fizessem) e suas esposas não podiam reclamar. Queria dizer, as crianças não sofriam tanto sendo renegadas. Muitos reis tiveram seus filhos bastardos e davam a eles cargos e títulos importantes e as filhas eram pateticamente distribuídas a príncipes e lordes...

Infelizmente, ou não, eu nasci no século vinte um, fruto de uma noite de *despedida de solteiro* e o máximo que o ser que eu deveria chamar de pai —mas chamo de Senhor Jack —fez por mim foi me dar um emprego aleatório (me pagando dez vezes mais que o necessário) na mansão enorme dele, para que eu fizesse quase nada, quando minha mãe morreu. Ok, estou sendo malvada. Ele era um bom pai quando a esposa dele não estava por perto.

Tudo que eu tinha que fazer era servir o jantar. Servir o jantar para a esposa, a filha adorável dos dois, que era loira demais para pegar seu próprio prato, e o filho do primeiro casamento da mulher.

Era humilhante, sabia? Servir o jantar daqueles idiotas. Não é fácil alguém entender o que eu penso. Às vezes me dizem que eu sou mimada e que reclamo tendo coisas demais, que eu podia estar na rua, abandonada e essas coisas. Mas não é a garganta deles que arde toda vez que eles vão servir o jantar e veem aquele retardado que não é nada do meu pai sentado ali na mesa, conversando com ele. Ele nem era tão mais velho que eu! A mãe dele casara grávida do marido viúvo. E eu? Que era filha? Eu tinha todos os direitos de me sentar àquela mesa e ficar ali papeando. Mas não, não é? Eu tinha que os servir e ver a

esposa do meu pai sorrir debochadamente para mim.

Ela me odiava. Kate, a esposa de meu pai, me odiava desde que vira o contracheque do meu pagamento. Ela achava que eu tinha um caso com meu pai. Meio sádico, não é? Doce ilusão.

Eu podia conviver com isso até me formar, sabe? Mesmo quase voando no pescoço de um todos os dias. Eu estava começando a não ligar e começando a ter amigos que me ouvissem, mesmo que ainda não me sentisse segura o suficiente para contar tudo. Mas é claro, nada na minha vida dá certo.

A gente sabe que não tem sorte alguma quando se acorda ensanguentada sem se lembrar direito da noite anterior.

Image

— Levanta, garota! Hora da escola!

Eu me sentei na cama, assustada com as batidas insistentes na porta do meu quarto. Era Chayenne, a governanta, que estava quase derrubando minha porta a socos para me acordar. Ao ver o meu estado e o estado da minha cama, não podia dar outra resposta:

—Eu... Eu não vou hoje.

E então a ouvi reclamar da minha ingratidão, até que estivesse longe demais para que eu a escutasse —e ela escutasse a mim.

Minha cabeça estava doendo. Aliás, não era só isso que estava doendo em mim e eu queria encontrar outra explicação para a enorme mancha de sangue na minha cama, mas as áreas ardidas não me deixavam negar nada.

Mordi meu lábio, sentindo as lágrimas descendo. Eu não conseguia me lembrar de muita coisa. E não queria me lembrar mais do que havia conseguido.

—Deita na porra dessa cama —a voz era tão reconhecível quanto repulsiva. Estava escuro demais para ver o rosto, mas tinha certeza de quem era. Tentei dar um passo para trás, na premissa de empurrá-lo, mas só consegui tropeçar nos restos do meu vestido. —DEITA, CARALHO. OU NEM ISSO VOCÊ SABE FAZER?

—ME SOLTA, SEU IDIOTA! —Eu só queria voltar para a festa que estava acontecendo no hall da mansão do meu pai. Só de calcinha, não me importava. Só queria sair dali e não ter que passar pelo que sabia que ia acontecer.

Ele não me soltou. Pelo contrário, me jogou de qualquer jeito para o lugar onde ele achava que era a cama e acabei batendo com as costas na beira da

mesma e gritei.

—CALA A PORRA DA BOCA! —Ele gritou.

Então me lembrei que eu tinha boca e que podia pedir socorro e se eu gritasse bem alto, poderiam me ouvir mesmo com a música. E eu gritei. Não deveria ter feito.

Eu senti o gosto de sangue na minha boca e a minha bochecha ardeu e doeu. Um soco. Cuspi sangue e rezei para não ter perdido dente algum.

—Fica quietinha ou vai ser pior —ordenou.

Gemi, soluçando. O cheiro do álcool me deu vontade de vomitar quando ele começou a beijar meu pescoço. Eu tentei empurrar o corpo dele para longe de mim, mas era mais forte e me grudou contra a cama.

Eu não consegui ficar quieta. Tive que gritar quando o senti me invadindo e isso me rendeu mais tapas e socos. Fiquei por gemer e chorar baixinho enquanto ele me violava, cravando as mãos nos meus quadris e nos meus seios e sussurrava palavras nojentas ao meu ouvido e eu só esperando que aquilo acabasse o mais rápido possível. Não sabia que tudo poderia piorar.

—Virgem, não é? —Ele me perguntou. E soltou uma gargalhada. —Que delícia. Vira de costas, gatinha —neguei com a cabeça, chorando. Ele me virou, me fazendo gritar de dor.

Eu neguei com a cabeça, chorando, mas não tive tempo de tentar me afastar. Só senti uma dor enorme, como se estivessem me partindo em dois e urrei.

Eu apertei minhas coxas uma contra a outra e senti tudo arder. Encolhi-me chorando baixinho.

Violada, suja, sangrando.

Levantei-me e caminhei meio torta para o banheiro. Estive tomando banho por alguns séculos, tentando tirar aquela sensação horrível de mim.

Quando eu consegui sair, me vesti com qualquer coisa que surgiu à minha frente, recolhi meus lençóis tentando não voltar a chorar ao ver o sangue e tomei coragem para sair do quarto. Disfarcei quando passei por Chayenne e enfiei minha roupa de cama com tudo na máquina de lavar antes que ela pudesse querer ver.

E voltei a me esconder no quarto.

Dobrei minhas pernas sobre a cama e abracei-as. Eu não queria me lembrar,

mas talvez, se eu não estivesse zangada com o atraso do Theo, eu não teria me afastado dele e nada disso teria acontecido. Eu estaria na escola, trocando bilhetinhos sobre as fofocas do dia com a Jenna e encontraria Theo no almoço e estaria tudo bem. Mas é claro que não estava.

Mesmo evitando, eu acabei repensando em todas as coisas que eu poderia ter feito e que teriam evitado aquilo. Eu podia ter me trancado dentro do quarto quando eu entrei; eu podia ter ficado na pista de dança para provocar Theo; Eu podia simplesmente não ter ficado zangada com Theo, era só um pequeno atraso de meia hora; Eu podia ter carregado o meu celular; Eu podia não ter bebido tanto... Tantas coisas que eu poderia ter feito, tantas coisas que podiam ter evitado isso.

Se eu tivesse ido tomar banho assim que eu entrei no quarto, talvez isso o teria deixado entediado e ele teria ido embora...

Sacudi a cabeça, secando as lágrimas e procurei algo para fazer. Precisava forrar minha cama com novos lençóis. Tropecei, me levantando e manquei — meio me arrastando por causa da dor e da queimação —até o armário e escolhi um lençol de flores que viera comigo da casa da minha mãe. Ele me lembrava a ela e eu não desejava nada mais nesse mundo do que ela do meu lado agora. Ela me abraçaria e tudo pareceria que ficaria bem, mesmo não estando. Ela me perguntaria sobre o que aconteceu com o maior tato e jeito do mundo, só como ela conseguiria perguntar e me levaria ao hospital e a polícia.

Falando em hospital...

Suspirando, eu terminei de arrumar minha cama e peguei minha bolsa com os documentos e sai do quarto para encarar o mundo. Não era o que eu queria, mas eu tinha a consciência de que se eu não fizesse isso agora, podia arcar com muitas consequências e doenças depois. Eu só desejara que minha mãe estivesse comigo, nesse momento, me apoiando.

—Vou ao médico —Disse à Chayenne, quando eu chegara ao Hall.

Ela deu de ombros, não se importando. Não gostava nem um pouco de mim, por eu não ter muito que fazer naquela casa e ainda assim ganhasse mais que ela. Aquele pequeno movimento de descaso me deu vontade de chorar. Por mais que eu estivesse acostumada a não ser tratada muito bem por ninguém dentro daquela casa —Exceto por Alan, que as vezes resolvia me tratar bem do nada, querendo conversar comigo -, eu estava frágil, deprimida, magoada e aquilo só me lembrava que aquilo não fazia diferença na vida de ninguém

Andei até o ponto de ônibus mais próximo e peguei o primeiro até o centro

médico de onde a família Evans tinha convenio. Não era o centro médico que tratava os empregados, mas meu cartão de plano de saúde era dali. Não preciso entrar em detalhes do porquê.

Eu sentei-me à janela, eu gostava sempre de me sentar à janela porque, além do vento circular e eu não morrer abafada, eu podia ver a rua, as pessoas e o que elas estavam fazendo, eu podia ler os letreiros e rir do nome das lojas, mas hoje eu só queria ver a alegria das pessoas para tentar conseguir um pouco disso para mim. E quanto mais eu tentava, mais me sentia suja e menos parecida com eles.

Meu celular vibrou dentro da bolsa. Eu pulei de susto e abri-la para pegar o aparelho mais moderno que dois meses de salários juntados conseguiam me comprar. Ele era quase tão bom quanto o de Alan, deve-se dizer. Mas ele conseguira o dele com meio mês de mesada. *Theo*, eu li no visor. Não queria atendê-lo, eu iria chorar. Apertei o botão vermelho, o moço ao meu lado já estava me olhando esquisito —o que significava que eu devia estar vermelha.

Eu guardei o celular novamente na bolsa e ele vibrou. Eu peguei-o para cancelar a ligação, mas era uma mensagem. Suspirei e a abri para poder ler.

‘Estou preocupado, você sumiu ontem e não veio para escola hoje. Por que não me atende? Xxx Theo’.

Mordi o lábio segurando o choro. Era bom saber que alguém se preocupava comigo, para variar.

Olhei para fora e vi que estava na hora de descer. Levantei e o moço ao meu lado, automaticamente, me deu espaço para passar. Apertei o botão para que o ônibus parasse e desci, assim que o fez.

Caminhei o melhor que pude para dentro do hospital, mas mesmo assim não foi muito bom. A recepcionista me olhou estranho, quase que com dó. Eu suspirei fundo, extremamente envergonhada por ter que confirmar as suspeitas dela. Parei em frente ao balcão e tomei coragem.

—Gostaria de um encaixe na seção de ginecologia, por favor —Eu pedi, sentindo meu rosto queimar com o olhar que ela me lançou.

A mulher digitou algo no computador, finalmente tirando o olhar de mim.

—Acho que você consegue um encaixe em menos de meia hora, se for à seção agora. —Ela disse —Qual o seu convênio?

Eu não sabia dizer, então eu abri a minha bolsa para tirar o cartão e entregar a ela.

—Aqui —Eu disse.

Ela arregalou os olhos para o meu cartão. Era o mais cheio de vantagens e

qualquer coisa que poderia ter e minhas roupas nunca indicariam isso.

—Vou avisar que é uma emergência, Senhorita —Ela falou, já me tratando com um pouco mais de pomposidade desnecessária. —Acredito que atendam a senhorita imediatamente. —Ela me devolveu o cartão —Só seguir o corredor até o fim, aos elevadores. Terceiro andar, seção 307.

Eu recolhi meu cartão e achei mais vantagem colocá-lo no bolso da minha calça a guardá-lo na minha carteira, onde eu demoraria a achá-lo.

—Obrigada —Agradei a ela.

Eu me obriguei a andar direito até o elevador, por mais dolorido que isso fosse. Eu tinha dignidade e um cartão Gold para prezar. Entrei no elevador com um alívio por estar sozinha e afastei um pouco as minhas pernas para ver se a dor diminuía um pouco, apertando o botão do terceiro andar.

Só então, sozinha, eu pensei no quealaria para ginecologista. Eu só queria que ela me dissesse que eu estava bem que não havia nada de errado, nada de doenças e me passasse pomadas para que a dor diminuísse, mas eu não queria contar para ela —ou para qualquer outra pessoa —o que tinha acontecido ontem à noite. Era humilhante. Era desesperador. E me fazia chorar.

A porta do elevador se abriu e eu cambaleei um pouco para fora dele. Fechei os olhos com força, tentando buscar coragem escondida no mais profundo canto do meu ser e respirei fundo, abrindo os olhos. O 307 estava há apenas alguns passos de mim e eu caminhei até lá.

O vidro da porta não me permitiu pensar duas vezes ao abri-la. A recepcionista levantou o olhar para mim e desatou a digitar algo no teclado do computador. Suspirei, sabendo que devia ser algo sobre a minha pessoa.

—Bom dia, Senhorita —Ela me cumprimentou. —Primeira vez que é atendida aqui?

—Sim —respondi.

Ela concordou com a cabeça e eu vi que ela tentou disfarçar ao olhar para mim, provavelmente tentando descobrir alguma coisa.

—Preciso da sua identificação e do cartão do seu plano —Disse.

Saco, não adiantava ter deixado o cartão no bolso, eu teria que mexer na carteira. Abri a bolsa e procurei minha identidade por alguns segundos, antes de tirar o cartão do plano do bolso e entregar os dois a ela.

—Pronto —Eu disse.

Ela confirmou com a cabeça, conferiu o nome no cartão e o nome na

identidade e então ficou um pouco mais de um minuto digitando informações no computador. Então olhou para minha identidade, checkou meu nome mais uma vez e eu a vi formando linhas de expressão na testa, provavelmente tentando se lembrar se conhecia meu sobrenome. Só então ela me devolveu meus documentos com um sorriso frustrado e se levantou.

—Por aqui, Senhorita —Disse. E me guiou para uma das três portas brancas que eu podia ver.

Eu entrei em um consultório ginecologista, é claro. Tudo era branco e eu pisquei um pouco para me acostumar. A porta se fechou atrás de mim e a médica, que era até bastante jovem com seus cabelos negros sem nenhum fio branco, apontou para a cadeira à sua frente.

—Bom dia —Ela sorriu para mim. —Então, sua visita sem marcação... Deve ser alguma emergência, certo?

Eu encarei-a. Mordi o lábio, nervosa e as lágrimas vieram a mim antes que eu pudesse me conter.

—Me desculpe, eu... —Eu sussurrei. A médica esticou a mão e pôs sobre a minha, tentando me acalantar. Algo me disse que ela já devia estar acostumada.

—Devo dizer que é a primeira vez que eu vejo uma garota no seu caso vindo sozinha até mim —Ela sussurrou e se levantou. —Quando foi?

Eu tentei engolir o choro para poder acompanhar a conversa, mas a pergunta pareceu me dar mais vontade de chorar. Eu precisava respondê-la, ela só queria me ajudar.

—Ontem... Ontem à noite. —Eu respondi.

Ela concordou com a cabeça.

—Isso é ótimo, você veio rápido. —Ela disse, já ao meu lado. —Pode tirar a roupa e se deitar para que eu a examine?

Concordei e assim o fiz.

—Certo, vou te passar um remédio para aplicar na sua vagina e um segundo para o ânus, ok? —Ela disse, assim que eu consegui vestir minhas roupas íntimas —Tirei um pouco de secreção para fazer exames, estarão prontos o mais rápido possível, deixe seu telefone na recepção, te ligarão com a data para você voltar.

Eu concordei com a cabeça e ela sentou-se à mesa e preparou a receita para mim. Ela me entregou o papel e parecia ter algo nos olhos dela, brilhando com uma espécie de fúria.

—Não tenha medo de dizer quem foi que te fez isso —Ela disse. —E não tenha vergonha de contar para as pessoas. Você vai precisar de ajuda para superar, confie em mim.

Eu concordei mais uma vez.

—Eu... Não vi quem foi —Eu disse. —Eu... Estava deitada para dormir...

Ela negou com a cabeça.

—Não precisa me contar, é difícil para você. Você tem que contar para sua família, pros seus amigos. Eu não vou poder te fazer muita coisa a não ser receitar remédios ou cuidar de alguma doença que você possa ter pego. —Ela segurou minha mão —Faça isso, ok? Nos vemos na próxima semana e espero que você esteja saudável.

Eu mordi o lábio e sai para a recepção. Deixei o número do meu celular com a fofoqueira.

Sai do hospital e entrei na farmácia ao lado —muito conveniente, o dono dela devia ser quase rico —para comprar meus remédios. Mal via a hora de me deitar na minha cama e esperar os resultados dele.

Comprei algo para comer por ali. Não queria ter que encarar ninguém em casa para ter que me alimentar, então algo na rua que pudesse vir a me dar infecção intestinal era muito bem-vindo nesse momento.

Peguei o ônibus para casa. Dessa vez, eu não consegui lugar na janela, então me encolhi ao corredor, guardei os remédios dentro da minha bolsa e resolvi responder à mensagem de Theo.

Eu queria dizer a verdade para ele, mas se eu mandasse uma mensagem com conteúdo de *mim fui estuprada* ou algo parecido, ele entraria em colapso e fugiria da escola, invadiria a casa para saber se eu estava bem. Ou então acharia que eu estava sendo irônica. Eu precisaria contar para ele, cara a cara. E não seria nem um pouco fácil.

Escrevi: *‘Não estou me sentindo muito bem, nos vemos amanhã xxx Mari’* e enviei. Mas não guardei o celular.

Eu estava com coragem agora e quase sentia que não estaria amanhã. Então eu marquei o número da Jenna e escrevi: *‘Preciso te contar algo amanhã. Não me deixe esquecer, me pressione ou não irei te contar’* e enviei antes que eu desistisse e apagasse.

Suspirei e desci do ônibus. Caminhei do ponto até a mansão me arrastando e entrei pelos fundos, para que Chayenne não me amaldiçoasse por ter que abrir a porta para mim e corri para o meu quarto, ao lado da escada. Pequeno e

aconchegante, embora guardasse memórias não tão boas agora.

Fui ao banheiro e li as instruções de como eu deveria fazer com os remédios. Depois de medicada, eu deitei à cama como me recomendaram fazer na bula e liguei a TV.

Eu me distraí por horas a fio assistindo filmes, séries e tudo mais. Mas estava na hora da minha obrigação diária e quando Chayenne bateu à porta para me mandar ir me arrumar para servir o jantar, eu já havia separado o meu uniforme breguíssimo para tal coisa em cima da cama e já prendia o cabelo.

—Já vou —Gritei para ela.

Vesti o uniforme a contragosto. Era a pior parte de servir a comida a eles. Quero dizer, o uniforme. Era uma coisa meio cinza, meio verde musgo, com botões e saia. Eu me sentia como um robô que seria capaz de cumprir qualquer ordem que seus donos o dessem. Não era bem assim.

Abri a porta do quarto para enfrentar o que tivesse que enfrentar, mesmo com a cara inchada de chorar o dia inteiro e com as minhas partes íntimas doendo e com as marcas vermelhas e arroxeadas que eu tinha pelo corpo... E muitas estavam expostas com aquela roupa.

Caminhei, tentando disfarçar as dores que eu estava sentindo, até a cozinha. Só agora eu sentia que meu corpo inteiro parecia ter passado por uma máquina de moer carne. Chayenne me recebeu de cara fechada e saiu do aposento com o nariz em pé. Apenas Danyelly, a copeira, ficara.

—Ela parece que dormiu com os monstros hoje —Ela disse —Não ligue para isso.

Ajudei-a colocando a sopa e os sucos no carrinho e ela me ajudou a empurrá-lo até a sala de jantar.

Assim que eu entrei no aposento e via a “família” toda reunida, meu estômago revirou com a sensação de inveja e vontade de me sentar ali junto a eles, como era meu de direito. Mas tive, apenas, que engolir aquele sentimento e me preparar para servi-los como todos os dias.

Jack, meu pai, estava, como sempre, na cabeceira da mesa. Seus olhos verdes estavam distraídos em uma leitura chata de advogado e os cabelos negros, que eu havia puxado, estavam cortados mais curtos que quando eu o conhecera. Eu gostava mais do jeito antigo, mas Kate preferia assim e isso era o que importava para ele. Suas feições firmes assustavam à primeira olhada, mas ele era um dos homens mais doces que eu já havia conhecido. Era firme, sim, e não media esforços para conseguir o que ele queria. Mas ele sempre fora doce

comigo e com a minha mãe, o que me fazia admirá-lo ainda mais, mesmo que a distância.

Eu não podia dizer que eu era a única a admirá-lo. Kate, sentada ao seu lado direito mal piscava seus olhos cor de mel quando olhava para ele. Era como se ele fosse um tesouro que sumiria se ela se descuidasse dele. E, bom, ela não descuidava nem dos longos loiros cabelos ou de suas roupas caríssimas do melhor estilista que o dinheiro do meu pai podia pagar... Certamente não descuidaria de Jack.

Em frente a ela, estava Elizabeth, ou Lizzie como a maioria das pessoas a chamavam. Às vezes, eu até me esquecia qual era o real nome dela —e devo dizer que ela não gostava de ser chamada assim, exceto raras exceções. Ela devia estar concentrada em algo que sua mãe dizia, mas seus cabelos tão claros quanto os dela caíam distraidamente pelas maçãs coradas do rosto enquanto seus olhos azuis quase esverdeados, em um tom totalmente diferente do pai que dividíamos, mas mesmo assim ninguém seria capaz de dizer que não eram os olhos dele, estavam focados em um ponto debaixo da mesa, onde ela digitava uma mensagem no celular.

Na outra cabeceira, de frente à Jack, estava Alex. Às vezes, principalmente quando eu o via na mesa com eles, eu o odiava. Ele tinha minha idade, extremamente bonito com seus olhos azuis bem escuros e os cabelos castanhos que ficavam ligeiramente avermelhados ao sol. Os braços, eu bem me lembrava de quando ele me ajudara com a minha mudança para casa, eram fortes. Qualquer garota o desejaria se ele não fosse tão irritante as vezes. Ele não era filho de Jack, era filho do primeiro casamento de Kate, mas Jack o criara desde que nascera. E eu ainda o via como meu irmão e, acho, que era por isso que eu acabava o odiando, às vezes. Mas na maior parte do tempo, ele era um garoto legal. Quero dizer, quando não tinha aqueles problemas por perto...

Inconscientemente, eu olhei para Jack e desejei que ele pudesse me ajudar com meus próprios problemas. Como a minha mãe me ajudaria se ela estivesse viva. Eu desejei, pela primeira vez em muito tempo, que ele me abraçasse e que fizesse o papel de pai que eu nunca tive. Que ele pudesse ao menos xingar a pessoa que fizera aquilo comigo ou tivesse a solução de quem fora e procurasse todos os meios para que a justiça fosse feita com esse infeliz.

Infelizmente, nesse momento, ele olhou para mim e franziu a testa, imaginando o que eu estava pensando. Os olhos azuis dele brilharam para mim, querendo entender porque a dor estava estampada tão claramente em meu rosto.

Eu só mordi os lábios, segurando o choro apenas por mais alguns minutos, por tempo suficiente para sair dali.

Eu coloquei a travessa de sopa à mesa, para poder servir com mais facilidade enquanto Danyelly já servia o suco e me virei, com a concha para colocar a sopa no prato de Alan.

—O que é isso no seu braço? —Alan me perguntou.

O ar me faltou e eu encarei todas as pessoas na mesa, tremendo. Derramei a sopa em Alan e dei tantos passos para trás quanto consegui. Meu pai me encarou alarmado e Alan xingou um palavrão com a roupa queimando pelo líquido da sopa.

—Me... Desculpe —Eu sussurrei para Alan, sentindo que se eu não saísse dali aquele momento, as lágrimas me denunciariam mais do que eu já estava denunciada.

E eu corri para longe da sala de jantar para me esconder em qualquer lugar escuro daquela mansão grande.

Eu estava apenas me escondendo da minha demissão. A esposa de meu pai só estava esperando um deslize meu para me pôr para fora daquela casa.

Mas foi meu pai quem me achou.

Image

Estava escuro ali, naquela hora da noite. Ninguém costumava usar a lavanderia depois das sete e já devia estar passando das nove. Então, eu estava quase segura porque me procurariam primeiro no meu quarto.

Eu me encolhi entre a parede e a secadora de roupa, abraçando as pernas, perguntando-me se eu poderia ter evitado se eu tivesse me preparado melhor. Claro que eles iriam notar que eu estava machucada, o Alan costumava fazer isso só para me irritar... Se eu tivesse pensado como agir, se eu tivesse simplesmente ignorado e continuado me segurando até poder me trancar no quarto novamente, eu não teria que me esconder, não teria que ficar pensando onde morar ou o que fazer se eu fosse demitida, mesmo tendo certeza que meu pai continuaria me mandando dinheiro e pagando minha escola...

Talvez eu pedisse abrigo e emprego ao Theo. Tenho certeza que com a quantidade de empregados que o pai dele tinha, não iria se importar em ter mais um, embora eu provavelmente iria ter que trabalhar de verdade (ou não, talvez eu passasse o dia com Theo). Mas, mesmo tendo um relacionamento muito estranho com aquelas pessoas, elas ainda eram minha família (embora só Jack soubesse disso) e eu não queria sair daquela que veio a se tornar minha casa há quase um ano.

A porta se abriu e eu me encolhi mais ainda, esperando ouvir os gritos que iriam me expulsar do meu lar, do único lugar que eu tinha, de tudo que sobrou da minha vidinha infeliz. Os passos eram pesados e menos barulhentos do que eu esperava que os sapatos da esposa do Jack fossem. Eu suspirei, me denunciando.

—Filha? —A voz de Jack e a palavra que ele quase nunca usava me fizeram sobressaltar.

Eu engatinhei para fora do meu esconderijo, o rosto lavado pelas lágrimas e encarei o olhar realmente preocupado dele. Isso me deu mais vontade de chorar ainda e acabei quase caindo, tentando me levantar para correr para abraçá-lo.

Jack se assustou, mas passou os braços em torno dos meus ombros e me apertou enquanto eu chorava. E eu chorei mais do que eu já havia feito: Com gritos, socos e ataques de raiva. Jack aturou isso muito bem, até que em meio a uma crise de raiva e de gritos, ele se irritou e se afastou, me segurando pelos ombros.

—O que diabos houve com você, Mariana? —Ele me perguntou, se abaixando e me olhando nos olhos, nitidamente preocupado.

Minha garganta prendeu e eu soltei um grunhido, voltando a esconder meu rosto, agora no braço dele porque o tronco estava longe demais para isso. Escondida no meu mundinho, sem olhos e sem nenhuma pressão, eu imaginei que seria mais fácil dizer.

—Ontem à noite —Eu disse, a garganta arranhando e as lágrimas correndo mais rápido e com mais vontade do que eu queria —Eu... voltei para o meu quarto mais cedo da festa e... —Mordi o lábio, com medo de falar. Jack apertou meu braço com força, para que eu continuasse —Um garoto... alguém... entrou atrás de mim... Ele... Ele.

Eu não consegui terminar e a força que Jack me segurava não foi superior à minha vontade de abraçar alguém. Ou talvez ele tenha afrouxado pelo que eu havia contado, pois ele pareceu meio idiota, sem saber o que fazer, quando eu o abracei.

—Ele machucou você? —Ele perguntou, com a mão passando levemente em um dos meus roxos no braço. Eu concordei com a cabeça —Ele... Estuprou você? —Perguntou.

Eu me encolhi no abraço dele, apertando-o mais contra mim e gemi baixinho. Ele passou as mãos pela minha cabeça, tentando me acalmar. Passos no corredor, ele enrijeceu, mas não teve coragem de me largar. Bom saber que ele podia ser pai quando eu precisava dele.

—Minha cama... —Eu sussurrei —Sangue... Sangue!

—Shiiii —Ele chiou para mim, como se eu fosse um bebê que ele tinha que acalmar.

Ele me abraçou e me acalentou, não ligando para os passos no corredor, nem mesmo quando a porta abriu, me fazendo pular de susto para longe dele, enxugando as minhas lágrimas.

Eu vi a figura loira arriscar uma entrada quase tímida na lavanderia. Eu nunca a havia visto ali e ela, definitivamente, não combinava com aquele lugar, muito menos com a roupa exagerada que ela colocava todo dia para jantar —

uma diferente e mais cara a cada dia. Eu só não sabia se ela usava aquelas roupas para me provocar ou para provocar meu pai. Talvez um pouco dos dois.

Ela mordeu os lábios, olhando de mim para Jack e de volta para mim. Parecia indecisa sobre o que fazer... Talvez ela tivesse realmente querendo me mandar embora, mas agora procurasse palavras para gritar sobre eu estar me *agarrando* com meu pai.

—Eu ouvi a conversa —Ela disse, finalmente.

Eu apertei os olhos e dei passos para trás, encostando-me a lava-roupas. Isso podia piorar? Quero dizer, ela ouvindo a conversa e descobrindo que ele era meu pai podia me manter dentro daquela casa, mas destruiria tudo que meu pai estivera cuidando e que eu, por mais que fosse excluída, prezava. E ela sabia de ontem à noite. Agora para atingir a cidade toda, era um pulo. Eu não queria que soubessem, eu estava me sentindo suja e com vergonha de mim mesma. E tudo ainda doía.

—Kate... —Jack começou.

Jack ia limpar a barra dele, é claro. Mas se ela fosse esperta, pediria um DNA de nós dois. E pronto, fim da história, fim do sossego, fim do pouco de felicidade que meu pai ainda tinha.

Quer saber? Se fosse por mim, eu gritaria a todo o mundo de quem era filha. Ele era um bom homem que cometera um deslize às vésperas de se casar. Quantos antes não fizeram isso? E quantos depois? Ele só dera azar de se esquecer da camisinha e nascer um bebê dali. Mesmo ele não sendo muito presente, desde que ele soube de mim, nunca me deixou faltar nada. Ele fez com que minha mãe saísse do Brasil e voltasse para a Inglaterra para que ele pudesse ajudar de maneira mais firme. As melhores escolas, as melhores roupas... Tudo de melhor para mim. E quando minha mãe se foi... Assim que ele soube, fora atrás de mim. Não deixou que a minha avó ficasse comigo, queria ele mesmo acompanhar minha recuperação... Nunca entendi. Talvez ele quisesse mesmo que eu ficasse perto dele, que fosse um pai mais presente. Ao menos ele tenta. Ao menos ele me abraçou de verdade quando eu precisei. Não preciso ter um nome numa certidão se ele puder fazer isso.

—Eu passei por isso —Kate sussurrou.

Eu pisquei. Havia me perdido no que ela havia dito. Eu estava esperando que ela surtasse, gritasse com o Jack que ele havia traído ela comigo e que ela ia arrumar as malas e ir embora com a Lizzie e o Alan. Ou então que gritasse dizendo que ele a havia enganado por dezesseis anos e que tinha uma filha fora

do casamento que ele colocara dentro de casa... Algo nesse estilo. ‘Eu passei por isso’ me deixava confusa. Eu não entendia se ela estava falando de Alan ser filho de fora do casamento ou se ela também fora...

—Eu tive esse azar... —Ela fechou os olhos e eu entendi. Era comigo. Compaixão vindo de alguém que entendia muito bem o que eu estava passando —Há muito tempo.

Eu a encarei. Os olhos verdes dela estavam tão vazios quanto nunca haviam estado... Eles tinham brilho quando ela estava perto do Jack e por mais que ela não me tratasse bem, eu ficava feliz por ser ela que estava com ele, porque ela não estava pelo dinheiro e sim pelo que o coração dela falava. Ela correspondia totalmente aos sentimentos e à felicidade do meu pai. Quem era eu para destruir porcentagens mínimas disso?

Ela deu passos inseguros até mim e esticou a mão, como se fosse me acariciar, mas desistiu no caminho. Eu me abracei, sabendo que poucas pessoas entenderiam aquilo como ela entendia.

—Como... isso passa? —Eu perguntei.

Eu tinha consciência que eu estava parecendo uma garotinha de cinco anos tentando entender o porquê que o céu era azul. Mas, na minha idade, eu queria entender o porquê isso acontecia comigo e como eu fazia para isso acabar, para parar de doer, para sumir a sensação de vazio e de ojeriza que parecia me preencher como se estivessem se instalando em mim para passar uma longa temporada assombrando meus pesadelos.

—Não passa —Ela sussurrou. Os olhos dela capturaram os meus e passou uma imensa corrente de compreensão entre eles —É difícil... Se acostumar. Eu sinto muito.

Eu concordei com a cabeça, mordendo os lábios, sentido que as lágrimas viriam em breve.

—Eu também.

Ela encostou-se à máquina de lavar ao meu lado e nós duas encaramos Jack, que apenas balançou a cabeça, entendendo, e caminhou até a porta.

—Qualquer coisa que precisarem —Ele capturou meus olhos por alguns segundos, mostrando que ele queria dizer aquilo só para mim (e o olhar dele chegava a ser quase bruto de tanta raiva e preocupação) —Me chamem.

Ele saiu da lavanderia nos deixando sozinhas. Kate parecia inquieta por lembrar-se do passado dela e vê-lo refletido em mim e eu parecia quase incapaz de segurar o choro. O silêncio reinou entre nós por longos minutos enquanto nós

duas encarávamos o terror dentro de nós mesmas e o espelho de uma na outra.

—Você é muito corajosa —Kate quebrou o silêncio, sentando-se em cima da tampa da máquina de lavar desligada —Levei anos para conseguir contar para alguém... para o Jack, quero dizer. Ele meio que se culpa. Foi quando eu voltava para casa, depois do nosso primeiro encontro.

Mesmo tanto tempo depois, ela ainda falhava a voz ao contar, confirmando para mim que aquele sentimento de ojeriza não passava nunca. E mesmo até sem querer e sem saber, ela estava fazendo o papel que cabia a ela como minha madrastra, me ajudando a tentar melhorar depois de uma das coisas mais repugnantes do mundo quando ninguém mais podia, ninguém mais conseguia entender... Eu não tinha certeza se ela teria a mesma compaixão se não tivesse sofrido do mesmo absurdo que eu, anos atrás, mas já era um bom começo. E saber que alguém podia entender tudo que eu sentia e todo o nojo que se passava dentro de mim, que me sentia indigna de continuar vivendo, já era no mínimo reconfortante.

Eu passei as costas da mão pelo meu rosto, carregando as lágrimas para longe das minhas bochechas encharcadas e passei a língua pelos lábios, sentindo o gosto salgado das lágrimas que chegaram até ali.

—Bom, ao menos a senhora... já tinha sido casada —Eu murmurei —Já sabia mais ou menos como seria... isso.

Ela pareceu dar um pulo em cima da máquina de lavar, eu a senti me encarando, tentando ver se eu estava falando a verdade por debaixo de toda a minha dor e loucura, por detrás das minhas lágrimas incessantes e meus lábios excessivamente trêmulos.

—Não acho que tenha muita diferença... É horrível da mesma maneira —Ela sussurrou. Pelo canto dos olhos, eu a vi morder os lábios, provavelmente com medo do que deveria me dizer... —Você nunca tinha... Estado com nenhum homem? —Inquiriu. Eu podia sentir a cautela explícita na voz dela. Neguei e isso a fez respirar fundo, quase aliviada —Acho que andei pensando coisas muito erradas sobre você. —Confessou.

Eu a olhei e ela me ofereceu um sofrido, mas sincero, sorriso amigável, sabendo mais que ninguém do tipo de apoio que eu precisava naquele momento terrível e sóbrio. Eram óbvias as coisas erradas que ela andara pensando sobre mim. Eu e Jack tendo um caso quando ela não podia nos ver. Era quase um insulto a integridade moral de meu pai, de quem eu nunca soubera uma traição sequer —a não ser aquela que me gerou. E eu saberia se ele o fizesse, porque as

empregadas tinham uma mania horrível de fofocar sobre a vida do patrão ou falar mal dele quando não tinham nada para fazer. Por isso que elas deviam estar sempre ocupadas. Ócio gera veneno.

—Eu não me importo —Eu disse. E então o silêncio se fez presente entre nós duas mais uma vez e eu resolvi imitá-la e sentar-me na máquina de lavar como ela, ignorando as dores que isso me causava e abracei minhas pernas com cuidado —Eu devia ter dormido com Theo quando eu tive a oportunidade.

Eu ouvi o longo suspiro de Kate, provavelmente por eu ter dito Theo e não Jack. E eu quase conseguia ouvir as engrenagens do cérebro dela maquinando, tentando encontrar um motivo sensato para que meu salário fosse tão gordo e minha escola tão boa —a mesma que o filho dela estudava.

—Quem é Theo? É seu namorado? —Ela me perguntou, parecendo realmente interessada. Eu concordei com a cabeça, mesmo não tendo certeza sobre o *namorado*, mas *ficante frequente* me pareceu muito inadequado e complicado para a situação. —Talvez você devesse ter dormido com ele..., mas não sei se seria menos... repugnante. —A voz dela se encheu de ódio e ojeriza nas últimas palavras.

Quase consegui segurar o soluço, mas quando ele foi seguido por lágrimas e gemidos, me pareceu impossível de se fazer. Eu me balancei e tremi, tentando fazer com que aquilo me acalentasse, sem sucesso. Senti a mão de Kate em meu ombro, apertando-o, tentando me acalmar e admirei a tentativa dela, mesmo que ela soubesse que aquilo não ia ajudar em nada com o dano interno que havia em mim.

—Você não pode ficar sofrendo pelo o que não aconteceu... pelo que poderia ter acontecido se você tivesse feito algo diferente, se tivesse virado à esquerda naquele cruzamento... —Eu fui incapaz de encará-la naquele momento, sabendo que ela estava falando da própria experiência —Acredite em mim, mas faz nada ser melhor, pelo contrário... —Ela disse e eu a olhei. Ela sorriu tristemente para mim —Não se prenda ao que deu errado, pense no que pode dar certo agora. Algumas pessoas simplesmente não dão sorte, mas a vida costuma nos recompensar, afinal. Eu, por exemplo, não tive uma vida nada fácil... E agora eu tenho o Jack.

Eu entendi, só dela dizer *eu tenho o Jack* que tudo havia ficado bem, no final. Quero dizer, eles se gostam de verdade e têm uma filha linda juntos. Mesmo com todas as desgraças na vida dela, tudo parecia ter valido a pena só para ter aquele final. Eu desejara ter aquela sorte.

—Espero que isso funcione comigo também —Eu sussurrei e a vi sorrir.

—Eu também espero —Disse —Você não é má menina... Alan costuma me dizer isso. Deveria ouvir mais meu filho.

É, essa era uma coisa que ela deveria realmente fazer. Talvez isso evitasse uma série de problemas com ele e com o temperamento dele. Talvez, se ele fosse mais escutado, ele fosse mais capacitado na hora de escolher os amigos...

—Obrigada —Eu agradei o elogio.

Ela deu de ombros, sorrindo. E eu imaginei se eu não estava ganhando alguém para ocupar um pequeno espaço no vazio que a morte da minha mãe deixara no meu coração ferido quando se fora para um lugar melhor. Kate parecia encantadora agora que havia descoberto que eu e Jack não tínhamos nada e que nós duas compartilhávamos —mesmo que triste e melancolicamente —a mesma história.

—Hum —Ela murmurou —Não quero te magoar mais do que você já deve estar, mas é necessário... —Eu a olhei e ela me encarava com as feições transbordando preocupação e cuidado —Você sabe... lembra quem fez isso com você?

Eu fechei os olhos e flashes daquela noite povoaram a minha mente e aquela voz singular ecoou entre meus ouvidos. Tinha me parecido tão familiar..., mas era tão brutal e asquerosa que não poderia pertencer a ninguém com quem eu tivesse conversado por mais de dez minutos. Não que eu fosse muito boa em guardar vozes e feições, mas aquela voz era malvada demais para ser de alguém... normal.

—Eu achei que soubesse —Eu sussurrei —Mas não sei... não foi ninguém de quem eu me lembre.

Ela concordou com a cabeça. Parecia entender isso de alguma forma. Talvez nossos ouvidos realmente nos enganassem em situações de pânico e ela fosse capaz de compreender isso também.

—Você vai a polícia? —inquiriu.

Eu passei as costas das mãos pelo meu rosto novamente, para secar as novas lágrimas que haviam decidido continuar correndo pelo meu rosto, sem interrupções.

—O que eu vou dizer a eles? Que eu não vi o rosto do cara e não faço a menor ideia de quem tenha sido? —Perguntei, com a voz um tom mais alto —De que vai adiantar?

Kate mordeu o lábio e foi obrigada a concordar. Ela desceu da máquina de

lavar e parou em minha frente, obrigando-me a encará-la. Ela parecia tão complacente da minha dor... Quase como se conseguisse tirar metade dela e jogá-la para bem longe de mim.

—Escuta —Ela disse —Eu sei bem como isso é difícil e como os primeiros dias são complicados demais para nossa cabeça, então... —Ela suspirou, escondendo os, agora, inexpressivos olhos verdes por detrás das pálpebras —Se algum dia você não se sentir bem... —Ela abriu os olhos e me encarou —Avise uma das empregadas... Você não precisa sair do quarto, se não quiser. Aliás, vou pedir que mudem sua cama. Você também não precisa continuar com ela.

Eu suspirei e fechei os olhos, transbordando gratidão. Eu não sabia nem como dizer. Ela parecera me odiar por todo aquele tempo em que estivemos morando na mesma casa, mas aparecera do nada no momento que eu mais precisava de uma figura materna e me dera mais do que eu poderia, um dia, ter sonhado. Eu, que antes não entendia o amor que meu pai sentia por aquela mulher rancorosa, agora via, claramente, que meus olhos andaram cegos pela raiva. Ela era apenas alguém que sofrera demais para acreditar na própria sorte. E era boa. Boa o suficiente para me ajudar, mesmo eu sendo uma de suas empregas, mesmo eu sendo a suspeita da traição do amor da vida dela. Eu não tinha palavras.

—Obri... gada —Eu disse, tremendo.

Ela deu um sorriso de lado e sacudiu os ombros displicentemente e virou as costas para mim, caminhando calmamente até a porta. Eu a vi colocar a mão na maçaneta e parar por alguns segundos, com a cabeça abaixada. Então ela virou para mim e eu não soube o que esperar.

—Hm... Sem querer ofender, mas... Você por algum acaso sabe por que seu salário é tão alto? —Ela me perguntou, mordendo os lábios.

Eu não a recriminaria mais por causa disso. Uma pessoa que teve tanto azar na vida teria que ser sempre desconfiada quando as coisas davam certo..., mas eu teria que inventar alguma coisa para livrar o Jack.

—Eu acho... Que ele prometeu à minha mãe —Eu disse —Acho que eram amigos, mas ela nunca falou dele.

Ela concordou com a cabeça.

—Ele também nunca falou dela —E saiu.

Eu não me demorei muito na lavanderia, só o suficiente para tomar coragem de enfrentar o mundo de novo. E eu não tive que enfrentá-lo muito, pois logo me enfurnei no meu quarto. Havia trocado o meu colchão por um bem melhor, que

parecia ser mais macio, enquanto estive fora. Agradei mentalmente a quem fizera isso.

Deitei na cama, tentando me acostumar com ela e liguei a TV, colocando em qualquer canal aleatório que me distraísse o suficiente para me fazer dormir. Ao passar dos minutos, minhas pálpebras foram ficando mais pesadas e se fechando sem nenhum esforço da minha parte... Então um barulho na porta me fez despertar e eu me sentei, gemendo de cansaço.

—Entra —Eu disse.

Alan colocou a cabeça para dentro do quarto, o cabelo claro dele caindo sobre a testa em direção ao chão.

—Não está pelada, está? —Ele perguntou, já entrando no quarto como se esse fato não importasse muito.

Arrisquei um sorrisinho para ele.

—Me desculpe por hoje mais cedo —Eu disse —Eu não queria ter derrubado a sopa em você...

Ele deu de ombros, não ligando para isso também. Então abaixou a cabeça e chutou o nada, parecendo envergonhado. Eu o vi morder o lábio e fiquei apreensiva, esperando o que ele tinha para dizer.

—Eu sinto muito... Por ontem —Ele disse. Minha garganta embargou por lembrar —Eu queria ter visto quem foi... E ter te salvado...

Eu olhei para o outro lado do quarto, segurando as lágrimas. Por que todo mundo agora queria falar sobre aquilo? Por que ele viera me oferecer mais uma opção para ter evitado aquilo? Eu não queria pensar, não queria me lembrar, mas estava tudo tão claro... Ele podia ter me visto, eu estivera com ele minutos antes. Mas ele estava ocupado demais com outras coisas.

—Se você não estivesse se drogando, talvez tivesse visto —Eu disse.

Meu olhar ferido encontrou o duro dele. Era só tocar nesse assunto e ele perdia toda a sensibilidade, todo o carisma. Eu só queria que ele parasse, pelo bem dele. E eu insistia com isso, mas ele não me ouvia, só queria saber de fumar maconha com os amigos malucos dele. Idiota.

—Escuta aqui, garota —Ele disse —Eu sei muito bem de quem você é filha e o que você está fazendo aqui —Eu enrijeci. Não fazia ideia de que ele sabia — E se você ameaçar contar para minha mãe o que eu ando fazendo, eu conto para todo mundo sobre o seu papai.

—Contar a quem o quê sobre mim? —A voz de meu pai ecoou atrás de Alan.

Image

—Contar a quem o quê sobre mim? —A voz de meu pai ecoou atrás de Alan.

Eu olhei para os dois. Alan parecia tremer e eu não sabia se de medo ou de raiva, mas não significava coisa boa. Meu pai tinha as feições duras, magoadas e estava extremamente sério, encarando Alan enquanto passava por ele para entrar em meu quarto. Meu pai parou ao lado na cama, entre mim e Alan e encarou-o por alguns segundos, antes de olhar para mim, exigindo uma resposta.

O que eu diria? Eu queria dizer a verdade e dar uma chance de alguém ajudá-lo de qualquer forma, mesmo ele não querendo. Nós podíamos não ser amigos e ele só vir conversar comigo quando tinha algum interesse, mas eu não queria nenhum mal a Alan. Eu... o invejava. O invejava pela família que tinha, pelo lugar que ocupava nela e ansiava por ocupá-lo, mas desejar que ele se matasse aos poucos com uma droga qualquer não é uma coisa que eu faria.

Eu podia dizer que ele brigara na festa. Eu podia dizer que ele transara com uma garota na cama dos pais. Eu podia dizer qualquer coisa. Mas não foi o que eu fiz.

Só segui meu coração. Que me apedrejem por isso.

—Eu vi uma coisa ontem —Eu disse. Olhei para Alan de rabo-de-olho e ele fechou os olhos, balançando a cabeça negativamente, implorando —Me desculpe, Alan. Eu acho que é para o seu bem.

Eu engoli a seco, vendo que ele continuava a implorar.

—Por Favor, por favor —Dizia baixinho.

Era difícil resistir àquilo, mas meu pai pôs a mão em meu ombro e acenou com a cabeça, para que eu continuasse. Eu encarei seus olhos verdes e balbuciei algo amedrontada.

—Não conte para mãe dele —Eu disse —Ele pode resolver isso... Com força de vontade, eu acho. —Olhei para Alan e ele parecia chateado —Por favor, prometa que não vai contar para mãe dele. —Eu implorei.

Jack suspirou e sentou ao meu lado na cama, passando o braço por cima do meu ombro e fazendo-me encostar a cabeça em seu peito. Eu adorei aquilo, fez eu me sentir... protegida.

—Eu concordo com isso —Jack disse. E então encarou Alan —Se ele concordar em não contar o nosso segredo.

Alan mordeu o lábio, nervoso. Eu via que ele estava se segurando para não ter os acessos de raiva que ele tinha. Agradeço muito a Deus por ele não estar sobre efeitos das drogas.

—Não quero que ela conte. —Ele disse.

Jack levantou a sobrancelha, desafiando-o. Apertou mais o braço em volta de mim, quase como se estivesse com medo da reação dele tanto quanto eu, mas ele não tinha como ter. Ele nunca havia visto Alan quando ele estava sobre os efeitos da droga ou quando estava com falta dela e quantas confusões isso já o havia metido.

Eu até desconfiaria que ele tivesse sido a pessoa que invadiu meu quarto, mas ele estava muito chapado para conseguir andar. Quanto menos obrigar alguém a fazer as coisas que me obrigaram a fazer.

—Ela vai contar de qualquer jeito... Então estamos propondo um acordo — Jack disse, quase que o obrigando a aceitar —Cabe a você decidir se quer que sua mãe saiba de tudo e surte ou que ela não saiba de nada e fique tranquila como ela está... Não tão tranquila agora por causa da Mariana, mas...

Não tranquila por minha causa. Isso me inflou. Eu nunca fora tratada muito bem naquela casa, mas em um momento, naquele momento em que eu estava passando por uma das piores provações que a vida pode me oferecer, todos pareceram querer me abrigar e me dar apoio. E a minha madrastra que sempre me odiara mudara tão bruscamente sua opinião pela minha pessoa que deixava sua felicidade ser ofuscada por preocupação comigo. Eu me aconcheguei mais para perto, aproveitando do abraço de meu pai e dando um sorriso tímido, mas sincero.

—Não é uma escolha —Alan disse. —Eu não vou contar —Prometeu, então.

Jack concordou com a cabeça e olhou para mim, esperando que eu contasse o que eu tinha visto no dia anterior, antes de tudo virar minha vida de cabeça para baixo. Talvez, eu pudesse ao menos ajudar alguém.

—Alan estava com os amigos dele... —Eu sussurrei, quase sem coragem. Eu olhei para Alan e ele me olhava assustado, quase que com medo, e ao mesmo

tempo com raiva —E ele estava... Hm —Eu vacilei e meu pai me apertou novamente, me incentivando —fumando maconha —Eu sussurrei, escondendo o rosto no peito dele.

Eu senti o peito de meu pai inflar e imaginei que ele estivesse tentando controlar alguma reação exagerada à informação. Porque, bom, ele era praticamente o pai de Alan, ele o vira nascer e o criara como se fosse seu filho e tudo mais. E não deve ser fácil lidar com uma filha estuprada e um filho drogado ao mesmo tempo, mas eu desejava que ele cuidasse tão bem de Alan quanto ele estava cuidando de mim e que Alan parasse de usar essas coisas que o deixavam sendo uma pessoa que ele não era.

—Foi só aquela vez —Alan sussurrou, tentando se defender.

Eu sabia que ele estava mentindo. Ele vinha usando maconha há um pouco mais de três meses, ao menos fora mais ou menos há três meses que eu o vira usar pela primeira vez, em uma festa em alguma casa que eu não me lembrava. Mas eu não fui capaz de desmentir. Eu já havia contado, já havia uma oportunidade de ele se redimir e voltar a ser um garoto normal... O garoto que ele era quando eu viera a morar naquela mansão, que zombava de mim, mas ao mesmo tempo tentava me fazer me sentir bem, mesmo que deslocada naquele ambiente estranho. Eu sentia falta disso nele porque não eram mais frequentes as vezes que ele estava ‘normal’ e isso me fazia acreditar que ele estava fumando maconha assiduamente...

Jack se afastou de mim, me dando um beijo na testa e sussurrando para que eu não ficasse mais nervosa do que eu estava e se levantou. Naquele momento, eu fiquei com medo de que ele desse uma surra em Alan. Afinal, o que ele estava fazendo era muito errado... E não condizia com a criação que ele tinha.

O problema de Alan era que ele podia ser influenciado facilmente. Se ele tinha bons amigos, ele era um bom menino, mas se ele tinha amigos ruins... Ele os seguia como se fosse um cachorrinho de coleira. Ele não era mau, só era ingênuo... Como uma criança que aceita balas de um estranho.

Eu quase me surpreendi quando Jack só pôs a mão em Alan e lhe deu um sorriso. Então ele o puxou para um abraço e eu fiquei lá encarando os dois, esperando que aquele clima continuasse e que não acontecesse nada que nenhum dos dois pudesse se arrepender depois.

—Eu sei que você é um bom garoto —Jack sussurrou. Eu mal conseguia ouvir —Não faça isso consigo mesmo... Você sabe o que acontece no final. Nenhum de nós quer te perder.

Eu vi a testa de Alan ficando vermelha e então ele começou a chorar no abraço de Jack. Eu esperei pacientemente vendo-o tremer e vendo Jack acariciar a cabeça dele, tentando acalmá-lo como havia feito comigo mais cedo. Minha vontade era me levantar e abraçar os dois, aproveitando que era o pouco de família que eu tinha que sabia o que eu era dele, mas aguardei. E Alan parecia meio desesperado, como se tivesse acabado de perceber a besteira que estava fazendo... Isso era bom, mas eu não gostava de vê-lo assim, como ele parecia não gostar de ver como eu estava...

—É... Mais forte que eu —Ele disse, tremendo.

Jack suspirou e o afastou, mantendo as mãos nos ombros dele e, então, abaixou-se um pouco para que seu rosto ficasse da mesma altura que o do garoto.

—Nada é mais forte que você —Disse —Você tem tudo que você quiser, Alan, você não precisa fazer essas coisas... Você pode... Você consegue se livrar disso. Eu sei.

Eu senti que era a hora de me pronunciar, de mostrar que eu ainda estava ali e que eu queria ajudá-lo e queria-o bem tanto quanto o resto da família inteira.

—Nós confiamos e apoiamos você, Alan —Eu disse.

Alan desviou o olhar de Jack para mim e sorriu. Ele acenou com a cabeça e passou a mão para secar as lágrimas.

—Eu que devia estar fazendo algo sobre você, Mari —Disse.

Eu neguei com a cabeça, sorrindo de lado.

—Todos precisam fazer algo a respeito de si mesmos —Eu disse. E achei que estava filosofando à toa. —E um pelo outro.

Jack largou o ombro de Alan e voltou para se sentar ao meu lado, passando o braço pelos meus ombros. Alan seguiu-o e sentou ao meu outro lado, apertando minha mão com força. Eu fiquei com vontade de chorar por estar tendo apoios tão sublimes naquele momento ruim.

—Falando em fazer algo a respeito... —Jack começou. Eu queria evitar aquele assunto e quase revirei os olhos —Eu devia ter te perguntado antes, mas eu não consegui... —Ele suspirou e eu quase podia ver o que ele iria me perguntar a seguir. Sendo maravilhoso como ele era, pegou minha mão e levou aos lábios, beijando-a como se dissesse que aquilo ia fazer tudo melhorar. —Você viu... Quem foi?

Ele parecia tão cuidadoso me perguntando... Como se pudesse ferir ainda mais meus sentimentos. Ele passou os dedos pelo meu cabelo, como se aquilo

pudesse afagar minha dor e Alan apertou ainda mais minha mão. Ambos pareciam esperar uma reação ruim de mim, mas eu estava bem. Não bem como eu gostaria, eu me sentia tão suja que nenhum banho poderia me livrar daquilo... Era só me deixar sem ter que lembrar.

—Não —Eu respondi —Não sei, não faço ideia. Estava escuro —Eu disse, querendo me esconder de tudo aquilo.

Jack me abraçou apertado e beijou minha testa várias vezes quando vii, antes que eu pudesse perceber, que eu estava chorando. Ele me acalentou e eu gostei que ele o fizesse, principalmente em frente a alguém... Mesmo que fosse Alan. Parecia que me aquecia... Que ele demonstrasse que gostava de mim, que eu era filha dele. Me fazia... Bem.

—Tudo bem —Ele me sussurrou —Mas, mesmo assim, eu vou registrar um boletim de ocorrência... A gente nunca sabe, não é?

Eu sabia o que ele estava pensando. Ele provavelmente estava achando que eu estava com medo de dizer quem era e que se me pressionassem um pouquinho, eu acabaria dizendo, mas eu mesma não sabia. Eu poderia ter escutado a voz com mais atenção, mas minha cabeça estava confusa demais e eu não conseguia parar de chorar. Alguém podia me culpar por isso?

—Tá —Eu disse.

Ele me deu mais um beijo na testa.

—Gostou do colchão novo? —Perguntou. Eu concordei com a cabeça. — Pretendo te mudar de quarto, mas não sei se tem algum pronto para você... Não vou deixar você ficar aqui. Eu só sinto que você tenha que mudar todas as coisas de lugar por você mesma.

Eu sorri de lado.

—Eu ajudo —Alan disse —Eu não me importo, mesmo —Ele sorriu para mim e me deu um longo beijo na bochecha.

Aquele era o Alan que eu achava que tinha perdido. Eu só esperava que ele ficasse ali por mais tempo... Que eu não o visse mais a sua face ruim de novo porque não era algo de que eu gostava. Ninguém devia gostar.

Eu sorri idiotamente quando meu pai me deu outro beijo na testa e se desvencilhou de mim, levantando. Ele parou à minha frente e se agachou, segurando as minhas mãos —uma ainda embolada a de Alan —E me encarou, parecendo preocupado, mas feliz por estar ali.

—Vamos precisar te levar ao médico —Ele disse, tentando ser cuidadoso com as palavras —fazer uns exames para saber se você pegou alguma doença...

Ou se está tudo bem.

Eu neguei com a cabeça e apertei as mãos que seguravam as minhas com força. Não queria que eles me deixassem, eu estava com medo de me sentir sozinha quando esse apoio se fosse

—Eu fui hoje pela manhã —Sussurrei, abaixando a cabeça e desviando o olhar de Jack —A médica me passou alguns remédios pra... diminuir a dor — Minha voz falhou, entrando novamente no campo que eu queria ignorar —Disse que me ligariam quando fosse para buscar os exames... —Eu encarei-o, quase que buscando a aprovação.

Jack sorriu e se levantou. Pôs a mão em minha cabeça e bagunçou meu cabelo de um lado para o outro.

—Isso foi muito sensato, garota —Ele disse —Estou muito orgulhoso que você tenha conseguido pensar assim nesse estado —Se curvou e me deu um beijo na testa —Preciso ir, qualquer coisa que precisar, me chame.

Eu concordei com a cabeça e o vi sair. Então percebi que Alan se mexia para seguir o mesmo caminho e segurei sua mão, apertando-a com força, impedindo-o de continuar.

—Mari? —Ele questionou.

Eu encarei-o e deixei que ele visse o desespero brilhar nos meus olhos vazios. Eu quase o senti afundar do meu lado, assustado com a minha reação. Ele encostou a testa na minha e sussurrou algo que eu não entendi, mas que deveria ser algo que poderia me acalmar.

—Posso te pedir uma coisa? —Eu perguntei com a voz falha.

Alan concordou com a cabeça, afastando um pouco seu rosto do meu, mas apertando-me contra ele pelos ombros, quase como se tivesse medo de fugir, ou da minha reação.

—Tudo que você quiser —Ele sussurrou, me encorajando.

Eu escondi meu rosto no ombro dele, corando. Eu estava com vergonha de pedir-lhe isso, mas estava com medo de que ele cruzasse aquela porta e me deixasse sozinha com os meus pensamentos ruins e as minhas memórias da noite anterior viessem todas à tona.

—Estou com vergonha de te pedir isso —Eu sussurrei.

Eu pude ouvir a gargalhada dele, alta e clara. E então, os dedos dele vieram à minha cabeça e me acariciaram, separando meu cabelo em mechas, distraidamente, quase como se ele tivesse arrumando a bagunça que meu pai fizera em mim.

—Não seja boba —Ele disse —Peça logo.

Eu mordi meus lábios e gemi, envergonhada, afundando meu rosto no ombro dele mais do que deveria. Mas isso me fez rir, afinal.

—Eu... —Eu sussurrei, tentando dar coragem a mim mesma —estou com medo —Continuei. Suspirei fundo, sentindo-o acariciar meu ombro, me acalentando —De ficar sozinha...

Eu o senti soltar o ar. Alan me afastou e sorriu para mim, depois de me beijar a testa.

—Você quer que eu durma aqui, é isso? —Me perguntou. Concordei com a cabeça, olhando para baixo. —Tudo bem —Ele disse, com um sorriso, ainda me olhando. —Não precisa ficar com vergonha disso, está tudo bem.

Ele me abraçou e me deu um beijo no topo da cabeça, me balançando idiotamente, tentando me acalmar. Eu me senti protegida, como se ele fosse o irmão mais velho que eu nunca tive, me ajudando a dormir depois que me contaram uma história do bicho-papão. E isso era quase estranho, porque não tínhamos parentesco algum, embora ele tivesse sido criado pelo meu pai...

—Eu me sinto tão idiota —Eu murmurei, com a voz falha e, então, as lágrimas começaram a correr de novo. Alan sorriu.

—Não se sinta —Disse —Não há nada de errado em pedir ajuda às vezes. —Então ele olhou de mim para a porta —Mas eu preciso ir buscar algumas coisas para vir para cá, tudo bem?

Eu arfei, quase em pânico. Não queria ficar sozinha, não podia ficar sozinha... Eu o senti me largar e o vi se levantar e atropeli as palavras quase implorando para que ele não me deixasse, completamente insana de medo.

—Posso ir com você?

Eu sabia que eu parecia uma criança e eu não ligava. Não ligava mesmo. Eu só queria me sentir imune aos sentimentos ruins, como eu estava agora. Alan sorriu de lado e me deu a mão para que eu me levantasse e fosse junto com ele.

Minutos depois, estávamos de volta ao quarto, eu com meu rosto escondido no ombro dele enquanto ele me fazia cafuné. E foi quase fácil dormir.

Image

Era estranho me misturar às pessoas normais e felizes. Era quase como se eu não pertencesse mais àquele mundo, onde todos podiam se sentar e ter conversas normais sobre diversos assuntos sem ficar com vontade de chorar.

Eu fiquei com medo de encontrar com Jenna, mesmo que eu só tivesse aula com ela no terceiro tempo e ainda pretendia fugir enquanto pudesse, porque eu tinha sido idiota de mandar aquela mensagem e agora ela me encheria o saco para que eu contasse o que havia acontecido. Não era fácil chegar para uma pessoa e falar *ei, fui estuprada antes de ontem, e você, como está?*

O banheiro estava vazio, graças ao meu bom Deus. Entrei em uma das cabines reservadas, tranquei-me e me sentei na privada, escondendo o rosto nas mãos. Eu só queria morrer, não aguentava mais aquele sentimento me envolvendo como o manto escuro da Lua envolvia o final do dia.

E Theo? O que eu diria a ele? Eu não poderia não dizer... Seria complicado para nós dois, no início... Eu tinha medo... Que ele encostasse em mim e me lembrasse daquela noite. E, ao mesmo tempo, eu tinha medo de ele não me querer mais porque eu tinha sido usada... E tinha medo de acabar culpando-o por ter me irritado e me deixado me afastar dele àquela noite.

Eu só queria ficar sozinha. Curtir minha dor e não ter que olhar para os sorrisos das pessoas e achar que estavam zombando de mim. Mas encarar as pessoas... Suspeitar que todos saibam e tenham tanto nojo de mim quanto eu tinha.

Não poderia julgar ninguém que quisesse se afastar de mim, Theo, Jenna ou qualquer outro. Por mais que eu precisasse deles, até eu mesma queria me afastar de mim mesma por nojo. Não me admiraria que os outros comesçassem a fazer o mesmo quando descobrissem. Eu só teria que aprender a conviver com mais um vazio na minha vida.

Eu estava começando a ficar boa nisso. Crescer sem meu pai me deu muitas forças para lidar com vazios. E perder minha mãe ainda me fazia chorar às noites adentro. Trabalhar para a família a qual pertencia e oferecer-lhes o jantar ao invés de sentar-me com eles para contar-lhes sobre meu dia também me ajudara. E agora isso.

Só espero que a recompensa que a vida me reserva seja tão boa quando a de Kate foi.

O sinal do primeiro tempo bateu e eu tentei sugar todo o ar que podia, tomando coragem para me levantar. Eu consegui, por fim, me por de pé, agarrando-me ao meu fichário e colocando minha mochila em um só ombro. Com um suspiro que saiu quase como um gemido de falta de coragem, eu destranquei a porta do banheiro e saí para me encarar no espelho do banheiro apenas por segundos suficientes para sentir minha garganta arranhar por dó de mim mesma.

Saí para os corredores abarrotados de gente se encaminhando para as salas e segui o fluxo, sentindo algumas pessoas chamar meu nome. Eu tinha me esquecido que eu costumava gostar disso. Hoje me parecia tão inconveniente... Eu só queria chegar à minha aula de história e fingir que presto atenção na aula.

—Mariana! Mariana! —Adrianny se aproximou de mim aos tropeços e eu arrisquei um sorriso falso a ela. Não que eu não gostasse dela, eu só não queria sorrir, mas eu preferia tentar ser simpática com ela, que nada tinha culpa. —Você soube da briga que o Harvey teve com o Bennet?

Eu sacudi a cabeça, tentando me lembrar quem eram esses garotos. Algo no meu passado além estupro piscou. Ah, eram só mais dois garotos, um do futebol e um qualquer que andava por aí e recebe dinheiro do Theo, às vezes, por favores que ele fazia.

—Não —Eu sussurrei, pouco interessada.

Nessa altura, estávamos entrando na sala. Eu me sentei no canto mais fundo dela, abandonando minha mochila na frente do rosto para evitar que o professor visse a minha cara de pouco interesse pela matéria interessantíssima dele. Grandes merdas, história.

Adrianny, que eu esperava que ficasse pelas primeiras carteiras, como sempre preferira, me seguiu até o fundo da sala e sentou-se ao meu lado. Eu soltei um suspiro resignado, vendo-a continuar a conversa sem sentido sobre os dois garotos que eu quase não me recordava quem eram.

—Eles caíram na porrada ontem —Ela sussurrou, entre risinhos —Parece

que o Bennet está no hospital todo roxo, imagina, apanhar de um jogador de futebol...

O que eu tinha a ver com o garoto que apanhou do garoto do futebol? Nada. Por que eu precisava saber disso? Será que ela não conseguia parar de falar e fofocar sobre o mesmo assunto como se fosse extremamente excitante? Eu não via nada de bom e eu só queria morgan sozinho durante a aula. Por que ela não estava fazendo anotações desesperadamente como em todas as aulas de história que eu frequentara com ela neste último ano?

—Dri, eu não estou muito interessada no Harvey e no Bennet, desculpe. — Eu disse, tentando ser sincera e acabar logo com aquilo porque eu não aguentava mais ouvir sobre aquilo. —Na verdade, não entendo. Você está querendo ficar com algum deles, é isso?

Adrianny achou graça e revirou os olhos para minha pergunta. Ela pareceu se apertar na cadeira, como se fosse muito importante.

—Não, Mari, —Ela sussurrou —O mais interessante nessa briga é que foi por su...

—Mocinhas, posso saber qual é o assunto? —O professor parou ao lado de Dri, surpreendendo-nos e interrompendo-a (e eu dei gritos de glória por isso).

Adrianny me encarou, meio abobalhada, com os olhos arregalados. Vendo que ela não conseguiria uma resposta apropriada, maquinei uma e a achei brilhante.

—Estamos apenas tendo uma acalorada discussão sobre a segunda guerra mundial e os acontecimentos da guerra fria e a Adrianny estava me mostrando uma posição onde ela acha que eu havia me equivocado.

O professor estalou os lábios, desconfiado, mas girou os calcanhares e voltou ao quadro para continuar a explicar a unificação da Inglaterra.

—Obrigada —Adrianny me sussurrou.

E, com a benção do Senhor, ela não soltou mais nenhuma mísera palavra sobre aquele assunto.

Quando a aula acabou com a sineta tocando sonoramente, eu me levantei e corri para fora da sala antes que Adrianny me voltasse com os assuntos fúteis dela. Ela normalmente era uma boa companhia, o que havia acontecido com ela?

Ou melhor... O que estava acontecendo comigo? Eu não estava com paciência para nada, muito menos para os papos com as minhas amigas! Papos, esses, que me faziam rir e me divertir por horas a fio, sem me cansar.

Eu continuei caminhando, tentando fazer com que Adrianny não me

alcançasse e quando eu pude respirar aliviada, minha companhia para a segunda aula apareceu do nada, colocando o braço carinhosamente em torno dos meus ombros.

—E aí? —Brian me cumprimentou e eu tive que rir da espontaneidade dele.

Às vezes, Theo resmungava comigo sobre ele ser abusado e estar tão perto de mim sempre que podia, mas Brian era um ótimo amigo e um fofo. E nunca insinuara nada.

—Bom dia, Bry —Eu sussurrei. —Pronto para matemática?

Ele fez careta, odiava matemática. Estava quase reprovado e já teria desistido de assistir se não fosse a única matéria que fazíamos juntos. Ele só não queria me deixar sozinha, não era um fofo?

Ele fingiu que não me ouviu e eu quase quis me dar um tiro quando ele engatou uma conversa muito parecida com a que eu tinha acabado de fugir.

—Você soube que o Harvey foi suspenso porque socou tanto um garoto que ele acabou indo para o hospital?

Pela repetição de assuntos, eu imaginei que estava perdendo alguma coisa. Busquei na minha memória mais sobre o tal de Harvey e não consegui muita coisa. Lembrei-me, muito vagamente, de Theo reclamando que não gostava muito do garoto. Lembrei-me de algumas vezes que, saindo com meus amigos, ele se juntara ao grupo e fora sempre muito divertido. Havíamos conversado algumas vezes, poucas.

—A Dri falou —Eu respondi, seca. Brian parecia mais esperto que Adrianny e entendeu.

Rapidamente, eu o vi engatar um novo assunto e me distrair alegremente até a metade da aula, quando ele resolveu fazer a pergunta que eu sabia que ele estava querendo fazer desde que colocara o braço em meus ombros.

—Então, você sumiu na festa... E nem veio ontem, o que houve? Bebeu demais? —Perguntou.

Eu concordei com a cabeça, agradecendo por ele ter me dado uma desculpa perfeita.

—Eu só bebi demais... —Reforcei.

Ele desconfiou e nada disse. Naquele momento, me deu uma vontade louca de contar para ele só para que ele me abraçasse. Então eu abri a boca, mas som nenhum saiu e minha garganta se fechou. Eu me encolhi, sentindo a dificuldade de dizer e percebi que aquilo não sairia.

Para aumentar meu desespero, o sinal tocou e Brian me deu um beijo na bochecha antes de correr para a próxima aula, que ele teria com a garota por quem era apaixonado. Tão bonitinho, ele mal conseguia falar com ela sem gaguejar. Mas o que me preocupava era que a aula de literatura inglesa com Jenna era naquele momento e ela era única que sabia que eu deveria contar algo.

Eu me levantei, vendo Brian se perder pelo corredor lotado e coloquei a mochila nos ombros, caminhando lentamente para a sala. Era ao lado da que eu estava agora, então quando eu entrei, eu estava sozinha. Escolhi um lugar no fundo e abracei, tentando encontrar alguma forma de falar para Jenna o que se passara.

Eu encarei a minha mochila, pensando... Não senti quando ela se sentou ao meu lado, mas então os braços dela me envolveram e eu não consegui segurar o choro. Eu estraguei a blusa dela com as minhas grossas lágrimas, mas mal conseguia pedir desculpas.

Ela passou os dedos pelo meu cabelo e acariciou as minhas costas, calma e pacientemente, mas eu sabia que ela não estava se aguentando de curiosidade para saber o que acontecera comigo. Eu tinha que contar a ela, por mais difícil que fosse.

Escorreguei minhas mãos pelo rosto, secando as lágrimas e me afastei um pouquinho dela. Não queria encarar os olhos dela, cheios de piedade para cima de mim, mas olhar a sala também não foi muito legal porque metade da turma me encarava indiscretamente e a outra metade tentava disfarçar. Ao menos, quando eu os encarei, fingiram que não estavam me olhando.

—Mari? —Jenna arriscou.

Eu passei minhas mãos com força sobre o rosto e suspirei, olhando para ela. Ela parecia sofrer comigo, sofrer porque eu sofria. Eu sorri de lado para ela.

Encarei o chão e senti uma das mãos dela fazendo carinho na minha cabeça. As lágrimas queriam cair de novo, enquanto eu me preparava para falar, mas eu simplesmente não conseguia ter forças.

Eu tinha medo.

—O que houve, Mari? —Jenna insistiu —Você não é de ficar assim... O que aconteceu? Você está me preocupando.

Então eu levantei a cabeça e senti que estavam todos atentos a conversa. Eu neguei com a cabeça.

—Agora não.

Jenna olhou em volta, as pessoas envergonhadas voltaram aos seus

trabalhos e ela concordou com a cabeça, passando o braço pelos meus ombros em um abraço desajeitado.

A aula passou num estalo, só porque eu queria que se demorasse mais para que eu não tivesse que contar a Jenna tão cedo.

As pessoas foram deixando a sala olhando para nós duas, que não nos mexemos. O professor saiu, mas ele não parecia interessado na conversa, mas sim preocupado. Talvez eu fosse chamada no psicólogo mais tarde. Eu não gostaria disso nem um pouco.

Jenna nada disse. Ela parecia que estava me completando tanto naquele momento que eu não me surpreenderia se ela desabasse no choro tal como eu. Então, ela me passou um caderninho e uma caneta, na intenção que eu escrevesse e eu agradeci mentalmente. Seria muito mais fácil.

Com as mãos tremulas, escrevi ‘Eu fui estuprada’ e joguei o caderninho no colo dela antes que eu me arrependesse.

Deve ter sido um dos segundos mais demorados e amedrontados da minha vida. Minhas mãos tremiam e suavam esperando a reação dela, minha barriga parecia estar caindo de um precipício sem fim e eu mordia meus lábios com tanta força que senti um pouco de gosto de sangue. As lágrimas pareceram quererem voltar e meus olhos se embaçaram com elas.

—Oh! —Foi a primeira coisa que Jenna disse. Então ela olhou para mim, meio desesperada e os braços dela me envolveram. Eu soltei um suspiro aliviado por ela estar ali comigo, por não parecer sentir nojo de mim —Mari, eu sinto... Eu não sei o que dizer para você. —Ela me abraçou mais e mais forte e eu senti que ela estava chorando também —O que eu posso fazer? Você sabe quem foi que fez isso?

Eu ri um riso meio desesperado e neguei com a cabeça.

—Você já está fazendo demais —Eu sussurrei —E eu não sei quem foi.

Ela me soltou do abraço e segurou meu rosto com as mãos. Nós duas estávamos lavadas pelas lágrimas e eu queria agradecer a Jenna por tudo, mas não conseguia e nem saberia fazer isso.

—Eu queria... Me sinto tão inútil —Ela reclamou. Eu sorri, tristemente para ela. —Você... Falou isso com o Theo? Ele tem que saber disso... Ele...

Meu coração apertou e eu me encolhi e gemi baixinho de ter que contar para mais alguém. Ainda mais para o Theo. Como ele poderia me querer depois daquilo? Depois que eu havia sido usada e jogada fora como uma roupa rasgada?

—Eu não...

Não consegui terminar. Jenna, vendo que eu não iria me mexer, arrancou a página onde eu havia escrito e enfiou na minha mão, me puxando para fora da sala, para o corredor cheio de gente. Eu limpei meu rosto, tentando disfarçar a choradeira, mas meu nariz continuava vermelho demais.

Ela me guiou entre as pessoas e eu percebi que me levava ao refeitório. Já havia me esquecido que era hora do lanche.

Entramos pela porta e ela localizou Theo, chamando-o pela mão. Eu o vi se levantar com um sorriso para mim e o vi ir fechando a cara enquanto se aproximava. A cada novo detalhe que ele via em mim, no meu sofrimento, seu sorriso ia sumindo e virando-se carranca.

Então, Theo parou ao meu lado e envolveu minha cintura, me dando um beijo na cabeça. Voltou-se a Jenna.

—O que houve? —Ele perguntou.

Jenna apontou com o queixo para mim.

—Dê o papel a ele, Mari. —Disse.

Eu senti as lágrimas voltarem e apertei meu lábio, negando com a cabeça. Eu não vi Theo franzindo as sobrancelhas quando me abraçou, mas eu me senti docemente segura nos braços dele, mesmo que por alguns segundos.

—Tudo bem, tudo bem —Ele me sussurrava, sem parar. —Vamos, qual o problema com o papel? —Ele me perguntou —Só me dê e pronto.

Eu me apertei no abraço dele por mais um segundo, com medo de que fosse a última vez que ele fosse me querer em seus braços. Eu estava tão assustada, tão amedrontada que mal conseguia respirar direito e eu não conseguia enxergar por culpa das grandes lágrimas em meus olhos.

—Mari, está tudo bem —Jenna sussurrou e eu vi Theo concordar com a cabeça —Dê o papel ao Theo, ele vai entender.

Eu me afastei de Theo, sem conseguir olhar para ele, mas deixei minha mão ficar. Fui me afastando, com a minha mão ainda na dele. Então larguei o papel e dei dois passos para trás.

Ele me encarou por um segundo, parecendo curioso. Eu engoli o choro e o vi pegar o papel e abrir para ler.

Image

Ele me encarou por um segundo, parecendo curioso. Eu engoli o choro e o vi pegar o papel e abrir para ler.

Parecia que o mundo estava desacelerando. Eu o vi levantar o papel à altura do rosto em câmera lenta e arregalar os olhos para as palavras nele escritas.

Então o mundo parou, enquanto eu encarava as linhas de expressão que se formaram no rosto de Theo e as narinas dele infladas. Eu encarei o chão para não ver o momento que ele provavelmente viraria as costas sem dizer nada. Ou então que dissesse algo que me humilhasse mais ainda. Não podia culpá-lo. Eu estive me dizendo coisas assim o tempo todo e se eu pudesse dar as costas a mim mesma, eu daria, enojada.

As pessoas passavam por mim, eu as sentia esbarrando em mim e elas me faziam me mexer e parecia ser de propósito. Até que Jenna empurrou uma das pessoas e tudo se aquietou.

Eu vi Theo abandonar a leitura do papel, o mundo parecendo não estar tão parado quanto antes. Ele amassou-o e atirou-o em uma lixeira próxima e ficou me encarando. Medrosa demais, não consegui levantar o rosto para olhar para ele.

—Hm... —Jenna murmurou —Acho que eu vou... Deixar vocês sozinhos.

Eu ainda tentei segurar o braço dela, impedi-la de me deixar ‘sozinha’ com Theo, mas não consegui, ela fora mais rápida que eu ao se afastar. Abracei-me, sentindo a vontade de chorar voltar, com medo da reação de Theo e incapaz de olhar para o rosto dele e ver a provável expressão de ojeriza da minha pessoa.

Não demorou muito tempo desde que Jenna saiu até que Theo encostou seus dedos em meu queixo e levantou meu rosto para olhá-lo. Eu não queria, mas feito, encarei o sorriso triste dele. Ele soltou-me e abriu os braços para que eu o abraçasse e não pensei duas vezes antes de fazer.

E fiquei por ali, chorando baixinho, parecendo que o medo se esvaia aos poucos enquanto ele acariciava minha cabeça e dava beijinhos acima da minha orelha, sussurrando que estava tudo bem, que ia passar.

Era bom. Ter Theo, entende? Saber que ele não estava ligando praquilo tudo e que ele ainda me queria, apesar da minha violação, apesar de que eu não era mais a garotinha doce e virgem que ele conhecera e com quem ele estava. Mas eu tinha medo de que ele, agora, só ficasse comigo por pena e isso me rendeu mais algumas lágrimas nos braços dele.

—Hei —Theo sussurrou, a voz um pouco falhada por, talvez, pena de mim. —Não chora, por favor —Ele pediu. Parecia tão machucado quanto eu, então tentei engolir o choro —Não gosto de te ver chorando, por favor.

Eu concordei com a cabeça, tentando secar as lágrimas. Ele acariciou minha cintura, esperando com paciência que eu me acalmasse. Por fim, eu consegui.

—Me desculpe —Eu disse baixinho —Eu molhei você todo e...

Ele sorriu um sorriso lindo que fez arrepiar meus cabelos da nuca. E me interrompeu, colocando o indicador sobre os meus lábios.

—Tudo bem, sempre que precisar —Falou, sorrindo. —Vem comigo? —Perguntou.

E concordei com a cabeça e deixei que ele me guiasse, com a mão na minha cintura até a secretária. Eu passei a mão pela cintura dele durante o caminho, abraçando-o como ele me abraçara, mas me escondi atrás dele quando ele chegou lá.

—Olá, Chelly —Ele disse, para a secretária —Queria uma permissão para sair com a Senhorita Abreu, ela não está muito bem e acredito que seja melhor ela descansar um pouco.

Eu continuei escondida atrás de Theo, assustada por ele querer me tirar do colégio, mas agradecida. Eu não conseguia conversar com as pessoas, nem tampouco prestar atenção nas aulas.

—Você acha que eu vou acreditar nisso, Sr. Ward? —A tal da secretária perguntou. —Sei que o senhor não é de mentir e que tem um currículo imenso, mas sair da escola com essa desculpa barata?

Theo sorriu e me puxou pelo braço. Eu neguei com a cabeça, mas acabei cedendo.

—Você acha mesmo que eu estou brincando? —Theo perguntou, assim que conseguiu me tirar detrás dele. A secretária abriu a boca em surpresa, para mim.

Ótimo. Mais uma pessoa com dó de mim, era realmente o que eu precisava.

Obrigada, Theo.

—Tudo bem —Chelly disse.

Então a encaramos enquanto ela ligava para o porteiro e autorizava a nossa saída. Ela acenou com a mão, nos despachando e Theo voltou a me guiar até o estacionamento da escola e abriu a porta do novo Porsche que ele havia ganhado no aniversário de dezessete anos, pouco mais de um mês atrás. Eu não gostava muito de andar de carro com ele, ele corria demais e os carros que ele dirigia eram muito ostensivos e não combinavam comigo, mas eu normalmente não tinha muita escolha.

—Como foi... Isso? —Theo perguntou. Encarando a frente do carro. Nós ainda estávamos parados e ele não fazia menção de querer sair dali.

Eu fechei os olhos e tentei evitar sentir o cheiro e a dor novamente, mas era tudo tão recente que fora quase impossível. As lágrimas voltaram com intensidade e a vergonha me encobriu por não querer contar aquilo para a pessoa com quem eu pretendia perder a virgindade. Teria sido tão diferente, tão sublime, tão intenso. Não como fora, um caso de polícia, vergonha e ojeriza.

—Eu não sei —Minha voz saía mais fraca do que eu planejava —Estava escuro... Eu só ouvia a voz dele, não me parecia estranha. E o cheiro de álcool. —Eu quase falei da dor, mas eu preferi guardar para mim.

Theo estremeceu. Não me encarou, girando a chave. Fiquei com medo de ele estar querendo terminar comigo porque eu estava precisando dele agora. Ele parecia me fazer ficar melhor, parecia querer cuidar de mim.

O rádio ligou, tocava uma música dos Beatles. *All I need is love* e eu acabei me emocionando como todas as vezes que eu parava para realmente escutar uma música. Theo aproveitou a mão na marcha e me fez carinho na coxa, apenas para tentar me fazer parar de chorar, sem sucesso.

Chegamos à casa dele na metade da segunda música, mesmo com Theo não correndo muito, talvez por minha causa ou talvez por estar nervoso. Ele estacionou o carro na garagem lotada de outros carros magníficos, mas não saiu, me vendo apreensiva.

Fiquei com medo, eu nunca estivera na casa de Theo sem ser em uma festa. Não queria ter que encarar os pais dele agora, eu não estava pronta para ser apresentada, muito menos naquelas condições catastróficas em que eu estava

—Não tem ninguém em casa —Theo tentou me acalmar e eu soltei o ar, aliviada —Só os empregados, ninguém importante.

Eu concordei com a cabeça e esperei que ele desse a volta no carro para

abrir a porta para mim, mas ele não o fez. Eu sai do carro sozinha, franzindo as sobrancelhas e vi que ele dizia algo para um garoto, parecia gritar com ele. O garoto estava de costas para mim, mas eu caminhei até lá e conferi.

Era, afinal, o tal do garoto que fora suspenso. Nenhuma novidade que eles estivessem discutindo, Theo realmente não gostava dele. Andei até Theo e abracei seu braço, como uma criança assustada.

—O que houve? —A voz do garoto parecia alterada. —O que você fez com ela, seu imbecil?

Theo pareceu se irritar profundamente com isso, mas eu fiquei curiosa, estranhando a preocupação. O garoto pouco me conhecia para isso, mas reparara o meu estado.

Então me lembrei que eu estava chorando pelas músicas no carro e que meu nariz devia estar MUITO vermelho, nesse momento. Então, era meio óbvio.

—Não que seja do seu interesse —Theo me abraçou e pareceu sorrir para mim —Eu não fiz nada, estou tentando ajudá-la com um problema.

Theo voltou-se comigo para a casa, virando as costas para o garoto. Eu gostei de pisar no gramado da casa, era macio.

—QUE PROBLEMA? —O garoto gritou, lá de trás.

Eu virei para olhá-lo e o vi pisar em falso, pensando em correr até nós, mas ele desistiu quando eu o encarei. Ele fez uma careta de desagrado e negou com a cabeça, virando-se para o outro lado.

—O que ele tem? —Eu perguntei a Theo.

Theo não olhou para mim quando respondeu:

—Insubordinação.

E não disse mais nada enquanto me guiava pelo portal da casa, pelas escadas até o pequeno apartamento —porque isso não era um quarto —que ele possuía.

—Isso é grande —Eu disse, dando uns passos à frente dele.

Ele riu da minha admiração e me abraçou para o trás, me dando um beijo no pescoço. Por alguns milésimos de segundo, as lembranças da noite da festa me fizeram estremecer de tão vívidas e eu pulei para o mais longe que pude de Theo. Ele se assustou e me encarou confuso.

—Me... Me... desculpe —Eu gaguejei. Theo piscou, parecendo não entender e eu engoli a seco, não querendo falar. Mas o silêncio se tornou algo tão presente depois de algum tempo e eu entendi que eu não teria saída —Me desculpe, Theo,

é que eu... Você me fez lembrar... Eu não queria, eu não sei, foi... involuntário, quando você me tocou, eu... —Pelo rosto dele, eu entendi que não precisava dizer mais nada. Ele parecia muito assustado, quase assombrado. Não sabia como lidar com aquilo melhor que eu —Me desculpe —Sussurrei.

Ele sorriu e refez os passos na aproximação, os passos que eu dera para longe dele, e me abraçou, cuidando para fazer movimentos bem vagarosos, para não me assustar ou me fazer fugir.

—Tudo bem —Ele sussurrou, acariciando a minha cabeça —Vamos devagar então —Ele me puxou pela mão até o sofá e fez com a mão que era para que eu sentasse. —Está com fome? Quer alguma coisa?

Eu mordi o lábio, tentando ver em Theo se ele estava mesmo preocupado ou se fazia por obrigação. Eu quase esqueci de responder.

—Eu acho que eu quero algo para beber —Respondi.

Ele concordou com a cabeça e foi ao pequeno anexo da ‘sala’ (isso dentro do ‘quarto’ dele), onde tinham algumas coisas que lembravam uma cozinha, inclusive uma pequena geladeira. Ele tirou um refrigerante de lá e uma latinha de cerveja e voltou ao sofá, sentando ao meu lado.

—Toma —Ele me passou o refrigerante e eu só peguei, sem abrir. Enquanto isso, Theo abriu a cerveja e tomou o primeiro gole sem tirar os olhos de mim — Eu não envenenei, sabe? Está fechada.

Eu sorri tristemente para ele e abri a latinha.

—Me desculpe, minha cabeça não está pensando direito.

Devagar, ele levou a mão ao meu cabelo e colocou-o atrás da orelha, me encarando enquanto eu olhava para o chão.

—Você... Quer me contar?

Eu dei um gole no refrigerante para atrasar um pouco a resposta, então olhei para ele de rabo-de-olho, tentando não desistir.

—Eu não sei se eu *quero* —Eu disse —Eu nem ao menos me lembro direito ou sei quem foi. Estava escuro demais e... —As lágrimas já estavam em meus olhos de novo —Eu só me lembro de coisas inúteis, coisas que me fazem mal. Se eu ao menos soubesse quem foi, talvez eu me sentisse melhor em vê-lo preso ou sei lá.

O garoto engoliu em seco e eu tentei dar uma de forte, ignorando as minhas lágrimas e bebendo o refrigerante. Lentamente, ele me abraçou e me puxou para perto dele. Eu encostei a cabeça no peito dele e continuei bebericando o refrigerante.

—Você realmente não se lembra dele? —Theo perguntou.

Eu neguei com a cabeça, começando a ficar chateada com o questionamento. Eu não queria falar, para quê insistir?

—Eu achei que tinha reconhecido a voz, mas eu não me lembro de ninguém... Não consigo —choraminguei —O pior era que eu... pretendia... —mordi o lábio, envergonhada, sem conseguir dizer.

Theo sorriu e acariciou a minha bochecha, encorajando-me.

—Pretendia? —Inquiriu.

Desviei o olhar e disse antes que a vergonha me dominasse por completo:

—Dormir com você naquela noite. —Suspirei —Mas você se atrasou e eu me zanguei. E eu estava mesmo procurando uma desculpa para dar para trás porque... bom, a gente não tem nada certo, só estamos ficando há algum tempo e...

Ele me interrompeu, colocando o dedo sobre o meu lábio. Eu olhei para ele e ele tinha a testa franzida.

—Juro que eu achei que estivéssemos namorando —Ele disse

Eu fiquei meio perdida.

—Estamos?

Theo sorriu e se aproximou devagar, deixando os nossos lábios se encostarem por um segundo. Eu mordi o lábio e sorri para ele.

—Claro que estamos, cabeçuda —Ele riu e acrescentou. —Que coisa!

Dei de ombros e escondi o rosto no peito dele.

—Eu acho, que na verdade, eu só estava procurando uma desculpa idiota para não fazer —Murmurei. Então Theo deve ter sentido sua camisa molhada novamente —E acabei forçada a isso, grande ideia a minha!

Theo deixou a cerveja na escrivaninha ao lado do sofá e me abraçou, consolando-me. Passou os dedos pelos meus cabelos e ficou fazendo cafuné até que eu parasse de chorar. E eu parei de chorar, voltando a beber o refrigerante que estava em minhas mãos ainda.

—Acabou? —Theo perguntou a mim. Concordei com a cabeça, como uma criança assustada. —Tudo bem, eu quero propor uma coisa a você, mas só se... Bom, se você se sentir confortável com isso, se você realmente quiser...

Eu engoli o refrigerante que bebia e o encarei-o curiosa, mas assustada. Ele sorriu para acalmar-me.

—Me propor? —Pisquei. Ele concordou com a cabeça, mas nada disse,

talvez para dar um pouco de suspense ou por estar envergonhado demais para falar algo —Bom, vamos ver.

Ele deixou a cabeça cair um pouco de lado e brincou de enrolar a barra da camisa que usava por alguns segundos, antes de dizer.

—Bom, é que... Hm... Você não teve uma experiência muito boa, quero dizer, não quero que você lembre disso —Ele estava se enrolando, não sendo muito claro, mas eu sorri ao ver as bochechas dele vermelhas de vergonha — Bom... E se... hm... você se esquecesse, sabe, do que aconteceu... E, bom, a gente podia... Eu juro que só se você quiser, eu juro que eu vou com calma e... Bom, você podia se lembrar de algo melhor, quero dizer, eu acho que posso te ajudar com isso e... bom, acho que é isso. Você... Hm... Quer?

Eu sorri para ele. Era a coisa que eu mais queria no momento. Esquecer que aquilo havia acontecido e pôr na cabeça que minha primeira vez havia sido com alguém que eu queria, como Theo. Seria mais fácil, eu acho, para lidar com tudo.

Mas eu tinha um problema muito importante. Eu tinha medo, tudo ainda parecia meio dolorido e eu tinha marcas roxas que eu pretendia esconder de todo mundo até que elas sumissem.

—Eu quero, Theo, mas —Eu murmurei —Eu... Não sei, eu estou dolorida... e assustada.

Ele segurou minha mão, fazendo um carinho e se aproximou, capturando meus lábios por alguns segundos, novamente.

—Eu vou devagar —Ele prometeu —Eu cuidar de você e se eu te machucar, é só você me dizer que eu... Eu paro.

E eu fui incapaz de dizer não. Concordei com a cabeça e, no segundo seguinte, lá estavam os lábios deles nos meus, me envolvendo.

Image

—Eu vou devagar —Ele prometeu —Eu vou cuidar de você e se eu te machucar, é só você me dizer que eu... Eu paro.

E eu fui incapaz de dizer não. Concordei com a cabeça e, no segundo seguinte, lá estavam os lábios deles nos meus, me envolvendo.

Meus lábios pareciam se moldar aos lábios de Theo, à vontade dele. A princípio, eu me afastei um pouco, apavorada com as minhas próprias memórias, mas isso só provocou um sorriso doce nele. O beijo se encerrou por um segundo, por minha causa.

Assustada e um pouco sem ar, eu afastei minha boca alguns milímetros da de Theo e com os olhos entreabertos, eu o vi sorrir lindamente, antes de ele puxar meu rosto para perto do seu com o queixo. Com nossos lábios encostados, ele ajoelhou-se no sofá, ficando mais alto que eu, me beijando lentamente.

Naquele momento, eu me senti amada. Mais amada que qualquer outra pessoa do mundo inteiro. Ele nunca havia me beijado dessa maneira, ele nunca havia demonstrado tanto carinho por mim como naquele beijo. E ali, eu tive certeza que ele não estava comigo por dó, que ele me queria e que ele estava realmente preocupado comigo e com o que eu poderia lembrar por minha primeira vez.

Eu fiquei com vontade de chorar quando ele tocou uma das minhas bochechas com a mão livre e a escorregou para a minha nuca, a outra ainda mantida no meu queixo. Mas era uma vontade de chorar diferente das que eu tivera nos últimos três dias. Era bom, era quase como se fosse um prêmio, como se eu tivesse sofrido tudo aquilo apenas para estar nos braços do Theo àquele momento, completa.

Por milésimos de segundos, imaginei que Kate, afinal, podia ter a razão. Talvez a vida já estivesse me recompensando por tudo, afinal.

Theo podia realmente ser um presente divino, um presente que eu ganhara por mérito. Esse pensamento não durou muito, eu estava ocupada demais para

ficar me recordando de conversas.

Theo sugou meu lábio inferior, puxando-o para si enquanto se afastava um pouco de mim. Então ele voltou, me beijando mais vorazmente, empurrando-me levemente, intencionando que eu me deitasse no sofá. Sua mão deslizou da minha nuca pelas minhas costas até minha cintura e quando se encerrou esse beijo, lá estava eu deitada no sofá.

Ele deslizou seus lábios até minha orelha e mordiscou-a levemente, dando pequenos beijinhos atrás dela. Senti-o tirar meu brinco, antes de se voltar para a outra orelha e fazer a mesma coisa, demorando-se mais no nódulo dela, sugando-o com tanta vontade que se eu estivesse em pé, teria bambeado.

—Está tudo bem? —Ele resolveu me perguntar, a voz rouca tão perto do meu ouvido me fez estremecer debaixo dele.

Eu passei minhas mãos pelo pescoço dele e entranhei uma dela nos seus cabelos, puxando só porque eu gostava. A outra manteve-se na nuca, arranhando-a enquanto eu fingia não notar que ele se arrepiava com isso e que parecia gemer baixinho de agrado.

—Parece que sim —Eu sussurrei de volta.

Ele jogou o corpo um pouco para cima e deixou o rosto rente ao meu, nossos narizes se encontraram e eu achei que ele voltaria a me beijar, mas apenas roçou o meu no dele, me fazendo sorrir longamente.

Senti que ele se afastara um pouco de mim e suspirei, maravilhada. Era uma perspectiva completamente diferente e eu podia me arrepender pelo resto da vida por não ter experimentado isso *antes*. Theo me envolvia e me deixava completamente extasiada com qualquer coisa que ele fizesse. Parecia que ele sabia o que fazer, onde ele me deixaria entorpecida com carícias...

Seus lábios se voltaram ao meu pescoço, onde já haviam passado muito tempo conhecendo o que eu gostava, algumas eras —ao menos parecia a mim — atrás. Com pequenos chupões, não suficientes para deixar marcas —e eu agradeci por isso, eu já as tinha em excesso -, mas eficientes em me enlouquecer, beijos demorados e pequenas mordidas foram depositadas uma após outra, em toda a extensão. Seus lábios se demoraram bastante por ali e ele começou a descer os beijos pelo meu colo, olhando de rabo de olho para mim. Se eu conseguisse concentração suficiente, eu sorriria para ele, mas me pareceu impossível. Ele, pelo contrário, conseguiu muito bem sorrir longamente para mim, um sorriso mais safado do que o doce que antes estivera em seus lábios.

Mas antes que chegasse ao decote da minha blusa, ele parou, voltando a

ficar ajoelhado —dessa vez entre as minhas pernas —e puxou a camisa por cima da cabeça, me lançando um sorriso lindo que finalmente me fizera sorrir de volta. Apoiou uma das mãos do lado do encosto do sofá, ficando inclinado sobre mim e com a outra, segurou minha mão e colocou-a em contato com seu abdômen desnudo, soltando-a logo em seguida.

Eu encarei-o, mordendo o lábio e ele só sorria para mim, me incentivando. Então eu, meio sem saber o que fazer ou como lidar com todas aquelas coisas que pareciam revirar na minha barriga e descer, continuando a revirar próximas a minha virilha, eu levei a outra mão para fazer companhia a primeira e as deslizei, arranhando-o levemente até o ombro, fazendo-o fechar os olhos e grunhir baixinho. Minhas mãos, uma de cada lado, arranharam seus ombros levemente, antes de postarem-se em torno do pescoço dele, mais uma vez. Eu nunca deveria negar que aquela era a minha parte favorita.

Ele se deitou sobre mim, vindo procurar meus lábios com tanta vontade que eu me assustei a princípio, e cheguei a escorregar minhas mãos involuntariamente para me encolher, mas assim que seus lábios encontram os meus, eu me senti nas nuvens mais uma vez e voltei minhas mãos para a nuca dele e continuei a arranhá-la fracamente.

Theo encerrou o beijo logo, respirando com tanta dificuldade quanto eu, os lábios dele só roçando nos meus quando ele queria. Eu levantei um pouco a cabeça e capturei-os nos meus por um segundo, puxando o lábio inferior dele para mim, me admirando por tal feito quando os lábios dele ficaram sobre os meus, a língua dele voltando a penetrar na minha boca e massageando levemente a minha enquanto eu tentava acompanhá-la, sendo muito menos experiente, mas de vontade igual em satisfazê-lo.

Theo grunhiu entre o beijo e pareceu desistir de tentar sustentar o corpo com uma mão, deixando-o cair sobre mim. Então eu gemi baixinho, sentindo a excitação de Theo tão explícita mesmo com tanta roupa que ele vestia. Eu o senti sorrir no beijo, provavelmente entendendo o porquê do meu pequeno gemido e, então, quase que sem que eu percebesse, ele havia guiado minha perna a se dobrar rente ao corpo dele e, talvez por iniciativa minha, se postar em torno dos seus quadris.

Ele encerrou e mordiscou meu queixo. Eu sentia que ele sorria longamente e isso me fazia maravilhosamente bem. Eu estava tão completamente certa que eu não podia ter escolhido outra pessoa melhor para minha primeira vez... Tão envolvente que estava me fazendo realmente esquecer que esta já acontecera de

maneira abrupta e furtada.

—Acho que está na hora de a gente se mudar para um lugar maior, *amor*— Theo sussurrou.

Eu estremeci, agora um pouco mais assustada com o *continuar com isso*, mas Theo pareceu não perceber —ou fingiu que não —e eu só concordei com a cabeça. Ele se desembolou de mim e se levantou, mas antes que eu pudesse me sentar para segui-lo, ele me ergueu nos braços como uma princesa e caminhou pelo quarto, parecendo muito contente com o que carregava. Eu soltei uma risada meio feliz, meio nervosa, meio encantada com ele e senti a cama debaixo de mim, sem nem ao menos perceber que ele me deixara cair, tamanho o cuidado que ele pareceu ter para comigo.

Deixei minha perna cair pela beira da cama antes que ele viesse se posicionar em cima de mim. Eu sorri para ele e ele meio que fez uma careta. Suas mãos correram levemente por cima da minha blusa e então ele a levantou sem aviso prévio e a tirou.

Foi um momento muito ruim. Sem querer, ele me fez lembrar de tudo que havia me acontecido e eu estremeci, me encolhendo e travando meu corpo, tampando meus seios com os meus braços. Flashes de socos, tapas, o cheiro do álcool, a dor, dor, dor... Só coisas ruins vieram à minha mente e quando eu voltei a mim, Theo estava ajoelhado ao meu lado e havia jogado minha blusa por cima dos meus seios, numa tentativa inútil de me acalmar.

—Eu fiz algo errado? —Ele me perguntou, fazendo uma carinha de cão abandonado que me fez sorrir.

Eu me sentei e levei minha mão ao rosto dele, acariciando-o. Ele fechou os olhos para se deliciar melhor com a carícia.

—Me desculpe, é... difícil para mim —Eu sussurrei.

Ele abriu os olhos novamente, me encarando tão intensamente que eu senti meu estomago revirar.

—Você... Quer parar? —Ele perguntou.

Era explícito, na voz dele, que esse não era o seu desejo, mas que ele o faria se eu o quisesse. Mas eu achei que era cedo demais para decidir, eu queria ir mais além... estava tão bom que valia a pena me arriscar um pouco mais. Eu deixei minha blusa cair e capturei seus lábios antes que a cor chegasse às minhas bochechas.

Ele manteve-se com as mãos na minha cintura enquanto tentava me fazer deitar na cama novamente, vindo deitar-se sobre mim. Seus lábios, enfim

soltaram-se dos meus e desceram pelo meu pescoço em direção ao meu colo. Eu senti o peso dele me abandonar, então seu polegar se postou sobre um roxo que havia no meu seio esquerdo e ele o moveu como se fizesse carinho, como se pudesse sarar, mas ele, nem ninguém no mundo poderia fazer isso, por mais que tentasse.

Seus lábios envolveram o bico do meu seio e ele o sugou e beijou até se dar por satisfeito com os meus grunhidos, nesse meio tempo, sua mão acariciava e apertava o outro seio e a outra já havia aberto o botão da minha calça, descido o zíper e aberto o cinto da sua própria.

Ele levantou o corpo e se ajoelhou entre as minhas pernas, puxando a que estava pendurada pela beira da cama para cima, com um sorriso. Lentamente, ele deslizou minha calça por elas, fazendo careta todas as vezes que descobria um roxo. Então, ele a tirou completamente e jogou-a em algum canto do quarto que eu não pude ver.

Para sua surpresa —a minha também, admito -, eu me sentei, puxando seu rosto em direção ao meu e beijando-o, totalmente correspondida. Minhas mãos deslizaram da sua nuca para sua barriga e meus lábios seguiram pelo meio caminho que, ao olhar para Theo, descobri que o deixara meio abobalhado.

Enquanto eu deixava meus lábios ficarem e se distraírem próximo ao umbigo dele, minhas mãos tremulas estavam a tentar desabotoar a calça de Theo, mas elas tremiam tanto que eu me demorara tempo suficiente para que Theo percebesse e as segurasse, impedindo-me de continuar. Ele levou uma das minhas mãos a boca e a beijou demoradamente.

—Deixe que eu faço isso, okay? —Ele disse.

Eu concordei com a cabeça, mordendo o lábio e voltei a me deitar na cama, puxando meu corpo um pouco mais para cima para ficar mais confortável enquanto via Theo tirar a calça e jogá-la no mesmo canto que a minha. Ele sorriu e veio se deitar sobre mim.

Pareceu-me que eu estava levando um choque bom quando o corpo dele se encontrou com o meu, nós dois quase nus. Sua excitação estava tão óbvia e ele se movimentava contra mim como se quisesse me mostrar mais do que era preciso. Excitada com isso, eu suspirei revirando os olhos com os lábios dele fazendo o caminho da minha orelha para o meu queixo, para só então vir aos meus. Sua língua procurou a minha como se houvessem se passado dezenas de invernos sem que elas se encontrassem e eu senti suas mãos descendo levemente pelo meu corpo e se postarem no elástico da minha calcinha, puxando

fracamente para baixo.

Eu fingi não perceber e fingi que não estava com medo. Continuei correspondendo ao beijo voraz de Theo, tentando não me travar. Ele encerrou o beijo com mordidinhas no meu lábio inferior e suspendeu um pouco o corpo com um braço só porque a outra mão estava apertando carinhosamente a minha cintura, enquanto o dedo mindinho brincava com o elástico da minha calcinha. Suspirei, tentando acalmar meu coração que parecia que ia rasgar o meu peito com tanta força que batia.

—Tudo bem? —Theo me perguntou, a voz parecendo tão arranhada de prazer que fez os pelos da minha nuca se eriçarem —Você tem certeza que quer continuar?

Meus lábios estavam pulsantes e reclamando dos beijos e mordidas. Meu corpo estava totalmente exposto e era a segunda pessoa que eu deixava vê-lo na calamidade que eu estava. Eu estremecia ao contato dele, estava totalmente enlouquecida e nunca eu teria conseguido dizer não, por mais medo que eu tivesse.

—Te-nho —Eu gaguejei. Ele franziu as sobrancelhas para mim, estranhando —Só... Toma cuidado. Por favor? —Eu pedi. —Ainda... dói.

Ele concordou com a cabeça e antes que eu percebesse ou pudesse pensar em desistir, nossas últimas peças haviam se ido e ele admirava o meu corpo enquanto catava uma camisinha na cabeceira da cama.

—Você... É tão linda. —Ele disse.

Meus olhos encheram-se de lágrimas de alegria. Por que eu fora tão tola de deixar perder esse momento para uma primeira vez roubada? O que eu estava pensando? Theo era absolutamente perfeito para mim, se preocupava comigo. Ele... Talvez... Ele me amava.

—Você é mais —Eu sussurrei e volta.

Eu mal percebi que ele havia colocado a camisinha e ele já estava dentro de mim.

Eu grunhi e não saberia dizer se fora de prazer ou de dor. Ardia com os machucados daquela noite infernal, mas a cada investida de Theo contra mim, mais meu corpo perdia a tensão, mais envolvida com aquele momento eu ficava e parecia doer menos.

Os lábios de Theo vieram se postar ao lado da minha orelha e seus gemidos eram tão prazerosos para mim quanto as investidas dele, tão lentas quanto o possível provavelmente para tentar não me machucar.

Meu corpo parecia se movimentar sozinho e eu estava tão mergulhada em prazer e tão distraída em explorar o corpo de Theo de todas as formas que eu conseguia que já não existia dor. Só prazer, só sentindo Theo se movimentar contra mim e os estremecimentos que isso e os gemidos dele em meu ouvido me causavam.

Antes que eu percebesse ou me repreendesse por isso, eu estava gemendo alto demais, alto o suficiente para fazer com que os lábios de Theo viessem aos meus para me calar, talvez por medo dos empregados ouvirem. Nosso beijo, cheio de outras sensações que nos envolvia, fora desajeitado e enlouquecedor. Nós gemíamos entre os beijos que se seguiram e nos distraíamos com a movimentação de nossos corpos, um contra o outro.

Se eu conseguisse pensar em algo, eu diria que estava em um duelo medieval, mas esse duelo não tinha perdedores, só vencedores. E não havia sangue, dor ou morte, só prazer e descobertas.

As mãos de Theo eram quase uma fumaça diante de tudo que eu sentia, mas eu conseguia saber que elas passavam ferozmente pelo meu corpo, não ligando mais se apertavam demais ou não. Em um dos momentos que ele apertava meus seios e mordida meu pescoço, me deixando gemer livremente, eu senti algo que nunca imaginaria sentir em toda a minha vida. Era prazer demais para que eu não extravasasse com um grito, que logo fora sufocado por um beijo.

Theo grunhiu, as mãos —agora na minha cintura —deslizaram para o lençol da cama e enquanto eu me recuperava do meu espasmo de prazer, com a respiração totalmente descompassada, eu o vi apertar as mãos com o lençol entre elas e então ele gemera tão alto quanto eu e desabou sobre mim, tirando o pouco ar que eu havia conseguido.

Pouco tempo ele permaneceu dentro de mim depois disso. Girou para o lado e ficou encarando o teto enquanto eu apertava minhas coxas uma contra a outra, ainda meio embasbacada com o prazer.

Theo pareceu se recuperar mais rápido que eu. Ele se levantou e me deu um beijo na cabeça, sumindo por uma portinha às minhas costas que eu imaginei que fosse o banheiro. Puxei o lençol e enrolei no meu corpo, desconfortável por estar tão exposta e fiquei olhando para lá, esperando que ele voltasse, mas antes que o fizesse, o telefone na cabeceira começou a tocar.

Ele surgiu pelo banheiro, com uma toalha na enrolada na cintura e sorriu para mim antes de atender o telefone.

—Alô? —Ouvi-o dizer. —Mas essa reunião tem que ser agora? —Ele

parecia decepcionado e tentava não olhar para mim —Tá, tá, eu já vou. Ok. Tô indo. —E bateu o telefone.

Ele olhou para mim, parecendo chateado.

—Você tem que ir? —Perguntei.

Ele concordou com a cabeça, sentou-se à cama e me deu um beijo estalado nos lábios. Eu desejei que o beijo tivesse durado um pouco mais. O suficiente para convencê-lo que a tal reunião era desimportante.

—Infelizmente sim, me desculpa? —Ele perguntou, fazendo carinha triste e eu concordei, com um sorriso —Minha mãe volta às seis, você pode ficar aqui o quanto quiser, mas seria melhor que não passasse desse horário...

Concordei com a cabeça e me curvei para ele para um beijo rápido que ele correspondeu sorrindo.

—Tudo bem, eu já devo ir... —Sussurrei.

Ele acariciou meu rosto e colocou meu cabelo atrás da orelha, sorrindo tão docemente que foi impossível não sorrir junto.

—Não precisa se apressar, tá? —Ele disse. Concordei, feliz. Ele me deu um selinho e se levantou, recolhendo as roupas pelo chão do quarto e se vestiu rapidamente —Até amanhã, eu espero. —Disse, abrindo a porta do quarto.

Eu me sentei na cama, apoiando-me em meu braço.

—Até amanhã —Eu disse. Ele jogou um beijo no ar para mim. —Theo —Eu chamei. Ele voltou a abrir a porta e me encarou ansioso —Foi ótimo —Eu disse, corando.

Ele abriu um sorriso de orelha a orelha e eu sorri, mordendo o lábio em seguida, quase envergonhada, mas feliz.

—Não foi ótimo —Ele disse. Se ele não estivesse sorrindo tão lindamente, meu coração teria sido feito em pedaços, mas eu estava certa em continuar inteira —Foi maravilhoso.

E com uma piscadela, ele fechou a porta do quarto. Eu me joguei de volta na cama, com um sorriso imenso e puxei o travesseiro de Theo para o meu rosto, abafando minha gargalhada no perfume entranhado nele. Era tão bom e esquisito sentir aquelas coisas e parecer esquecer de todo o resto. Era como estar nas nuvens.

Fiquei deitada na cama, olhando o teto, e o relógio-despertador ao meu lado apitou quando deu uma hora da tarde. Era cedo e eu não tinha que me preocupar com a preguiça de me levantar agora.

Revirei-me na cama por mais meia hora, sorrindo bobamente e recordando de momentos anteriores, obrigando a minha barriga a revirar e revirar de felicidade e saudade... Saudade! Fazia pouco menos de uma hora que Theo havia se ido.

Eu ouvi um barulho e sobressaltei-me, sentando na cama. Estavam batendo na porta do quarto, o que eu faria? Pulei da cama e catei a minha roupa, tentando me vestir rapidamente enquanto pensava no que fazer. Meu coração saltava de medo, susto e eu me repreendia de ter me deixado ficar ali até aquela hora e não ter saído junto com Theo.

—Seu almoço, Senhorita! —Uma voz masculina falou.

Eu soltei um suspiro aliviado, terminando de vestir a minha calça jeans e, ainda um pouco nervosa de ter que encarar algum empregado de Theo fazendo a tarefa que eu faço em minha casa, caminhei até a porta e a abri.

Meu momento de susto foi pequeno, mas não nego que dei um pulo ao encarar o tal do Harvey ali, sorrindo para mim, segurando uma bandeja com o meu almoço. Ele entrou no quarto sem esperar que eu o convidasse e depositou a bandeja na cama, se sentando nela também. Meio admirada com essa audácia, eu segui seu caminho e sentei-me entre ele e a bandeja.

—Hm... obrigada. —Eu sussurrei, totalmente envergonhada com a abertura que ele se dava.

O garoto deu de ombros enquanto eu pegava o garfo e experimentava a comida, tendo uma desculpa perfeita para não olhar para ele e não deixar minha cabeça me lembrar o quanto eu o achava lindo.

—Seu namorado esqueceu que você poderia estar com fome —Ele falou e sua voz demonstrou o desprezo tão claramente que eu estremeci —Mas eu imaginei que você estivesse... Quero dizer, depois do que vocês devem ter feito.

Eu senti que a cor estava vindo ao meu rosto e me obriguei a engolir o que estava mastigando para retrucar:

—Não acho que você tenha muito a ver com isso, Harvey. Mas obrigada pela a comida, do mesmo jeito.

Eu ouvi a gargalhada ruidosa dele, tão espontânea e realmente divertida que eu tive que me segurar para manter a minha cara de estou-nervosa-com-você e não o acompanhar. Mas eu aposto que deixei ao menos um sorriso escapar e isso, provavelmente, deu a ele confiança suficiente para continuar.

—É, talvez eu não tenha —Ele disse —Mas eu nunca faria algo assim... Acho que eu seria um namorado muito melhor que ele. E você deveria me

chamar de Erick.

Eu fingi não ter percebido a indireta que ele me mandara, mas seu nome pareceu ecoar dentro da minha cabeça. Foi esquisito, como se ele quisesse ficar gravado ali e nunca mais sair.

—O Theo é ótimo, *Harvey* —Frisei o sobrenome dele apenas por implicância —O que te faz pensar que seria melhor que ele?

O pouco que eu levantei minha cabeça me fez ver o sorriso de lado que ele dera por eu não ter dito o seu nome. Ou talvez tenha sido causado pela minha pergunta capciosa, que nem era tão capciosa assim, vamos concordar. Mas eu me senti esperta por causa dela.

—Bom, em primeiro lugar... Eu não te deixaria sozinha por causa de uma reunião depois... *disso* e também não te deixaria com fome. Ou sem carona. — Ele suspirou —Acho que vou ter que resolver tudo isso para você. Não que eu tenha um carro do ano... Só tenho uma moto, se você não se importar. Acho que é melhor que ir a pé.

Eu achei graça da listagem toda. Mas eu não devo negar que me magoou que ele tivesse percebido coisas que pareciam estar erradas enquanto eu, abobada com os carinhos de minutos atrás, os ignorei.

—Eu vou a pé, Harvey, não se preocupe com isso. —Eu murmurei.

Ele só riu da minha tentativa patética de ignorar o que ele estava dizendo.

—Vinte quarteirões? —E continuou rindo —Não importa, eu vou com você do mesmo jeito.

Eu empurrei a bandeja e suspirei, desistindo.

—É bom que você tenha um capacete para mim. —Eu disse. E fingi não ter gostado do sorriso lindo que ele me lançou após aquela frase.

E eu entendi, um pouco, a implicância de Theo com ele. O garoto parecia disposto a me ter de qualquer maneira, ele parecia querer me conquistar. Ao menos parecia estar tentando. E mesmo que isso fosse inconveniente e irritante, ele era fofo e eu estava tentando não o magoar porque ele parecia gostar de mim de verdade. Mas eu gostava de Theo e eu não podia fazer muita coisa por ele, mesmo que ele me divertisse e mesmo que ele parecesse querer cuidar de mim tanto ou mais que Theo.

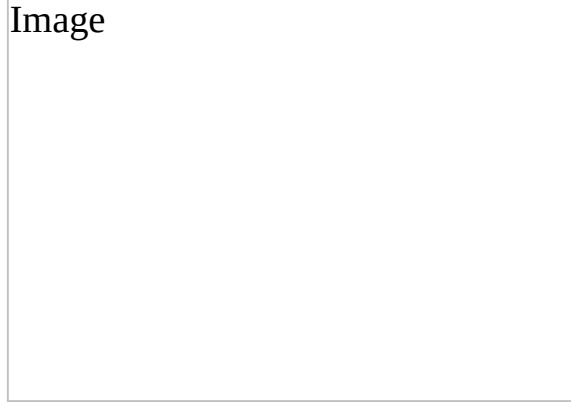
Ao menos era isso que eu pensava.

Erick me levou até a casa de moto. Meu coração estava mais que disparado e eu faria de tudo para negar, caso ele me chamasse para andar naquilo uma próxima vez. Ele se divertiu com o meu desespero e me deu um longo beijo na

bochecha quando eu lhe devolvi o capacete, antes de sumir de volta à casa que servia.

Estranhamente, meu coração continuou disparado depois disso.

Image



E tudo pareceu voltar ao normal, menos dentro de mim, é claro. Por mais que todos tentassem me distrair e conversar comigo e por mais que até eu mesma me distraísse e fingisse ter esquecido, lá no fundo era tudo mágoa e desespero pelo meu corpo violado no passado. Era difícil esquecer, mas eu podia ficar horas rindo no meio dos meus amigos, como uma pessoa normal.

Com duas semanas de prática, eu conseguia sorrir para todos sinceramente e acreditar que eu estava fazendo realmente isso. Não estava invejando mais a felicidade de ninguém e eu conseguia aceitar que pequenas coisas poderiam me fazer feliz. Pequenas coisas como Theo.

Durante esse tempo, ele estivera me apoiando como ninguém e eu estivera encantada com isso. Ele me levava para sair e cuidava para que eu me sentisse bem, mas, estranhamente, as coisas que Erick havia me dito ficaram na minha cabeça e a cena daquela manhã-quase-tarde pareciam se repetir. Eu comecei a tentar fugir de transar com Theo porque parecia que todo o encanto se quebrava naquele momento e ele dava qualquer desculpa para ir embora. Tirando essas horas, ele era sempre super fofo, carinhoso e atencioso.

Namorar o Theo me trouxera alguns benefícios e incômodos, é claro. Parecia que a garota de que ele carregasse nos braços poderosos do filho prodígio brilhante do mais importante empresário da cidade teria que ser conhecida por todas as cabeças interesseiras da escola e das suas mães também. Isso me trazia regalias. Eu podia simplesmente não estudar e eu tinha todos os trabalhos prontos na minha mesa. Não que eu fizesse isso sempre, mas um dia eu precisei... Quando eu tive que mudar de quarto, passei o dia todo subindo e descendo escadas com Alan na minha cola, falando como era legal arrumar um quarto novo, eu não consegui estudar. Eu cheguei na escola e falei com Theo que eu estava ferrada por não ter feito o dever de literatura e, antes de a aula começar, lá estava um trabalho com meu nome pronto em cima da mesa, feito por alguém que eu nem consigo lembrar o nome.

Falando em mudança de quarto, eu me mudei para o segundo andar. Era o andar onde ficavam os quartos da família e eu fiquei realmente envergonhada e pensativa do que eu poderia estar fazendo ali, num quarto grande e bonito, sendo que eu era empregada. A resposta veio do dia em que chegaram móveis novos para o meu quarto, enquanto eu encarava os montadores do meu armário, muito chocada que meu pai estivesse gastando dinheiro comigo tão descaradamente. Então Alan surgiu na porta do meu quarto e riu da minha cara.

—Eu disse para mamãe que eu queria me casar com você —Ele sussurrou no meu ouvido. Eu encarei-o abismada e ele sorriu, se afastando —Não que seja uma inverdade, mas você está me devendo uma!

Depois disso, eu fiquei bastante envergonhada nas vezes que ele tentou vir puxar papo comigo.

E eu comecei a me assustar. Primeiro o Erick, depois o Alan e um monte de garotos do colégio pareciam ter se interessado do nada por mim e intencionados a me convidar para um baile que teria em breve, como se não soubessem que eu iria com Theo. Jen e Bry tinham chamado esses garotos de escaladores sociais, quando eu comentei. Mas eu não disse nada sobre Erick a ninguém.

Em casa, tirando essa parada do Alan, parecia tudo estar tranquilo. Jack estava feliz porque Kate estava feliz em redecorar a casa (e por isso eu ganhei armários novos), mas, é claro, ninguém tem a vida perfeita e a minha irmã mais nova —que desconhecia esse fato —parecia não estar tendo muita facilidade na adaptação na escola nova e tivera alguns desempenhos ruins nas primeiras provas do ano letivo, então eu fora tirada do meu cargo de servir jantar e começara a tentar explicar as matérias a ela.

Lizzie não gostava de mim porque eu era a empregada dela e não deveria das ordens a ela como ‘faça esse dever’, então eu tinha que tomar muito cuidado em não usar o imperativo com ela ou ela poderia acabar ofendida. Alan, quando não tinha nenhum cigarro de maconha para fumar (é, por mais que meu pai tivesse descoberto, ele não parou. Só tomava mais cuidado para que ninguém desconfiasse, mas eu sabia quando ele se drogava. O comportamento dele mudava...) e não estava sob efeito das drogas ou da falta dela, ele gostava de sentar-se conosco, ajudar a irmã e aparar nossas ‘brigas’. E, nesses momentos, eu me sentia numa família de verdade, com meus irmãos juntos e felizes ou brigando, não me importava.

Àquela altura, eu estava enrolando Theo há uma semana. É, nós não tínhamos feito nada além de alguns beijos e ele estava nervoso com isso. Fofo,

ainda, mas nervoso. Queria que eu desse um jeito de ir para casa dele naquele dia.

—Eu tenho compromissos, Theo! —Eu reclamei

Eu sabia que eu levaria uma bronca e um grande desconto no meu salário se eu passasse um dia sem ensinar alguma coisa à Lizzie. Por mais que eu agora estivesse sendo protegida por Alan (contra a minha vontade e com um assunto delicado que ainda estava me deixando envergonhada) e por meu pai, eu sabia que isso não ia ser perdoado porque interferiria no desempenho escolar da minha irmã.

Nós estávamos parados no meio do corredor e isso chamou a atenção de muitos dos admiradores de Theo. É, admiradores de Theo, não meus. Eles apenas me seguiam por estar com ele e eu ainda não tinha me decidido se isso era bom ou ruim, mas eu aturava porque eu gostava de estar com ele. Antes disso, eu estava com o meu armário aberto tentando achar meu livro de matemática, mas parecia imensamente impossível.

—Você vai para casa —Ele sussurrou para evitar que eu me constrangesse com as pessoas que estavam prestando atenção em nós —Faz o que você tem que fazer. Que horas você deve acabar? Eu passo lá para te pegar e você passa a noite lá em casa.

Na hora que ele disse que eu passaria a noite com ele, eu concordei. Meu único motivo de estar evitando-o era que ele parecia ter uma mania insistente de levantar da cama depois de se dar por satisfeito e não voltar, ou demorar para isso. Isso me chateava, não só por ele fazer isso como pelo Harvey ter reparado que ele fez. Eu tinha medo que ele já estivesse acostumado a fazer isso com outras garotas e a minha inexperiência me deixava envergonhada demais para tentar artimanhas.

Mas ou eu fazia algo ou eu nunca mais experimentaria aquela coisa de novo.

—Me pega às oito? —Eu disse, cansada e ele sorriu vitorioso.

E foi assim que eu cheguei aqui agora. Na porta de casa esperando Theo vir me buscar com um Alan emburrado ao meu lado, fazendo praticamente o papel que meu pai não podia exercer tão avidamente, mas tentava fazer sua parte ciumenta olhando periodicamente para mim da janela da sala.

Eu estava ali há cinco minutos, segurando uma pequena bolsa com uma malinha de coisas que eu talvez precisasse na casa de Theo e a minha mochila para enfrentar a escola no dia seguinte, se nós não nos cansássemos o suficiente

para esquecer essa parte dos nossos deveres adolescentes.

Tentando outra vez, apenas para não ficar com dor na consciência. Mas eu tinha medo de não ter coragem de tentar fazê-lo ficar comigo, de cair em mais alguma desculpa dele e ficar sozinha de novo.

E ficar pensando em até onde Erick Harvey tinha razão.

O carro de Theo estacionou do outro lado do gramado e eu me despedi de Alan levantando os ombros, anda sem jeito para falar com ele. Pela cara emburrada que ele fez, ele estava tão aborrecido com isso quanto meu pai, eu só não sabia se isso se devia ao fato de ele querer *casar comigo* ou se ele estava finalmente apenas fazendo o papel de meu irmão, que era o que eu mais desejava que ele fizesse.

Eu comecei a me arrepender de ter aceitado o convite no momento em que eu cheguei ao carro de Theo e eu mesma abri a porta do carona. O que tinha de errado nele que quando o assunto era sexo, ele ficava tão... Diferente? Ele sempre era fofo comigo, menos nessas horas.

Ou será que o problema era meu? Coisa da minha cabeça, quero dizer. Eu não duvidaria. Minha cabeça era definitivamente uma confusão e foi só Erick plantar a semente da dúvida nela para que eu criasse aquela teoria absurda. Era isso, coisa da minha cabeça! Theo não tinha nada errado.

Com esse pensamento, eu abri a porta do carro e entrei nele sorrindo. Nenhum problema me assolava, eu repetia para mim mesma, nenhum problema. Tudo coisa da minha cabeça. Tudo.

Theo sorriu para mim e por um segundo seus lábios estiveram nos meus.

—Tudo bem? —Ele perguntou, ligando o carro. Eu concordei alegremente, ainda entretida com meus novos mantras —O que há nessa bolsa? —Ele perguntou, vendo que eu havia largado minha mochila no chão e que eu tinha outra bolsa que eu mantivera no meu colo.

—Coisas —Eu disse.

O carro arrancou e eu, de rabo-de-olho, vi o sorriso malicioso que brotou no rosto de Theo.

—Alguma coisa para mim? —Ele perguntou, a malícia do sorriso brincava no tom de voz dele —Algo para você vestir que eu gostaria? Uma fantasia, talvez?

Eu corei com a insinuação que ele fizera e acabei me encolhendo um pouco no banco do carona. Neguei com a cabeça, vendo que ainda não havia dado resposta que ele esperava.

—Só algo para dormir e algo para vestir amanhã —Eu sussurrei.

—Hm... —Ele murmurou. —Espero que algo para dormir seja uma camisola sexy.

Eu gargalhei. Nesse momento, ele já estacionava na porta da mansão imensa onde ele morava. Paramos próximo a garagem e ele desceu, finalmente abrindo a porta para mim. Coisa da minha cabeça, viu?

Com minha mala em uma mão, o outro braço dele passou pela minha cintura e ele beijou o topo da minha cabeça, me guiando para o hall de entrada da casa dele. Antes, porém, de que ele abrisse a porta de casa, alguém o chamou. Um homem que eu supus que fosse o pai dele e que eu supus que ele não esperava que estivesse em casa, muito menos eu.

A cor veio ao meu rosto só de imaginar que eu teria que passar pelo pai dele antes de chegar ao quarto de Theo e que ele provavelmente saberia o que eu tinha vindo fazer.

—Hm... —Theo murmurou, paralisado com a mão na maçaneta. Deixou minha mala cair ao lado da porta. —Me espera aqui, eu já venho te pegar.

E entrou. Eu dei um suspiro e me sentei em um banquinho-balanço que tinha na varanda da casa. Quase instantaneamente, um vulto apareceu caminhando pelos gramados da mansão e pouco menos de um minuto da primeira vez que eu o vi e antes mesmo que eu ficasse assustada, Erick pode ser visto pelas luzes fracas do hall e pulou pela cerquinha da varanda para dentro dela e apoiou-se na cerca, me olhando com um sorriso esperto.

—Olha, eu já vi muitos caras abandonarem garotas depois do sexo, mas antes é a primeira vez —Ele disse, apenas para implicar comigo.

—Olá para você também, Erick. —Eu disse.

O sorriso dele se alargou e ele deu uma piscadinha safada para mim.

—Sabia que ia dar certo, eu falar o meu nome para você.

Ele gargalhou e andou até o banquinho, se sentando ao meu lado e acabou por me empurrar levemente.

—Então, quanto tempo nós temos? —Me perguntou.

Eu franzi as sobrancelhas e olhei para a porta apenas para não olhar para ele. Eu já estava insegura demais com o Theo para que ele e o meu coração desgovernado me ajudassem a me confundir mais.

—Não sei, ele só foi lá dentro ver... Alguém o chamou —Eu sussurrei, dando de ombros.

Ouvi a risadinha incomoda dele muito próxima do meu ouvido e quis chegar um pouco para o lado, mas isso me pareceu falta de educação, no momento. Ou talvez eu quisesse apenas uma desculpa para não fazê-lo.

—Alguns minutos... Hum... —Ele murmurou e eu olhei para a frente. Ele estava muito próximo da minha orelha e eu tive que fazer alguma coisa —Se você fosse solteira... ou não tão certinha, eu conseguiria um beijo.

Eu estremeci com a ideia, de maneira que nunca havia sido com o Theo. Repreendi-me. Minhas reações só deveriam estar sendo causadas por aquilo ser proibido. Não tinha nada a ver com o belo par de olhos azuis que me encarava tão avidamente... NÃO TINHA! Mas era impossível conter a resposta que eu queria dar.

—Gostaria de te ver tentar. —Eu sussurrei, com um sorriso esperto.

Eu me levantei a tempo de vê-lo escorregar em direção ao lugar que eu antes estivera. Se eu não tivesse saído, talvez eu o estaria beijando agora. Não consegui me decidir se isso era bom ou ruim, mas a posição que ele ficara me deu vontade de gargalhar.

—Espertinha —Ele sussurrou. Olhou para a porta por um segundo e eu percebi que havia algo errado, mas ele simplesmente se levantou como se nada tivesse acontecido e caminhou até mim —Tempo esgotado. Posso te procurar amanhã na escola? Queria te falar uma coisa...

Eu concordei com a cabeça, estranhando que meu coração estivesse batendo tão freneticamente quanto quando eu estava na moto com ele. Ele sorriu e se curvou para depositar um beijo na minha bochecha, como antes, mas o beijo escorregou e eu nunca descobri se foi proposital, mas foi no canto dos lábios e demorou como se tivesse sido realmente planejado.

Quando ele se afastou, a única constrangida era eu, mas parecia que nós dois estávamos nervosos com isso. Ele apenas sorriu e deu de ombros, pulando a cerquinha da varanda para voltar a caminhar pelos gramados. Desapareceu em algum lugar da escuridão que eu ainda olhava quando a porta da mansão se abriu novamente.

—Oi, aconteceu algo? —Theo franzia as sobrancelhas quando eu o olhei. Só então eu percebi que eu estava parada olhando para o nada desde que Erick saíra do meu lado. Neguei com a cabeça —Certo, então vem —Ele me ofereceu a mão, pegando a minha malinha jogada ao lado do batente da porta.

—Seu pai está em casa? —Eu perguntei.

Ele olhou para mim e sorriu ao ver a cor avermelhada nas maçãs das minhas

bochechas. Deu-me uma piscadela.

—A casa é grande, ele nem vai notar que você está aqui —Disse-me.

Concordei e ele me puxou para dentro de mansão até o quarto dele, trancando a porta atrás de si alegremente. Ele me abraçou por trás, dando beijinhos no meu pescoço e acariciando minha barriga por debaixo da minha blusa. Mesmo ainda na dúvida se eu estava deixando a coisa certa acontecer, eu acariciei o cabelo dele enquanto os beijos no meu pescoço se demoravam o suficiente para me deixar marcas. Eu já estava ali mesmo, não tinha mais como voltar atrás.

—Por que você não vai lá no banheiro e veste aquela sua camisola sexy que você disse que tinha? —Theo me perguntou, sussurrando perto do meu ouvido enquanto mordia-o.

—Eu não disse que era sexy —Eu disse, pegando a mala da mão dele.

Eu já estava na porta do banheiro quando o ouvi falar:

—Qualquer coisa em você fica sexy!

Dividida entre a risadinha e a vergonha, eu abri a mala e remexi nas poucas roupas para puxar minha camisola de cetim semitransparente que Jenna havia me dado do meu aniversário, *"para caso você resolver abrir as pernas para o Theo qualquer dia desses."* Ela havia dito. É, eu não tinha bem resolvido, mas como as ondas do mar me trouxeram para essa praia, era melhor eu me jogar na areia e aproveitar a terra firme que me ofereciam.

Ainda meio corada, eu me despi completamente e vesti a camisola por cima do meu corpo nu. Olhei-me no espelho e arrumei meu cabelo de um jeito que achei que eu ficaria mais bonita, como se ele não fosse ficar despenteado e cheio de nós, embolado nos dedos de Theo em cinco minutos. Respirei fundo e abri a porta do banheiro.

Não sei se fiquei tão admirada com a cena quanto eu deveria ficar, mas Theo estava apenas de cueca, deitado na cama de barriga para cima, com a cabeça apoiada nas mãos. Era completamente claro o volume mais crescido entre as pernas dele, mas ele parecia até relaxado para quem estava excitado de tal maneira. Assim que eu pisei dentro do quarto, o olhar dele se deslocou do teto para mim e um sorriso malicioso se postou em seus lábios, parecendo tão firme que ficaria ali para sempre. Espere, eu ainda estava falando do sorriso?

Eu admirei seu peito nu e caminhei até a cama decidida a tomar as rédeas da situação, ao menos naquele momento e quando eu pudesse retomar para impedi-lo de sair de perto de mim quando acabasse. Então, ao chegar a cama, eu ajoelhei

sobre o colchão e passei uma das pernas por cima de Theo, ficando com cada uma de um lado e, soltando o ar e revirando os olhos, me sentei sobre o membro de Theo e me obriguei a me movimentar sobre ele, por oras rebolando, de modo que pouco demorou para que eu —e ele também —estivesse gemendo um pouco mais alto que o normal.

Theo pouco fez, enquanto eu cuidava de excitar mais ainda nós dois. Ele nem tirara a mão da cabeça, mas quando eu me curvei para tirar sua cueca, ele levou às duas mãos a minha cintura e me forçara a girar com ele, ficando por cima. Subiu minha camisola alguns milímetros e forçou sua excitação contra a minha, movimentando-se como se já estivesse me penetrando. A essa altura, eu já não conseguia segurar meus gemidos e ele mordida meu pescoço sem cuidado algum para abafar os dele. Sua cueca escorregou e eu não soube se fora as minhas mãos ou as dele que a tiraram e jogaram para algum canto do quarto.

Meio enlouquecido, tal como eu, ele mal percebera a falta da peça e continuou a se movimentar. A cabeça do seu pênis me penetrou e eu estremeci, cravando minhas unhas na sua nuca. Ele gemeu e se paralisou por um momento que me pareceu tão longo que eu achei que ele havia desistido de continuar.

—Você consegue alcançar a gaveta, amor? —Ele sussurrou, a voz completamente rouca —Eu guardo as camisinhas ali, quase me esqueci delas, você está ficando boa demais nisso.

Eu concordei com a cabeça e no segundo seguinte, Theo havia se erguido e apoiado os joelhos na cama para colocar a camisinha. Um longo momento para mim, que, totalmente estremecida, tive que aguardar que ele fizesse aquilo com calma e ainda admirar toda a magnitude daquilo que eu tanto desejava que estivesse dentro de mim. Só depois que eu entendi a loucura que nós quase cometemos. Ao menos alguém era sensato nessa relação.

Ele voltou para dentro de mim com velocidade e penetração incríveis e eu fui incapaz de conter o grito de prazer e acho que devo tê-lo machucado com as minhas unhas em suas costas. Então, os gemidos deles sobrepuseram os meus baixinhos enquanto ele se movimentava na maior velocidade que conseguia.

Senti que ele ia gozar antes que eu conseguisse aproveitar o suficiente e fora a minha vez de obrigá-lo a girar. Fiquei por cima dele sem saber direito o que fazer, mas suas mãos apertaram minha cintura com uma força que eu não sabia que ele tinha —e que provavelmente deixaria marcas depois -, me forçando a subir e descer sobre seu pênis.

Ele gritou e eu soube que ele havia gozado. Joguei minha cabeça para trás,

gemendo porque o gemido dele me excitara e me movimenteiei sobre ele mais um pouco, antes de jogar meu corpo em cima do dele.

Esse era o meu plano, ficar deitada ali e dificultar a saída dele. Eu percebi que, assim que nós dois nos recuperamos do prazer, ele ficara extremamente sem jeito e incomodado com isso. E só então eu percebi como o meu plano era frágil.

—Preciso ir ao banheiro —Ele disse a desculpa mais costumeira, mas isso não me faria sair dali —Preciso mijar.

E me empurrou para o lado. Achei deselegante e me senti inútil por não ter conseguido o que eu queria.

Não o vi voltar, dormi antes disso.

Eu desci do carro do Theo, tagarelando alegremente. Eu tinha acordado assim, tentando chamar a atenção dele de qualquer maneira. Talvez fosse um reflexo das minhas frustrações emocionais durante o sexo ou talvez tinha algo a ver com meu humor.

—Eu estava pensando em ir ao shopping no fim de semana comprar um vestido para o baile! —Eu dizia, seguindo ele até a entrada da escola, ela ia na minha frente e eu tagarelando sobre coisas inúteis atrás —Mas eu queria que você fosse comigo porque eu não sei como você vai vestido e eu não queria que nossas roupas não combinassem ou que eu comprasse um vestido que você realmente não gosta ou...

Eu estava pronta para listar todos os motivos do porquê ele deveria ir comigo ao shopping e me ajudar a comprar um vestido novo para baile quando ele se virou para mim com um sorriso lindo que me distraiu do que eu estava pensando. A essa altura, a gente já tinha chegado ao corredor principal da escola.

—Amor —Ele disse. Levou a mão ao meu cabelo e colocou atrás da minha orelha, eu sorri idiotamente para ele —Era isso que meu pai queria me falar ontem... Ele tem um negócio muito importante nessa noite e vai precisar de mim. Não vou poder ir ao baile com você. —Meu sorriso se murchou quase completamente —Me desculpe, tá? a gente se fala no intervalo, estou atrasado para reunião do clube.

Eu fiquei encarando-o subindo as escadas para o segundo andar, onde os clubes se encontravam e onde ficavam todos os laboratórios de todas as coisas existentes no colégio e onde também ficavam os armários das pessoas mais ricas, e é claro que o de Theo ficava lá.

Eu mal tive tempo de admirar o meu baile ruir e algo me tocou na mão, me fazendo formigar com pequenos choques elétricos que foram provocados por

esse contato e meu mundo pareceu girar na órbita e gravitacionar em direção ao puxão leve que aquela força exercia. Eu me vi caminhando, sendo guiada por aquela força que eu não entendia de onde vinha e quando eu dei por mim, estava numa sala vazia com Erick Harvey.

Image

Eu pisquei, tentando entender como parara ali, mas a única coisa que eu conseguia ver eram os olhos azuis de Erick brilhando na meia-luz da sala fechada. Ele sorriu lindamente de lado, esperando que eu me situasse e eu mordei os lábios, me lembrando do nosso quase-beijo. Era engraçado como aquilo parecia ter mexido tanto comigo, eu não me lembrava de ter ficado tão... embasbacada com o meu primeiro beijo com o Theo. Fiquei boba, me senti no céu e feliz, mas por outro lado, o Harvey parecia ter surgido para virar meu mundo de cabeça para baixo, como um furacão numa cidade tranquila do interior. E, por mais que eu negasse para mim mesma, estava ficando cada vez mais óbvio, cada vez mais claro a cada aproximação dele que era por ele que meu coração batia mais forte.

Mas isso era só passageiro, como um pequeno tornado que levanta as casas e provoca o caos. Um pequeno acaso que parece tirar a gravidade e fazer as marés mudares e alagar todo o meu corpo com uma substância descontroladora que fazia meu coração palpitar, balançar, parar e bater tão forte contra meu peito que minha barriga delirava de satisfação como se pequenas borboletas estivessem saindo de seus casulos para a linda primavera depois do mais intenso inverno que poderia existir.

Mas não era duradouro, não era consistente e nem parecia ser ao menos um romance como eu tinha com Theo. Era somente uma paixão que, depois que eu conseguisse controlar, iria sumir como o Sol detrás das montanhas em um dia frio, quando ele parece estar mais ali para anunciar que está morrendo que para aquecer as casas e as pessoas. E então vinha a noite mais fria que pudesse existir e era isso que aconteceria se eu cedesse à tentação.

Era de Theo que eu realmente gostava. Era isso que eu dizia a mim mesma.

—Tudo bem? —Erick me perguntou. Ele ainda segurava a minha mão quando eu resolvi me apoiar na mesa do professor para impedir minhas de fraquejarem e me levarem até o chão.

—É. —Eu concordei, meio a contragosto.

Ele deu alguns passos à frente, aproximando-se perigosamente de mim. Eu tentei dar mais um passo para trás e acabei sentando-me na mesa, mais encurralada que nunca.

—Eu queria te pedir um favor... —Ele sussurrou —É muito importante para mim.

A voz dele falhou e os pelos da minha nuca se levantaram em resposta. Tentei respirar mais fundo para não fazer nada que eu me arrependeria depois.

—Fale logo —Eu disse, tentando dar um tom cortante a minha voz que talvez o fizesse não me procurar mais.

Sua mão ainda segurava a minha e ele a acariciava sem interrupções, olhando para o que fazia sem me encarar. Resolvi manter o olhar firme no rosto dele e nas reações sutis de vergonha que ele sentia e, sem que eu pudesse me repreender por isso, acabei sorrindo por causa dele e meus olhos, por míseros segundos, se desviaram até a sua boca até que eu percebesse o que eu estava fazendo e voltasse a olhar reto —e voltasse a sorrir por causa das bochechas rosadas dele...

—Eu... Fui expulso do time de futebol por causa... da briga —Ele sussurrou, sem jeito.

—Eu soube —Cortei-o.

Ele pareceu ficar mais sem jeito ainda e abriu a boca para continuar a falar, mas acabou fazendo uma careta. Suspirou e eu entendi que eu não devia interrompê-lo mais ou não terminaríamos essa conversa ainda no dia de hoje.

—Eu acho que eu precisaria... De uma petição, sabe? Para conseguir voltar para o time. Porque, bom, eu preciso —Ele estava completamente nervoso e envergonhado e eu estava achando isso muito fofo —Arranjar uma bolsa para faculdade e acho que eu só consigo assim, mas... Não tem muita gente querendo assinar a minha petição porque... Não gostam mais de mim depois que eu bati no Matt e me tiraram do time de futebol... Eu fiquei meio impopular. E, bom... Você... —Ele empacou e não disse mais nada.

—Eu...? —Incentivei-o a continuar.

Ele mordeu o lábio e virou o rosto para o outro lado, abafando um pouco o som do que ele falava.

—Você é popular, você podia me ajudar. —Ele pediu.

—Te ajudar? —Eu perguntei, tentando entender.

Então, antes que eu pudesse me preparar para isso, os olhos azuis dele encontraram-se com os meus e pareciam tão decididos que foi bom eu estar sentada na mesa porque eu me imaginei caindo.

—Você pode ser totalmente sincera comigo hoje? —Ele me perguntou, tão firme que eu me perguntei se ele não estava fingindo a vergonha de antes — Sobre o que eu te perguntar.

Eu encarei aqueles olhos azuis que pareciam tão transparentes que eu podia ler o que se passava por detrás dele. Ele não me faria mal algum. E, por mais que eu não quisesse ser sincera com ninguém, por mais que eu quisesse proteger as coisas preciosas que eu guardava dentro de mim, eu não pude negar. Era intenso demais.

—Tudo bem. —Concordei.

Ele suspirou fundo e parecia estar se organizando, para poder me fazer as perguntas que queria.

—Você não gosta do Theo. —Foi uma afirmação.

Eu franzi a testa para a afirmação e neguei veementemente com a cabeça.

—Eu gosto dele —Eu disse com convicção.

—Você acredita mesmo nisso... —Ele sussurrou e eu não sabia se eu era para ter escutado, então tentei me manter quieta. Sua mão veio ao meu rosto e ele acariciou-o, me obrigando a fechar os olhos, deliciada. Eu entreabri-os e o vi sorrir docemente —Você gosta de mim?

Eu mordi o lábio inferior. Não queria ter que ser sincera nessa pergunta porque eu não conseguia ser sincera nem comigo mesma. Mas eu sabia qual era a resposta pelos arpejos que eu sentia com o carinho que ele me fazia no rosto.

—Sim —Respondi, simplesmente.

Eu vi o sorriso dele se alargar e acabei por sorrir de lado para isso.

—Mais do que gosta do Theo? —Ele me perguntou.

Então, pareceu-me que eu teria que escolher um dos dois e minha garganta embargou rapidamente. Eu olhei para longe dele para poder responder isso tão sinceramente quanto nós dois merecíamos.

—Eu não sei. —Sussurrei.

A mão dele escorregou pelo meu rosto e segurou meu queixo para me fazer encará-lo.

—Mas ele não te trata como você queria. —Outra afirmação. Dessa vez, correta.

—Não, ele não me trata. —Respondi.

Ele suspirou, então eu vi aquela figura pomposa e confiante desmoronar para a envergonhada de novo.

—Eu te trataria bem —Ele sussurrou e eu não sabia se ele estava falando comigo de novo —Eu seria um namorado muito melhor que ele. Eu... Gosto de você. —O sussurro foi quase inaudível e eu me assustei pelo que ele disse e quase pedi para que repetisse, mas entendi que era aquilo mesmo e que seria muito constrangedor para ele, se fosse repetir —Eu queria... pedir para você largar ele, ficar comigo, mas eu não posso fazer isso. Mas é bom saber que você pode cogitar a hipótese —Ele levantou os olhos para mim e sorriu —Agora que você sabe.

Meu coração batia muito forte contra meu peito só em cogitar a hipótese de largar Theo e ficar com Erick. Parecia plausível, palpável. Parecia-me doce e sublime, mas ao mesmo tempo... Eu via como se fosse um tempo nublado. Eu não podia simplesmente jogar o tempo que eu estava com Theo fora, jogar aquele sentimento que eu nutria por ele por uma simples atração.

—Eu não posso fazer isso —Eu sussurrei.

Ele fechou os olhos como se eu tivesse ferido ele. Eu queria acariciá-lo, acalmá-lo e dizer que eu ficaria com ele, mas eu sabia que não era certo. Eu só estava chateada com algumas atitudes de Theo e isso dera uma pequena abertura para que Erick entrasse e se entranhasse em mim. Era só isso e eu não soltaria o meu pássaro da gaiola para que ela fosse ocupada pelo primeiro pássaro de olhos brilhantes que pousasse na minha janela.

—Mas... —Eu o vi suspirar pesadamente, abrindo os olhos. —Eu sei que o Theo não vai ao baile e...

—Como você sabe? —Eu cortei-o.

Ele me olhou espertamente e eu vi o sorriso lindo que ele me lançou.

—Eu trabalho na casa dele —E eu senti que ele se recusava a dizer que trabalhava 'para ele' —E, bom, eu sei que não vai *com você*, então eu pensei... Que, talvez, nós pudéssemos ir... Como amigos. —Acrescentou, ao olhar a minha feição insegura.

Eu pisquei, suspirando. Eu poderia ir, eu queria ir, mas seria certo? Theo não se zangaria? Ele não gosta de Erick e eu não entendia o porquê. Erick era tão... doce, lindo, fofo...

—Eu não sei, Erick —Eu sussurrei —Eu preciso pensar.

Ele concordou com a cabeça, mordendo o lábio. Então, sua expressão

mudou e ele parecia meio confiante de novo. Com um sorriso, ele puxou um pouco de ar e soltou uma frase cautelosa:

—Eu queria tentar uma coisa...

E eu sabia o que ele ia fazer antes que terminasse a frase. Seu nariz encostou-se ao meu e eu fiquei encarando-o de olhos fechados e boca aberta, meio tão sem ar quanto eu enquanto tomava coragem para tornar aquilo real. Então, nossos lábios se encontraram em um frenesi de total loucura. Ficamos assim, com os lábios apenas encostados por alguns segundos, tentando nos descobrir em meio a todas aquelas pequenas explosões dentro de nossos corpos, provocadas por aquele singelo contato.

Passado aquele primeiro momento de descoberta, Erick pareceu-me tão desesperado por ter mais que eu teria me assustado se não estivesse tão similar. Ele mordeu meus lábios para pedir passagem e, meio desajeitadamente, nosso simples beijo de criança virou um daqueles beijos que nos faz suspirar nos fins dos filmes.

Ignorando totalmente a minha mente insana que me repreendia por estar fazendo aquilo, que era errado e essas coisas, levei —timidamente, confesso — minhas mãos até seus ombros e acariciei-os, subindo-as até a sua nuca e entranhando uma delas no seu cabelo, puxando levemente. Uma das mãos dele correu pela minha perna e separou-a da outra e ele encaixou-se rapidamente entre ela, pressionando ainda mais nossos corpos. Seus dentes cravaram-se em meu lábio inferior, puxando-o enquanto o sugava. Então, seus lábios procuraram meu pescoço e se demoraram o suficiente nele para me fazer gemer. Minhas duas mãos estavam ocupadas demais tentando arrancar o cabelo dele.

Era completamente formidável e terrivelmente insaciável.

Então os lábios dele voltaram aos meus e eu senti toda aquela sensação esquisita e maravilhosa de antes, tal como nós nunca tivéssemos nenhum contato antes. E fora apenas um selinho que pouco durou porque ele percebeu —e eu nunca faria isso da maneira que eu estava —que precisávamos parar.

Eu abri os olhos enquanto ele passava o nariz dele pelo meu lenta e carinhosamente. Nós dois tínhamos a respiração completamente descompassada e ele ainda mantinha os olhos fechados quando deu dois passos para trás, mantendo a mão na minha cintura.

Só então ele os abriu. E deu um lindo sorriso de lado e eu imaginei o estado que eu devia estar. Lábios vermelhos e pulsando, cabelo despenteado, a blusa completamente amassada e fora de lugar... Não muito diferente dele.

—Eu acho —Ele sussurrou. A voz dele estava tão falhada e rouca que me arrepiou —Que se você sentiu a mesma coisa que eu... Eu te dei muita coisa para pensar.

Ele saiu da sala antes que eu pudesse responder qualquer coisa, deixando-me perdida nos meus ~~sentimentos~~ pensamentos.

Image

As duas semanas que faltavam para o baile passaram como se fossem poucas horas e em momento algum eu consegui me convencer que eu não iria com ele, o que, no meu interior, significava que eu iria com Erick, embora eu estivesse fugindo de assumir isso para mim mesma.

Fui com Jenna comprar nossos vestidos. Ela iria com um garoto do clube de matemática —que eu achava muito esquisito, mas ela estava feliz com ele e parecia gostar dele de verdade, então eu não falava para ela que me parecia que ele nunca havia tomado banho. Eu acabei comprando o primeiro vestido que [gostei](#). Não me arrependi, mesmo depois de ter andado em metade das lojas da cidade atrás de um vestido para Jenna. E ela acabou comprando um que ela não ficara realmente satisfeita —mas ficou estupendo nela.

E, então, era isso. Eu iria ao baile, mas eu não conseguia me convencer que seria com o Harvey e cheguei a dizer ao Alan que eu iria com ele. É, no desespero, a gente faz coisas trocadas.

Novamente, nesse período de tempo, eu estava fugindo de Theo, embora tenha dado algumas escorregadas nisso. Eu estava chateada que ele não iria ao baile comigo e chateada por ele sempre me deixar sozinha na cama depois do sexo, mas depois de uma pequena pesquisa no santo Google, eu acabei por acalmar um pouco a minha raiva. Descobri que é supernormal fazer xixi depois de... hm... gozar. E até previne, sei lá, aquelas doenças urinárias ou algo assim. Não que eu entenda muito disso, mas eu acabei... tentada... mais uma tentativa. E foi mais ou menos assim que eu acabei na casa de Theo, um dia antes do baile.

Foi surpreendente.

—Relaxa —Ele sussurrou, assim que entramos na mansão —Não tem ninguém em casa hoje, nem os empregados. Meu pai foi encontrar com o empresário lá e eu dei folga aos empregados para você ficar mais confortável — Ele sorriu para mim e tirou meu casaco leve. Estávamos no começo de outubro e era mais ou menos aí que eu começava a sentir frio. Ele pendurou o casaco

próximo à porta e juntou a minha mão na dele, puxando-me para a sala —Então, que filme você quer ver?

Eu o encarei, abismada. Às vezes, poucas, que eu estivera na casa dele depois do meu fatídico trauma naquele dia de festa, tivera sido resumido em sexo. Tudo sexo. E agora ele me chamava para ver TV.

—Não sei. —Eu sussurrei, depois de olhá-lo assustada e ver que ele havia sorrido. Imaginei que ele soubesse o que se passava na minha cabeça —O que você tem aí?

Nós acabamos jogados no sofá com um grande edredom em cima da gente, assistindo *Uma Prova de Amor*. Eu chorei o filme inteiro, dos cinco primeiros até os trinta minutos finais —porque eu não tinha mais lágrimas para chorar. Theo se divertiu com isso, toda vez que eu ficava sem ar ou abria o berreiro, ele sorria lindamente e beijava minhas bochechas por onde as lágrimas haviam passado e me chamava de boba e frágil. Vou fingir que não vi que ele também chorou quando a menina lá deu o presente para a mãe dela. E quando o namorado da menina morreu. E quando o irmão rasgou o desenho da menina. Não importa, ele chorou e eu que sou boba? Hunf.

Ele se levantou todas as vezes que eu achava que ele tinha chorado —e só por isso eu sabia que ele tinha chorado mesmo —e sempre voltava da cozinha com algo para comer ou beber: pipoca, sorvete, refrigerante para mim e cerveja para ele. Ele disfarçou bem, mas eu devia tê-lo chamado de bobo e frágil também, só de vingança.

Quando o filme acabou, a mesinha da sala estava cheia de restos de comida, eu estava sentada no sofá, meio acabada de tanto chorar e Theo estava deitado jogado no sofá, com o braço displicentemente passado pela minha cintura, com os olhos tão vidrados na tela quanto eu. Quando eu suspirei pesadamente para os créditos finais, ele acordou do transe dele e deu um pulo que acabou me derrubando deitada do outro lado do sofá.

—Ops... —Esse foi seu pedido de desculpas. Ele me estendeu a mão e me levantou do sofá e me abraçou, dando beijinhos no meu pescoço. Inconscientemente, me lembrei dos beijos que Erick havia dado naquela região... E me senti culpada. —Vamos jantar? —Perguntou, sorrindo para mim. Eu nem havia reparado que ele havia parado de me beijar —Tem uma lasanha maravilhosa no micro-ondas! Depois a gente pode assistir outro filme, se você quiser.

Eu sorri e puxei a mão dele que estava na minha cintura para envolvê-la

com a minha.

—Acho uma boa ideia. —Eu disse. Ainda estava me sentindo culpada. Theo estava sendo totalmente fofo comigo e eu pensando num cara que... Dissera-me coisas bonitas e me dera um beijo... E QUE BEIJO! Não, não, preciso me concentrar no Theo, esqueça o Erick, Mariana. Theo, Theo, Theo e Theo!

Ele me arrastou até a cozinha e se distraiu com o micro-ondas. Resolvi encarar a cozinha rica da casa e não era muito diferente da que eu estivera ‘cuidando’ na minha. E graças por não precisar mais servir comida.

O micro-ondas apitou antes do que eu esperava e achei que talvez pudesse até estar meio morno, mas não disse nada e deixei que Theo se sentisse feliz sendo ‘cozinheiro’, mesmo que ele estivesse fazendo coisas erradas. Quase derrubou a travessa de lasanha quando foi tirar de dentro do aparelho e eu podia vê-lo fazer careta porque devia estar queimando a mão, o que significava que não havia ficado tão pouco tempo assim e, talvez, eu estivesse distraída demais, perdida nos meus pensamentos.

—Vamos, vamos —Ele me apressou, saindo batendo pés, quase correndo com a travessa em mãos, para outro aposento onde eu nunca estivera.

A sala de jantar era bem maior que a da mansão do meu pai, mas era bem óbvio que um empresário teria muito mais jantares de negócios que um advogado extremamente bem-sucedido, certo? Era uma sala que impunha respeito e faria inveja a qualquer outra sala de jantar no país, exceto talvez, pelas salas de jantares da família real.

—Aqui é grande demais —Eu sussurrei, vendo Theo colocar a lasanha em cima da mesa e dar um suspiro aliviado, tirando as luvas da mão. Eu estava muito desconfortável de comer ali. Assustadoramente, a sala ecoou a minha voz, me deixando ainda mais desconfortável.

—Eu sei —Ele disse. Só então olhou para mim e viu a cara que eu fazia. Eu ainda tentei consertar e parecer feliz, mas já estava feito —Você... Quer comer em outro lugar? A gente não costuma fazer isso, mas se você quiser... Hm, tudo bem.

Eu encarei a sala enorme mais uma vez, agora perante a perspectiva de não comer ali e olhei para Theo, que emanava expectativa. Achei que ele fosse se chatear se eu pedisse para comer em outro lugar e eu preferi deixá-lo feliz. É, foi por causa da culpa.

—Não, tudo bem —Eu sorri para ele.

Theo sorriu para mim e pareceu desconfiado, mas deu de ombros e puxou

uma cadeira para que eu sentasse e serviu-me a lasanha. Colocou no prato dele, ao lado do meu, deu-me um beijo na cabeça e se afastou por pouco tempo, não o suficiente para me fazer olhar, voltando com duas taças de vinho.

Eu levantei a sobrancelha e, naquele momento, entendi que não haveria outro filme algum. Logo depois da lasanha e, principalmente, do vinho, o clima ia começar a rolar e ia ser impossível pará-lo. Eu não me importava. Na verdade, eu estava até curiosa para ver qual seria a desculpa, dessa vez.

Foi bem assim que aconteceu. Assim que terminamos a lasanha, foram mais dois ou três copos de vinho. Então começaram a esquentar os beijos, até que eles desceram para o meu pescoço e ficaram por lá por tempo suficiente para me fazer revirar os olhos. E, logo depois, eu estava com as pernas envoltas ao corpo de Theo enquanto ele tentava subir as escadas para o quarto dele sem nos derrubar.

Minha blusa voou para longe sem que eu percebesse, mas eu devo dizer que eu estava lenta por causa do vinho e pouco me importava com ela. Eu queria mesmo era que as roupas se danassem e explodissem.

Senti os lábios de Theo, vorazes até demais, explorando meus seios e gemi alto, sem preocupações porque a casa estava vazia, afundando meus dedos em seus cabelos e quase os arrancando. Ele correspondeu a isso mordendo um dos meus seios com um pouco mais de vontade, antes de me empurrar com força para a cama, arrancando minha calça e minha calcinha de uma vez só, arranhando-me com a pouca unha que tinha enquanto isso.

Não sei se não demorou ou se eu não estava contando o tempo direito, mas para mim foi como se no instante seguinte, ele já estivesse por cima de mim, se movimentando freneticamente e causando sensações em meu corpo que só ele tivera o prazer de causar. E eu me agarrei a ele, cravei minhas unhas em todo lugar que conseguia, fazendo-o gemer e só me causando mais arrepios, gemidos cada vez mais rápidos. Eu mal soube que ele havia lembrado da camisinha até que ele se cansou e se jogou para o lado, arrancando-a de qualquer jeito e jogando-a em um lado do quarto. Não me importei nem um pouco e deixei que ele me abraçasse.

Então era isso, a qualquer momento, a magia iria acabar e ele ia se levantar e sair dali, mas, antes que isso acontecesse, o cansaço pelo esforço e pela bebedeira me venceu e eu acabei dormindo.

—*Delícia...*

A voz veio doce e com malícia, não sabia se estava tendo um pesadelo ou se

estava acordada mesmo.

—Princesa, acorda! —Theo me acordou. Talvez eu estivesse tendo mesmo um pesadelo.

A manhã parecia bonita. Bonita demais. Porque, pela primeira vez desde que aquilo começara, eu acordei ao lado de Theo. O que significava nenhuma desculpa, só alegria. E significava que aquilo que Erick me falara era só uma impressão ruim, coisa da minha cabeça. E, incrivelmente, isso não fazia com que eu me sentisse melhor. Eu me sentia extremamente culpada por ter deixado Erick me beijar —e ter gostado disso —enquanto todos os defeitos que eu via em Theo eram apenas frutos de uma sementinha da dúvida plantada por Erick Harvey.

Mexi-me e abri os olhos, sorrindo ao ver os olhos de Theo me vigiando enquanto eu deveria estar dormindo. Ele sorriu como o seu Bom-dia e deu-me um beijo na testa.

—Bom dia! dormiu bem? —Ele exclamou, parecendo feliz.

Espreguicei, tomando cuidado para não atingi-lo com isso.

—Sim —Sussurrei e minha voz saiu rouca. Fiz uma careta, notando que minha cabeça estava doendo —Urg! Dor de cabeça.

Theo riu e se levantou todo cuidadoso, tirando o braço onde eu estava deitada em cima. Ele virou-se para fora da cama e, antes que eu notasse, havia uma bandeja com um café da manhã completo —e um comprimido para dor de cabeça —em meu colo. Eu fiquei tão assombrada que eu não soube nem o que falar. Theo quase ria.

—De nada —Ele sussurrou, beijando a minha bochecha, apenas vendo a surpresa em meu rosto.

Eu comi, ainda tentando entender o que gerara a mudança. Não consegui.

—Tá muito tarde? —Perguntei, depois de algum tempo. Afinal, era o dia do baile e eu ainda tinha que ficar linda para o... Para mim.

Theo negou com a cabeça.

—Não muito. —Disse —Eu só estou quase atrasado para o sofrimento das reuniões do meu pai, então... —Ele apontou para o banheiro —Vou tomar um banho, ok? —Concordei com a cabeça pensando que eu precisava de um banho também. —E, ah, não sei se vai dar tempo de te levar em casa, você se importa?

Neguei com cabeça. Ele nunca me levava em casa mesmo. Mas as coisas estavam melhorando, estavam bem melhor. Ele dormira a noite toda do meu lado e... Ok, agora eu estou babando por ele. Isso está ficando meio volúvel. Eu deveria escolher por quem babar: Erick ou Theo?

Theo.

Terminei meu café, tomei meu comprimido e me vesti. E então me senti totalmente fora de lugar e bateu-me uma vontade horrível de ir embora, mas eu não podia fazer isso sem falar com Theo, então eu bati na porta.

—Theo, eu tô indo! —Falei, com a voz mais alta que podia.

Ouvi o chuveiro desligar.

—Vem aqui me dar um beijo antes! —Ele gritou de lá de dentro.

Eu ri e girei a maçaneta, entrando. Ele estava com uma toalha enrolada na cintura, todo lindo e gostoso com gotas escorrendo pelo seu tronco e me fazendo ficar com uma vontade louca de repetir tudo de horas atrás. Ele riu, reparando em minha expressão e sacudiu o cabelo em minha direção, só para me molhar.

—EI! —Eu reclamei, mas ele só continuou rindo. E então me puxou para me beijar.

Eu estremeci, sentindo o contato do meu corpo com o corpo nu dele e passei minhas mãos pelo seu tronco molhado enquanto ele explorava minha boca com fervor e gemia baixinho. Acabei pensando que aquilo acabaria em atraso para nós dois, mas ele apenas se afastou com um sorriso esperto, sem esconder que já havia ficado ligeiramente excitado —e nem dava, só com aquela toalha.

—Bom baile! —Ele me desejou.

Eu mordi o lábio, encarando aquele deus grego disfarçado de gente me encarando com um sorriso maravilhosamente safado e me perguntando como eu pudera ter me iludido tanto com um tal chamado Harvey. Theo era perfeito, não tinha um defeito sequer.

Concordei com a cabeça e virei-me para ir embora, sem nem dar tchau, mas eu podia sentir a aurora de satisfação que cercava Theo e o banheiro. Tentei não me assustar, andando sozinha na mansão vazia, mas soltei um suspiro aliviado assim que pisei do lado de fora da porta. Olhei o Sol alto e me conformei que deveria andar vinte quarteirões até chegar em casa. Resolvi cortar caminho pelo gramado.

—Psiu! —Eu ouvi. Tentei não olhar, odiava que me chamassem com psiu. Eu tenho nome, né? Mas a curiosidade me venceu e eu acabei encarando Erick com seu sorriso maravilhoso e os olhos azuis brilhando bem mais fortes por causa do Sol. Estavam até mais claros e esse fato mereceu um pouco mais de atenção minha, o que aumentou o seu sorriso e fez com que eu desviasse meu olhar para ele. Meu Deus, eu estou perdida! Ele estava encostado na parede da garagem, num pequeno caminho entre ela e a mansão que eu não havia reparado

antes. —Vem cá! —Ele me chamou com a mão e, no instante seguinte, como se toda a gravidade me puxasse para aquele espaço estreito só porque ele se encontrava lá.

—Oi —Eu sussurrei, sem jeito.

—Oi —Ele me disse, com um sorriso, para então morder o lábio e eu senti minhas pernas bambearem quando a mão dele deslizou para minha cintura. Ele tentou se curvar para me beijar, mas eu me afastei. Eu nunca tinha sido e não pretendia ser esse tipo de garota tão cedo, por mais que eu estivesse atraída por ele. Um beijo tudo bem, tivera sido acidente, um descontrole. E eu ainda me sentia culpada. Erick pareceu sem jeito por alguns segundos, mas logo se recuperou. Para mim, durou algumas décadas. —Que horas eu passo para te pegar?

Eu franzi as sobrancelhas, esquecendo, por um momento, do que ele estava falando. Então eu me lembrei da confusão que eu havia feito, eu não havia negado ir ao baile com Erick, mas havia combinado que ia com Alan para lá e não havia dito nada a Erick.

—Quem disse que eu vou com você?

Erick fez uma careta e, em seguida, seu rosto se iluminou com algo que o dava um ar de esperto.

—Quem cala consente.

Eu abri e fechei a boca várias vezes, tentando encontrar algo com que eu pudesse retrucar, mas acabei suspirando e dando um sorriso meio sem jeito. Ele sorriu confiante, mas eu abaixei a cabeça.

—Alan vai me levar. —Sussurrei.

Ele pareceu se chocar com isso.

—Você vai com o seu patrão? —Ele me perguntou. Parecia meio absurdo e devia ser mesmo, mas, ao meu ver, Alan era meio que meu irmão (mesmo que ele não visse assim).

—Nós não vamos juntos... Quero dizer —Eu não queria dizer que iria com Alan e dizer não para Erick. Mesmo sendo errado e mesmo eu tendo acabado de ter momentos lindos com Theo, quando Erick aparecia, era como se nada no mundo existisse e eu queria muito aproveitar essa noite com ele, esperando que, ao mesmo tempo, nada e tudo acontecesse.

Eu mal poderia imaginar ao que essa noite iria me arrastar.

—Você não está com medo da minha moto, está? —Ele perguntou.

Achei que essa era a desculpa perfeita. Eu poderia continuar 'indo' com Alan e, ao mesmo tempo, não dizer não à Erick. E sem muito comprometimento, só medo de andar de moto. Muito normal, certo? (Ps: eu não tenho medo da moto, até gostaria de andar nela de novo, mas...)

—É —Eu disse. —Vou de limusine para lá.

—Hm... —Erick murmurou e se aproximou de mim tão rapidamente que eu mal percebi, até que ele estivesse com o nariz encostado no meu —Então, a gente se vê lá?

Eu apenas concordei com a cabeça, impossibilitada de falar algo. Ele avançou para me beijar novamente e eu me esquivei. Seus lábios acabaram indo ao meu pescoço e os beijos ficaram por ali, causando-me arrepios quando se movimentava lentamente para todos os cantos.

—Você só quer que eu vá ao baile com você para você recuperar a popularidade? —Eu perguntei, meio afetada.

Ele se afastou de mim, parecendo chocado e ofendido.

—Claro que não! —Ele exclamou. Mas pareceu incapaz de falar mais alguma coisa.

Minha garganta embargou e ele apenas continuou a me olhar, esperando a minha reação. Como se ele soubesse que eu teria uma, como se ele me conhecesse e conhecesse aquele meu olhar. Eu estava assustada. Eu queria estar com ele essa noite, mas se ele estivesse só me usando para voltar ao time e conseguir uma bolsa na faculdade?

—Eu tenho medo de você estar só me usando... —Eu pus isso para fora.

Ele pareceu chocado com isso. Seus olhos azuis se arregalaram para mim e ele precisou de um momento para que a respiração dele se normalizasse do choque das minhas palavras. Acho que ele estava medindo o que ia falar, mas nunca tive certeza. Então, ele soltou o ar com força e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

—Você tem medo que eu te use... —Ele sussurrou —Mesmo que eu seja incapaz disso. Mas você deixa o seu namorado te usar das piores formas que existem e não parece ter medo algum.

Eu abri a boca em choque e resolvi devolver a semente que ele plantara na minha cabeça e que eu descobrira que nem era verdade porque Theo havia dormido ao meu lado essa noite.

—Você falou coisas horríveis do Theo e não são verdade! —E eu soei como uma menina mimada que havia sido contrariada no que queria ou achava.

Ele riu baixinho, irônico. E, novamente, pareceu medir as palavras antes de dizê-las.

—Ele passou a noite com você hoje? —Perguntou. Eu não respondi, mas a dureza e a raiva no meu rosto deve tê-lo deixado saber a resposta correta —Ele joga muito baixo —Sussurrou, tão baixo, que eu não pude ter certeza de que ele havia dito isso mesmo. —Escuta —Falou do nada, me assustando —Eu... Hm... Nunca usaria você. Eu... Bom... Eu... Hm... Gostodevocê.

Eu não disse nada. Encarei-o como se esperasse que ele fosse dizer ‘mentirinha’, mas nada foi dito e ele sustentava meu olhar tão firmemente que eu não podia ter dúvida alguma que ele estivesse falando sério. Então ele tentou encostar os lábios nos meus mais uma vez, como se eles fossem uma droga que ele precisava ter mais e mais. E, dessa vez, eu fui incapaz de me esquivar. Eu queria corresponder, queria tudo e, ao mesmo tempo, estava assustada. Mas deixei que seus lábios me beijassem e que suas mãos explorassem meu corpo tanto quanto queriam. Eu não podia dizer não depois daquilo e eu não podia mais negar para mim mesma o quanto eu queria aquilo também. Enlacei minhas mãos entre os cabelos dele e estava suspirando e gemendo baixinho com a intensidade das correntes elétricas que pareciam perpassar pelo meu corpo quando ele me tocava. Isso durou por tempo insuficiente e foi interrompido drasticamente quando ouvimos a porta da mansão abrir. Eu arregalei os olhos e empurrei Erick de qualquer jeito e corri para a frente da garagem, tentando fazer com que Theo não visse onde eu estava.

—Oi —Ele me cumprimentou animado. Estava lindo com um terno (e muito cheiroso, devo dizer) —Você me esperou? —Ele sorriu e eu concordei —Que bom, não estou tão atrasado assim, posso te levar em casa.

Eu sorri e peguei-o pelo terno, puxando-o para mim. Eu lhe dei um beijo estalado.

—Você está lindo! —Eu disse.

Ele apenas riu baixinho e me guiou para o carro. Não demorou quase nada —ele também parecia voar para que não se atrasasse —para que eu estivesse em frente de casa. Dei-lhe um beijo e sai, vendo o carro sumir pelo mesmo caminho de onde viera, tentando esquecer a carinha de tristeza que Erick fizera quando me vira entrar no carro.

Suspirei e subi as escadas de casa, entrando rapidamente na mesma e vendo Alan esparramado no sofá como se não tivesse nada para fazer —tipo tomar banho para ter uma desculpa da limusine me levar ao baile, sabe?

—O que você está fazendo aí? —Eu reclamei, empurrando-o. Então me toquei que talvez não devesse ter feito isso porque ele parecia que havia se drogado —Por que você não está se arrumando?

Afinal, eram quase duas da tarde e eu pretendia estar pronta antes das seis e não perder a limusine.

—Você não estava nem em casa —Retrucou, tão inteligentemente que me deixou pensando que, talvez, ele não tivesse se drogado —E eu demoro menos tempo que você.

Resmunguei alguma coisa, dei de ombros e subi as escadas em direção ao meu quarto para perder minhas poucas horas me arrumando. Afinal, eu não tinha dinheiro suficiente para contratar cabeleireiras e maquiadoras para virem até aqui no dia em que elas eram mais concorridas pelas filhas dos caras mais ricos da cidade.

Abri a porta do quarto e encarei as duas pessoas que eu nunca conseguiria imaginar que pudessem estar em meu quarto, me esperando: Kate e Lizzie.

Lizzie estava à minha penteadeira, passando a mão em meu vestido do baile, que estava pendurado ali, para não amassar dentro do meu armário nada organizado. Kate estava sentada em minha cama e pareceu extremamente aliviada quando eu abri a porta.

—Onde você estava? —ela me perguntou.

Lizzie olhou para mim também, meio ansiosa, mas com um sorriso, no mínimo, maldoso em seu rosto. Eu abri a boca, chocada e encarei a porta do meu banheiro, querendo ignorar a pergunta e passar direto por elas, assustada, para tomar meu banho.

—Hm... Com Theo.

Lizzie riu.

—Viu? —Ele disse a mãe —Ela dormiu fora com o namorado.

Eu mordi o lábio e encarei as duas. Kate bateu a mão nas coxas e se levantou.

—Bom —Ela disse —Uma pena que ele não vai te levar ao baile, não é? —Disse. Concordei com a cabeça —Mas, bom, nós —Apontou para si e para Lizzie —Vamos deixar você linda o suficiente para que ele se arrependa, tá bom?

Eu concordei com a cabeça, segurando as lágrimas. Era importante saber que elas gostavam e se importavam comigo, mesmo achando que eu era só uma empregada, e não enteada e meia-irmã. Com isso, eu corri para o chuveiro —

para que elas não me vissem chorar —e deixei que elas cuidassem de mim, mesmo Lizzie reclamando que só estava ali porque seu pai a achara nova demais para ir à um baile com um garoto (e eu a vi revirar os olhos e aposto que ela já tem até namorado) e me embelezarem.

Ao fim da maratona, eu me encarei ao espelho. Eu parecia uma princesa, ou sei lá. Nunca me sentira tão bonita assim.

—Viu? —Kate sussurrou, enquanto eu me encarava ao espelho de corpo inteiro que tinha no quarto dela com Jake —Você está linda.

—Pro Theo ficar com ciúmes —Lizzie acrescentou, timidamente.

Não, Liz. para o Erick.

Image

Eu desci da limusine e encarei o espaço da entrada do ginásio, para o baile, onde todas as pessoas do colégio pareciam —ao menos as que estavam querendo entrar no baile —estar espalhadas pela extensão do gramado, esperando pacientemente fora das filas. Achei que estariam esperando pessoas para entrarem juntas e me perguntei se Erick não estaria ali.

Alan ignorou a minha procura —Ou fingiu, muito mal e com uma careta. Perguntei-me se deveria ficar ali e esperar Erick, mas Alan me puxou para a entrada do ginásio antes que eu me decidisse. Carimbaram a minha mão e Alan me empurrou para dentro, ainda com a cara fechada. Nós fomos para uma mesa no canto mais escuro, mas a que era mais próxima da pista de dança, então tinha algumas iluminações esquisitas por causa do globo de espelhos e das luzes da pista.

Encarei toda aquela gente dançando, conversando e se beijando e me perguntei onde estava Erick. Alan parecia zangado por eu estar tão preocupada com outra coisa.

—Cadê seus amigos? —Perguntei, olhando-o estirado na cadeira ao meu lado, sem se preocupar com nada.

—Devem estar fodendo alguém por aí —Ele deu de ombros.

Eu me choquei com as palavras, mas ele parecia extremamente calmo, como se estivesse acostumado a dizer aquelas coisas em dias normais, então engoli meu choque, mas resolvi reclamar em tom de brincadeira.

—Que linguajar horrível, Alan! —Eu ri —Você se esqueceu que eu sou uma garota?

Ele deu de ombros de novo, mas, então, olhou para mim e suspirou.

—Como se fosse fácil esquecer isso. —Ele sussurrou. Eu engoli a seco.

Estive enrolando isso. Quero dizer, Alan parecia gostar de mim e ele estava com esse problema com drogas e eu mal conseguia ser sincera para com meus

sentimentos com ele.

—Alan —Eu chamei-o, envergonhada. Ele olhou para mim e eu fiquei mais sem jeito ainda —Eu te vejo como um irmão.

Ele me olhou meio com raiva e depois a feição dele se amenizou e ele colocou as mãos na nuca e se recostou na cadeira.

—Eu não —Disse, olhando para o nada —Mas eu sei o que você sente e te respeito —Outro suspiro —Só por isso ainda não te agarrei, mas eu realmente gosto de você. Você se importa comigo...

Eu fiquei com uma vontade horrível de chorar. Alan precisava tanto ser correspondido e eu não era capaz de fazer isso. Estremeci, lembrando-me do que as drogas faziam com ele e pensei que talvez ele pudesse esquecer o respeito de estivesse sob o efeito delas. Eu não fazia ideia de como reagir se isso acontecesse, mas estremeci só de pensar.

—Eu te amo, Alan —Eu sussurrei. Sentia que minha maquiagem iria embora em breve —Você é a única pessoa naquela casa que sabe o que eu sou, tirando o Jake. E isso é importante para mim, porque eu posso mostrar para você o quanto você é importante para mim. Eu não tenho mais ninguém, entende? Sempre fui eu e a minha mãe e ela se foi. Meu pai tem medo de mostrar que gosta de mim e parecer suspeito, mas eu ainda tenho você —E eu funguei e passei as mãos nas bochechas e chequei-as. Nada de rímel nelas, ótimo —Eu sinto muito não poder corresponder você, você merecia isso.

Ele concordou com a cabeça e virou o rosto por outro lado. Eu sabia que *isso* seria mais um motivo para que ele fosse se drogar e não sabia o que fazer.

—Eu entendo —Ele sussurrou —E eu não queria te fazer chorar por isso, por eu ser um idiota apaixonado pela minha *irmãzinha* —Eu sorri tristemente para a ironia explícita na voz dele, mas ele sorriu e apertou minha bochecha de leve, fazendo-me mudar minha feição para uma careta —Agora, por que você não pega uma bebida para a gente?

Achei engraçado.

—Hey, não sou sua empregada! —Falei brincando, achando graça da piada péssima.

Alan fechou a cara, ficando totalmente carrancudo. Então ele se aprontou na cadeira e se levantou.

—É, eu pego —Murmurou e saiu.

Eu nem ao menos consegui falar que eu estava brincando quando ele saiu. Fiquei encarando-o enquanto se afastava, com a boca aberta e o corpo meio

arqueado, da minha tentativa inútil de me levantar e ir atrás dele (que eu nem conseguira concluir a primeira parte).

Encarei meu pé naquele sapato de salto alto apertado que me impedira de ser ágil como quando eu usava tênis. Eu quase o torcera, tentando me levantar. Então, fui surpreendida com algo quente em meu pescoço que fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem e mandou uma corrente elétrica até o dedo do meu pé.

E, então, olhos azuis apareceram para mim, seguido de um sorriso magnífico e um smoking. E eu mal conseguia olhar para outro lugar mais.

—Olá —Erick me cumprimentou. Passou os braços pelo meu ombro, sentando-se ao meu lado —Você está linda.

Eu tentei encará-lo, totalmente envergonhada e com meu coração palpitando como mil tambores em sincronia.

—Você... Você também —Eu sussurrei.

E ele estava mesmo. Não entendo, eu via Erick quase todo dia, mas hoje ele estava especialmente magnífico com uma blusa social e o terno por cima. A blusa era meio larga, mas meio transparente e deixava-me admirar boa parte dos atributos que suas camisas de algodão não me permitiam. Seus ombros pareciam tão mais sedutores dentro de um terno... Eu queria tocar, queria que fosse meu, mas tudo era errado. E eu só podia dizer uma coisa: Ninguém no mundo deveria ficar tão bem de preto e branco quanto Erick. Nem eu.

—Nós combinamos —Ele disse, sorrindo.

—É. —Eu murmurei. Ele me deu um beijo no topo da minha cabeça.

Quero dizer, não era incomum que ele fosse de preto e branco, afinal, boa parte dos meninos estava vestida dessa maneira, mas eu achei... Eu não sei o que eu achei, talvez só fosse efeito do meu coração descompassado.

—O Theo sabe que você veio ao baile sem ele? —Erick perguntou, a mão dele escorregou distraidamente pelo meu braço até a minha cintura, onde ficou dando apertões gostosos que me faziam querer fechar os olhos e suspirar, mas me segurei com todas as forças.

—Sim —Murmurei, totalmente fraca com o carinho. Minha cabeça escorregou para o ombro dele e ele a beijou novamente.

—Mas não que você veio comigo, huh? —Perguntou.

—Eu vim com o Alan —Eu disse.

Erick soltou uma gargalhada deliciosa que me deu vontade de acompanhá-

lo.

—Espertinha —Ele apertou meu nariz, e eu fiz uma careta com isso —Bom —Ele limpou a garganta —Quer dançar?

Mordi o lábio e tentei encontrar um motivo que se opusesse a dançar com ele. Não encontrando, acabei por concordar com a cabeça, vendo que tocava uma música animada e não haveria problema algum.

É, mas aí eu me senti em um filme romântico retardado, porque no momento em que pisamos na pista de dança, começou a tocar uma música lenta e melosa. Erick sorriu timidamente para mim e me abraçou pela cintura. Eu senti todos os calafrios possíveis enquanto encostava minha cabeça em seu ombro, todas as sensações anteriores, das vezes que nos beijamos, pareceram voltar com intensidade maior pra aquele momento em que estávamos abraçados, com ele me embalando e me fazendo dançar ao ritmo da música.

Eu não sentia o que estava fazendo, mas coloquei meus braços em torno do pescoço dele e deixei que ele me balançasse de um lado para o outro. Não sentia meus pés, não tinha ideia se estavam fazendo certo ou errado, eu só queria sentir o corpo de Erick no meu enquanto nós dançávamos lentamente, completamente distraídos.

Eu não conseguia me lembrar de ter me sentido assim por mais ninguém e isso era completamente esquisito e errado. Eu, flertando com um dos funcionários de Theo, enquanto o pobre coitado estava em uma reunião de negócios morrendo de vontade de estar aqui comigo. Não, era errado demais, completamente fora de todos os meus conceitos e de tudo que eu já pensara. Se eu visse qualquer outra menina da escola fazendo algo desse gênero, eu teria falado mal dela. E lá estava eu, fazendo isso, mas parar e me afastar de Erick, que já parecia completamente impossível, se tornou totalmente inviável assim que eu senti que ele começara a depositar beijos lentos e deliciosos em meu pescoço. Era como se ele soubesse, com toda a certeza do mundo, que ali era o meu ponto fraco. Eu não era um peixe —que é fisgado pela boca -, eu era fisgada pelo pescoço e ele sabia usar a isca perfeita.

A música foi acabando mais lenta do que começara e eu estava tentando não revirar os olhos quando eu consegui descer meus braços até espalmar minhas mãos em seu peitoral —e eu não sei se isso foi uma boa ideia —e tentei empurrá-lo para longe de mim. Ele não se afastou, talvez fosse tão difícil para ele quanto para mim, mas pareceu entender que eu queria me afastar e deu-me um pequeno espaço, só para que eu me desesperasse e afundasse minha cabeça

na curva de seu pescoço mais uma vez. Eu respirei fundo, levando o cheiro completo de seu perfume mais que delicioso para algum lugar de meu pulmão que eu esperava que ficasse lá, guardado, armazenado, para que eu sentisse o cheiro quando eu quisesse.

—Isso é tão errado... —Eu sussurrei, tentando trazer meu autocontrole à tona para me afastar dele e ir embora.

Mais um beijo em meu pescoço para me fazer pirar e suspirar, revirando os olhos. Afundei meu rosto ainda mais em seu pescoço e respirei mais um monte de perfumes, tentando tomar forças para me afastar dele. Não foi o suficiente quando eu perdi um pouco da dormência das outras partes do meu corpo e senti que ele apertava minha cintura com força. E eu sabia, eu sentia, que ele me desejava tanto quanto eu o queria. E eu sabia que ele não iria me deixar fugir se eu não parecesse firme. Eu não iria conseguir parecer.

—Errado? —Erick sussurrou tão perto da minha orelha e com a voz tão rouca que minhas pernas, literalmente, falharam. Eu as senti dobrar e eu teria caído se ele não estivesse me segurando tão firmemente e tão perto o corpo dele. Eu senti o riso baixo dele, reparando que isso tinha acontecido e, então, seus lábios beijaram e seus dentes mordiscaram maliciosamente minha orelha, enquanto ele continuava a pergunta —O que parece errado?

Eu sabia que responder isso seria a minha perdição. Eu sabia que não haveria mais retorno depois que ele ouvisse essas palavras da minha boca, mas eu estava tão entorpecida que eu não poderia fugir de uma resposta sincera. Eu não conseguiria mentir com aqueles lábios doces e quentes brincando de me excitar entre minha orelha e meu pescoço. Eu não conseguiria fugir para longe com aqueles magníficos e expressivos olhos azuis em cima de mim. Eu não conseguiria nem ao menos ficar em pé com aqueles braços fortes ao meu entorno. Eu precisava dizer e ao mesmo tempo não queria. E também não poderia não dizer porque eu não conseguiria segurar as palavras. Eu estava confusa, perdida, e me afundava mais a cada segundo, naquela perdição chamada Erick Harvey. E eu não me importava.

—Eu querer tanto você —Eu sussurrei, sem nem ao menos sentir a intensidade das palavras que saía da minha boca.

A princípio, achei que minhas palavras haviam tido o efeito contrário ao que eu esperava e era o que eu —superficialmente -queria, porque Erick se afastou alguns passos, mesmo mantendo sua mão em minha cintura, talvez por medo que eu caísse se ele me largasse. Mas, então, eu olhei em seus olhos azuis e vi a fúria

contida, balançando em destaque e eu soube que eu havia ultrapassado o limite.

No segundo seguinte, eu estava sendo arrastada o caminho de volta a mesa que estávamos antes, mas passamos direto por ela e fomos para o canto mais escuro do salão, onde, talvez, nem as pessoas que estavam ali conseguiriam nos reconhecer —porque eu não conseguia ver quem elas eram —e eu achei aquela parte de extrema utilidade, não que eu tivesse conseguido pensar muito nisso quando os lábios furiosos de Erick procuraram os meus e foram correspondidos em fúria similar.

Eu cravei minhas unhas no pescoço dele, sentindo sua língua me enlouquecendo. Era tudo demais, tudo em excesso, como se estivéssemos esperando isso por tempos —e talvez estivéssemos mesmo. Erick estava me apertando pela cintura e puxando-me, cada vez mais para perto do corpo dele. Minhas mãos subiram para seu cabelo, e no meio da loucura de tudo que eu sentia, comecei a puxar os fios com mais força, fazendo-o gemer entre os nossos beijos.

Nossos beijos continuaram furiosos por algum tempo, até que eu senti minha cabeça encostando-se a uma parede e meu joelho bateu em algo e eu caí sentada em um sofá, coçando a cabeça por tê-la batido de leve no encosto dele. Erick riu da minha desgraça, mas, logo após, estava ajoelhado a minha frente, com os lábios grudados nos meus novamente.

Pouco a pouco, e sem que eu percebesse, fui deitando no sofázinho e ele foi deitando sobre mim, as carícias se intensificando cada vez mais e eu já não continha meus gemidos quando a mão dele deslizou pela minha coxa, subindo meu vestido lentamente, quase que com medo de que eu reagisse negativamente a isso. Em contrapartida, para mostrar que eu seguia o exemplo dele, eu deslizei minhas mãos do peito dele até seu ombro, forçando ao paletó a sair, e ele, mesmo contrariado, largou minhas pernas por alguns segundos para abandonar o paletó no chão.

Uma das mãos dele voltou a deslizar e apertar minha coxa, enquanto a outra estava, lentamente, se dirigindo a um dos meus seios, e por mais que ainda estivesse em minha cintura, eu sabia que ela acabaria por lá. Seus lábios abandonaram os meus e nós dois soltamos gemidos abafados e, então, os lábios dele voltaram ao meu pescoço e eu me pus a morder sua orelha. Finalmente, sua mão chegou ao meu seio e eu soltei um gemido rouco e esquisito que o fez apertar ambos, meu seio e minha coxa, com mais força.

Deslizei minhas mãos por suas costas e puxei a blusa levemente de onde

estava presa na calça e coloquei minhas mãos por debaixo dela, acariciando e deliciando-me com as formas perfeitas de seu corpo. Erick mordeu meu pescoço com mais força e desceu os beijos até meu colo, enquanto a mão que estava em minha coxa subia para se ocupar com o meu outro seio. Sem nada mais ao alcance dos meus lábios, eu me curvei e beijei-lhe o topo da cabeça, levando minhas mãos de volta ao cabelo dele e tentando me controlar para que eu não puxasse os fios forte demais e o machucasse.

Soltei um gemido um pouco mais alto —que as pessoas a nossa volta ouviram com toda a certeza do mundo —quando senti o pênis de Erick totalmente ereto por dentro da fina calça do smoking, roçando entre as minhas pernas. Ele, ao perceber o meu estado de excitação por causa disso, mas sem saber todas as coisas que subiam e desciam pelo meu corpo como se fossem brasas incandescentes de prazer, forçou ainda mais seu corpo contra o meu, gemendo baixinho entre meus seios.

Enlouquecidamente, os beijos dele voltaram aos meus lábios e eu deslizei minhas mãos pelas suas costas até a sua bunda e a apertei com vontade. Senti a risada de Erick entre os beijos e sorri, encantada com tudo aquilo que parecia tão perfeito para pertencer a mim. Eu não entendia como eu havia ficado tanto tempo sem aquilo e, então, como se eu estivesse em uma câmara de tortura da segunda guerra mundial, a resposta cruel brilhou em vermelho sangue diante dos meus olhos no escuro: Theo.

Aos poucos, eu me senti menos sensível aos beijos de Erick e mais perdida nos meus pensamentos. Theo, por menos atenção que me desse quando eu precisava, gostava de mim e eu estava com ele há alguns longos meses e não era nem um pouco sensato trocar isso por alguém com quem eu acabara de me envolver. Theo, que nunca nem olhara para outra garota enquanto estava comigo, não merecia que eu ficasse aos amassos com alguém que ele via todo dia e alguém que eu sabia que ele odiava. Theo era de quem eu gostava e todas aquelas sensações que me entorpeciam nesse momento eram apenas fogo de palha e logo se extinguiriam para que eu me arrependesse pelo resto da minha vida por ter me deixado levar pela vontade que estava entre as minhas pernas.

—Erick... —Eu sussurrei, tentando afastar meus lábios dos dele.

Eu não sei o que ele pensou. Talvez tenha pensado que eu estava gemendo o nome dele e aumentou a intensidade do beijo e, por um momento, eu quase desisti de tentá-lo parar —estava bom demais! -, mas minha consciência estava pesando tanto que o foco me voltou quase sem demora alguma e minhas mãos,

espalmadas em seu peito, empurraram-no levemente para cima. Ele se afastou, confuso, e me encarou com os olhos azuis brilhando de tesão. Estremeci.

—O que foi? —Ele perguntou, ainda sem entender.

Meu coração deu uma batida pela metade, murcha por eu estar fazendo isso com ele. Não era sexo, eu sabia que eu gostava de Erick e eu sabia que aquilo era uma necessidade acima das superficiais, mas eu preferia me enganar achando que eu amava Theo. Era mais fácil, era mais confortável e eu estava começando a perder a cabeça por isso. Mas eu sabia que, na primeira oportunidade, eu iria dispensar Theo e correr para Erick. O único problema era que eu e Theo quase nunca brigávamos para que eu pudesse ter uma desculpa perfeita. E eu sabia o caos que eu estaria criando quando ele me visse com Erick. Os dois iriam se machucar e eu não queria.

—Eu não posso fazer isso —Eu sussurrei.

Com a pouca luz que tínhamos ali, eu quase não podia ver sua expressão, mas eu consegui vê-lo mudá-la de confuso para mais confuso ainda. Bem que já haviam me dito que homens não pensavam direito quando estavam em certo nível de excitação. Eu não queria ser mais explícita que isso porque eu sabia que iria magoá-lo. Meu coração reclamou mais uma vez.

—Por quê? —Ele me perguntou.

Eu mordi meus lábios e as lágrimas quase vieram a mim quando eu me vi obrigada a responder aquilo claramente. Minha voz deve ter saído falha e chorosa quando eu disse:

—Theo.

A reação foi instantânea. Erick saiu de cima de mim e, enquanto eu me sentava e me encolhia, quase chorando por ouvi-lo resmungar coisas ininteligíveis, também ouvi-o socar o acento do sofá e soltar um palavrão. Eu queria abraçá-lo e dizer toda a verdade do que eu sentia, mas eu sabia que não daria certo —outra vez —e que meus conceitos inúteis só iriam me mandar pará-lo novamente.

Ele voltou-se para mim, completamente revoltado com a resposta e, no escuro, bateu e agarrou meu pulso com força. Eu deixei que ele me segurasse do jeito que pretendesse, mas então ele percebeu que estava me machucando e afrouxou o aperto, levando minha mão aos seus lábios, quase como se pedisse desculpas.

—Você não tem ideia do que ele faz com você, não é? —Eu o ouvi suspirar e eu sentia que ele estava chateado. Eu estava com uma vontade louca de chorar,

mas me segurava —Eu tinha prometido para mim que eu não ia interferir nisso, mas eu simplesmente não posso o deixar fazer isso com você enquanto você tenta ser completamente certinha, mesmo querendo ficar comigo tanto quanto eu quero ficar com você.

Eu não entendi muito bem o que ele queria dizer, mas eu deixei que ele me puxasse por entre as mesas para fora do ginásio, mas eu fiquei assustada quando eu vi que ele tomara o caminho que vários casais a nossa frente estavam tomando, para o motel que ficava perto do ginásio onde eram realizadas as festas do colégio, pateticamente bem localizado.

—Erick! —Eu resmunguei, enquanto ele ainda me puxava. —Não!

Ele parou ao ver meu desespero e quase sorriu quando olhou para mim. Passou os dedos pelas minhas bochechas, secando lágrimas que eu nem sabia que havia chorado.

—Relaxa. —Ele sussurrou. —Não é para gente, eu não vou fazer nada com você sem você... se convencer que quer.

Eu concordei com a cabeça e, naquele momento, eu sei que eu teria confiado a minha vida a ele, se ele pedisse.

Então ele me arrastou, não para o motel, mas um pouco mais além, em um prédio rico onde eu já havia entrado por causa de uma festa que o Theo dera. E, então, nós entramos e nos dirigimos —depois do porteiro ter reconhecido Erick —ao mesmo andar da festa que eu havia ido. Meu coração estava totalmente disparado e eu não sabia exatamente o que eu estava fazendo ali.

O elevador nos deixou dentro do apartamento, como na maior parte dos prédios ricos. Erick me deu um beijo na testa e apertou minha mão com força.

Eu não sentia meus pés no chão.

Eu sei que meus olhos arregalaram naquele momento, mas eu não sentia nada. Eu encarava as roupas que eu havia visto Theo sair de casa naquela tarde jogadas no chão da sala, misturada a um vestido rosa que parecia extremamente decotado, tanto na frente quanto nas costas, que o tornava horrendo de se usar. A vontade de chorar retornou enquanto eu entrava na sala e via a bagunça das roupas que havia sobrado, o vinho aberto. Erick ficou no elevador, esperando.

Respirando fundo, eu continuei adentrando o apartamento e achei a porta do quarto entreaberta. Mal segurando as minhas lágrimas, eu empurrei a porta do quarto e vi o que eu estava esperando ver. Theo estava com uma garota ruiva na cama e ele parecia estar dormindo, abraçado a ela. Eu soltei um urro de frustração que o acordou e corri de volta para o elevador.

—Mari? —Eu ainda ouvi a voz dele perguntar, abafado pela porta do quarto.

Assim que alcancei o elevador, Erick apertou o botão do hall sem falar nada. A porta se fechou, ainda dando tempo de Theo chegar a porta do quarto e me encarar assombrado por me ver ali. Eu não precisava dizer nada, eu esperava que ele soubesse que havia acabado. E, por mais que eu quisesse esse fim, ser traída era algo que corroía todo o meu interior e me fazia sentir-me cada vez pior.

Violada e traída. Homem nenhum parecia saber me tratar decentemente. Eu talvez nem merecesse ter uma vida.

—Me desculpe —Erick sussurrou —Eu não aguentava mais ele te fazendo de idiota...

Eu não pude responder ou vê-lo falar mais qualquer coisa sobre isso. O elevador abriu ao hall e eu saí desabalada de volta ao gramado do colégio, eu precisava sair dali e eu sentia o olhar e o passo desesperado de Erick às minhas costas, mas ele me deixou. Deixou que eu fizesse o que eu quisesse e senti que eu não queria a companhia dele. Eu não queria a companhia de ninguém.

Cheguei tropeçando à mureta onde eu conseguira distinguir Alan, sozinho, fumando um cigarro que —pelo cheiro —era maconha. Minha frustração foi transportada para a raiva por vê-lo se acabando com aquilo.

—SERÁ QUE VOCÊ NÃO PODE PARAR DE FUMAR ESSA MERDA?
—Eu gritei para ele, antes até que ele percebesse a minha aproximação.

Arranquei o cigarrinho da mão dele, joguei na grama da entrada e pisei em cima, ainda arfando pelo momento de raiva repentina. Alan levantou as mãos ao ar e eu vi que ele estava quase fazendo força para tentar parecer são.

—Ok, eu prometo que não fumo mais nada se isso te deixa com tanta raiva assim —Ele disse.

Suspirei, passei a mão pelo meu cabelo e olhei em volta, Erick olhava para a cena preocupado, mas distante. Voltei-me para Alan.

—Cadê o carro? —Perguntei.

Ele deu de ombros.

—Com o motorista no estacionamento, talvez.

Concordei com a cabeça e, assim que virei as costas para ele, voltei a chorar. Procurei, pelo estacionamento, a limusine que era nossa e, logo em seguida, estava eu, dentro dela, sendo guiada para a praia mais próxima. A viagem demorou um pouco mais de vinte minutos e o motorista me levou para

uma praia mais afastada que estava praticamente deserta. Foi melhor assim.

Eu abandonei minha bolsa e meus sapatos dentro do carro e me sentei na areia, admirando o mar. Eu ouvi claramente quando o som da moto de Erick se extinguiu às minhas costas, mas não me movi.

Theo tinha outra, ele me usava como Erick havia dito. Eu era um nada, eu não tinha sorte alguma, violada e traída, usada, usada. E eram as palavras que se repetiam enquanto eu urrava de tanto chorar, abraçando as minhas pernas. Erick esperou que meus soluços se tranquilizassem antes que se sentasse ao meu lado na areia. Eu suspirei e fiz a pergunta que estava dominando meus pensamentos.

—Há quanto tempo?

Ouvi Erick suspirar e eu senti que ele estava totalmente desconfortável com isso, mas eu sabia que ele me responderia sinceramente e eu precisava saber.

—É um hábito dele —Ele murmurou —Ele sempre teve muitas garotas ao mesmo tempo e não parou depois que começou a sair com você...

Concordei com a cabeça.

—Desde sempre, então.

Tentei parecer forte, mas não é muito fácil parecer qualquer coisa além de arrasada quando você descobre que está sendo traída pelo cara que você acha que gosta e que é correspondia. Principalmente quando você se sente culpada por beijar —E SÓ BEIJAR! —um outro cara por quem você sente seu coração bater mais acelerado e, principalmente, quando é esse cara que te conta e te apoia. Desabei em lágrimas e Erick me acalentou, passando os braços pelos meus ombros e me fazendo chorar em cima da sua camisa branca e cheirosa. E esperou pacientemente que eu acabasse.

Assim que ele percebeu que eu havia parado de chorar, ele me afastou docemente e forrou o paletó na areia e deitou, puxando-me para deitar-me em seus braços. Eu suspirei e soltei um sorriso doce, sentindo que nem tudo parecia tão errado assim e que talvez eu merecesse viver e que, talvez, Erick não fosse assim tão mal quanto os outros se eu lhe desse uma chance.

—Não queria te fazer chorar —Ele sussurrou para mim —Me desculpa, mas eu não estava mais aguentando vê-lo fazendo você de boba... E você querendo ficar comigo, mas não fazendo porque... estava com ele.

Concordei com a cabeça, ficando cada vez mais devagar por causa do perfume dele e por causa do jeito que o cabelo dele havia ficado despenteado depois de andar de moto e me perguntei se ele havia esquecido o capacete —que perigo! —por minha causa. Corei, envergonhada, por talvez fazê-lo ficar tão

preocupado.

—Tudo bem —Murmurei com a voz rouca de tanto chorar.

Nós ficamos em silêncio, apenas encarando as estrelas daquela noite de céu limpo sem falar nada. Eu podia ouvir seu coração batendo acelerado e eu estava achando que aquela era a melhor música do mundo inteiro. Eu sentia os dedos dele acariciando meus cabelos e isso me dava arrepios que eu não conseguia descrever.

Em dado momento, ele olhou para mim e eu não conseguia encará-lo devido a intensidade do olhar. Eu sentia o coração dele totalmente disparado e o meu disparou em resposta, mesmo sem saber do que se tratava.

—Eu acho que eu sei de uma coisa que você ainda não descobriu —Ele disse, depois de algum tempo, o nervoso já estava me consumindo por causa da espera. Olhei-o inquisidoramente e ele sorriu, virando-se para olhar para o céu —A gente vê o quanto uma pessoa gosta da outra pelo brilho do olhar dela... — Ele suspirou e olhou para mim. Não, não exatamente para mim, ele olhou no fundo dos meus olhos e abriu o sorriso mais lindo que se pode imaginar — Quando você olha para o Theo, seus olhos brilham como aquela estrela —Ele apontou para uma estrela qualquer, sem nem ao menos olhar —Mas quando é para mim... Eu diria que —Ele apontou para a estrela mais brilhante no céu — aquela estrela fica envergonhada.

Eu continuei encarando-o, meio embasbacada com a velocidade das coisas e com as coisas que ele havia me dito e foi completamente impossível resistir quando seus lábios se encostaram aos meus...

Image

Eu senti seus lábios moldarem para beijar os meus e logo sua língua estava passeando pelos meus lábios, pedindo passagem. Não hesitei em concedê-la. O braço de Erick que estava embaixo da minha cabeça escorregou drasticamente por ela enquanto ele tentava levantar o corpo para ficar sobre mim. Sua mão permaneceu em minha nuca, acariciando meus cabelos por ali e, com isso, ele foi tornando o beijo cada vez mais doce —se isso era possível. Ele apoiou a outra mão na areia e sustentou o corpo, tirando seu peso de cima de mim (e só por isso que eu reparei que ele havia se apoiado) e seus lábios se estalaram nos meus quando ele se afastou.

Eram totalmente incríveis e indescritíveis as sensações que os olhos azuis brilhantes de Erick provocavam em meu corpo só de olhar aos meus. Eu não entendia como era possível tudo estar revirando e tremendo e se arrepiando só por aquela simples troca de olhar —caham, numa posição ótima, devo dizer -, como se nada mais no mundo importasse ou tudo na minha vida tivesse acontecido para me levar àquele momento, só para aquela simples troca de olhares envolventes quando os olhos de Erick pareciam mais perfeitos para mim do que qualquer coisa naquela paisagem. E a Lua refletida no mar ou o céu limpo e cheio de estrelas eram mero acaso, algo que a gente olhava e era só por olhar. Toda a beleza estava ali, naqueles dois pontos azuis de luz límpida, sincera e brilhante. Tão brilhante quanto —ou até mais —ele falaria que os meus estavam.

—Não quero —Ele sussurrou —Fazer isso se você não quiser.

Eu estremei, com a voz rouca dele fazendo a pergunta clara. Eu teria que responder de qualquer forma. Eu tinha acabado de "terminar" com Theo porque ele havia me traído durante todo o nosso relacionamento e ali estava, na minha frente, o garoto que vinha povoando, pouco a pouco e cada vez mais, meus pensamentos. E ali estava o momento que eu ansiava. Eu estava livre e desimpedida (talvez um pouco borrada, mas eu não tinha um espelho para me

olhar), linda no meu vestido mais bonito e lá estava ele, todo maravilhoso como só ele podia ficar com blusa social. Mas eu apostava que ele ficaria muito melhor sem ela e eu queria vencer minha aposta *logo*.

Eu me apoiei com os dois antebraços no paletó dele e levantei meu corpo de modo que encostasse no dele suspenso. Encarei-o mais de perto, como se aquilo fosse uma droga que eu queria por inteiro. Perdi um pouco o foco por tê-lo tão perto de mim e por sua respiração estar batendo em meu rosto, me deixando completamente tonta. Tentei manter o olhar no dele enquanto ele me encarava avidamente, o rosto sério, sem mostrar emoção alguma, quase que esperando que eu fosse cruel e dissesse que não queria *naquela posição*.

Desviei o olhar do dele, com um sorriso um pouco malicioso e, sem jeito, levantei ainda mais meu corpo e virei um pouco o rosto para o lado, fechando os olhos para que nossos lábios se encontrassem. Erick me correspondeu com fervor, mas nem eu e nem ele tentamos deitar outra vez, como se estivéssemos esperando que o outro fizesse isso primeiro. Então, Erick encerrou o beijo e, mesmo que eu estivesse ofegante e de olhos fechados, eu sabia que ele me encarava, eu sabia que ele esperava a minha primeira reação, mas eu não conseguia reagir. Eu não conseguiria dizer não para nenhum dos beijos dele nunca. Era impossível e inacreditável o que ele conseguia fazer com todo o meu corpo —eu me sentia uma gelatina!

—Eu não quero que você se arrependa —Ele soprou em meu rosto e meus braços quase cederam, me fazendo cair na areia —Eu quero que você pense. — Eu abri meus olhos e estremeci com a intensidade do olhar dele. —Eu sei que você não é garota para hoje e eu não quero que seja assim, então eu quero que você pense nas consequências que isso pode causar.

Pensar! Como ele queria que eu pensasse com aquele olhar maravilhoso me encarando? Como eu poderia pensar com o corpo dele tão encostado no meu, quase como se fôssemos um só? Como eu poderia pensar em futuro se eu sequer conseguia manter minha respiração com as lembranças tão fervorosas dos beijos dele e de suas mãos passeando em meu corpo?

—Eu não sei o que pensar —Eu me ouvi falando palavras que eu não havia pensado. Era como se tudo fosse mais fácil com ele, eu podia falar o que eu estava pensando e a presença dele me impunha isso —Eu não sei o que eu estou fazendo agora. E eu não me importo. A única coisa que eu sei é que, nesse último mês, você andou passeando e me provocando nos meus sonhos, e nenhum deles foi bom o suficiente para ser comparado com isso. Eu só sei que eu não

vou me arrepender de qualquer coisa que façamos hoje amanhã. Eu quero tudo agora, depois pensamos no...

Não consegui terminar a frase, Erick avançou contra mim, me beijando tão loucamente que nós dois caímos em cima do paletó —ele sobre mim, quase me deixando sem ar (como se eu ligasse!). Grunhindo, eu passei meus braços pelo seu pescoço, impedindo que ele se afastasse de mim, mesmo que quisesse, até que eu tivesse certeza de que ele não iria fugir. Ele mordeu meus lábios, encerrando um dos nossos beijos infinitos e eu, revirando os olhos, deixei que a moleza do meu braço o escorregasse até que minhas mãos estivessem uma de cada lado do meu rosto. Abri os olhos, meio nublada de prazer e encarei-o com um sorriso idiota no rosto enquanto me dava selinhos um atrás do outro, quase que como se pedisse desculpas por ter me mordido. Eu pensei que eu talvez devesse dizer para ele que eu havia gostado, mas estava tão bom...

Senti suas mãos nos meus quadris, apertando-os contra seu pênis, já em estado de excitação e eu acabei gemendo baixinho e fechando os olhos, novamente. Em resposta a isso, ele largou meus lábios e foi descendo os beijos pelo meu queixo, enquanto eu havia jogado minha cabeça para trás, até alcançar meu pescoço. Senti seus lábios sugando e beijando toda a extensão do meu pescoço e seus dentes, de momentos em momentos, me mordiam e lanhavam levemente meu pescoço. Eu me perguntava como aquilo poderia ser tão bom.

Ao mesmo tempo que ele afundava seu rosto em meus cabelos, tentando alcançar alguma parte do meu pescoço que ainda não havia ganhado tratamento de luxo pelos seus lábios, suas mãos desceram até meus joelhos e os afastaram para que ele pudesse encaixar-se entre as minhas pernas. Naquele momento, eu estava completamente insana e sem ar. Eu era o que aquele momento me fazia ser e não me importava com mais nada, nem que tivessem outras pessoas na praia.

Outras pessoas na praia.

Senti suas mãos puxando meu joelho para que se dobrasse e depois descendo, por debaixo do vestido, puxando-o um pouco para cima. Olhei para o lado inverso ao que ele beijava meu pescoço, procurando ver se havia alguém na praia e, na minha busca, não reparei no desespero que Erick se encontrava com a minha roupa.

—Pelo amor de Deus, como se tira esse vestido? —Ele me perguntou, com as mãos por baixo de mim, procurando o zíper. Eu encarei-o, meio amedrontada e ele sobressaltou-se, ajoelhando-se entre as minhas pernas —Que foi? —

Questionou —O que houve? Você não quer mais?

Neguei com a cabeça, apoiando-me nos braços para me levantar e olhando para trás, não conseguia ver ninguém, nem meu motorista, mas a possibilidade de que alguém nos visse me dava calafrios.

—Estou com medo de alguém nos vir... —Murmurei —Não estamos num estado muito agradável para sermos vistos.

Erick riu do meu medo e aproximou o rosto do meu, me dando um selinho longo e delicioso.

—Eu tenho uma ideia —Ele sorriu para mim, com aquele olhar que fazia ser impossível não confiar a vida a ele —Mas, antes, você vai ter que me mostrar como abre esse vestido... E me ajudar com a minha roupa, também.

Eu sorri idiotamente para ele e girei, ficando de costas para que ele pudesse enxergar o zíper do vestido e joguei meu cabelo para a frente para facilitá-lo. Estremeci e arrepiei, sentindo seus lábios beijarem minha nuca lentamente enquanto sua mão descia meu zíper para abri-lo. Eu me arrepiei toda e completamente com o toque leve dele nas minhas costas nuas. Ele escorregou meu vestido até minha cintura, me deixando apenas com o Top preto que eu usava por baixo do vestido como sutiã e me puxou pela cintura para que eu encostasse minhas costas no peito dele.

Sentei em cima do pênis dele, completamente excitado e gemi baixinho só de imaginar que ele estaria dentro de mim em breve. Muito em breve, se dependesse de mim. Erick escorregou as mãos pelo meu ombro em direção à minha barriga, se demorando algum tempo em meus seios, apertando-os e acariciando-os antes de alcançar a barriga. E por lá ficou, enquanto eu jogava minha cabeça pelo seu ombro e ele beijava meu pescoço, deliciado.

—Você é linda demais para ser real —Ele sussurrou com a voz rouca tão próxima do meu ouvido que eu senti como se fosse desmaiar. —Eu só posso estar sonhando de novo...

De novo. Ele sonhava comigo.

Suspirei, meio enlouquecida e senti Erick me puxando lentamente enquanto escorregava meu vestido para longe das minhas pernas. Antes que eu notasse, estava meio deitada no colo dele e sorri abobalhada para o sorriso abobalhado dele.

—Quando que seu plano vai começar a funcionar? —Eu perguntei, então voltando a me preocupar se alguém estava nos vendo assim que ele parou de beijar meu pescoço.

Ele riu baixinho e levou os lábios aos meus.

—Assim que você me ajudar com a minha roupa, o que acha?

Eu sorri, idiota, e mordi os lábios enquanto minhas mãos trêmulas encaminhavam-se para abrir o primeiro botão da blusa dele. Então tudo pareceu mais simples e mais fácil. Meus lábios foram ao pescoço dele, tentando fazer com que meus beijos cobrissem ao menos dois por cento dos que os dele haviam coberto, mas foi irresistível não deixar meus lábios percorrerem o mesmo caminho das minhas mãos. Eu sentia Erick arfar e respirar com dificuldade quando minhas mãos chegaram à braguilha da calça dele e meus lábios estavam em sua barriga.

Eu só tive tempo para desabotoar a calça antes que ele me puxasse para beijar-me os lábios novamente. Escorreguei para o colo dele, deixando-o ficar entre minhas pernas e sentindo sua excitação roçar em minha vagina. Eu quase urrei, não estava aguentando mais nada daquilo, eu precisava dele logo, mas Erick parecia estar curtindo cada segundo e não estava muito preocupado, nem com pressa, então passei meus braços pelo pescoço dele com força e aprofundei o beijo de modo que ele pudesse perceber meu estado. Foi totalmente óbvio que ele havia percebido pela maneira que suas mãos correram pelo meu tronco e firmaram-se em minha cintura para me levantar.

Concentrada em beijar o pescoço dele, eu só senti para onde tínhamos ido quando senti uma onda se quebrar em minha cintura, quando ele agachou-se levemente, me apertando com mais força contra seu corpo.

Joguei minha cabeça para trás, molhando meu cabelo e encontrando Erick sorrindo abobadamente para mim. Abri um sorriso para ele e beijei-lhe os lábios, muito mais confortável agora que estava tudo sendo disfarçado por namorados-tomando-banho-de-mar-à-noite. Senti as mãos dele dando um jeito de fazer meu top escorregar para baixo, mas percebi que ele estava completamente embolado e não consegui. Encostei meus lábios no dele e sussurrei:

—Me segura firme, está bem?

E com um aceno de cabeça dele e suas mãos apertando minha cintura com mais força, eu soltei seu pescoço e puxei meu top por cima da cabeça, largando-o de qualquer jeito no mar, não me importando que eu nunca mais o veria. Naquele momento, eu só via e sentia Erick —e todo o resto do mundo era só resto.

Eu vi o olhar encantado de Erick e volvei minhas mãos para o pescoço dele, para me manter, apenas um segundo antes que as mãos dele viessem acariciar

meus seios, agora descobertos e ele tentou beijá-los por um momento sublime que eu vi estrelas —mas não eram as que estavam no céu —, mas acabou por quase engolir água demais e desistir.

Quando seus lábios vieram me beijar novamente, eles estavam salgados da água do mar e o beijo foi muito mais interessante e delicioso que qualquer outro em toda a minha vida. Puxei seus cabelos levemente, completamente envolvida no beijo, enquanto sentia sua mão escorregar pelas minhas costas até adentrar pela minha calcinha e acariciar e apertar minha bunda sem pudor algum. Mordilhei o lábio, suspirando, quando senti que ele começava a empurrar minha calcinha para baixo e eu desenlacei minha perna da cintura dele para que ele pudesse tirá-la por completo. Carinhosamente, Erick me deu um selinho e mergulhou, aparentemente amarrando minha calcinha no meu pé, para que o mar não a levasse como havia feito com meu top e eu sorri idiotamente por um momento, antes que quase uryar de prazer sentindo-o beijar e sugar meu clitóris antes que o ar lhe faltasse e tivesse que subir. Como se ele fosse conseguir muito ar comigo por perto.

Enquanto nossas línguas pareciam ocupadas demais para que nós fizéssemos qualquer outra coisa, Erick me surpreendeu, puxando-me para envolver sua cintura com as minhas pernas. E mais me surpreendi ao sentir que a boxer que ele usava havia desaparecido magicamente enquanto eu estava distraída achando que ele também estava distraído com o nosso beijo enlouquecedor.

Foi como uma flecha de tremenda rapidez, como um quase atropelamento de adrenalina e nada em comparação em prazer poderia ter descrito a forma com que ele me apertou pela cintura e me penetrou. Meu gemido saiu completamente pasmado e abafado pela surpresa de quão bom aquilo parecia ser e, mesmo que eu não quisesse fazer comparação alguma —porque de fato não havia como-, mil vezes melhor do que qualquer outra relação que eu havia tido com Theo.

Meneando a cabeça para o lado, tentando não uryar de prazer enquanto eu sentia Erick me penetrar e me apertar e me morder, eu finalmente entendi porque existiam pessoas ninfomaníacas. Aquilo era excessivamente bom e totalmente viciante. Apertei minhas unhas contra seus ombros, grunhindo para não gemer mais alto e simplesmente parei de pensar, envolvida demais com as sensações provocadas ao meu corpo para me preocupar com algo tão complexo quanto isso.

O mar se quebrava à minha volta, a água morna parecendo bater na gente e

voltar em forma de pequenas ondinhas no mar calmo. Meu corpo roçando no de Erick, os beijos, os gemidos roucos de Erick em meu ouvido...

Puxei os cabelos dele com mais força que deveria, completamente descontrolada pelo prazer provocado pelos movimentos de vai-e-vem fortes e firmes que ele fazia. Seu pênis parecia me preencher, parecia que nós tínhamos sido feitos apenas para viver aquele momento insano de prazer. Gemi e comecei a ajudar Erick, me movimentando contra ele e acabei dando-lhe trabalho, jogando meu corpo para trás até ser atingida por uma onda —o que fez Erick perder um pouco da concentração do que estava fazendo para rir da minha cara, cuspidando água.

Foi só por alguns segundos, porque quando eu me recompus, nós nos olhamos e toda aquela tensão do momento retomou quando nossos lábios se encontraram mais uma vez e, desta vez, eu me movimenteiei contra Erick, controlando os movimentos enquanto ele apertava a minha cintura e me guiava, me ajudando a manter a cabeça e continuar me movimentando.

Se fosse possível morrer de prazer, eu acho que teria morrido sentindo minhas coxas roçarem em sua cintura, suas mãos me apertando na cintura e me impelindo a me movimentar contra a seu membro rígido, me enchendo totalmente de prazer.

E com uma súbita onda de excitação mágica, primeiro eu e logo seguida por ele, acabamos cheios de prazer para continuar e agarramo-nos um ao outro para que não desabássemos com o cansaço que se seguiu os gemidos altos e incontroláveis que indicavam que havíamos alcançado, cada qual em sua vez, ao máximo do clímax.

Um pouco descontrolada e sentindo todo o meu corpo mole e ainda reflexos de prazer e ainda abobalhada por senti-lo dentro de mim, mesmo que sem movimento algum, eu abracei-o com mais força, como se estivesse com medo de que o mar me levasse para longe e me acordasse daquele sonho tão sublime e encantado. Eu sabia que demoraria algum tempo para perceber que era real e estava disposta a gastar quanto tempo fosse, me empenhando em descobrir o que eu fizera certo, na minha vida, para merecer aquilo. Apenas para fazer de novo e conseguir sentir tudo que eu estava sentindo por aquele garoto tão incrivelmente fofo.

Oh, céus, eu estava apaixonada. Tão tola, tão boba. A-P-A-I-X-O-N-A-D-A.

Minha descoberta me deu uma vontade louca e incontrolável de beijar Erick

todo e eu comecei pelo pescoço, subindo para a orelha e ele retribuiu os beijos, rápidos e descontrolados, pelo meu pescoço até quando pôde, porque eu me pus a beijar suas pálpebras fechadas enquanto ele sorria abestalhado pelo meu carinho desesperado. E foi mais ou menos aí que nossos lábios se encontraram, calmos pela primeira vez. E eu senti que o sentimento dele era totalmente verdadeiro e era compatível com o meu. Eu não era a única tola e é ótimo ser tola quando há alguém para se compartilhar tolices apaixonadas na praia à luz do luar.

Ele encerrou o beijo e encostou o nariz no meu. Eu fui incapaz de abrir os olhos por um tempo, apenas sorrindo apaixonada e admirada com tudo que estava acontecendo —e rápido demais para que eu pudesse absorver com facilidade. Tomei coragem para abrir os olhos e encarei aqueles azuis envolventes e me senti completa. Era isso. Era isso que faltava na minha vida e eu o tinha agora, só não poderia chutar por quanto tempo, então eu aproveitaria aquela noite o máximo que pudesse.

Nós ficamos apenas nos encarando por um tempo, e eu me acabei por me perguntar o que ele poderia estar pensando... Que eu era fácil, que eu só havia dormido com ele porque estava carente... Eu nunca teria acertado.

—Você é perfeita demais —Ele sussurrou, jogando meu cabelo para atrás da orelha e me abraçando mais apertado —Nem nos meus melhores sonhos...

Ele não conseguiu terminar o raciocínio, mas eu não me importei, distraída demais com um novo beijo e depois outro e mais outro. Tudo era completamente diferente com Erick e eu me perguntei porque ele não havia surgido antes na minha vida.

—Você...

Eu tentei articular uma frase, mas eu fracassei totalmente perdida nos olhos azuis de Erick e ele sorriu longamente, percebendo o efeito que havia causado em mim. Ele beijou a ponta do meu nariz e continuou acariciando a minha cintura docemente.

—Vamos sair da água? —Ele perguntou, parecendo bem mais sensato que eu —Eu já estou enrugado demais.

Achei engraçado e ri. A contragosto, desmontei do colo dele e me agachei, vestindo a minha calcinha enquanto ele se vestia com a boxer dele. Foi naquele momento que eu percebi que meu top não estava em nenhum lugar ali perto e que aquilo era um mar e não o chão do quarto onde a gente joga as coisas e depois as encontra no mesmo lugar.

—Erick, eu... —Virei-me para ele depois da minha busca desesperada pelo meu top e pisquei, encontrando-o já na areia, sacudindo a camisa que vestia para tirar a areia que havia nela.

Mil coisas se passaram na minha cabeça naquele momento, mas a que pareceu me dominar era a teoria de que ele havia feito isso de propósito, havia me usado como eu temia e agora me largaria seminua no meio do mar. É claro, eu só estava sendo boba porque, no segundo seguinte, eu percebi que Erick não estava sacudindo a areia da blusa e sim me chamando para vesti-la e, ao reparar no meu desespero, ele havia voltado a água e agora a segurava estendida até um lugar onde eu poderia ir agachada.

Ele mesmo me vestiu e fechou todos os botões com uma calma e com um cuidado tão impressionante que eu só pude encará-lo enquanto o fazia, totalmente abobalhada. Ele terminou, lançou um sorriso estonteante para mim e puxou-me pela mão até a areia.

—Está frio agora, não? —Ele me perguntou.

Estava. Era meio de outubro e estava começando a ficar realmente frio.

—É —Eu monossilabei.

Ele passou os braços pelos meus ombros e eu o abracei, totalmente encantada.

—Você veio de limusine, não é? —Perguntou. Concordei —Podemos ir para lá.

Neguei veemente com a cabeça.

—O motorista.

Erick fez uma careta e me puxou para continuar a andar de volta para onde havíamos abandonado nossas roupas. Ele mesmo as recolheu sem tirar as mãos de mim, mesmo que houvesse escorregado do meu ombro para minha mão direita.

—Tive uma ideia —Ele disse.

—Outra ideia? —Eu achei graça.

Ele abriu um sorriso maravilhoso e eu acabei acompanhando-o.

—A primeira deu certo, não? —Me perguntou. Concordei, ainda sorrindo feito idiota. Ele me passou meu vestido e vestiu o paletó sujo de areia assim mesmo —Já volto.

Concordei com a cabeça e aguardei-o, vendo-o ir em direção ao estacionamento onde a limusine havia ficado. Fiquei sozinha, com meus

pensamentos. Eu não queria ter que pensar no que eu estava fazendo porque eu sabia que iria contra as coisas que eu acreditava e havia muito o que se considerar. Eu sabia que no momento em que eu me despedisse de Erick, minha cabeça iria maquinar desculpas e iria inventar milhares de motivos para que não ficássemos juntos e eu queria adiar isso o máximo que pudesse, então, suspirando e assustada, caminhei de volta ao estacionamento e cheguei a tempo de ver uma moto sair.

A princípio, entrei em pânico novamente, achando que Erick havia ido de novo, mas ele estava lá outra vez, ao lado da limusine e acenando freneticamente agora que havia me visto ali. Caminhei até ele, tentando entender o que havia acontecido, mas fui incapaz. Ele me abraçou e abriu a porta da limusine para que eu entrasse antes de me dizer sequer uma palavra. Sob o meu olhar inquisidor, já dentro da limusine, ele cedeu.

—Eu falei para o motorista voltar com a minha moto —Disse, revirando os olhos enquanto se deitava de qualquer jeito na poltrona-sofá da limusine —Ele não ficou muito feliz com isso, mas... —E o que você está esperando?

Eu estava em pé, encarando aquele corpo maravilhoso enquanto meu coração batia aceleradamente. Ele deu tapinhas no banco da limusine, ao lado dele onde eu deveria me deitar e eu sorri, fazendo o que ele queria. Ele segurou-me pelo queixo e me deu um lento e doce interminável beijo apaixonado, me fazendo suspirar... idiotamente, mais uma vez. Erick mantinha seu braço me segurando fortemente pela cintura para que eu não caísse no chão da limusine e continuou a me dar beijinhos no pescoço e beijos completamente envolventes. Eu não queria que isso acabasse, eu poderia ficar ali para sempre sem que notasse que o tempo passava.

Mas ele passava. E era cruel, sempre fora.

Acaricieei o rosto de Erick e ele fechou lindamente os olhos —e eu só me sentia cada vez mais envolvida com ele. Vi-o suspirar e abraçar fortemente minha cintura, levando meu corpo totalmente de encontro ao dele. E nós ficamos assim, abraçados por um bom tempo, apenas sentindo a respiração do outro e ouvindo nossos corações batendo em conjunto, quase como se tivessem sido programados para baterem assim, um em eco do outro. De tempos em tempos, eu sentia um pequeno beijinho em meu pescoço ou em meu queixo e eu lhe beijava a testa e as bochechas em intervalos menores ainda. Eu sabia que faltava pouco para que o primeiro de nós caísse no sono e eu não queria que aquilo terminasse assim, então falei a primeira coisa que me veio à cabeça:

—Espero que ao menos consiga voltar ao time —Eu sussurrei.

É claro, não foi uma escolha muito acertada e o assunto nem ao menos era agradável, o que me leva a crer que a primeira coisa que nos vem à cabeça nem sempre é a melhor. Ok, com certeza não é melhor. Conclusões tiradas pela face divertida de Erick ao me encarar após essa frase mal acertada. É, eu devia ter pensado duas vezes.

—Eu nem me lembrava mais disso... —Ele me respondeu, com um sorriso sincero. E eu achei que o assunto morreria ali, mas, para minha surpresa, ele continuou —Isso é tão injusto! —Reclamou.

Eu franzi as sobrancelhas, mas ele só ficou rindo da minha cara.

—O que é injusto? —Perguntei.

Ele acariciou minha cintura com um sorriso fofo.

—Você fica tão melhor que eu com essa blusa! —Exclamou.

Eu ri e lhe dei um selinho.

—Não sei se eu posso concordar com isso.

Erick apenas sorriu e me deu mais um daqueles longos, doces e apaixonados beijos com os quais eu nunca me acostumaria, nem em mil anos. Eu sabia que aquelas borboletas na minha barriga não sairiam dali tão cedo e ela só gostavam de bater as asas para Erick, mais ninguém. Devia ser algo como imãs que a presença de Erick exigia que elas fizessem isso... Talvez nunca entenda como isso funciona e, quer saber? Não me importo!

Depois de mais um tempo de silêncio com o qual eu já havia me conformado que iria acabar dormindo e não me parecia tão mal assim dormir nos braços de Erick, ele mesmo o interrompeu:

—Eu queria... Te perguntar uma coisa, mas eu não... sei como.

Ai meu Deus. Eu devo ter piscado desesperadamente com a possibilidade que eu pensei. Eu estava entrando em pânico, ele não podia, de verdade, me pedir em namoro agora. Era inviável dizer que eu negaria, mas eu não podia aceitar, nada era certo... Mas, mesmo assustada, eu encorajei-o a continuar.

—Você pode me perguntar o que quiser, Erick —Sussurrei.

Ele parecia nervoso e eu, nervosa por ele, para ajudá-lo, comecei a passar minhas mãos em seus braços, como se isso fosse o acalmar —e talvez tenha feito, porque ele suspirou e finalmente falou, mas não foi o que eu esperava:

—É que você... Você pareceu tão encantada comigo a noite toda e eu estive pensando... com medo, na verdade, porque se tivesse sido... bom, não foi sua

primeira vez, foi? Porque, bom, você estava com Theo, então eu pensei que... bom, você tivesse feito isso com ele porque você passava noite lá e... Bom, foi com Theo, não foi?

Aquelas palavras, mesmo que tão desesperadas que soava fofo, me fizeram lembrar daquela noite infeliz. Eu me retraí completamente e não sei como, no segundo seguinte, eu estava sentada no outro lado do sofá, completamente encolhida e com lágrimas nos olhos, enquanto me balançava levemente. Suja, impura, eu não merecia aquele garoto completamente perfeito que me encarava perguntando o que ele havia dito de errado e implorando que eu esquecesse a pergunta que ele havia feito. Com lágrimas já escorrendo pelo rosto, eu me virei para ele, meio irada e lhe respondi:

—Não, não foi o Theo.

Quase lhe perguntei se estava satisfeito com isso, mas ele estava tão nervoso com seus próprios pensamentos e tão com medo que tivesse sido minha primeira vez que a pergunta seguinte dele foi incompressível para mim, mas parecia haver algum significado porque ele a repetiu.

—Foi o Matt?

Matt? Busquei na memória. Matt, Matt Bennet. Um garoto que parecia ser um ano mais novo que nós dois e parecia receber dinheiro de Theo para fazer algumas tarefas, às vezes, porque ele não as pedia a Erick porque o detestava. Garoto com quem Erick havia brigado e motivo de Erick não estar mais no time de futebol da escola.

—Matt? —Eu repeti confusa, tentando entender o porquê de ele ter tomado aquela decisão. Aquela pergunta inesperada havia apagado momentaneamente a causa da minha crise anterior.

Erick se sobressaltou com a minha surpresa autêntica e começou a me pedir desculpas intermináveis.

—Me desculpa, por favor, eu não queria...

Eu não entendia se ele estava pedindo desculpas pelas perguntas ou por achar que havia tirado minha virgindade —que seria uma coisa que eu gostaria que tivesse acontecido de verdade. Eu levantei a mão, pedindo para que ele parasse e eu o vi engolir o que já ia falar e esperar pelo que eu queria.

—O que... Levou você a tirar essa conclusão sobre esse... Matt? — Perguntei.

Erick parecia estar quase em uma crise de pânico. Devia ser um estado muito parecido com o meu, mas eu havia aprendido a contê-lo dentro de mim e

Erick não parecia saber lidar com isso. Eu percebia que ele respirava com extrema dificuldade e parecia espalhafatoso demais. Esperei o tempo dele, esperei que se acalmasse para me responder.

—Eu... O ouvi dizer, uma vez que ele... Foi muito duro, eu não posso te falar isso —Eu continuei encarando-o e ele soltou um suspiro derrotado —Eu bati nele por causa disso, ele estava falando a plenos pulmões, para os amigos dele... Eu ouvi por acaso, estava passando... Ele disse que havia... *arrancado o seu cabaço*.

Minha crise deve ter começado nesse momento, porque fora aí que começaram os pedidos de desculpas intermináveis de Erick. Eu sentia meu corpo tremer e eu não sabia se era de ódio ou se eu estava assustada ou qualquer outra coisa. Eu me sentia encharcada e não podia mais ser do mar, embora a água fosse tão salgada quanto. Erick tentou me abraçar, mas no meu pânico, eu acabei estapeando seu braço e caindo no chão da limusine para me afastar dele. E voltei a mim quando encarei seus olhos azuis assustados e magoados por me ver naquele estado.

O que eu estava fazendo, afinal? Estapeando Erick? Deixando meu medo me dominar o suficiente para fazer uma coisa daquelas. Eu não merecia estar na companhia dele, eu era suja. Ele todo preocupado em ter tirado a minha virgindade e eu —eu! —a garota violada dando crises de pânico por ter descoberto quem havia feito aquilo comigo. E o que eu poderia fazer a não ser ficar chorando? Casa, casa! Era muito constrangedor estar sendo assistida por Erick sendo que ninguém nunca tinha visto nenhuma crise minha por causa daquilo. Eu estava me controlando muito bem, eu estava sendo boa e tudo aquilo tinha mesmo que estar acontecendo comigo? O que eu fiz?

—Me leva para casa —Eu sussurrei, fraca.

—Mari, eu...

—ME LEVA para CASA AGORA! —Eu gritei, descontrolada e em pânico com a minha descoberta. Eu só queria me trancar em meu quarto e chorar até não conseguir mais.

Que dia mais extremista!

Erick chegou a se levantar para assumir a direção do carro, mas ao me ver chorando novamente, hesitou à porta do carro. Eu não queria que ele me visse. Eu queria que ele procurasse qualquer outra garota. Uma que fosse boa o suficiente para ele, porque eu não era! Como eu poderia ser? Eu nunca seria boa para ninguém, eu nunca...!

—Por favor, me desculpa, eu não quis...

Eu estava irada, furiosa —porque eu queria Erick, mas minha conclusão não me permitia merecê-lo —e em pânico e não conseguia parar de chorar. Eu sabia que estava agindo feito uma maluca e ele nem merecia isso, mas era mais forte que eu. Eu não sabia lidar com todos aqueles sentimentos ruins e de ojeriza que eu havia guardado esse tempo todo dentro de mim para que eles não me impedissem de conviver com as pessoas e ter uma vida normal.

—DESCULPA? DESCULPA! —Eu gritei, enlouquecida —VOCÊ NEM AO MENOS SABE O PORQUÊ! E QUER SABER? EU FUI ESTUPRADA! HÁ! AO MENOS VOCÊ BATEU NELE, NÃO É?

E com aquela explosão de fúria, eu me encolhi apenas sentindo o pânico e a vontade de chorar. Não demorei para sentir as mãos de Erick em minha cabeça, me acalutando e, logo, eu estava deitada em seu colo, soluçando e me tremendo.

—Me desculpe, eu não sabia —Ele sussurrou.

Eu não disse nada por um tempo e meus soluços nem me permitiam. Eu deixei que ele tentasse cuidar de mim, que ele me acalutasse, mas eu não estava aguentando mais. Quando eu estava quase conseguindo me acalmar, eu percebi o que eu havia dito a ele e a vergonha veio a mim e a vontade de chorar me dominou novamente. Eu senti o pânico de Erick e eu sabia que ele não sabia o que fazer. Eu só queria ir para casa.

—Me leva para casa, por favor —Eu sussurrei, fraca.

Eu vi a sua sombra concordar com a cabeça e não dissemos mais nada. Ele apenas me levou para casa e foi isso.

Image

Engraçado como na minha vida tudo parecia ter um *time* perfeito para acontecer. Eu ainda estava tentando controlar minha crise de pânico enquanto Erick dirigia em direção à mansão quando meu celular —na minha bolsa, em algum canto longínquo da limusine —começou a tocar. Eu vi o olhar de Erick pelo espelho retrovisor, tentando encarar meu pânico e só respirei fundo e afundei para procurar a minha bolsa. Acabei-a encontrando mais fácil que esperava e logo estava com o celular na mão. Na bina, eu li *Alan*.

—Alô —Atendi.

'Garota, vem para cá agora' A voz que dizia isso era desconhecida. Primeiro pensei que poderia ser um sequestro, mas aí não ligariam para mim... Eu não teria dinheiro. *'Olha só, ele está completamente maluco, ele comprou heroína... Não sei se ele usou, mas ele comprou e...'*

—ELE O QUÊ? —Minha crise de pânico ou se aumentara ou mudara para um desespero contínuo. Erick chegou a diminuir a velocidade para poder prestar mais atenção em mim, então eu respirei fundo —Onde ele está? —Eu soltei, tentando controlar meu desespero.

'Eu acabei de perdê-lo de vista, eu acho que ele foi ao banheiro.' E antes que eu entrasse em pânico novamente, a pessoa respondeu apressadamente: *'No baile! No baile!'*

Eu desliguei, totalmente em pânico. Queria não pensar que a culpa era minha, mas eu o deixara sozinho para ter minha aventura apaixonada com Erick. O que eu pensava que era? Uma princesa da Disney? Cinderela, talvez? Pois é, essa Cinderela tinha um irmão drogado e deveria ter mais cuidado —não em esquecer sapatos —em deixar alguém vigiando o irmão ao sair do baile. E esta Cinderela estava vestida inapropriadamente para voltar ao baile.

—Onde está meu vestido? —Eu tentei não gritar com Erick —Pelo amor de Deus, precisamos chegar o mais rápido possível ao baile!

—Aqui —Ele me apontou o vestido —E ali —E, inacreditavelmente Erick

apontou a entrada da escola no fim da rua. Suspirei aliviada, tentando me vestir o mais rápido possível —O que houve?

Pensei em não dizer nada a ele, mas eu já havia contado o pior que poderia ter dito e estava admirada de ele não ter fugido de perto de mim, mas ele parecia cavalheiro o suficiente para querer me levar até em casa. Adorável.

—É o Alan. —Eu disse meio exasperada tentando terminar de vestir o vestido enquanto Erick tentava estacionar —Alguém me ligou dizendo que ele comprou heroína e sumiu para o banheiro.

Erick largou o carro de qualquer jeito em cima do gramado.

—Veste isso —Ele me jogou o paletó dele e vestiu a sua blusa correndo —Vai ficar mais apresentável.

Como se eu me importasse com apresentação naquele momento, mas eu sabia que meu vestido estava completamente torto. Sai do carro em disparada para retornar ao baile e senti Erick em meu encalço antes que conseguisse identificar o banheiro masculino na multidão. Erick me pegou pelo pulso e me arrastou em direção ao banheiro —que ele sabia onde era porque ele o usava. Entrei no banheiro com Erick sem me importar com o garoto que usava o mictório —que soltou uma exclamação raivosa.

—E agora? —Eu devo ter soado desesperada.

—Vou tentar... —Erick sussurrou. Empurrou as três primeiras portas dos boxes do banheiro e elas se abriram sem esforço, mostrando que não havia ninguém em nenhuma delas. A quarta foi diferente, não abriu até que Erick a chutasse e a cena pudesse assustar nós dois.

E lá estava Alan sentado em cima do vaso sanitário com a tampa abaixada, a seringa apontada para a veia pulsante em seu braço esticado. Ele arfou ao olhar para mim e tirou a seringa de onde estava e eu suspirei aliviada ao ver que o conteúdo ainda estava ali.

—Alan, pelo amor de Deus! —Eu quase o xinguei, mas me segurei.

—Eu não usei, tá? —Ele devolveu, parecendo quase são.

Eu não me importava. E, naquele momento, o medo me dominou. Se ele tivesse feito, se ele tivesse usado... Minhas lágrimas vieram antes que eu pudesse pensar em contê-las. E eu nem ao menos pensei em fingir menos consideração para que ele pudesse esquecer de mim. Eu não conseguia, eu me importava muito com ele.

—Você prometeu —Minha voz saiu falha.

O olhar dele vacilou ao encontrar o meu completamente lívido e lavado

pelas lágrimas. Eu o vi suspirar, quase derrotado e, em seguida, seu olhar ganhou um leve tremeluzido de esperteza.

—Eu prometi que não ia fumar...

Semicerrei meus olhos e andei até ele, ajoelhando-me a sua frente. Eu faria ele me prometer mais além agora.

—Prometa, então —Eu sussurrei —Que nunca mais vai usar droga alguma.

Ele pareceu sem barreiras, eu o vi menear a cabeça para mim e suspirar e pensar. Demorou-se muito em seu ritual e eu não o apressei. Se ele me promettesse, seria o importante.

—Bebidas estão incluídas nesse pacote? —Ele perguntou, parecendo preocupado.

Eu ri de lado.

—Não.

Ele concordou com a cabeça. um sorriso afetado e idiota no rosto. Ele estendeu a mão com a seringa para mim e eu entendi que ele queria ajuda para se afastar daquilo, mesmo que ele não estivesse exatamente querendo dizer aquilo, eu sabia que ele queria.

—Prometo —Ele disse, com a voz fraca e distante.

Eu sorri, sem saber o que fazer com a seringa e me apoiei em seu joelho com a outra mão para me levantar, mas me senti tonta e cambaleei o suficiente para que Erick aparecesse por trás de mim e me abraçasse, impedindo que eu caísse.

—O que foi? —Erick perguntou, tirando a seringa da minha mão antes que eu provocasse o acidente.

Para falar a verdade, eu nem consegui prestar atenção para onde tinha ido a seringa, visto que os braços de Erick haviam dado a volta em minha cintura e seu corpo estava todo e completamente colado ao meu. Respirei fundo, tentando não cair na tentação de deixar-me levar na frente daquelas pessoas —e de Alan —e me afastei levemente. E, por fim, eu sabia que, mesmo que eu estivesse morrendo de vergonha de Erick por ter lhe contado o meu 'segredo', eu não conseguiria evitá-lo por muito tempo. Afastei-me dele, dando um passo à frente.

—Dia longo. —Sussurrei. E me virei a tempo de vê-lo lançar um olhar repreendedor para Alan. Voltei-me a Alan e tive certeza de que se olhar matasse, Erick estaria morto visto a fúria que Alan carregara. Estendi-lhe a mão, fazendo sua atenção voltar-se para mim —Vamos para casa.

O caminho para casa foi completamente constrangedor pelo silêncio e pelo ar de superioridade de Alan ao ver Erick dirigindo a limusine. Eu suspirei completamente aliviada ao ver a moto de Erick estacionada bem em frente a mansão e um possível sossego longe de todos os problemas para poder pensar um pouco parecendo ser palpável.

Alan desceu da limusine em um estrondo e saiu batendo os pés pelo gramado até a entrada da casa —e sumiu por ela. Suspirando, eu tomei coragem para segui-lo para fora da limusine quando uma mão surgiu para me ajudar. Eu nem havia percebido que Erick havia saído da limusine, muito menos que estava prestes a me ajudar a sair dela. Aceitei a ajuda com cuidado e tirei o paletó para passar para ele.

—Não —Ele me parou na metade do caminho —fica com ele. —Concordei com a cabeça e já estava me escorregando por ele para ir embora quando ele segurou a minha mão. —Por favor. Um beijo?

Como ele podia ainda querer me beijar depois do que soubera de mim? Depois do ataque que eu dera? Eu estava completamente tonta e envergonhada e ele parecia nem ao menos afetado. E queria um beijo, como eu...

—Erick...

Eu não consegui dizer mais nada. Seus lábios grudaram nos meus por um segundo, doces e carinhosos, enquanto sua mão acariciava e apertava minha cintura como se eu fosse de porcelana e estivesse prestes a quebrar em mil pedacinhos. Então ele se afastou e eu abaixei o olhar para não ter que encará-lo, mas ele segurou em meu queixo e me obrigou a olhar em seus olhos, intensos e azuis, me fazendo perder o fôlego.

—Eu não me importo —Ele sussurrou. Eu sabia o que ele estava falando —De verdade, eu gosto de você e não me importo com nada. —Então ele acariciou meu rosto e eu percebi que ele estava apenas secando uma lágrima teimosa que havia se perdido por ali —Posso te ligar amanhã?

Eu tomei o ar que eu precisava e neguei com a cabeça, dando um passo para trás.

—Você pode me dar um tempo?

Ele pegou minha mão e levou-a aos lábios, beijando a ponta de meus dedos com cuidado e carinho.

—Todo que precisar.

E, segurando minha mão até onde deu, ele se afastou em direção a moto e eu a vi sumir ruas a frente, como há algum tempo, sentindo que havia muita

coisa diferente e que muito ia mudar antes que eu a visse sumir novamente.

Porque foi bem aí que as coisas começaram a dar errado novamente.

Silenciosa e pensativa, caminhei pelo gramado da mansão até adentrar no hall e, então, pelas escadas, consegui chegar em meu quarto. Acendi a luz e meu coração disparou ao ver alguém deitado em minha cama.

Graças ao bom Deus, ou não, era apenas Alan.

—Alan? —Eu questionei, tirando o paletó de Erick para poder jogar na cômoda. Eu ainda precisava tirar o sal do mar e a areia de mim e precisava muito de um banho, mas isso não ia acontecer com Alan ali.

—Todos são opções, não é? —Ele perguntou —Menos eu.

Franzi as sobrancelhas para ele, não entendendo.

—O quê...?

—Você acha que é fácil para mim te ver dando mole para outros caras enquanto você me trata como seu *irmãozinho*? E você ainda quer que eu faça isso sem me drogar! —Ele quase berrou, mas eu o via manejar a voz para não acordar ninguém da casa. Parecia, aliás, que o dia estava prestes a amanhecer — E, afinal, você não estava com o Ward? Agora é o Harvey, é?

Eu me senti perdida. Eu já não sabia como lidar com os sentimentos de Alan por mim e agora ele estava me acusando de ser a causa das noites drogadas dele. Senti-me tonta e sem ar.

—O Theo estava me traindo —Eu sussurrei.

—Eu estava aqui. —Ele sussurrou. Sentia a voz dele magoada —O tempo todo. Por que o Harvey?

—Me desculpe —Me senti inteiramente culpada —Não vai... Acontecer de novo.

Ele se levantou da cama e caminhou até mim, me abraçando e escondendo o rosto em meu pescoço. Eu senti suas lágrimas e estremeci, sentindo que eu começaria a chorar em breve.

—Me ajuda? —Ele sussurrou.

Eu entendi que era isso. Era só isso que ele queria. Ajuda. E ajudá-lo me custaria Erick. Mesmo não sabendo como faria tudo, eu sabia o que era mais importante.

—Eu estou aqui. —Sussurrei para ele.

Evitar Erick nos dias que se seguiram foi o mais difícil de tudo. Eu o via me encarando na escola, eu o via implorando que eu fosse até ele com os olhos, mas

eu não fiz. Porque Alan precisava de mim, precisava que eu me mantivesse afastada dele, embora eu sentisse que, talvez, a minha gravidade não me puxasse mais para o chão e sim em direção a Erick.

Pontos positivos? Alan parecia realmente longe de qualquer coisa que o fizesse mal, inclusive bebidas alcoólicas. Ele ficou são e sóbrio e esteve me ajudando com Lizzie muitas vezes. E, muitas vezes, ele tentou me beijar, sem sucesso porque eu não permitia. Eu não ficaria com Erick para ajudá-lo, mas eu o ajudaria do meu jeito.

Theo me procurou algumas vezes, tentou se explicar, mas eu sequer ouvia. Não queria saber dele, não mais. Então ele tentou fazer uma política de boa camaradagem e 'vamos ser só amigos' que eu concordei para que ele não me incomodasse mais. Agora era só fingir que o ouvia quando eu estava pensando em outras coisas como... como Erick fica bonito em suéter azul e como ele parece zangado por eu estar falando com Theo.

E eu soube que ele não aguentaria muito para vir falar comigo. Então, havia, enfim, chegado a hora que eu tanto temia: eu teria que explicar a Erick o que estava acontecendo.

E isso era muito interessante, porque estava acontecendo exatamente uma semana antes do dia das bruxas. Onde haveria uma grande festa e... Eu provavelmente teria que ir com Alan para não o deixar perto de algo que o fizesse mal.

Jenna estava enlouquecendo comigo. Ela achava que eu estava fazendo tudo errado e que junto com os meus enjos recentes, eu devia ser internada para fazer um check-up completo. Ela que me convenceu a tomar uma atitude drástica antes que Erick viesse falar comigo e destruísse o emocional que eu havia criado com tanto cuidado para o Alan.

Dois dias antes do dia das bruxas, eu cheguei na escola com um pequeno papel cor de rosa no bolso do meu jeans. Alan não o tinha visto e eu só o tiraria dali quando ele tivesse se encaminhado para a sala dele.

E assim que Alan se despediu de mim, Jenna surgiu ao meu lado.

—Vai fazer? —Ela me perguntou. Concordei com a cabeça e tirei o bilhete do bolso e entreguei a ela. Ela cheirou-o. —Não acredito que você passou perfume nele.

—Me deixa em paz —Eu reclamei, dando-lhe língua.

Ela gargalhou e deu a volta em mim, me pegando pelo ombro e me empurrando.

—Vai logo!

Eu ri e subi as escadas para um laboratório que Brian me certificou que estaria vazio hoje. No topo da escada, eu olhei para trás a tempo de ver Jenna entregando meu bilhete a Erick, a leitura rápida dele e o momento que ele elevou o olhar para mim. Arrisquei um sorriso e segui para o laboratório.

Eu sentia que ele me seguia e mal eu me sentei em uma das mesas do laboratório, ele já estava entrando.

Foi como se eu acabasse de soltar uma fera enjaulada. Eu mal consegui piscar antes que seus lábios encontrassem com os meus e eu estivesse completamente envolvida em um beijo voraz, cheio de saudade e sentimentos que eu não conseguia explicar. Oh, céus, como eu queria que aquilo se estendesse por mais tempo.

Erick se afastou antes do que eu parecia disposta. E me olhou confuso.

—Por... Por que tanto tempo se você... Quer?

Eu abaixei meu olhar e peguei na mão dele. Distraí, brincando com seus dedos e quando o olhei novamente, ele sorria tão idiotamente quanto eu. Isso era tão difícil.

—Eu não posso... —Sussurrei. Metade da minha voz ficou presa na garganta. Eu via a pergunta nítida, o motivo, nos olhos dele —Alan. Ele... Gosta de mim e... Ele está sensível, tentando parar de usar drogas... Eu não posso... Magoá-lo.

—E quanto a mim? —Erick foi cruel com a pergunta —Você tem me ignorado. Tem me magoado...

Eu senti as lágrimas nos meus olhos.

—Ele precisa de mim... —Sussurrei, quase perdendo toda a razão que havia criado para mim mesma.

—Eu também —Ele me devolveu. Então soltou um suspiro que pareceu eterno e se rendeu. —Eu... entendo. Mas não é a mesma coisa que aceitar...

Concordei com a cabeça.

—Desculpe —Eu disse, a voz fraca por causa das lágrimas —Eu queria.

—Eu *quero* —Ele sussurrou —A gente pode se ver... Em ocasiões raras, quando você puder, quando ele não perceber... Eu não me importo de esperar por elas —Dei um sorriso fraco e concordei com a cabeça. Eu sabia que não seria exatamente assim.

—Seria bom.

Eu queria dizer que era quase impossível. Não queria arriscar uma recaída a Alan, mas também não queria magoar Erick. E estava ali, presa aos dois de formas tão diferentes... Mas não era momento para se pensar nisso...

Erick me beijou mais uma vez. E outra. Não importava mais, já estávamos perdendo a primeira aula. Eu senti as mãos dele sendo mais arriscada, procurando lugares que não devia... E reparei que a minha também não estava exatamente comportada.

O sinal do primeiro tempo soou, finalizando-o e, com ele, nosso beijo. Erick encostou a testa na minha, nossas respirações descontroladas se acalmando aos poucos.

—Eu queria saber uma coisa —Ele soltou, levemente. Esfreguei meu nariz no dele, para que ele continuasse —Você tem falado com o Ward. Por quê?

Afastei-me levemente e neguei com a cabeça.

—Ele tem falado comigo. Não sei como fugir dele. Ele é... insistente.

Ele me beijou rapidamente, só um encostar de lábios.

—Não tem nada, mesmo?

—Não, nada.

Outro beijo. O sinal, indicando o início do segundo tempo soou.

—Precisamos ir —Eu murmurei.

—Posso ligar? —Eu senti o tom implorativo da voz dele.

—Melhor mensagem. É mais seguro. Vou mudar seu nome para Mary Ann no meu celular.

Ele riu. Mais um beijo rápido. Minha mão em seus lábios.

—Vou sair primeiro.

Concordei com a cabeça e, mesmo relutante, ele se foi. Talvez isso desse certo. Eu esperava que desse.

Image

*Papa don't preach, I'm in trouble deep
Papa don't preach, I've been losing sleep
But I made up my mind, I'm keeping my baby, oh
I'm gonna keep my baby, mmm...*

Eu devia estar perturbando a casa inteira com o meu som novinho, que eu nem sabia de onde tinha vindo, tocando Madonna nas alturas enquanto eu ia dançando pelo quarto e separando minha fantasia para festa de dia das bruxas que ia acontecer essa noite, mas ninguém viera me pedir para abaixar o som, então eu só continuei curtindo.

Minha fantasia estava completamente espalhada pela cama, uma confusão amarela e preta que eu estava tentando organizar desde que passei quase meia hora tentando separar a coroa da meia arrastão. Eu, aliás, iria à festa de abelha rainha porque eu simplesmente tinha me apaixonado pela fantasia.

A música acabou e começou outra, eu fui ouvindo a letra que eu não conhecia porque Jenna que gravara o CD para mim e fiquei totalmente abobalhada... A minha cabeça me traiu e me levou a pensar em Erick.

*Don't you know you're the one
Who can take me to paradise
Can you take by the hand
And you know it'll be alright
If you stand by my side
That you know that I'll survive
Now you take me away
And you know
That is time to close your eyes*

Quando voltei a mim, o meu celular estava tocando loucamente ao lado do som. Rindo, idiota, pelo meu momento de distração, fui até lá e abaixei o som, lendo Mary Ann. Mordi o lábio e atendi.

—Sabe, eu acho que eu disse algo sobre... Mensagens, não foi? —Perguntei, fingindo estar zangada. Eu não estava, eu estava nervosa. Meu coração estava disparado e meus lábios haviam formado um sorriso intenso.

Ah, era tão bom e tão idiota estar apaixonada. Faz com que eu pense que nunca senti nada nem perto pelo Theo e ainda afirmava estar assim.

'Me desculpe' Ele murmurou. Eu podia sentir o sorriso dele fazendo reflexo do meu. *'Eu não resisti'*

Gargalhei.

—Tudo bem, Mary Ann —Eu disse, ainda rindo, imaginando a cara de ofendido que ele estaria fazendo neste momento.

“Você não tinha um nome mais másculo para mim não?” Ouvi-o bufando e segurei o riso. *“Sei lá, um nome unissex?”*

—Não —eu disse, dando risadinhas abafadas, esperando que ele não ouvisse.

Obviamente, não deu certo.

“Muito engraçado” Ele murmurou, parecendo zangado, mas ouvi-o rir. *“Queria saber se você vai à festa hoje...”*

—Provavelmente com o Alan —Eu murmurei, tentando não parecer entediada ou desanimada.

Sentei na cama, passando a mão pela minha fantasia, esperando a reação de Erick. Pude ouvi-lo suspirar tal como eu.

“Mas eu sinto tanto sua falta!” Ele reclamou, fazendo voz de criança. Eu ri.

—Eu não posso deixá-lo sozinho numa festa.

Ouvi Erick suspirar também.

“Eu sei... Eu ao menos posso te levar para festa... Junto com ele! Só para te ver...”

Por mais que eu quisesse, era arriscado fazer isso justamente em dia de festa, quando Alan teria acesso a todas as drogas que poderiam ser consumidas e eu não poderia impedi-lo...

—Não sei se é uma boa...

“Te pego às seis!” Erick gritou, rapidamente, antes de desligar o telefone.

Maldito. Foi o primeiro pensamento que se passou pela minha cabeça, mas

logo eu estava sorrindo idiotamente com a perspectiva de algum segundo longe dos olhares de Alan e alguns beijos de Erick para mim. Oras, eu merecia um pouco de paraíso nesse inferno todo, certo?

Era só pensar em inferno que ele retornava. Vindo em formato invisível, carregado pelo ar e agitando a boca, minha maldição. Cheirava a frango frito e tempero delicioso, mas, de alguma maneira, o almoço que parecia divino embrulhou meu estômago. Antes que eu pensasse em me conter, eu corri para o banheiro e pus o pouco que eu havia comido de café da manhã para fora, ficando descabelada e ajoelhada em frente ao vaso sanitário.

Estranho. Pensei, enquanto escovava os dentes, dando descarga no estrago que meu estômago sensível havia feito. Eu nunca havia vomitado do nada assim, talvez eu estivesse com alguma infecção ou sei lá. Vai ver era por isso que eu ficava tonta as vezes. Melhor ouvir mais a Jenna e ir ao médico.

Respirei o ar 'puro' do banheiro e prendi a respiração para voltar ao quarto e fechar a porta. E todo o ar que eu recuperei enquanto me virava de volta ao quarto foi perdido quando eu dei de cara com a figura sentada em minha cama que eu não havia reparado antes, em minha doce batalha contra ficar sem ar ou respirar o ar que me deixava enjoada.

Alan se tremia todo, parecia inquieto e desesperado.

—Alan? —Eu perguntei, assustada —O que houve?

E num momento de desespero, ele estava me abraçando e com os lábios encostados nos meus em um selinho forçado e desesperado. Suas mãos pareciam garras na minha cintura e tremiam, mas eu tentei não evitá-lo. Tinha algo errado.

—Eu não posso —Ele disse, antes de grudar os lábios nos meus novamente —Não posso mais, preciso usar —Ele escondeu o rosto em meu pescoço e me apertou forte —Eu prometi, mas eu não posso.

Eu apertei contra mim e acariciei sua cabeça, preocupada. Senti suas lágrimas em meu pescoço e tomei uma decisão que talvez o fizesse me odiar para o resto da vida, mas eu simplesmente não podia mais ajudá-lo. Era pior do que eu pensava.

—Você tem drogas com você? —Eu perguntei, sentando-o em minha cama e me desvencilhando, dele.

Ele passou a mão no rosto, tentando esconder as lágrimas, parecendo tão infeliz e tão cansado que eu quase fiquei com remorso de ter feito isso com ele, mas só o tempo suficiente para me lembrar que não fora eu, e sim ele mesmo.

—Tem no meu quarto.

—Com você? —Insisti. Ele suspirou e tirou um saquinho com pó do bolso, derrotado. —Tem mais?

—Não —Ele murmurou.

—Você jura? —Golpe baixo, eu sabia que tinha mais e sabia que ele não juraria enquanto não tivesse mesmo. Não para mim.

Suspirando, ele tirou mais um pacote do bolso de trás.

—Agora eu juro.

Concordei com a cabeça e guardei os dois pacotes no meu bolso.

—Tem mais no seu quarto? —Perguntei.

—Sim. —Ele respondeu sem pestanejar.

Pus a mão em seu cabelo e acariciei-o.

—Vou te deixar sozinho aqui um pouco. Não tem nada no meu quarto, não adianta procurar —Eu disse.

Ele se jogou na minha cama quando eu estava fechando a porta do quarto. E tranquei-o por fora. Agora eu faria o que eu estava querendo fazer há tempos e tinha certeza que ia ser bom para ele. Em pés leves e tentando não enjoar com o cheiro forte da comida, eu descí as escadas e procurei a sala. E lá estavam, bem onde eu os havia deixado antes de subir e arrumar minha fantasia, Jack e Kate.

—Jack —Eu chamei, sem cerimônia alguma, da porta da sala —Posso falar com você?

Ele olhou de mim para Kate e de volta para mim, parecendo alarmado. Eu vi os olhos de Kate se fechando ligeiramente como se medindo o perigo que eu poderia causar a ela.

—Estou tendo uma conversa muito importante agora —Ele virou o rosto para mim.

Eu suspirei resignada, quase ofendida.

—Eu aposto que o meu assunto é mais importante. Se quiser, eu posso falar com a Kate aqui, mas eu não queria que fosse assim —Eu disse. Ele me olhou novamente com os olhos arregalados, quase implorando que eu parasse. Então eu vi como eu deveria soado e me corrigi —É sobre o Alan, ele não está bem...

Kate se levantou rapidamente e percebi que ela estava pensando em me confrontar.

—Se é sobre o meu filho, eu não deveria saber primeiro?

Eu olhei para Jack, quase implorando. Kate o olhava da mesma forma também. Vendo que eu estava prestes a perder a batalha, resolvi apelar para outra

coisa diferente, ainda uma verdade.

—Alan não vai deixá-la chegar perto. Não sei nem se ele vai deixar você chegar perto, Jack. —Sussurrei —Eu preciso saber o que EU tenho que fazer e eu preciso de algo sensato e não de gritos desesperados, por favor.

Kate arregalou os olhos para mim, Jack se levantou e passou os braços pela cintura dela e sussurrou algo em seu ouvido. Ela entendeu que era sério e ficou preocupada como uma mãe normal. Mas era melhor que ela não soubesse agora.

Em silêncio, Jack me seguiu pelo corredor até que estivéssemos longe do alcance auditivo de Kate.

—Ele não parou, não é? —Jack me perguntou.

Neguei com a cabeça, entristecida.

—Nunca foi um só, ele mentiu para você àquela noite. E ele não parou até algumas semanas atrás, quando eu o fiz jurar que não ia fazer, mas ele está pirando. Pirando mesmo, ele apareceu no meu quarto agora, ele está tremendo, me deu isso —Eu passei para ele os dois saquinhos de pó branco que havia tirado de Alan —Disse que tem mais no quarto dele, então eu o tranquei lá. Eu não sei mais o que fazer!

Jack encarou meu desespero real e passou as costas da mão pelo meu rosto, secando uma lágrima que havia escapado sem que eu percebesse. Então, quase que do nada, ele me abraçou.

—Nós vamos fazer isso juntos, filha —Ele sussurrou em meu ouvido, me fazendo ficar com mais vontade ainda de chorar —Nós vamos salvar o seu irmão.

Segurei o choro enquanto ele me puxava escada acima pela mão. Eu parei-o.

—Tem outra coisa... Pai. —Ele sorriu e concordou com a cabeça —Eu acho... que sei quem fez aquilo comigo.

—Você acha? —Ele perguntou —Eu posso passar isso para polícia, mas você não pode achar, querida.

—Eu sei —Suspirei, frustrada —É por isso que eu não disse nada antes. Não sei se quero mexer mais com isso.

Ele passou um braço pelo meu ombro.

—Você vai querer, um dia. Quando quiser, vou estar aqui do seu lado, ok? —Sorri e concordei com a cabeça para ele —Agora, vamos lá ver seu irmão.

Passei-lhe a chave e deixei que ele destrancasse a porta, com medo da

reação de Alan. Segui-o para dentro do quarto e encontrei Alan, quase mais calmo, olhando-nos, sentado na cama.

—Eu achei que você fosse fazer isso —Ele sussurrou —Eu não posso mais.

Ele escondeu o rosto entre os joelhos e eu, sem saber direito o que fazer, sentindo fome e sabendo que a hora do almoço já devia estar passando e apenas Lizzie deveria estar comendo agora, sentei-me ao seu lado e o puxei para deitar em meu colo, acariciando sua cabeça.

—Da última vez, ele estava prestes a testar heroína —Eu disse, olhando para Jack.

Vi o pânico passar pelos olhos dele, mas ele não demonstrou em seu rosto e logo conseguiu se recuperar.

—Alguém precisa falar com a Kate. —Ele sussurrou —Você consegue fazer isso, Mariana? Enquanto eu converso com seu... com ele? —Ele estivera prestes a dizer seu irmão novamente. Eu concordei com a cabeça —Tente ser mais sutil do que você foi lá embaixo.

—Desculpe —Eu sussurrei —Era urgente e você não queria enten...

Ele me interrompeu com um sorriso.

—Tudo bem, eu entendo agora. —Ele me assistiu dar um beijo na cabeça de Alan antes de me levantar, meio perdida, e dar um passo para trás com a tontura leve que eu sentia sempre que me levantava —Você tem sido maravilhosa com ele, talvez deva descansar —Ele disse.

Eu tentei parecer disposta num segundo antes que minha festa fosse cancelada.

—Tudo bem! —Eu soei animada —Eu estou bem, tenho até uma festa para ir hoje!

Ele olhou para mim e em seguida para minha fantasia ligeiramente abusada de abelha-rainha.

—Estou vendo —E pareceu tanto com um pai naquele momento que eu quis mordê-lo, mas, ao invés disso, caminhei até a porta —Boa sorte. —Ele me disse.

—Você também.

Contar para Kate foi uma das coisas mais difíceis que eu já fiz na minha vida inteira. Ela gritou, se lamuriou, se proclamou falha como mãe. E quando Jack desceu, ela voltou a gritar e a espernear como uma criança até que nós conseguimos fazê-la engolir calmantes e dormir.

Jack pareceu ligeiramente aliviado por isso e eu me perguntei se não havia

interrompido outra briga por causa do meu pagamento altamente supérfluo e minha escola tão cara.

—Conversei com Alan, vou conversar com um especialista hoje, mas ele não pode sair mais até termos certeza de que ele não vai comprar mais droga. Ele está no quarto de hóspedes, se quiser vê-lo. Trancado até eu falar com o especialista, mas ele concordou com isso. Acha que é melhor —Jack suspirou —Ao menos ele quer parar. —Ele olhou para mim, parecendo encantado —Sua mãe fez um trabalho maravilhoso com você. Coma alguma coisa antes de sair, são quase cinco horas e eu não te vi comer nada.

Cinco horas? CINCO HORAS! E daí que eu não tinha comido nada depois do café? Eu tinha que me arrumar!

Sem dizer nada, eu corri escada acima e me enfiei na minha fantasia o mais rápido que pude. Arrisquei uma maquiagem simples, mas não passei batom para comer algo. Desci as escadas, meio desabalada e ganhei um elogio de 'está bonita' de Jack enquanto corria para cozinha atrás de comida com minha escova de dentes em mãos. Charlotte preparou um prato para mim (ordens de Jack) de muito mal gosto e eu tentei comer o mais rápido que podia sem colocá-lo para fora. Evitei o frango embora estivesse com vontade de comer.

A campainha tocou antes que eu estivesse satisfeita. Uma outra empregada, esta nova e de quem eu não sabia o nome, informou que era para mim, então eu corri ao banheiro e tentei escovar os dentes decentemente o mais rápido possível, engoli uma bala de última hora e corri para porta.

Mas a mão que segurava o buquê ostensivo à porta não era a que eu queria que deslizasse pelo meu corpo quantas vezes mais fossem possíveis.

—Theo? —Eu encarei-o, admirada.

O vi morder o lábio inferior e encarar a mim de cima a baixo, devorando-me com os olhos. Sua fantasia demônio poderia ser até mais simples, mas levava o mesmo gosto caro da família Ward que eu via no buquê.

—Você está maravilhosa —Ele disse. Mas quem disse eu estava prestando atenção? Erick, a essa altura, estava parado, indeciso se deveria me interromper com Theo ou não, sob as escadas. Ele estava perigosamente sem roupa, vestido com um short de praia, segurando uma rosa em uma mão e uma prancha de surf na outra. —Vim ver se você gostaria de ir à festa comigo.

Foi o bastante para Erick se estressar. Eu podia vê-lo ficar com o rosto cada vez mais vermelho.

—Ela vai comigo! —Ele reclamou.

Theo olhou-o e eu podia ver as faíscas soltando dos olhos dos dois.

—Eu não vou com nenhum de vocês! —Eu quase gritei, para o caso de Alan estar escutando. Olhei dramaticamente para Erick, tentando que ele entendesse. —Meu par está de castigo, então eu vou sozinha! —Pus a mão na cintura e peguei minha bolsinha amarela com a outra mão, apoiada na mesinha do hall —JACK, ME EMPRESTA A LIMO? —Gritei para dentro.

Ouvi um 'volta cedo' distante e imaginei que fosse um sim. Erick e Theo ainda se encaravam quando eu fechei a porta da mansão e bati os pés em direção a garagem, ignorando os dois.

Image

Cheguei na festa sozinha e me pareceu ser terrivelmente constrangedor, mas logo avistei Jenna acenando para mim com um ponche em mãos e caminhei até ela. Ela estava sozinha, o que significava que não havia dado certo com o novo garoto. Enfim, nunca durava mesmo.

—Oi, você está linda! —Ela me cumprimentou.

Sorri, agradecendo o elogio e reparei na fantasia que ela usava. Noiva Cadáver.

—Você está assustadora! —Eu ri. Ela concordou, gargalhando —Onde está o pessoal?

Ela pôs a mão na boca, aparentemente feliz que eu tivesse perguntado para ela poder contar a fofoca.

—Menina, o Brian tá pegando a Dry!

Fingi ficar contente com isso, mas sabia que não terminaria bem e que provavelmente o clima entre nós quatro ia ficar muito estranho.

—Vou pegar um ponche —Eu disse, para disfarçar que havia ficado preocupada. Jenna concordou com a cabeça e virou-se para falar com um garoto bonito que estava secando-a desde que eu chegara. Dei de ombros, ao menos ela se divertiria essa noite.

Resolvi realmente pegar o ponche, mesmo tendo certeza que metade do líquido que eu tentasse colocar no copo não entraria. A primeira concha que eu coloquei não enchi nem um dedo. Respirei fundo, alguma hora eu iria conseguir encher o copo.

Senti uma mão deslizar lentamente para a minha cintura e a voz, na altura do meu ouvido, me entorpeceu.

—Quer ajuda? —Perguntou. Concordei com a cabeça, respirando seu perfume lentamente, tentando gravá-lo para posterioridade. Erick pôs os braços em volta de mim e encheu o copo apenas com uma concha, ele devia ter alguma

espécie de dom para isso. Ele me passou o copo —Me espera no banheiro. Segundo andar, terceira porta a direita.

Ele se afastou e o vi caminhar para cozinha, deliciada com o movimento da bunda dele. Sacudi a cabeça e me perguntei como ele sabia onde era o banheiro se havia acabado de chegar. Dei de ombros e beberiquei o meu ponche, que estava batizado por sinal, olhando em volta. Theo acabara de entrar na festa e eu o via me procurar claramente. Oh, não.

Pelos cantos e meio agachada para que ele não visse, eu fiz o caminho até a escada e quando ele saiu do meu campo de visão, eu corri até lá em cima. Terceira porta a direita, comemorei que estivesse vazio.

Sentei-me na pia e de costas para a porta, e fui checar se minha maquiagem estava boa o suficiente. Não que Erick se importasse com isso, mas eu queria ser bonita o suficiente para não me ofuscar ao lado dele. Porque, vamos combinar, ele poderia ser considerado um Deus Grego e ninguém ia se opor. Talvez o Theo.

Ouvi a porta se abrindo e me virei a tempo de ver Erick, de costas, trancando-a. Que vontade de me abanar agora!

—Hey —Ele cumprimentou antes de grudar os lábios nos meus. Eu passei meus dedos pelo cabelo dele, prestes a enroscar minhas pernas na cintura dele para que ele nunca mais fugisse de mim —E então, mudança de planos?

Demorei um pouco para entender e acabei confirmando com a cabeça antes que o fizesse, só para ganhar tempo. Tenho lá culpa se o beijo dele afeta meus neurônios que já não são tão providos de velocidade assim?

—O Alan parou de usar drogas, mas ele está tendo problemas para controlar, então eu contei pros pais dele —Sussurrei, meio perdida, querendo que aquela conversa acabasse logo. —E ele está meio trancado dentro de casa agora, então nada de festa para ele.

Erick abriu um sorriso encantador e uma de suas mãos deslizou pela minha arrastão, por cima da minha coxa, entrando embaixo da beira da minha saia.

—E a minha festa melhorou em cento e setenta e nove por cento —Disse, antes de grudar os lábios nos meus novamente. Era a hora das minhas pernas, eu logo percebi. Achei totalmente encantador como a fantasia dele era prática para tirar, mas eu apenas brinquei com o salto do sapato na barra da boxer dele. Senti-o suspirar. Ele deslizou os lábios para o meu pescoço e eu acariciei sua nuca, deliciada em sentir o quão maravilhoso era aquilo de novo. Por que não era mais fácil com Erick? Tudo era melhor, por que eu simplesmente não podia ficar com ele?

Ah, é. Malditos valores.

—Você está muito exibidinho para o meu gosto. —Sussurrei em seu ouvido e senti-o se arrepiar, o que me fez sorrir feito idiota pelo efeito que eu causara nele.

Ouvi a risadinha baixa dele enquanto senti um dedo entranhar e enroscar-se num pedaço da minha meia arrastão, na parte interior da coxa. Tentei não perder o foco com isso. Quase impossível.

—Por quê? —Ele perguntou, rouco, com os lábios quase colados nos meus —Não posso?

Afastei meus lábios alguns milímetros do dele, tentando tomar o controle da situação e deslizei minhas mãos pelo seu peito nu, sentindo-o contrair a pele por onde meus dedos passavam. Encostei meus lábios provocativamente nos dele e me afastei novamente.

—Não, só para mim. —E mordi seu lábio inferior.

Era bom ter o controle e sentir meu poder nos olhos azuis, ligeiramente ofuscados de prazer dele. Era maravilhoso saber que eu podia fazê-lo sentir o que eu sentia com ele, na mesma intensidade.

—Olha só quem fala —Ele sussurrou, ainda meio perdido na conversa —Você já viu o tamanho da sua saia?

Eu ri e coloquei a palma da minha mão na saia, medindo-a de brincadeira. Não era muito maior.

—O que tem ela? —Fiz-me de desentendida —Ela é maravilhosa.

Ele arqueou a sobrancelha para mim e deslizou as duas mãos para debaixo da minha saia, sem nem pestanejar. Ok, ele estava devolvendo a provocação com grande estilo, apertando minhas coxas de um jeito que me faria começar a gemer em breve.

—Tem razão —Murmurou —Você fica maravilhosa nela —Ele grudou os olhos nas minhas pernas e eu tentei não corar —Mas minha memória me lembra que você fica muito melhor sem ela.

Pena que ele estava sem blusa. Eu simplesmente tinha adorado ficar com a blusa dele. Foi a única coisa que eu conseguia pensar antes que seus lábios viessem aos meus, mais vorazes que antes, enquanto ele puxava meu corpo mais para beirada da pia e se pressionava contra ele, mostrando claramente que —por mais que nós dois quiséssemos prolongar ainda mais aquela brincadeira —ele não ia aguentar muito. Confesso que depois de quase três semanas, eu também não.

Puxei seus cabelos, sentindo que ele tentava puxar minha blusa para baixo e quase os arranquei quando ele finalmente conseguiu beijar um dos meus seios, meio desajeitado e sendo constantemente atrapalhado pela blusa. Ele mordeu, levemente, o bico do meu seio, fazendo-me gemer mais alto do que deveria, e subiu os beijos para o meu pescoço, abraçando-me e apertando-me contra ele o máximo que podia.

—Erick —Sussurrei baixinho, próximo a orelha dele, antes de mordê-la sem piedade.

Senti suas mãos cravarem na minha cintura por um segundo antes de irem, trêmulas e desesperadas, para a minha saia e puxá-la para baixo junto com a meia e a calcinha, sem nem que desse tempo para que eu pestanejassem.

Vi-o se abaixar a minha frente com um sorriso doce e desabotoar e tirar minhas duas sandálias, antes de escorregar o resto da roupa para longe de mim e voltar, mais calmo e mais doce, para me beijar, enquanto meus pés escorregavam sua boxer para que deixasse o caminho livre para terminar aquilo antes que nós dois enlouquecêssemos.

Mas, em algum lugar que eu nunca soube onde, Erick achou força para me provocar. Enquanto eu beijava a linha da sua mandíbula e abraçava-lhe pelo ombro, esperando que ele me penetrasse, ele resolveu simplesmente brincar de fingir que iria me penetrar, mas não penetrava nada além da cabeça do pênis dentro da minha vagina.

Senti seu sorriso entre um beijo e outro, enquanto ele me provocava e eu reagia da maneira que ele queria, gemendo quase descontroladamente e arranhando e apertando os ombros sem dó até que, sem aviso prévio algum, ele soltou um gemido impaciente e, cansado da brincadeira, penetrou-me de uma vez só.

Cravei minhas unhas ainda mais fundo em sua pele enquanto ele se movimentava contra mim e a pia do banheiro. Se eu estivesse um pouco mais sã, teria ficado com medo de quebra-la, mas não dava simplesmente para pensar em nada.

Tentamos nos beijar algumas vezes, mas nossos gemidos e espasmos descontrolados e descompassados nos atrapalhavam em todas elas. Acabamos por apenas grudar os lábios e gemer quando precisássemos, ao mesmo tempo que nos agarrávamos, apertávamos e nos mexíamos, extasiados de prazer, um contra o outro.

Erick me puxou, tirando-me da pia e carregou-me, ainda se movimentando

contra mim, até um canto do banheiro, deitando-me no chão com ele sobre mim, dando-lhe mais liberdade de movimentação. Girei-me, ficando por cima dele, um pouco indecisa se eu saberia fazer aquilo direito —já que não havia valido com Theo -, mas o sorriso encantado de Erick me encorajou e eu curvei-me sobre ele, beijando-lhe os lábios enquanto ele bagunçava levemente meu cabelo com a mão em minha nuca e comecei a me movimentar contra ele. Senti-o extasiado e encantado comigo, gemendo mais alto e me apertando mais forte e deliciosamente na bunda.

Até que ele se cansou de ser governado e girou comigo novamente, para me penetrar mais forte e rapidamente e, assim, foi como uma onda batendo contra as pedras que meu prazer me envolveu. Joguei-me para trás e Erick ainda me segurou por tempo o suficiente, enquanto eu mal conseguia controlar meus gemidos, até que o orgasmo dele viesse em líquido e mais prazer, e ele me puxasse para mais perto dele, abraçando-me e beijando-me o pescoço, sussurrando coisas sem sentido no meu ouvido, mas que pareciam doces e maravilhosas no momento.

—Desculpe —Ele sussurrou e eu finalmente consegui entender o que ele estava me dizendo —Não deve ter sido exatamente confortável para você. *De novo.*

Eu podia vê-lo revirar os olhos e se martirizar inutilmente. Sorri, acariciando seu rosto, tentando fazê-lo olhar para mim e enxergar o quão encantada eu estava com ele, o quão apaixonada e idiota eu estava, o quanto eu queria perder todas as minhas noites abraçada a ele, dormir com ele e acordar e o quanto ele era especial para mim. E, principalmente, o quanto eu não pensava em conforto quando ele estava comigo. E conforto era uma das coisas mais importantes para mim.

—Cala a boca —Eu murmurei, beijando-lhe os lábios antes que ele dissesse mais alguma coisa —*Tudo é maravilhoso com você.*

Ele pareceu ficar envergonhado com isso e escondeu o rosto no meu pescoço, provocando as borboletas inúteis do meu estomago a se rebelarem. Acaricieei sua nuca, sentindo-o se acalmar e depositar beijos no meu pescoço.

Ele saiu de cima de mim, deitando-se de lado e me puxando para acompanhá-lo. Segurou minha mão e ficou acariciando-a, nossos narizes encostados e nossos olhos desfocados e perdidos focados um no outro por tempo indeterminado. Sorrisos idiotas e bochechas avermelhadas idênticas e algumas marcas de chupão ou arranhão desaparelhadas que começavam a surgir sem que

nenhum dos dois se importassem.

—Fica comigo hoje? —Ele me perguntou, apertando a minha mão com força, quase como se implorasse.

Meus olhos, teimosos, encheram-se de lágrimas pela força implícita nas palavras simples dele. O sentimento de que tudo desandasse do dia seguinte, como da outra vez. Quanto mais tempo ficássemos juntos, mais chances tínhamos de passar mais tempo um com outro. Era um medo tolo, de ambos, mas era real. E eu não podia dizer não. —Eu estou aqui, não estou? —Respondi com a pergunta, provocando um sorriso maravilhoso e sincero dele.

Ele se ajeitou lentamente e grudou os lábios nos meus por um segundo. Tempo insuficiente que me fez manter os olhos fechados, esperando por mais.

—Quero te levar para minha casa —Ele sussurrou levemente, grudando os lábios novamente, apenas por mais um segundo —te apresentar a minha cama — Ele mordiscou meus lábios, me fazendo estremecer —Podemos pedir pizza. — Tentativa barata e calórica de me convencer, mordiscando meus lábios novamente, visto que tinha mais resultado —Vai ser perfeito. Por favor?

Estremeci com a ideia e com o pedido. E eu quase não senti quando seus lábios procuraram os meus em um beijo convincente, de tão perdida em pensamentos como eu estava. Mas, afinal, era apenas Erick. Erick que me enlouquecia e que fazia meu coração bater totalmente sem ritmo e rápido demais para que eu pudesse contar. Se eu já havia passado noite com Theo, com Erick então...

Mas eu nem havia me preparado, não tinha roupas, lingerie ou qualquer coisa.

—Eu não tenho roupas... —Sussurrei.

—E quem disse que você vai precisar delas? —Ele riu, lançando a mim seu melhor sorriso safado que só me fez sorrir de volta.

—Tarado —Resmunguei.

O sorriso safado aumentou consideravelmente quando ele retrucou:

—Quem mandou ser gostosa? —Ele perguntou-me.

Gargalhei idiotamente e lhe dei um tapa. Ele fez cara de ofendido, mas acabou por me acompanhar na risada. Levantei-me, desvencilhando dele e cacei minha roupa para vestir, enquanto ele me olhava, confuso.

—Vai ficar aí mesmo? —Perguntei —Achei que a gente fosse para sua casa...

E ele levantou-se num pulo, vestindo a boxer mais rápido do que eu poderia sonhar em terminar de me arrumar. Mande-o sair na minha frente, para não sairmos juntos e dar problema, ele fingiu que tudo bem, mas percebi que ele havia ficado um pouco chateado.

Não posso fazer nada, já estou fazendo mais do que deveria. Pensei, enquanto tentava arrumar o estrago que ele havia feito em meu cabelo. Não que não fosse o que eu queria, mas... Eu estava correndo o risco de magoar Alan e de piorar a pouca recuperação que ele tivera.

Respirando fundo, saí do banheiro e desci às escadas, atrás de Jenna. Ela era a única que eu poderia contar o que eu estava fazendo. E, provavelmente, a única que aprovaria e bateria até palmas para mim se isso me incentivasse. Infelizmente, ela estava em um canto com um copo de ponche batizado, aos beijos com o garoto bonito. Bom, ao que parecia, eu não seria a única a ter uma boa noite.

Caminhei até os dois, sentindo um olhar em mim, sorri idiotamente e virei o rosto para trás enquanto caminhava entre as pessoas dançando para apenas olhá-lo, mas não foram os olhos de Erick que eu achei, e sim os de Theo. Virei o rosto rapidamente e tentei fazê-lo me perder na multidão antes que eu chegasse a Jenna. Pensei em olhar novamente, mas achei melhor não.

Cutuquei o garoto bonito e ele largou Jenna com um barulho estrondoso que me fez careta. Ok, se ela gostava disso, né? O que eu podia fazer?

—Se alguém perguntar —Disse para ela assim que ela me pareceu um pouco mais centrada para poder me ouvir —Dormirei na sua casa.

—Idem —Ela sorriu, totalmente safada, para mim.

Soltei uma gargalhada e acenei para ela —que eu tenho certeza que ela não viu porque já havia voltado a se agarrar com o garoto —e comecei a procurar a saída, mas não fui rápida o suficiente.

Eu sabia que isso ia acontecer alguma hora.

—Qual o seu problema? —Perguntei, enquanto Theo tentava me puxar para um canto qualquer, espremendo meu pulso com força. —Pare com isso! —Ralhei com ele.

Ele me ignorou e me jogou sentada em uma cadeira, numa mesa totalmente afastada da aglomeração. *Deus, não. Não!* Implorei, tentando não pensar em meses atrás, no meu inferno pessoal que sempre ia me perseguir. *Que Erick esteja vendo, por favor.* Eu ia chorar. Fiz bico.

—Meu problema? —Ele falou. Estava bêbado —Eu sinto a sua falta!

Nojo. Fiquei enjoada, não que não fosse muito incomum nesses dias, mas eu tinha um bom motivo para ficar agora.

—Pede praquela garota que estava com você curar isso para você —Eu sorri, cinicamente. —Me deixa em paz, Theo. Eu não quero mais nada com você. Acabou.

O olhar e o sorriso que ele me lançou me deixou em pânico. Eu precisava sair dali. Olhei em volta, tentando achar uma saída, um rosto conhecido, qualquer coisa.

—Não tão fácil —Ele sussurrou, avançando contra mim.

Desesperada, eu finalmente percebi uma garrafa de cerveja na mão dele e a arranquei, tacando-a na cabeça dele. Ele urrou de dor e eu vi sangue antes de sair correndo para fora da festa.

Erick me achou, cinco minutos depois, agachada entre a escadinha de entrada e um arbusto, vomitando tudo que eu havia comido aquele dia. Gritei para que ele fosse embora, mas ele apenas ajoelhou ao meu lado e segurou meu cabelo, dando alguns beijos no topo da minha cabeça, enquanto eu me balançava. Depois disso, tive uma crise de choro e acabei rindo da minha desgraça.

—O que houve? —Erick perguntou, quando eu comecei a rir desesperadamente. Ele, provavelmente, achou que eu estava melhor. Eu *estava* com ele.

Encolhi-me em seu abraço desajeitado e estremeci, ouvindo a sirene da ambulância soar, aproximando-se da festa. Merda.

—Me tira daqui, Erick, rápido —Eu murmurei.

Não foi preciso dizer mais nada. Erick rapidamente correu e me puxou para longe da festa, no estacionamento até a minha limusine e disse ao motorista que eu ia ficar com ele, mas que era para ele falar que eu estava com Jenna. Não aprovei muito, mas o motorista era legal, havia conhecido a minha mãe e tudo mais, então ele meio que me protegia sempre que podia. E ele gostava de Erick.

Então Erick puxou-me em direção à moto dele.

—Sei que você tem medo dela, mas... —Ele sussurrou.

Eu ri. Eu teria beijado-o se eu não estivesse tão preocupada com o quão nojento isso ia parecer.

—Eu não tenho —Sussurrei, pegando o capacete que ele me oferecia —Eu *tinha* medo de você. Não de você, quero dizer —Corrigi-me ao ver o olhar cauteloso e duvidoso que ele me lançou —mas do que você me faz sentir.

Acompanhei o sorriso idiota dele, mas me afastei levemente quando ele tentou me beijar, o que o fez rir, mas ele não fez perguntas. Apenas me abraçou e me deu beijinhos no pescoço.

—Vamos? —Ele me perguntou.

—Por favor —Eu sussurrei. Podia ouvir o barulho da ambulância ao longe.

Ele me ajudou com o capacete e colocou o dele e então montou na moto e a ligou, esperando que eu me acomodasse. Assim o fiz, abraçando-o apertadamente, afundando meu nariz no perfume absurdamente delicioso dele.

—Firme? —Ele me perguntou, olhando por cima do ombro.

—Sim —Sussurrei.

Fechei os olhos, tentando me sentir leve, mas eu não conseguia me livrar daquela pontinha de preocupação, que eu negava a me preocupar de verdade e encarar. Não importava *agora*. Eu precisava curtir Erick.

Quando abri meu olho, estávamos subindo a calçada da mansão de Theo e me sobressaltei um momento antes de me lembrar que Erick morava ali. Estava quase pedindo para ele dar a volta e irmos para *qualquer outro lugar*, quando ele entrou no caminho entre a mansão e a garagem, onde havíamos ficado algum tempo atrás, e seguiu até onde a garagem acabava.

Então, era isso, o paraíso. Uma pequena casinha escondida, onde morava o que fazia meu coração ficar descontrolado, com um jardim encantador. Uma casinha que parecia ser de contos de fadas.

Erick estacionou, tirando o capacete e sorriu para mim quando eu desmontei, parecendo ligeiramente envergonhado, enquanto eu ainda tentava me desvencilhar do meu capacete.

—Sei que não é muita coisa...

Eu cortei-o, conseguindo arrancar o capacete da minha cabeça.

—É maravilhosa —eu sorri para ele, sem mentiras —Me lembra a minha casa. —Erick pareceu feliz e abraçou-me, beijando o topo da minha cabeça —Preciso me lavar. —Sussurrei.

Erick concordou com a cabeça e sua mão deslizou até a minha, puxando-me para entrar na casa.

—Vem —Sussurrou. Ele me guiou para dentro da casa ligeiramente desarrumada dele. Sorri porque me pareceu o lugar mais aconchegante por onde eu já havia passado, e era apenas uma cozinha, uma sala, o quarto e, dentro do quarto, o banheiro, que ele me apontou —Você vai me contar sobre o que

aconteceu?

Dei um suspiro cansado, mas concordei com a cabeça.

—Depois.

Ele mordeu o lábio, não concordando muito com a ideia, mas acenou com a cabeça. Despi-me rapidamente e enfiei-me debaixo do chuveiro para me lavar o melhor e o mais rápido que pudesse.

Foi como se eu tivesse gritado, mas eu não pude reclamar. Logo que eu enfiei-me no chuveiro, Erick adentrou o banheiro e seguiu o mesmo caminho que eu.

Ele me abraçou e grudou nossos lábios embaixo do chuveiro. Passei meus braços pelo seu pescoço ao mesmo tempo que ele me abraçou e apertou seu corpo contra ao meu. Seus lábios se afastaram e encostaram-se em meu pescoço levemente.

—Eu ia fazer pipoca, mas eu não consegui resistir —Ele murmurou —Isso aqui é muito melhor.

—Seu bobo! —Eu murmurei, entorpecida, fazendo-o rir.

Abracei-o apertadamente, escondendo-me no pescoço dele. Não demorou muito pros meus sentimentos começarem a aflorar como eles só faziam quando eu estava com ele. Incrível.

—Mari... Você tá chorando? —Ele perguntou, preocupado. Funguei, em resposta. O chuveiro foi desligado. —Pelo amor de Deus, você pode me dizer o que aconteceu?

Ele se afastou para me encarar, mas, ao olhar para mim, a única reação dele foi me pegar no colo e me levar para cama. Ele me deu uma toalha, com a qual eu me enrolei, vendo-o fazer o mesmo com a dele. Então ele sentou-se ao meu lado e aguardou-me.

Eu não podia fugir, certo?

—Eu tive tanto medo —Eu sussurrei. Minha voz falhou e ele passou os braços pelos meus ombros, protetoramente. Então contei-o sobre Theo e o quanto tinha me lembrado daquela coisa horrível e ele me assegurou que nunca mais deixaria Theo chegar perto de mim, embora eu tivesse achado isso quase impossível.

Tentando não acreditar que ele tinha mudado tanto, eu havia dito que ele só estava bêbado e Erick riu, mas não falou nada. Apenas me abraçou e nós dormimos assim.

A manhã anunciou o começo de um novo dia confuso e o fim do nosso sonho encantado no paraíso. Erick, por outro lado, parecia extremamente confiante e me acordou com um sorriso do tamanho do mundo.

Preguiçosamente, eu abri um sorriso para ele, enquanto ele depositava uma bandeja de café da manhã. Encarei-a sorridente por alguns segundos, até que o cheiro do bacon me entopecei e embrulhou meu estômago.

Ah, não. Não de novo. Mas lá estava eu, ajoelhada no vaso sanitário, vomitando o que ainda restava, a toalha caída em algum lugar do caminho e, desta vez, Erick não foi atrás de mim, me ajudar. Estava com vontade de chorar.

Levantei-me, dei descarga e fui à pia lavar-me a boca. Quando levantei o rosto, os olhos azuis espertos de Erick me encaravam através do espelho. Seu rosto tinha uma feição dura que me fez estremecer.

E a pergunta que eu não queria nem fazer a mim mesma foi dita por aqueles lábios que me faziam delirar quando beijavam os meus.

—Mari, você está grávida?

Image

Essa era, sem dúvidas, a coisa mais difícil que eu iria fazer em toda a minha vida, não importava o quão grande e defeituosa ele viesse a ser. Eu nunca faria algo tão complicado ou difícil como naquele momento, em cima de conclusões que talvez eu me arrependesse, mas que eu me sentia segura e certa. Não, eu dizia estar segura e certa, mas eu sabia —tinha a plena e absoluta certeza —que eu ia me arrepender amargamente.

E eu tive os primeiros fios desse plano absurdo quando a minha resposta duvidosa fez Erick encher-me de promessas em uma casinha em algum lugar distante, nós dois e o bebê, muito amor, carinho e felicidade para nós três, mas eu, embora eu tivesse sonhado e desejado isso com todas as minhas forças, me senti sem jeito e incapaz de fazer isso com ele, não tão próximo de ele conseguir voltar para o time e conseguir a tão sonhada bolsa dele para faculdade. Ele tinha um futuro muito mais brilhante e eu tinha que proteger isso.

Foi horrível quando ele simplesmente deixou-me no hospital e eu tive quase certeza que seria nosso último beijo, nosso último abraço, nossos últimos momentos. Tive vontade de chorar, mas eu não pude fazer isso na frente dele, entregando a ele que minha decisão já estava praticamente tomada e que eu só precisava de um pouco mais de gás para segui-la.

A minha doutora encheu-me de broncas sobre eu não ter me cuidado do jeito que devia e blábláblá. Eu tentei não revirar os olhos, não adiantava nada me lembrar disso agora, estava tudo feito. Já tinha uma coisinha dentro de mim que me fazia vomitar e ficar enjoada durante o dia todo e não tinha como voltar atrás.

Não, eu nunca pensei em aborto. Era simplesmente complicado digerir que você está grávida com a idade que eu tenho, mas eu sentia-me bem. Eu não podia simplesmente pedir para tirarem meu bebê de dentro de mim como se ele fosse algo descartável. Não era, era uma vida e eu já quase conseguia não o odiar por virar minha vida de cabeça para baixo. Eu estava quase ansiosa para conhecê-lo.

E foi em um dos exames rápidos daquela tarde de domingo que eu o conheci. Uma coisa pequena, quase desforme em pouco mais de três semanas que fazia-me ficar com vontade de chorar a cada segundo, admirada com a beleza dele. Senti-me totalmente idiota, mas, no segundo seguinte, veio-me a confirmação do tempo de gravidez. Era só o que eu precisava para que a minha decisão fosse mais firme.

Mas eu estava assustada e com medo. Não dormi nem um pouco naquela noite até que eu liguei desesperada para Jenna e ela fugiu de casa na madrugada para ver o que eu tinha. Contei-lhe tudo. Simplesmente tudo sobre o a gravidez e sobre a minha decisão, sobre eu ter certeza absoluta sobre o pai do bebê, mas eu errei em dizer os motivos da minha decisão. E Jenna ficou zangada, mas depois de ver o quão firme eu estava, ela apenas me deu apoio, resmungando sobre arrependimentos.

É, eu também sabia que iria me arrepender.

Então, agora lá estava eu, no segundo andar da escola com o nariz vermelho e a cara inchada, esperando perto dos armários para fazer meu comunicado fatal, morrendo de medo da reação dele. Eu tinha simplesmente medo de tudo dar errado e em vinte e quatro horas eu estar na sarjeta, abandonada e com um bebê na barriga. Porque eu tinha dois pais para notificar e eu não tinha ideia de qual seria mais difícil ou qual seria a reação de cada um deles.

Sentia-me completamente insegura, mas Jenna estava ali, apertando a minha

mão com força, apenas para que eu a percebesse. E, por um segundo, eu estremeci mais uma vez com o vislumbre dos dois me negando e eu sozinha, sem apoio na rua. Quase como minha mãe ficara, embora ela não tivesse contado ao meu pai sobre mim, a princípio. Porque ele a ajudou quando ela tomou coragem.

Jenna passou o braço pelo meu ombro e me abraçou quando eu fiz que ia começar a chorar novamente.

—Você sabe que não é isso que eu queria, não é? —Ela murmurou —Aliás, nem você queria, embora insista nessa ideia estúpida. Bebês não precisam de dinheiro, Mari. Bebês precisam de carinho, atenção de uma família feliz e estruturada para que eles cresçam saudáveis. E você sabe que ele não vai te dar isso.

Revirei os olhos. Nós duas já havíamos discutido isso a fio, passado e repassado cada uma daquelas palavras incansavelmente, mas ela insistia em repeti-las, em tentar me deixar insegura o suficiente para cogitar a segunda opção por alguns segundos. Alguns segundos de loucura apaixonada que me fariam correr para os braços de Erick e gritar para fugirmos para algum lugar distante só com a nossa roupa do corpo.

Não, isso não iria acontecer. Não era seguro para o meu bebê.

Jenna simplesmente estava chocada com a minha decisão. Ela achava que os hormônios estavam afetando o meu cérebro e esperava que o bebê herdasse a inteligência dela e não a minha. Como se isso fosse geneticamente possível.

—Bebês precisam de muitas coisas. —Eu murmurei. —Posso dar amor para o meu bebê sozinha.

Ela quem revirou os olhos dessa vez, mas não teve tempo para retrucar um nada porque Theo surgiu, entrando na escola, encaminhando-se até o armário dele, no segundo andar, onde eu estava. Encolhi-me, assustada que fosse agora.

Jenna suspirou e apertou meu ombro com a mão, passando-me força.

—Vou ficar no laboratório vazio aqui do lado, caso precise de ajuda — Disse.

Concordei com a cabeça, vendo-a se afastar contra a vontade. Ao menos ela entendia que aquilo era uma coisa que deveria ser feita apenas por mim. Theo surgiu pela a escada no mesmo momento em que Jenna sumiu pelo laboratório. Ele pareceu surpreso e franziu assobrançelas, enquanto eu me abraçava, tentando me dar mais coragem para levar aquilo a diante.

Era a pior, pior coisa de toda a minha vida.

—Não esperava te ver por aqui hoje —Ele murmurou, passando por mim para abrir o armário. —Não depois disso —Ele apontou para cabeça, para um pedaço onde pareciam ter raspado e dado pontos.

Suspirei. Ainda tinha isso, quase havia me esquecido.

—O que você queria que eu fizesse? —Eu murmurei —Eu fiquei desesperada, Theo. De acontecer de novo.

Ele parou de mexer no armário e me olhou, aparentemente emocionado. Seus olhos pareceram totalmente sinceros quando ele disse:

—Me desculpe —Sussurrou. Sua voz chegou a falhar —Eu estava bêbado e queria *tanto* você de volta que eu me descontrolei —Ele continuou me olhando e eu, nervosa, concordei com a cabeça, mordendo o lábio. Ele suspirou e voltou a mexer no armário —Mas, então, o que trás a senhorita aqui? Já vi que não é para pedir desculpas pelos meus quinze pontos.

Eu suspirei, querendo adiar aquele momento mais um pouco. Era constrangedor sentir-me tão... *vulnerável* para ele, mais uma vez. Lembrava-me de coisas que, hoje, me davam náuseas, mas eu tinha que fazer isso. Pelo bem do bebê.

—Não, não foi —Eu disse. —Você mereceu isso.

Theo concordou, fechando o armário e colocando uma touca na cabeça para esconder o curativo.

—É, eu mereci —Ele resmungou.

Abaixei o olhar por um momento e senti as lágrimas escorrendo pelo meu rosto antes mesmo que eu pudesse formular qualquer frase para informá-lo. Eu meio que vi o desespero dele por eu estar chorando, mas ele não encostou em mim ou tentou me acalantar em nenhum momento, então eu suguei o máximo de ar que podia e tentei dizer tudo de uma vez.

—Eu... Tô grávida.

Eu o vi tentar absorver a informação. Vi-o abrir e fechar a boca várias vezes, sem saber o que falar. As narinas dele inflaram, os olhos arregalaram e a reação seguinte me surpreendeu. Ele simplesmente fechou os olhos e me abraçou.

Então eu chorei. Chorei de verdade por ele ter aceitado aquilo e das minhas chances com Erick simplesmente se esvaírem. Chorei porque minha vida, daqui por diante, não teria paixão, carinho ou amor e meu bebê não teria o pai que ele verdadeiramente merecia. Mas meu bebê teria tudo e eu estava disposta a sacrificar tudo pelas duas pessoas que eu mais amava naquele momento.

Theo continuou me abraçando, meio em choque, mal me acariciava. Então, meu olhar se perdeu em dois pontos azuis no corredor. Ali estava Erick, ele estava vendo nós dois e, melhor que ninguém, ele sabia o que isso significava. Sabia que eu estava recusando tudo que ele me oferecera, mas ele nunca ia entender meus motivos. E eu soube que havia perdido o que eu queria. Ficar com Erick, quero dizer, mas como eu poderia fazer isso? Ele não deveria me querer mais, depois que eu havia ignorado os pedidos dele. E as ofertas maravilhosas... Uma casa em Brighton, nós dois e o bebê. COMO eu pudera recusar?

Virei o rosto por outro lado e vi a cabeça de Jenna pela janelinha do laboratório, aparentemente apreensiva por Erick estar ali, mas ao ver que eu a encarava, ela suspirou, derrotada e eu percebi que ela esperava que eu desse a louca e jogasse tudo para o alto quando eu o visse. Eu também esperava. E enquanto eu pensava exatamente em fazer isso, a voz de Theo soou, meio desesperada, fazendo a pergunta que eu mais temia porque eu não podia dar uma resposta verdadeira.

—Como? —Ele me perguntou —Eu sempre... Eu nunca deixei de tomar... cuidado, você sabe.

Ele, meio desesperado, começou a olhar para os lados para saber se alguém havia escutado e minhas bochechas coraram de vergonha pela preocupação dele. Depois, pânico por Erick, mas ele não estava mais ali, então eu simplesmente fechei os olhos e soprei a resposta mais sincera que eu pude.

—Eu não sei.

Ele pareceu se desesperar mais ainda e deu alguns passos para trás, se afastando de mim, ainda olhando em volta. Vi Jenna se abaixar rapidamente, escondendo-se do olhar alucinado dele.

—Olha, eu... —Ele murmurou, terrivelmente perturbado —Eu não sou... Um canalha, eu não vou te deixar sozinha, mas... Eu preciso... Tempo.

Eu não tive nem tempo de concordar antes que ele sumisse da minha frente. Suspirei, escorregando pelos armários até o chão. Jenna veio desesperada em minha direção.

—Idiota! —Ela cuspiu na direção que ele havia sumido —Não é um canalha! Há! Por que você não me escuta, Mariana? Mas que merda! Você viu a carinha que o Erick fez para você? Ele queria o bebê! O babaca não quer!

Olhei para Jenna com o rosto lavado pelas lágrimas e forcei-me a falar algo que saiu completamente arranhado e choroso.

—Adoro o apoio que você me dá.

Ela suspirou, derrotada e sentou ao meu lado, deitando minha cabeça no colo dela. A inspetora passou pela gente, avisando para ir para as salas, mas, ao ver a minha cara, ela acenou que a gente podia ficar ali ou ir embora.

—Eu sou sua amiga —Jenna murmurou quando a inspetora foi embora — Eu tenho que te avisar se você estiver errada quando você estiver. E eu acho que você está fazendo tudo errado agora e vai se arrepender. —Ela acariciou meu cabelo, falando doce —Eu vou estar aqui para você de qualquer maneira.

Depois disso, ela me levou para casa. E eu fiquei trancada em meu quarto, sem sair, até quando me obrigaram, na quinta feira, porque Alan iria passar uma semana num centro de recuperação para voltar ao menos um pouco normal para a ação de graças no lago.

—Vou sentir saudades —Alan me abraçou com um sorriso. Lá de fora, Kate buzina distraidamente para que ele fosse logo.

Sorri tristemente, abraçando-o apertado, desejando que ele ficasse bom logo.

—É só uma semana. —Murmurei.

Ele deu um sorriso de lado esperto, se afastando visto ao acesso de buzinas que Kate estava tendo do lado de fora da mansão.

—Vai ser longa sem saber o que está acontecendo de errado com você. — Então, de nada adiantava disfarçar. —Hey —Ele me chamou, segurando o meu rosto para olhá-lo. Eu já estava começando a lacrimejar, com medo de contar para ele com Jack tão perto. Ainda não havia conseguido contar-lhe. —Sei que você não quer contar nada agora, mas eu ia gostar de saber disso na ação de graças. Ou eu vou surtar por meses na reabilitação sem saber. Então... Você pode se preparar para isso?

Concordei com a cabeça e abracei-o forte antes de deixá-lo ir. Eu podia ter dito que o bebê era de Alan e, embora ele se drogasse, eu e o bebê seríamos muito mais felizes com ele. E Alan assumiria, mesmo sabendo que não era dele. Eu não me assombraria se ele mesmo me propusesse isso quando eu lhe contasse. Eu tinha certeza que ficaria tentada a aceitar.

Mas apenas deixei-o ir, vendo o carro sumir e sentindo o olhar duro de Jack em minhas costas, fingindo que encarava o carro sumir também. E, antes que ele pudesse me perguntar alguma coisa, eu corri de volta para o meu quarto, desesperada com a possibilidade. Estranhei, ao passar em frente da porta do quarto de Lizzie, que ela estivesse ali, e não se despedindo do irmão, sentada no computador, conversando com alguém no MSN com um sorriso estúpido no

rosto, mas achei melhor não julgá-la. Talvez, como sempre, ela nem soubesse o que estava se passando naquela casa.

No meu quarto, decidi me forçar a pensar e fazer coisas pelo bebê, então finalmente peguei a caixa que Jenna havia deixado para mim naquela manhã. Eu abri-a, vendo um pano amarelo dobrado no fundo e um bilhete em cima. Peguei o bilhete, puxando a linda colcha amarela e segurando-a junto ao rosto, sentindo o cheiro de algo novo com perfume de bebê e li a carta.

Para meu lindo afilhado ou afilhada, filho de uma mãe desnaturada, mas com uma madrinha sensata que já o ama MUITO!

Jenna

Ri baixinho, sentindo vontade de chorar de novo, mas apenas dobrei a colcha e coloquei-a de volta na caixa, abandonando o bilhete em cima da cama. Então encarei meu teto, tentando imaginar-me com um bebê nos braços, amamentando... Inconscientemente, coloquei a mão em minha barriga e desejei que Erick estivesse ali do meu lado, experimentando aquele novo e assustador desafio comigo. Foi questão de segundos para que eu começasse a chorar.

Ouvi batidas a porta e então a voz de Jack soou.

—Olha, a Kate tá ficando zangada —Ele disse —Ela tem sido complacente porque ela entende o que você passou, mas você não pode deixar de fazer suas tarefas e ficar trancada a semana toda no quarto ou ela vai querer passar um sermão. —Então ele não disse mais nada e o meu silêncio pareceu incomodá-lo —Mariana? —Ele chamou, abrindo a porta e me encarando encolhida, chorando. Suspirou —Mas o que é que há com você, meu Deus? —Ele entrou no quarto, fechou a porta e veio me abraçar.

Ele sentou ao meu lado e me acolheu no colo dele, acariciando minha cabeça enquanto eu tremia e choramingava. Eu gostava quando ele simplesmente fazia o papel de meu pai, porque, por mais que ele se esforçasse, ele não conseguia não ser. Jack era bom demais para negar-me quando eu precisava dele, nem que fosse em frente a Kate e por isso que ela suspeitava que nós tivéssemos um caso.

Senti-o enrijecer e olhei, vendo-o pegar o bilhete que Jenna havia me deixado. Ok, ao menos eu não precisaria falar, com medo de levar outra rejeição como de Theo. Mas ele agora sabia. Encarei-o com os olhos cheios de lágrimas e implorei.

—Eu estou com tanto medo, *pai*.

Ele não amoleceu, mas também não me largou. E as palavras que ele usou

voaram na minha cabeça, transparecendo o motivo pelo qual eu não havia feito meus exames para descobrir a gravidez já quase evidente.

—Apenas me diga que é do seu namorado. —Disse, friamente.

Eu concordei, mas corrigi-o, choramingando.

—Ex. —Murmurei.

Eu vi-o quase suspirar de alívio.

—Você contou? —Concordei com a cabeça —Ele vai assumir?

Tentei secar as lágrimas com as costas das mãos e sentei-me na cama, encarando o nada, detestando estar tendo aquela conversa. Ele não parecia zangado comigo, mas eu quase via fumacinha saindo pelas orelhas dele. Ele mataria Theo.

—Eu não sei —Funguei —Ele disse que ia, mas não posso dizer que estamos exatamente nos falando.

Eu ouvi-o bufar. Levantou-se da cama em um pulo.

—Se arruma. —Ordenou-me —Nós vamos falar com ele.

Eu encarei-o, chocada. Ir à casa de Theo e exigir que ele assumisse o bebê implicava nele me assumindo. E isso seria o caos, eu não queria ser a causadora disso tudo, então não me movi.

—Mas, pai... —Retruquei.

Ele bufou novamente. Foi até o meu armário e arrancou o casaco que ele havia me dado de presente de aniversário e jogou ao meu lado na cama.

—Vista isso.

Ele estava me assustando, parecia zangado de uma forma que eu nunca havia visto. Enquanto eu me vestia, ouvi-o resmungar sobre ficar com cabelos brancos se os filhos dele continuassem aprontando assim. Então eu quase senti dó do Alan por semana passada. Jack deve ter sido mais assustador com ele que comigo.

Caminhei até a porta e, lá embaixo, a campainha soou. Pensei que pudesse ser Kate voltando, mas além de ser cedo demais, ela não tocou a campainha. Eu só absorvi a informação quando a empregada que eu ainda não sabia o nome nos alcançou ao pé da escada.

—O Senhor Ward está aí para ver a Senhorita Abreu —Ela anunciou.

Olhei para Jack assustada e ele relaxou, sorrindo para mim para me dar apoio moral.

—Vá lá. —Sussurrou.

Concordei com a cabeça e caminhei até a sala onde Theo me esperava sem sentar. Ele me encarou, tão assustado quanto eu e soltou um suspiro cansado. Suas olheiras indicaram que ele estivera passando noites em claro pensando no que poderia vir a acontecer conosco.

Foi um silêncio assustado, mas Theo estendeu os braços para mim e eu abracei. E nós dois choramos como crianças.

Image

Eu soube que Erick havia voltado para o time de futebol assim que pisei na escola, na sexta-feira seguinte. Na verdade, eu perguntaria ‘Quem não soube?’ Com a algazarra que os amigos de time dele estavam fazendo, carregando-o nos ombros como um herói pelos corredores nos intervalos das aulas.

Tentei evitar sorrir quando ele passava aparentemente distraído com a alegria de voltar ao time, mas era impossível. Até que, em um momento, eu realmente parei no corredor e fiquei encarando-o, a risada dele ecoando pela escola enquanto os amigos o jogavam para o alto. E ele me viu e foi como se o mundo desmoronasse em seu rosto. Mordi o lábio e arrisquei um sorriso triste para ele, me abraçando e ele continuou me olhando como se tentasse entender o que eu estava pensando. Na cabeça dele, eu escolhera Theo para o seu lugar ao meu lado. Por que diabos eu estaria olhando para ele? Eu tinha a resposta, mas era difícil dizer. Mesmo que em pensamento.

—Hey, garota, ao menos disfarça! —Jenna me deu um empurrão de leve, o suficiente para me fazer dar um sorriso sem graça e desviar o olhar de Erick por alguns segundos, antes de ele sumir, virando o corredor —Você escolheu o outro, agora aguenta. —Suspirei, preparando-me para negativa, quando vimos Theo passar pelo corredor. Ele acenou para mim, mas não se aproximou —Falando no demônio.

Certo, eu adorava a minha amiga, mas ela simplesmente tinha que se conter um pouco, às vezes. Theo estava tentando ser bom para mim e eu não podia reclamar *muito* dele. A raiva dela devia estar sendo voltada para mim, já que a decisão tinha sido minha.

—Não seja tão má —Eu murmurei.

Ela deu de ombros, pouco se importando. O sinal tocou e ela me arrastou para última aula do dia, matemática avançada. para quê eu tinha aquela aula mesmo? É, eu não sabia.

E por não ter minha resposta, naquela aula, eu deixei Jenna realmente

zangada quando me levantei e falei para o professor que desistia da matéria enquanto ele explicava um teorema que fazia meus neurônios gritarem. Eu tinha créditos sobrando, não precisava fazer aquela matéria cansativa.

Fui à cantina e comprei o maior hambúrguer que eu conseguiria comer e então eu encarei a escola quase vazia no último tempo de aula. Quem não tinha aula naquele tempo ia embora mais cedo, é claro, mas eu tinha que esperar a limusine vir me buscar no horário normal, então eu simplesmente segui os únicos barulhos que eu conseguia ouvir além dos professores dando aulas e as algazarras nas salas.

Quando dei por mim, estava sentada na arquibancada com meu hambúrguer gigante, assistindo ao treino de futebol.

Quero dizer, não era bem ao time de futebol que eu assistia, é claro. Eu via Erick correr de um lado para o outro, chutar aquela bola esquisita de futebol americano e tudo mais e a única coisa que eu podia fazer era suspirar, me sentir patética e morder meu hambúrguer.

Ao menos meu bebê seria um saudável mordedor de hambúrgueres, certo?

Estava tudo bem até que eu vi uma bitcherleader dando em cima dele. Fiquei tão vermelha de raiva que estava com medo de devolver meu hambúrguer. Eu fiquei encarando a cena, vendo como ela colocava as patinhas dela no ombro dele e dava risadinhas. E como ele parecia andar para trás e fugir dela. Bom garoto.

—Não acredito —Jenna me alcançou meia hora depois, quando a aula acabou. Por sorte, Erick havia ficado distraído boa parte do tempo e não tinha me visto, desleixada com um sanduíche sentada na arquibancada —Você desistiu de matemática para ficar aqui olhando o garoto?

Ela estava zangada. Claro, ela não entendia. Não entendia nada do que eu estava fazendo porque ela não era como eu. Não adiantava explicar, ela nunca entenderia. Só se ela tivesse passado pelas mesmas coisas, ou coisas parecidas. Aí sim.

—Não, eu desisti pelo hambúrguer —Apontei para os restos mortais do meu hambúrguer gigante, fazendo-a revirar os olhos.

—Você é louca —Ela disse, como se tivesse acabado de perceber isso —Vamos embora? Sua limu já está aí.

—Ok.

Amassei os restos do meu hambúrguer com um suspiro e olhei para o campo para me despedir psicologicamente de Erick, mas só então eu reparei que

ele estivera olhando para mim durante aqueles minutos finais. Mordi o lábio vendo que, ao reparar que eu o encarava, ele acenou para mim. Levantei a mão e sacudi os dedos, fazendo-o sorrir com isso.

Eu não podia entender.

—Arg! —Jenna resmungou —Eu não acredito, Mariana, deixe o garoto! — Ele puxou-me pela arquibancada até uma descida que fosse longe do Erick.

Eu estava com um sorriso idiota no rosto, Jenna queria me matar por isso.

—Mas foi ele que acenou, você viu!

Ela continuou me arrastando para longe dali, resmungando algumas coisas sem sentido sobre não entender mais nada. Então ela me jogou para dentro da limusine e bateu os pés até a dela.

Eu ainda não me sentia confortável em ir e voltar da escola da limusine sozinha. Jack havia ordenado que eu devesse usá-la para isso mesmo sem Alan ali. Afinal, como eu iria se não fosse dessa forma? Certo, mas eu pensei que poderia ser legal ir de moto. Até me lembrar que o dono dela não iria querer me buscar, não depois da minha escolha.

E lá se foi meu fim de semana. Não muito agitado, ajudei Lizzie em algumas matérias e ela não foi tão hostil. Acho que alguém disse a ela que eu ajudei o Alan, mesmo eu achando que ela não sabia em que eu havia o ajudado.

Theo me ligou do domingo, enquanto eu estava no quarto, afundada em pipocas e chocolates, assistindo um filme bem triste e conversando com Jenna sobre ele (ela também estava assistindo, mas da casa dela) por MSN. Ele não foi muito extenso, mas disse que queria dar-me um presente no dia seguinte. Fiquei animada, achando que devia ser algo bonitinho para o bebê e fofoquei horrores com Jenna, imaginando o que podia ser.

E então veio a segunda-feira. Que foi boa e ruim. Começando o dia, Theo me esperava na entrada da escola com um sorriso de lado não muito animado. Certo, entendi que a única quase-alegre com a coisinha na minha barriga era eu. Ok, ele podia ao menos fingir para mim, não é?

—Isso é para você —Ele murmurou, entregando-me um envelope, que quando eu abri, curiosa, se revelou um cartão de crédito e suas senhas —Pra comprar o que você quiser, para você e para o bebê —Ele sussurrava, quase não dava para ouvir.

Não era o que eu esperava, achei que seria algo com mais sentimento.

—Obrigada —Eu murmurei. Então resolvi arriscar —Hm... Você não quer... Ir comprar coisas para o bebê comigo mais tarde?

Antes que Theo pudesse responder, porém, um idiota passou gritando:

—QUÊ? BEBÊ? —Ele riu para nós dois —AE, WARD! FERTILIZOU A GAROTA! —E continuou gritando —AE, GALERA, SABE QUEM TÁ GRÁVIDA? A ABREU! SABE DE QUEM É? DO GAY DO THEO! —E gargalhava.

Eu corei de vergonha e corri para o banheiro mais próximo antes que Theo pudesse me responder. Mas eu sabia que seria uma negativa.

Mas a quem eu estava enganando? Eu sabia que seria assim, eu sempre soube. Eu escolhi isso e eu quis que fosse assim, mas eu me culparia se fizesse de outro jeito. Eu já estava estragando a minha vida, não podia estragar a vida de outra pessoa cujo futuro dependia do próprio esforço e não do dinheiro dos pais.

Encarei as aulas de cabeça erguida embora tivesse vontade de chorar toda vez que percebia que tinham pessoas rindo de mim ou comentando sobre como não dava para perceber que eu estava grávida. E alguns garotos foram excessivamente cruéis, perguntando se eu não queria engravidar deles também.

Então, ficar grávida era sinônimo de puta?

Felizmente, eu tinha matemática no último tempo novamente e quando o sinal do último tempo soou, eu voei para a lanchonete e comprei um cachorro-quente enorme.

—Hey —Soou uma voz atrás de mim e eu arrepiei-me, sabendo quem era.

Virei-me e encarei seu sorriso.

—Oi —eu murmurei, enfiando o cachorro quente na boca para não falar algo que não devia.

Ele mordeu o lábio e pareceu indeciso no que falar, então apontou para o cachorro quente.

—Matando aula para comer?

Engoli o cachorro quente que estava mastigando, quase me engasgando e fiz Erick rir com isso. Abanei-me, os olhos cheios d'água pelo esforço antes de conseguir falar. Nós começamos a andar em direção ao campo.

—Não, tempo livre —Respondi —Desisti de matemática.

Harry concordou com a cabeça. O time de futebol treinava naquele horário, então ele sempre tivera aquele horário livre, o que significava algumas manhãs de sábado sacrificadas. Mas era muito raro. Ouvi-o suspirar e parar à minha frente.

—Eu queria conversar com você sobre... —Ele pareceu totalmente sem jeito

—essas coisas.

Mordi meu cachorro quente para não ter que responder, mas acabei por concordar com a cabeça enquanto mastigava com o olhar dele firme em mim. Eu não queria ter aquela conversa. Será que a desculpa 'grávidas não podem se estressar' funcionaria?

Ok, eu desisti de qualquer desculpa quando a mão dele enlaçou a minha, puxando-me para as arquibancadas. Eu sentia meu coração disparado, com medo da conversa, mas também contente que ele parecia não me odiar pelo que eu havia feito, tanto que estava ali.

Nós paramos no meio da arquibancada e eu sentei, olhando-o, ainda em pé. Ele parecia que havia se arrependido, mas ao mesmo tempo parecia firme e eu só estava assustada, mas suspirei.

—E então? —Eu perguntei.

Ele sentou-se ao meu lado e, quando eu vi, sua mão estava entre as minhas e eu tive que encará-lo. Eu queria chorar, vendo que era isso que ele parecia querer também.

—Eu disse que ia assumir vocês —Ele murmurou, parecendo extremamente chateado.

Eu abaixei os olhos, envergonhada. Eu achei que ele ficaria com raiva de mim, não magoado. Magoado me deixava triste. Não queria me sentir culpada por ele estar triste, isso estava acabando comigo.

Ele pegou meu queixo com as pontas dos dedos da mão livre e fez-me levantar o rosto para encará-lo. Eu não queria ver o que eu fizera, já era ruim o suficiente conviver só comigo mesma.

—Eu sei —Eu murmurei, minha voz falhando vergonhosamente. É, eu iria chorar em breve. Saco.

Ele colocou meu cabelo atrás da orelha e disfarçou bem quando ele acariciou meu rosto com um sorriso triste. Eu pensei em morrer como uma alternativa. Devia doer menos, quebraria menos meu coração.

—E mesmo assim... —Ele fechou os olhos e eu segurei-me para não chorar. —Você escolheu outro.

Era como se meu coração fosse sair pela boca, mas em mil pedacinhos que ainda estavam grudados por algum fio de esperança e se repuxavam, querendo se separar, achando que assim ia doer menos, mas acabava sendo pior. Eu não iria agüentar. Qual era o meu propósito naquela loucura mesmo?

—Me... Me desculpe —Eu tentei sussurrar, saiu extremamente ruim e

minhas lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos. Eu não estava chorando, eu estava chovendo.

Harry fez que ia me abraçar, mas pensou melhor, olhando para o campo onde alguns amigos e algumas bitcherleaders encaravam a nós dois. Ele suspirou e tentou me acalmar só com as palavras:

—Não, não, não —Ele tentou parecer displicente para os outros, mas extremamente carinhoso comigo, secando as minhas lágrimas —Eu... Entendo o que você fez... Mas você... Você não entende... Eu posso fazer isso, é só... Você dizer que quer que eu faça.

Eu abaixei a cabeça, confusa. Eu entendia. Como eu não poderia entender o que eu estava fazendo? Do que ele estava falando? Eu abri a boca para perguntar, para tentar entender melhor, mas...

—HEY, ERICK, ANDA LOGO! —Algem brutamente que estava me atacando mais cedo gritou para Erick e pareceu desnor-teá-lo.

Ele suspirou, contrariado, mas fez que ia levantar.

—Pense com seu coração... Eu sei que você vai me escolher se você fizer isso —Ele se levantou e meio que se agachou, dando-me um beijo no canto dos meus lábios —E aí eu mostro para você que não é exatamente o que você está pensando.

Então ele foi treinar, deixando-me confusa com meu cachorro quente, que eu já havia perdido a vontade de comer. Eu fiquei lá, feito uma retardada olhando-o e eu o via me olhar de tempos em tempos e sorrir para mim. E eu suspirava, era impossível evitar.

Certo, eu deveria repensar minha escolha? Eu queria que ela fosse diferente, mas eu não via como isso poderia sair bem se fosse de outra forma. Eu tinha medo de ferir demais, de dar tudo errado por um capricho. Porque eu queria Erick... Eu tinha necessidade dele e ele aparentemente tinha de mim, mas... Eu não podia.

Eu já estava quase chorando outra vez quando Jenna chegou revoltada, arrastando-me para longe da escola antes que eu pudesse acenar uma despedida para Erick.

Nós fizemos algumas compras com o cartão de Theo naquele dia. Nada muito importante ou muito caro, mesmo Jenna querendo comprar as coisas mais bonitas e caras da loja, eu fiquei com medo de gastar demais e depois mudar de ideia. Disse a ela que não queria gastar muito porque não sabia qual era o sexo do bebê e que esperaria até saber para comprar coisas legais. Ela resmungou um

‘É claro que é uma menina’ e nós encerramos as compras do dia depois disso.

E a terça feira foi pior. O boato da minha gravidez havia se espalhado por toda a escola e metade da escola estava sendo ofensiva comigo. Quero dizer, os garotos me paravam para pedir telefone e um garoto chegou a me perguntar quanto eu cobrava pelos meus ‘serviços’. Já as garotas soltavam piadinhas ridículas sobre o quão educado meu filho seria e essas coisas. Eu estava tentando agüentar tudo aquilo sem chorar. Theo havia dito para que eu fosse forte, que depois de alguns meses, eu nunca mais veria àquelas pessoas.

Theo também disse que o pai dele queria que nós nos casássemos depois da escola e o meu nervosismo me fez imaginar eu e Erick fugindo para longe depois da formatura. Não bom. Só concordei com tudo que ele dizia, então logo eu estava sozinha de novo.

Não por muito tempo, é claro. Eu era o novo ‘alvo’ de toda a escola, então logo eu fui cercada pelo mesmo grupo de garotos do dia anterior, todos falando atrocidades de mim. Quis saber onde Jenna estava, então eu a vi tentando socar um dos garotos e depois gritar para alguém atrás dela.

Eu começava a chorar, um garoto me agarrou e estava querendo se esfregar em mim enquanto eu me esquivava, então eu o vi.

Erick empurrou dois garotos grandalhões que deveriam ser o time de futebol dele e avançou para o garoto que me segurava, mas eu me joguei contra ele, tentando evitar.

—Não bata nele —Eu sussurrei, abraçando-o, tentando evitar que ele avançasse contra o garoto —Não bata nele, não bata nele, não bata nele, não bata nele! —Eu repetia como um mantra. Eu não podia deixá-lo ser expulso do time por minha causa *de novo*.

Eu soube que havia funcionado quando eu senti a mão dele na minha cintura. Suspirei aliviada, tentando empurrá-lo para fora do círculo para que eu saísse dali, então ele entendeu e me levou para outro corredor.

—Você está bem? —Ele perguntou-me, parecendo preocupado.

Eu concordei com a cabeça, vendo Jenna se aproximar correndo.

—Ela vai ficar bem, não se preocupe —Jenna garantiu a ele, agarrando-me pelo braço assim que nos alcançou —Eu vou cuidar dela.

E então ela me arrastou para longe dele e me protegeu o resto do dia.

A quarta-feira foi normal, o que me fez crer que Erick havia dado uma prensa nos garotos mesmo assim. Agradei mentalmente, mas fiquei assustada ao me ver sozinha na hora do meu tempo livre. Comprei um sanduíche natural,

desta vez —ou eu ficaria gorda —e, ao invés de me sentar nas arquibancadas, eu me escondi embaixo dela para vê-lo um pouco. Quase na hora de ir embora, eu reparei que Erick estava olhando demais para onde eu estava e fiz alguns sinais que o fizeram rir. Eu vi quando ele falou algo com o treinador e o treinador acenou para ele, então ele veio correndo para onde eu estava.

Rapidamente, eu fiquei em pé e sacudi a terra da minha roupa. Ele surgiu pelo mesmo buraco nas armações da arquibancada por onde eu havia entrado com um sorriso maroto brincando nos lábios. Mordi o lábio, segurando o meu sorriso e, no segundo seguinte, ele estava com as mãos em volta da minha cintura, o nariz encostado no meu. Meus joelhos fraquejaram.

—Estranhei porque não te vi hoje —Ele sussurrou, parecendo gostar de me ver dobrando-me em seus braços... Caída se ele não estivesse me segurando.

Consegui reunir sanidade suficiente para responder:

—Achei que seria melhor se eu estivesse não-vísível.

Ele encostou os lábios nos meus por um segundo e se afastou. Eu quase me joguei junto para que o selinho durasse mais.

—Eu te meti numa encrenca, não foi?

Eu não tive nem tempo de entender ou pensar. Ele beijou-me tão vorazmente, agora que estávamos escondidos embaixo da arquibancada que eu acreditei que eu poderia viver sem ar, só com aquilo. Levei minhas mãos ao cabelo soado dele e aproveitei aquele beijo tanto quanto eu podia. Ele puxou meu corpo mais para perto do dele e desceu os beijos para o meu pescoço. Joguei minha cabeça para trás e bati com ela numa das madeiras da arquibancada.

—Ai! —eu reclamei.

Harry soltou uma gargalhada maravilhosa e voltou a beijar-me a boca. Não por muito tempo.

—Ah, eu N-Ã-O A-C-R-E-D-I-T-O, MARIANA! —Jenna surgiu pelo mesmo buraco que nós dois e eu me sobressaltei, encerrando o beijo. Erick riu, provavelmente da expressão que eu fazia —E você, Senhor Harvey, devia se envergonhar! —Ela ralhou com ele, agarrando-me pelo pulso, tentando me arrastar —Vamos, está na hora! Se o fanfarrão aí não tivesse rido, eu nunca teria te achado!

Erick segurou-me, não deixando que ela me arrastasse.

—Hey —Ele reclamou —Ela está em minha posse agora. —E ele deu-me um selinho.

Se eu e Erick pudéssemos ser fritos com um olhar, Jenna teria feito isso àquela manhã. Eu fiquei com medo e tirei as mãos de Erick da minha cintura.

—Cala a boca, Harvey.

Ele fez biquinho. Ok, dessa vez fui eu quem o beijou. Ele segurou minha mão, enquanto Jenna tentava me arrastar, ela estava quase soltando fogo pelos ouvidos.

—Você vai ao lago no feriado? —Erick perguntou. Eu sorri e confirmei. — Nos vemos lá, então?

Confirmei, novamente. Jenna estava prestes a explodir quando alcançamos os portões.

—Eu só te digo uma coisa, Mari: *Isso não vai prestar.* —Então ela mudou a expressão para um sorriso —Divirta-se no feriado —E me abraçou —E juízo!

É, minha amiga é meio totalmente maluca.

Image

—Sua mala está pronta? —Lizzie estava linda e loira à minha porta, vestida com um casaquinho leve, shorts e um gorro. Ok, ela era meio contraditória com o tempo.

Tentei fechar o zíper da mala, coisa que eu estava fazendo há mais de meia hora. Ela devia ter rido quando entrou no quarto, mas eu não ouvi nada. Claro, a cena era meio patética: Eu sentada em cima da mala, as pernas para o alto e o zíper arreganhado na metade da bolsa.

—Mais ou menos —Eu respondi.

Aí sim ela riu. Dançou em minha direção e segurou o zíper para mim. Não precisou nada, deu um pulo em cima da mala e o zíper deslizou até a outra ponta, fechando-a.

—Tudo pronto agora? —Lizzie sorriu para mim.

Engraçado, ela não era tão simpática comigo assim. Não sei, de verdade, o que houve, mas eu gostava disso. Talvez ela apenas estivesse encantada com a viagem... Ou porque iria ver o irmão, não sei.

Achei bom.

Puxei minha mala e ela tombou da cama, fazendo um estrondo no chão. Fiz careta.

—Quando eu chegar lá embaixo, vai estar —Sussurrei, com o esforço de puxar a mala.

Ela gargalhou e eu até parei de arrastar a mala para encará-la. Gargalhando comigo? Gosh, era o fim dos tempos. Quero ir pras colinas, não para o lago.

EI, ESPEREM! Erick vai para o lago, preciso ir para lá. Dane-se se é o fim do mundo.

Lizzie me ajudou a descer a mala pelas escadas e, quando chegamos lá embaixo, vi Jack nos olhar com a testa franzida, então ela abriu um sorriso de lado, satisfeito que nós estivéssemos colaborando uma com a outra. Eu estava

feliz com isso, mas assustada. Não era normal e eu não sabia se era seguro.

O lago Ullswater ficava a cinco horas de Londres, mais ou menos. Era uma viagem longa e cansativa que eu iria fazer pela segunda vez, mas, dessa vez, eu faria na limusine e não na van dos funcionários. Não sei o que havia acontecido, mas eu podia perceber que Kate não ficara muito feliz, então Jake alugou uma limusine para mim e para Lizzie.

Eu achei que Lizzie ia bater pé e que o bom humor dela iria para o espaço, mas ela apenas franziu as sobrancelhas pros pais, agarrou o laptop e entrou na limusine. Eu entrei em seguida e só ouvi um 'Ela ainda não tem barriga! Alias, quem mandou ela não se cuidar? Qual é o seu problema, Jake?' de Kate. Pobre papai, não ia conseguir segurar o segredo por tanto tempo se ele continuasse assim.

Suspirei, cansada, quando a limusine começou a andar. Lizzie abriu o laptop e pareceu emanar felicidade logo em seguida. Joguei-me no sofá em frente ao dela, de costas para o banco do motorista e me distraí com algum dever de casa que haviam me passado para o feriado. Eu odiava esses deveres, mas se eu os fizesse agora, poderia curtir meu feriado com regalias no lago. Adorável.

Quando terminei a primeira e extensa questão de biologia sobre os tipos de célula, eu olhei para Lizzie no laptop e suspirei. Meu trabalho ainda faltava muito para chegar ao fim e a viagem estava apenas começando, mas minha cabeça já começara a doer pelo meu esforço de lembrar as respostas. Eu queria estar me divertindo no computador como Lizzie. Queria ter a mesma disposição de ficar no computador para estudar. Queria que Lizzie tivesse aquela disposição —e aquele humor —quando estivéssemos passando as matérias dela.

—Você devia se empenhar assim nos nossos estudos, sabe? —Eu não agüentei e disse.

Ela levantou os olhos da tela do computador e encarou-me com um sorriso encantador. Os olhos brilhavam estranhamente e as bochechas estavam ligeiramente coradas. Oh, não!

—Estudar não é tão divertido assim —Ela deu de ombros e voltou a digitar.

Eu voltei-me ao meu trabalho, sacudindo a cabeça negativamente, com um sorriso no rosto. Eu havia, finalmente, entendido o bom humor e simpatia dela. Algum garoto sortudo havia conquistado o coração da minha meia-irmã. Tão novinha, só esperava que ela não fizesse burradas demais —como eu andava fazendo.

Olhei pela janela, nós não devíamos nem ter uma hora de viagem ainda e eu

já estava de saco cheio. Será que se eu desse uma crise de eu-estou-grávida-e-vou-vomitar, eles paravam? Decidi não tentar, afinal, isso só ia alongar mais a viagem, né?

Eu deitei sobre meu caderno, decidindo parar por um momento para refletir. Eu lembrei de Erick e de tudo o que ele falara sobre o bebê para mim e minha vontade de desistir de tudo e correr para ele só aumentou, mas era tudo tão incerto...

Eu poderia casar no próximo verão. Eu podia estar na faculdade, numa casinha com Erick. A única certeza era que eu ia ser mãe, mas nem o pai do meu bebê eu era capaz de decidir. Talvez eu nem devesse ser mãe, para começar. E eu não faria um aborto por nada do mundo, então...

Bom, quem fez a merda fui eu, né? Agora eu tinha que aguentar calada. E pensar.

Com isso, dormi.

Lizzie me acordou quase quatro horas depois, seu laptop estava abandonado aos seus pés e ela apenas apontou a janela do carro, indicando que estávamos estacionando ao lado da casa-quase-mansão do nosso pai, no lago.

O lago tinha várias casas-mansões. E tinha uma casa em comum onde todos fazíamos nossa refeição de ação de graças. Ela fora criada por causa dos excessos de comida jogada fora depois do jantar, então, com a sala —imensa — de jantar, todos podiam ter seu imenso jantar, mas sem jogar tanta comida fora porque tinha mais gente para comer. Mas, é claro, também haviam incomodos. Algumas dessas famílias tiveram seus problemas no passado e, grande parte das vezes, usavam o jantar de ação de graças para atirar farpas educadamente uma nas outros. Kate era campeã nisso e, pelo andar da carruagem, não ia demorar muito para Lizzie conseguir chegar ao nível dela.

Lizzie desceu da limusine à minha frente e eu não vi quando ela saiu correndo até que eu estivesse fora do carro. Alan estava ali e, enquanto ele a abraçava, ele olhou para mim e soltou um tímido 'hey'. Eu sorri e fui em direção a ele. Abracei meu irmão com força, ele me fazia falta, mesmo com todos os problemas que ele me trazia. Eu gostava de tê-lo por perto...

Fui até ele e abracei-o assim que Lizzie o deixou.

—Como você está? —Eu perguntei, passando o dedo pelas marcas embaixo dos olhos dele. Insônia.

Ele suspirou, parecendo cansado. Automaticamente, nós começamos a caminhar em direção à mansão do meu pai. Alan chutava as pedrinhas quando

passava. Tentei evitar olhar para mansão do lado, onde a van dos funcionários acabava de chegar e eu esperava ver Erick. Alan mantinha os braços por cima dos meus ombros e quando eu vi Erick sair da van e olhar para mim, seu olhar foi de contente para zangado. Eu quase ri.

—Bem e não-bem —Ele murmurou, sem perceber minha quase-conversa silenciosa com Erick —É bom me sentir limpo, mas é muito difícil, então... Às vezes eu não consigo dormir ou me dá vontade de destruir as coisas. E você, como está? —Ele parou em frente à porta que costumava ser o quarto dele (eu ainda não fazia ideia de qual seria o meu...) —Pronta para me contar aquela coisa?

Mordi o lábio e suspirei. Eu sabia exatamente qual seriam as reações dele e eu não queria me tentar.

—Estou bem, na medida do possível —Respondi. —A gente pode entrar para conversar? —Apontei para o quarto dele.

Ele concordou com a cabeça e abriu o quarto para mim. Não estava com cheiro de poeira e mofo como eu esperava, algo me dizia que alguém deveria ter limpado a casa inteira antes da nossa chegada e agradeci à Deus que eu não estivesse nessa equipe de limpeza. Que dó.

Alan se sentou em sua cama forrada com um edredom azul e encarou-me, esperando. Eu suspirei, mordendo o lábio e ele bateu ao lado dele na cama. Sentei-me ao seu lado e ele ficou à espera de qualquer reação minha.

—Então...? —Ele perguntou, vendo que eu não demonstrava nenhuma vontade de falar nada.

Encarei a parede à minha frente, ele iria ficar sabendo mesmo... Melhor que eu contasse. Suspirei.

—Eu tô grávida —Disse, com a voz rouca.

Esperei enquanto ele absorvia as minhas palavras e não demorou muito para que a mão dele estivesse sobre a minha, apertando-a em apoio. Olhei-o e ele sorriu para mim.

—E o pai...? —Perguntou.

Eu senti a minha garganta embargar. Não queria dizer, não queria que isso chegasse à Alan. Ele já era problemático o suficiente e eu sabia que o mínimo que eu fizesse, o afetaria porque ele gostava de mim e eu não queria magoá-lo ou piorar tudo. Agora que ele estava melhorando...

—Eu... —Gaguejei, tentando mudar o assunto.

Alan sorriu de lado e apertou minha mão com força. Ele não podia fazer

isso comigo, mas eu tinha certeza de que ele faria e eu não queria lidar com isso. Não queria magoar mais ninguém, já estava fazendo estrago demais.

—Eu, Mari —Ele murmurou —Diga a eles que é meu —Pedi —Eu não me importo se você não quiser ficar comigo de verdade, mas... Eu quero ajudar e você sabe que eu posso.

Neguei com a cabeça e acariciei seu rosto com um sorriso triste. Alan era especial, eu sabia disso.

—Theo vai assumir, Alan —Eu disse —Não é o que eu quero, mas... Está tudo bem —Dei de ombros —Você tem seus próprios problemas e eu quero que você se concentre neles, tá bom? —Continuei —Vou ficar bem, de verdade!

Ele arqueou as sobrancelhas para mim, duvidando. Ah, é claro. Esqueci de mencionar que Theo não se encostava a mim para nada e a gente mal conversava —e quando fazíamos, era sobre o quê o bebê estava precisando, em questões financeiras. Mas eu não ia falar isso para o Alan, não quando eu já estava sendo tentada o suficiente por Erick.

—Mari...

Eu dei um tapinha de leve na mão dele e levantei-me, fingindo que não o havia ouvido. Caminhei até a porta e virei-me para ele com um sorriso afetado no rosto. Eu podia fingir bem, se eu quisesse.

—Preciso me arrumar, a gente se vê mais tarde, tá bom?

Joguei um beijo para ele e saí do quarto com um suspiro cansado. Arregalei os olhos para feição zangada de Kate, encarando-me logo ali. Meu pai estava ao lado dela e abriu um sorriso quando me viu parada.

—Aí está você! —Ele acenou para mim —Seu quarto é no segundo andar, primeira porta à direita —Suas malas já estão lá e você tem uma hora para estar pronta para o jantar, na varanda! —Ele disse. Concordei com a cabeça, vendo o olhar macabro de Kate voltar-se para ele. Esperava que ele não tivesse muitos problemas por minha causa.

Subi as escadas e abri a porta do meu quarto. Pelo som que vinha do quarto à frente do meu, ele só poderia pertencer à Lizzie. O que significava que meu pai estava em grandes problemas e que eu teria alguns para dormir, se ela continuasse com a música alta durante a noite.

Sacudindo a cabeça, pouco me importando com isso, eu entrei no quarto. Andei até a minha mala e peguei minha nécessaire, e tomei um bom banho.

Enrolada na toalha, voltei à minha mala e tentei escolher algo para vestir essa noite. Eu tinha apenas vinte minutos, mas acabei demorando e quando vi, eu

tinha apenas cinco. Com um grunhido desesperado, eu agarrei um jeans comum e a primeira blusinha que eu achei e me vesti rapidamente, correndo escada abaixo ainda penteando meu cabelo. Lizzie arriscou uma risadinha quando eu alcancei a varanda, mas foi só isso. Nenhuma briga.

Alan olhou-me, parecendo chateado, mas nada disse. Eu tentei chegar perto dele também, para evitar que o assunto voltasse e eu tivesse que ser mais direta.

E nós fomos para o jantar mais entediante da minha vida.

Enfim, nós nos sentamos com outras famílias importantes, Theo ficou de um lado meu e Alan do outro. O pai de Theo ficou falando em casamento e em todas as coisas que o neto dele ia herdar e eu apenas sorria amarelo, sentindo a tensão dos dois ao meu lado. As únicas horas que valiam a pena eram quando Erick surgia, fingindo servir alguma coisa só para piscar para mim. Ele ficava extremamente estonteante de smoking.

Quando o jantar acabou com uma farpa bem dada de Kate para uma moça ruiva com cara de metida, a mesa —a mesa inteira —foi retirada e as pessoas se separaram em pequenos grupos para conversar. Foi mais ou menos aí que a minha tortura DE VERDADE começou.

Theo tinha fugido de perto de mim, só para variar. Ou talvez ele estivesse fugindo do pai dele, porque o senhor Ward me pegou pelos ombros e arrastou-me até meu pai. Eu estava corada, corada demais. Não queria participar daquela conversa.

—Olá —O senhor Ward largou meus ombros e estendeu a mão para meu pai —Christopher Ward, caso não recorde meu nome.

Meu pai olhou para mim e encarou o senhor Ward meio assustado, mas apertou a mão dele com um suspiro.

—Jack Evans.

Christopher riu, concordando com a cabeça.

—É, eu sei, andei procurando coisas sobre a sua família —Eu olhei-o, meio chocada. Ele não podia estar falando sério —Bom, isso não importa. O importante é que essa mocinha aqui, sua funcionária, está esperando um herdeiro meu e eu acho que devo conversar com o senhor sobre algumas coisas.

Meu pai rodou um pouco a taça de vinho que ele bebia e tomou um gole. Por um instante, eu invejei-o. Tinha que tomar suco de laranja e eu apostava que aquele vinho era o melhor do mundo. Depois eu me lembrei em que situação eu estava e xinguei-me de idiota por estar pensando em beber vinho numa situação daquelas.

—Tudo bem —Eu vi que Jack concordou apenas por educação e por não poder fazer o papel ‘sou pai dela e eu faço o que eu quiser’ —Diga.

Christopher Ward olhou para mim e apertou as minhas bochechas. Tive a impressão que eu poderia odiá-lo.

—Primeiramente, pensei em levá-la para morar em minha residência —Ele disse.

—Não —Meu pai quase o cortou. Graças. —Eu fiz uma promessa à mãe dela no leito de morte. A garota fica comigo até terminar os estudos. Depois, ela faz o que *ela* quiser.

Achei que o Senhor Ward ia corar de raiva, mas ele soube se segurar bem. Queria ter um autocontrole assim, eu seria mais feliz.

—Oh, mas é claro. Quando ela terminar os estudos, meu Theo irá casar com ela e os dois vão se mudar para algum lugar mais perto da faculdade.

Jack deu de ombros, parecendo despreocupado, mas seu olhar dizia para mim que ele iria conversar comigo depois sobre os detalhes daquilo. E se eu dissesse que não queria, eu podia apostar que ele moveria os céus para mim. E ele não podia. O casamento dele com Kate estava por um fio. Eu podia me sentir totalmente culpada por isso.

—Se for o que ela quiser —Ele disse.

Christopher olhou para cara de descaso do meu pai e depois olhou para mim. Rapidamente, troquei o pânico por um sorriso. Ele pareceu satisfeito, porque continuou com aquelas ideias malucas.

—E acho que a situação delicada em que ela está —Eu podia ouvir, claramente, naquelas palavras ‘Já que ela está grávida do meu filho e será esposa dele em breve’ —Acredito que ela não precise trabalhar.

Eu sentia que era quase uma ameaça. Espera, eu trabalhava?

—Mariana é convidada em minha casa —Meu pai disse, sendo totalmente educado de forma que eu nunca conseguiria ser em minha vida —Ela faz o que ela quiser, como eu já disse. Sua única tarefa é ajudar a minha filha, Elizabeth —Ele fez um sinal com o braço e apontou para Lizzie, que olhou para nós, franzindo a sobrancelha e começou a se aproximar —nos seus trabalhos de escola.

—E acredito que o senhor vai achar essa ajuda muito estressante se fizer o senhor mesmo —Christopher disse —Por isso acho que a garota deve ser exonerada da tarefa.

Lizzie ouviu isso, de trás de Jack. Eu encarei o senhor Ward, chocada. Ele

não podia querer governar a minha vida daquela maneira.

—Eu gosto de ajudar a Lizzie —Eu disse.

Lizzie concordou com a cabeça.

—Eu gosto quando ela me ajuda —Disse —Eu entendo.

Eu olhei para ela, admirada. Ela normalmente era rabugenta e mostrava claramente que não gostava de mim, mas ela estava melhorando e trabalhando nisso tão devagar que eu encarei aquele ‘gosto quando ela me ajuda’ como ‘eu a adoro’.

—Não vou parar de ajudá-la —Eu disse, tomada por aquela declaração dela —Mesmo se eu for dispensada —Olhei para meu pai. Ele sorria com a minha afronta educada.

Christopher pareceu resignado. Ele colocou as mãos sobre os meus ombros e me encarou com aqueles grandes olhos azuis que me lembrava alguém que eu não conseguia lembrar quem.

—Minha querida, é pelo bem do bebê.

Eu franzi as sobrancelhas, ele estava falando comigo como se eu fosse uma espécie de retardada e demorasse a entender. Eu precisava me controlar ou iria explodir injurias para cima dele.

—Creio que não será bom para o bebê se eu me sentir triste e entediada, por estar sendo contrariada em minhas vontades. —Eu disse, tentando parecer o mais educado possível, em minha raiva.

—Ela tem razão —Theo disse. Eu não tinha visto-o se aproximando.

O Senhor Ward pareceu desistir, por hora. Ele soltou o ar com força, soltando os meus ombros.

—Tudo bem —Disse. —Que seja *como você quiser*.

Então ele virou e saiu. Lizzie parecia contente por continuar com as minhas aulas, mas meu pai tinha um ar... orgulhoso. Eu mordi o lábio e coloquei minhas mãos nas costas, enrolando-as. Theo ofereceu-me sua mão.

—Vem —Ele me chamou.

Nós fomos para um sofá vazio, no canto da grande sala de jantar. Ele sentou-se, com o braço apoiado no encosto do mesmo e me aconchegou. Eu estranhei, ele andava me evitando, mas não disse nada.

—Desculpe —Eu murmurei, achando que ele só podia estar fazendo isso para me afastar do pai dele antes que eu falasse alguma besteira.

Theo riu anasalado, seu braço saiu do encosto do sofá e tomou o contorno

dos meus ombros. Quis sair dali.

—Acho que eu que deveria dizer isso —Ele deu de ombros —Meu pai costuma querer manobrar com tudo, não é surpresa que ele queria fazer isso com você. Foi bom te ver enfrentando-o.

Achei engraçado e sorri. E no segundo seguinte, meus olhos encontraram-se com os olhos azuis mais bonitos que eu já tinha visto em minha vida. E eu parei, em choque, porque me lembrou outra coisa, mas não tive tempo para pensar.

Erick carregava uma bandeja e ele curvou-se no sofá, oferecendo o conteúdo a nós dois.

—Caviar? —Perguntou.

Franzi a sobrelheia para o sorriso de Theo, enquanto ele pegava aquele troço nojento —que eu não sei o que as pessoas viam naquilo, era muito ruim! —e mordida. Eu sabia que ele odiava Erick, mas aquele sorriso era quase como se ele dissesse ‘ei, olhe aqui, idiota, sua garota está comigo’.

Olhei para Erick, tentando entender, mas uma rajada de vento me atingiu com o cheiro daquele negócio e meu estômago reclamou. Só tive tempo de tampar a boca com a mão e correr para o banheiro.

Curvei-me sobre o vaso e vomitei. Consegui parar para tomar um ar e ouvi alguém entrando no banheiro. Eu sinceramente esperava que fosse Erick, mas eu me surpreendi quando mãos delicadas seguraram meu cabelo enquanto eu voltava a vomitar.

Achei que tinha acabado, então eu peguei um pouco de papel e limpei a boca, só então olhando para quem tinha me ajudado. E lá estava Lizzie, contrastando com a cena em seu vestido branco, parecendo um pequeno anjo com os cabelos loiros mais lisos que o normal. Ela sorriu simpaticamente para mim e eu tive certeza que ela não estava somente sendo legal comigo por causa do garoto. Devia ter algo mais.

—O...Obrigada —Eu disse.

Seu sorriso aumentou e eu sorri um pouco também. Um pouco envergonhada e ainda tentando entender porque ela mudara tanto comigo.

—Não por isso... —Ela sussurrou.

Eu levantei-me do chão e fui até a pia lavar minha boca. Lizzie sentou-se sobre o mármore e ficou sacudindo os pés na altura. Ela iria falar, mas eu me distraí, olhando pela abertura da porta, Christopher conversando com Kate.

—Eu não quero voltar lá para fora —Confessei.

Lizzie não pareceu criar uma opinião sobre isso e só deu de ombros.

—Então... —Ela disse, parecendo tímida. —Um bebê, né?

Eu sorri de lado. Claro, ela devia estar só com pena de mim.

—É... —Eu respondi, timidamente.

O clima não era dos melhores. Nós nunca tínhamos conversado de verdade. Era somente sobre os estudos dela ou algumas perguntas que eu fazia. Era desconfortável, mas eu sentia que ainda não havia acabado. O pior estava lá fora e ficar com Lizzie dentro do banheiro me parecia infinitamente melhor.

—Isso explica porque meu pai está tão perturbado... —Ela sussurrou.

Olhei para ela, meio chocada. Ela não podia estar tendo as mesmas mirabolantes da mãe dela, podia?

—Como? —Eu perguntei, fingindo não entender.

Lizzie corou até a raiz dos cabelos, o que não era muito difícil porque ela era, normalmente, muito tímida e tinha a pele muito clara.

—Você promete que vai dizer a verdade se eu te fizer uma pergunta? —Eu concordei com a cabeça para primeira pergunta dela —Você é... Minha irmã?

Eu senti minha boca se abrindo em choque. De todas as perguntas que eu imaginei que ela fizesse, aquela passava bem longe. Tão direta... Ao ponto. Como...?

—Lizzie... —Eu tentei dizer.

Ela parecia tão ou mais nervosa que eu. Eu sabia que aquele momento chegaria, alguma hora, mas eu não imaginava que fosse tão cedo. Não imaginava que seria com uma pergunta.

—Eu... Sempre quis ter uma irmã mais velha, o Alan não é o tipo de exemplo que a gente quer e nem vai ao shopping —Ela metralhou —Mas eu não... Imaginava que era só olhar para o quarto debaixo da escada e... Eu te tratei tão mal esse tempo todo!

Ela estava a ponto de chorar. E eu me surpreendi quando ela escorregou para o chão e me abraçou. Demorei um pouco para corresponder, mas o fiz. Ela pareceu ficar mais contente consigo mesma.

—Você não pode contar isso para ninguém, Liz —eu sussurrei —Eu não sei nem se é seguro o *papai* saber.

Ela passou o dedo debaixo dos olhos, secando as lágrimas com cuidado para não borrar o rímel. Ajudei-a com um pequeno borrado e ela pareceu ficar ainda mais feliz.

—Eu vou contar para ele. —Ela sussurrou —Perguntar por que ele não disse quando... Sua mãe...

Eu suspirei, cortando-a.

—Ele tem medo da sua mãe. Ele gosta muito dela e tem medo que ela não aceite que ele... Traiu uma vez.

Ela mordeu o lábio e concordou com a cabeça.

—Todo mundo erra alguma vez, não é? —Ela perguntou, parecendo uma criancinha assustada.

E eu percebi que ela estava começando a ver o pai de forma errada.

—Não —Eu disse —Não julgue seu pai assim, ele é o homem mais honroso que eu já conheci, e eu já conheci muitos. Ele... Bom, ele engravidou a minha mãe na despedida de solteiro dele. Foi um idiota, mas você não pode esquecer todos esses anos e o quão maravilhoso ele tem sido por causa disso.

Ela concordou com a cabeça e soltou um tímido:

—Tá. —Sorri para ela e a abracei. Ela me apertou e, quando me soltou, passou a mão de leve pela minha barriga —Quero poder chamar ele de sobrinho quando nascer.

Ela mordeu o lábio e sorriu para mim. Provavelmente, ela iria. Da forma como as coisas vinham, o segredo não ia durar.

—Eu vou um pouco lá fora... Se alguém perguntar...

—Você não estava se sentindo bem e foi dormir.

Concordei com a cabeça.

—Obrigada.

Ela apertou a minha mão e eu sai para o salão de jantar, me esgueirando pelos cantos até conseguir sair ao ar livre.

Sem saber para onde ir, eu caminhei sem rumo até acabar sentada em [pedras](#) à beira do lago. Encarei a paisagem, admirada. Não me lembrava de ele ser tão bonito. Peguei uma pedrinha qualquer e tentei jogá-la, para quicar na água, mas acabei fazendo-a sair torta e ela foi em direção ao [cais](#), que estava estranhamente cheio de barcos das famílias que estavam no lago esse ano. Eu sabia que meu pai tinha um, embora eu não soubesse qual deles era.

Ouvi um barulho atrás de mim e ignorei, mas logo eu ouvi a voz que eu poderia reconhecer em qualquer lugar do mundo:

—Como está o *nosso* bebê?

Image

—Como está o nosso bebê?

Suspirei, resignada. E, conseqüentemente, fiquei com vontade de chorar. Eu não queria olhar, mas acabei virando-me para ele, perdendo-me em seus olhos azuis. Ele estava lindo demais para mim, com as mãos nos bolsos da calça social, o rosto sério, quase como se estivesse zangado.

—Eu tinha esperanças de você não saber disso —Eu murmurei, com a voz falha.

Voltei a olhar para o lago, tentando não chorar. Tudo ia dar errado, tudo. Peguei uma pedra qualquer e taquei no lago. Ao invés de quicar, ela afundou com um ‘splash’. Ouvi Erick suspirar, quase rendido.

—Você está fazendo errado.

Eu o senti sentar atrás de mim nas pedras e senti sua mão deslizar pelo meu braço, arrepiando-me. Seu corpo encostou-se todo em minhas costas e eu achei que ele estava me abraçando quando senti sua respiração em meu pescoço. Eu fiquei num frenesi tão louco que eu só percebi que ele estava me ensinando a quicar pedras quando eu vi uma quicando três vezes no lago antes de afundar.

—Nossa —Eu sussurrei. Eu queria dizer ‘nossa, o que foi isso?’, mas ele provavelmente entendeu ‘nossa, eu consegui’ e eu podia dizer com toda a certeza do mundo que eu nunca mais conseguiria quicar pedras.

Ele deu uma risadinha fraca e escorregou as costas da mão no meu ombro, pelo meu braço, até enlaçar sua mão na minha. Eu joguei minha cabeça de lado, sentindo seus lábios em meu pescoço e minha barriga começou a revirar. Só então eu percebi que sua mão estava levemente posicionada em minha barriga e o polegar dele fazia movimentos circulares, como se estivesse acariciando-a. Vontade de chorar, eu não te quero.

—Você não respondeu à minha pergunta —Ele sussurrou, tentadoramente, em meu ouvido.

Precisei de grande parte do meu autocontrole para respirar fundo e tentar

construir uma frase decente sem ‘ahn’ e ‘er’.

—Estava bem, da última vez que eu chequei.

Erick escorregou de onde estava e se arrumou, sentado nas pedras. Ele puxou-me para um abraço e eu encostei minha cabeça no peito dele. Ele só ficou brincando com meu cabelo por um tempo enquanto eu tentava fazer com que meu cérebro decorasse seu perfume para eras futuras. Ele puxou meu rosto para perto do dele e apenas encostou nossos lábios em um selinho demorado.

—E quanto à mãe dele? —Erick perguntou, depois de algum tempo em silêncio. —É que ela... Bom, é a mulher da minha vida, então eu fico preocupado.

Eu corei levemente, fazendo-o rir. Então ele encostou os lábios nos meus mais uma vez, rapidamente e ficou me encarando, esperando uma resposta. Suspirei, sem saída.

—Chateada... Confusa. E indecisa —Respondi, voltando a olhar para o lago, para o caso de alguma lágrima querer me entregar.

Senti seu peito subir e descer enquanto ele suspirava pesadamente. Eu perguntava-me como ele tinha tanta paciência comigo, como ele não simplesmente desistia de mim.

—Eu disse para você —Ele sussurrou —Eu tenho como fazer isso. Sei que você deve estar assustada e tudo mais... Mas... Você não pode confiar em mim? —Ele quase implorou. Então ele me fez olhá-lo nos olhos, segurando meu queixo. Eu estava chorando, é claro —Eu POSSO. Não vai nos prejudicar.

Eu encarei seus olhos azuis querendo acreditar naquelas palavras que ele dizia. Eu queria ser capaz de ver meu futuro e saber escolher sem ter medo de errar. Saber o que era melhor para o meu bebê... Porque eu queria arriscar, mas eu estava com medo de dar tudo errado, como havia dado errado com a minha mãe, que pelo orgulho dela, ela demorara uma vida para acertar.

—Erick, eu... —Eu comecei, falhando terrivelmente.

Ouvimos vozes e risadas ao fundo e, de longe, vimos pessoas saindo da casa de jantar e eu enrijeci-me. Erick escorregou a mão para a minha e levantou-se, puxando-me com ele.

—Vem comigo —Ele sussurrou —Você confia em mim ao menos para isso, certo?

Meu coração deu uma meia batida magoada por ele estar tão chateado. Tudo ia ser mais fácil se ele tivesse acreditado na minha mentira que Theo era o pai. E eu não teria que fazer aquela escolha que tanto me chateava e me deixava tão

confusa. Eu precisava dizer que eu preferia Erick? Mas como, agora, eu viraria para Theo e diria ‘ei, o filho não é seu. É daquele cara que trabalha para você, sabe quem é? Então, a gente meio que é apaixonado um pelo outro e...’

Erick puxou-me lentamente e ajudou-me a caminhar e descer das pedras. Ele parecia extremamente cuidadoso, como se eu fosse de papel e eu fiquei totalmente emocionada com isso. É, eu sei que eu sou idiota, mas quem não é idiota quando está apaixonado?

Nós chegamos ao cais, cheio de barcos e eu estranhei. Tá, era um ótimo esconderijo, ninguém nos veria ali, se ajoelhássemos à borda do cais e ficássemos conversando, mas Erick se encaminhou (e puxou-me junto) para um barco onde estava escrito ‘Ward’s Pride’. Gelei.

—Erick... —Eu murmurei, vendo-o puxar o barco mais para perto do cais, para que pudéssemos subir. Era um iate, um pouco mais espaçoso que o normal —Eu não quero que você arrume problemas...

Ele simplesmente ignorou o que eu disse e pulou para dentro do barco. Fiquei encarando-o, boquiaberta, até que ele me olhou com um sorriso sapeca e as sobrelanceiras arqueadas que me fizeram derreter.

—Problema algum, linda —Ele sorriu mais ainda e ofereceu a mão para mim. Respirei fundo e pisei na borda do barco, apenas para senti-lo sumir quando Erick pegou-me nos braços, carregando-me para dentro do barco — Pronto.

Eu pisquei, meio assustada com a atitude repentina dele e sorri. Ele sorriu de volta para mim e pegou minha mão, me levando para dentro da cabine.

Ok, era completamente diferente do que eu imaginava. Erick abriu para mim um quarto-cozinha-sala, com uma pequena porta onde eu achei que deveria ser o banheiro. Erick sorriu da minha admiração e me colocou sentada na bancada da pia.

Eu o abracei, sentindo o perfume dele e senti suas mãos dedilharem minhas costas e minha cintura, enlouquecendo-me.

—Eu sinto tanto a sua falta —Eu murmurei.

Erick bufou, senti que ele ficara com um pouco de raiva, mas ele se controlou e deu-me beijinhos deliciosos no pescoço.

—Eu morro de ciúmes só de pensar que o Ward... Ele... —Ele não conseguiu continuar.

Senti suas mãos em punhos nas minhas costas e acabei me afastando, sorrindo por dentro pelos ciúmes tão descarados que ele sentia. Escorreguei

minhas mãos pelos ombros dele, até os braços e de volta aos ombros, tentando acalmá-lo. Arrisquei um sorriso.

—Erick... —Eu murmurei —O Theo quase não encosta em mim. Na verdade, eu tenho quase certeza que ele evita. —Eu sorri e acariciei seu rosto, vendo que ele se amaciava —Sério. O que ele fez hoje... Quero dizer, passar o braço por mim, foi tipo extra total.

Erick estalou os lábios, relaxando. E então ele pareceu envergonhado e sem jeito. Franzi as sobrancelhas para ele e ele mordeu o lábio. Hm. Não to gostando.

—Mesmo? —Perguntou.

Continuei encarando as reações dele, encucada com o que pudesse causar aquilo. Ahan, eu imaginei mil coisas e, é claro, eu estava certa, afinal.

—Erick, o que houve? —Perguntei.

Ele encarou o chão para me responder.

—É que, bom, na sexta feira... Er... Eu estava zangado com você e eu fiquei confuso quando você apareceu lá no campo e teve uma festa... Eu bebi demais pra... Hm... Esquecer os problemas e... Han...

—Dormiu com uma garota? A líder de torcida?

Eu tive que completar, ele não conseguiria. Ele corou e concordou com a cabeça. Ele pareceu meio desesperado, e mesmo sem me olhar, ele colocou as mãos sobre os meus ombros como se quisesse impedir que eu saísse dali se estivesse irritada ou algo assim.

—Me... Desculpe! —Ele parecia meio desesperado —Eu bebi demais, eu não...

Coloquei meu dedo sobre o seu lábio inferior, impedindo-o de continuar, embora ele ainda tenha soltado alguns ‘munfumuf’.

—Eu não posso cobrar nada de você, posso? —Sussurrei, magoada, mas contida. Eu sabia que eu já o havia ferido muito mais com aquilo e eu me sentia mais culpada que qualquer outra coisa —Não é como se... Eu não sei.

Não queria dizer que não tínhamos nada porque, afinal, nós tínhamos *alguma coisa* onde pudesse se encaixar um bebê no meio.

—Você poderia —Ele arriscou a dizer. Seu tom de voz fez as borboletas do meu estomago voltarem a ativa —Se você quiser. Você sabe muito bem o que falta...

Eu mordi meu lábio inferior, com vontade de chorar, vendo que ele me pressionava para uma decisão que eu não queria tomar tão cedo. Eu tinha que

pensar, eu estava assustada, com medo de que eu fizesse a escolha errada, mas eu sabia qual a escolha que me daria a menor possibilidade de erros e estava disposta a fazê-la depois de alguns minutos de silêncio.

—Você... —Eu sussurrei —Tem mesmo como fazer isso?

Ele sorriu, vendo que eu estava cedendo.

—Sim... Vou continuar indo para Oxford como queria... Quero dizer, se eu for aceito. Mas talvez eu tenha que mudar de curso —Ele sussurrou, pensativo. Eu abri a boca para reclamar da mudança de curso, mas ele me cortou —Nada demais, são do mesmo ramo... Do que eu gosto, quero dizer.

Eu apertei mais meus dentes, com o lábio entre eles, quase o fazendo sangrar. Deixei que minha mente me guiasse para um futuro feliz com Erick e o bebê. Eu podia ser feliz assim... Mas era tudo tão complexo!

—Como?

Erick acariciou meu rosto, um pouco mais brutaemente que o normal, mas mesmo assim eu fechei os olhos, deliciando-me com o contato.

—Não quero falar agora —Ele sussurrou —Não quero que você pense nisso agora. Só... Confie em mim —Ele aproximou seu rosto do meu e eu senti seus lábios roçando nos meus de leve. —Seja minha namorada. De verdade, não só no nosso mundinho...

Eu mal conseguia respirar com o corpo dele tão próximo do meu, que dirá com os lábios dele encostando-se aos meus apenas para me torturar. Eu queria mais. E eu sabia, agora, que não poderia ser de outra forma, eu simplesmente me reter a um compromisso que eu sabia que era somente solidez monetária para o meu bebê. E eu e meu bebê não seríamos felizes sem Erick. Arriscar era meio perigoso, mas de alguma forma totalmente obtusa, eu preferia.

—Eu... Eu... —Respirei fundo, tentando me manter sã com os lábios dele nos meus —Confio.

Eu pude sentir o sorriso dele se alargando antes que ele encostasse os lábios nos meus em um selinho meio enlouquecido. Eu cravei minhas unhas em sua nuca, totalmente desesperada, e mordi seu lábio inferior, tentando aprofundar o beijo, mas ele parecia apenas querer se divertir com isso.

No segundo que eu senti que ele começava a se arrepiar por causa de minhas mãos em seu cabelo e eu vi que ele ia ceder, ele se afastou antes que eu pudesse perceber.

E ligou o fogão.

—O que você está fazendo? —Perguntei, franzindo as sobrancelhas.

Ele arqueou uma sobrancelha para mim, como se estivesse perguntando se eu estava tendo mesmo a cara de pau de perguntar isso para ele. Ele estourou um ovo na frigideira, antes de voltar-se para mim.

—Você não acha que eu não te vi comendo quase nada? —Ele perguntou — E depois vomitando tudo o que comeu?

Revirei os olhos.

—Eu estou bem —Resmunguei.

Erick me ignorou e continuou fritando o ovo. Então ele colocou em um prato, colocou um pão de forma em cima e andou até uma mesa, sentando-se e colocando o prato ao lado dele. Ele olhou para o relógio no pulso e depois para mim.

—Sabia que ovo frito frio fica com gosto de borracha?—Perguntou-me.

Eu revirei os olhos e desci da bancada, seguindo o mesmo caminho, até sentar-me ao seu lado e cortar o primeiro pedaço de ovo.

—Você é mau —Eu disse a ele, antes de colocar a comida na minha boca.

Ele riu enquanto eu comia. Sua mão logo estava em cima da minha coxa e eu tive que olhar para ele com o meu melhor sorriso. E o sorriso que eu recebi de volta pareceu encher-me de algo que eu não sentia há muito tempo. Eu estava me sentindo amada de verdade e isso era bom demais.

—Está se sentindo melhor? —Erick me perguntou assim que eu acabei.

Eu cerrei os olhos e limpei minha boca com um guardanapo que estava em cima da mesa. Sorri para Erick e, quando ele sorriu de volta para mim, eu encostei minha cabeça em seu ombro e comecei a beijar seu pescoço.

Senti-o se arrepiar quase instantaneamente e isso me fez sorrir. A mão que estava em minha coxa passou pelas minhas costas e alojou-se em minha cintura, apertando-a. Eu deslizei minha mão esquerda pelo peito dele, por dentro do paletó e a posicionei em sua cintura também, subindo os meus beijos para sua orelha, que mordisquei lentamente.

—Eu ficaria melhor se você me levasse para aquela cama ali —Apontei a cama com a cabeça, com um sorriso safado.

Eu mordi seu queixo levemente e senti-o estremecer. Então eu me levantei da cadeira e passei uma perna por ele e sentei-me em seu colo. Eu vi quando ele deslizou os olhos para cima e tentou não jogar a cabeça para trás, provavelmente por causa das minhas mãos deslizando pela camisa dele.

—Mari —Erick sussurrou. A voz dele saiu falhada e me arrepiou inteira —

Não me provoca.

Eu soltei uma risadinha que eu mesma considerava irritante. Deslizei minhas mãos para barra da calça dele e puxei como se fosse tirá-las. Ele segurou o grunhido na garganta, mas eu pude identificar.

—Por quê? —Eu perguntei, tentando parecer chocada —É o que eu *quero*.

Eu beijei-lhe a boca e ele correspondeu-me tão ferozmente que me surpreendeu. Eu passei minhas mãos pelo seu pescoço para manter o equilíbrio, sentindo que ele se curvava sobre mim até que minhas costas bateram levemente na mesa. Então ele se levantou, sem interromper o beijo, e me pôs sentada na mesa, encaixando-se entre minhas pernas, onde eu pude sentir sua excitação. Gemi, mordendo seu lábio inferior e puxando-o para mim enquanto encerrava o beijo.

—Eu só queria curtir você hoje. —Erick sussurrou, enquanto acariciava minha cintura com vontade —Mas tudo bem, vamos fazer do seu jeito.

Eu ri do ‘vamos fazer do seu jeito’ e esfreguei meu nariz no dele, fazendo o rir também. Ele me apertou mais contra si mesmo e posicionou suas mãos na minha bunda, sustentando-me para me carregar até a cama.

Fui depositada sobre ela com toda leveza do mundo. Erick sentou-se ao meu lado e ficou me olhando por alguns segundos, o que me fez corar. Então eu estendi os meus braços para ele e acenei com a mão para que ele viesse a mim, então ele sorriu longamente e deitou-se sobre mim, beijando-me.

—Eu te achei lindo de gravata-borboleta —Eu puxei levemente e gravata-borboleta dele.

Erick fez uma careta, antes de arrancar a gravata e jogá-la longe, mostrando seu desprezo pela pequena peça de roupa. Eu quase fiquei com dó dela, eu havia gostado de verdade. Eu não me importaria se ele usasse mais vezes.

—Você não sabe como eu odeio usar isso —Ele disse.

Então eu me lembrei do uniforme que eu usava para servir o jantar e minha careta foi quase um espelho da dele.

—Ok, eu sei sim —Beijei-lhe os lábios dele de leve —Mas eu realmente te achei lindo com ela.

Ele riu, maravilhado e voltou a me beijar.

Sério, gente, quem precisa de ar num momento desse? Ar não é de grande importância, você pode viver sem ar só para continuar com aquele beijo mais um pouco, sentindo as mãos dele deslizarem por cima da sua blusa e apertarem seus seios sem o menor pudor... Tudo era simplesmente maravilhoso com Erick. Tudo

que ele fizesse iria causar os mesmos calafrios, as mesmas sensações entorpecentes e prazerosas.

Eu deslizei meus lábios para seu pescoço e o fiz tirar o paletó, enquanto eu gemia baixinho (coisas que eu prefiro não comentar) em seu ouvido. Erick pressionou mais sua ereção contra mim e mais eu gemia, enlouquecida.

Às vezes, quase sempre, eu acho que ele se diverte me torturando. Sério, como é que uma pessoa pode fazer isso comigo naquele momento tão complexo e delicado? Morder meu pescoço tão deliciosamente daquela maneira, parecendo dar risadinhas a cada vez que eu me arrepiava podia, certamente, ser considerado como instrumento de tortura.

Eu quase agradei quando ele desistiu das mordidinhas para se ajoelhar na cama, sorrindo maliciosamente para mim, mas aí eu percebi que isso era pior e que, como agravante, ainda me deixava com mais calor. Ele arrastou a barra da minha blusa levemente para cima e eu sorri, sentando-me para que ele a tirasse por cima da minha cabeça. E, então, voltaram os beijos para o meu pescoço, me fazendo grunhir.

Ele deslizou as alças do meu sutiã para baixo, deixando-as soltas sobre os meus ombros, beijando-os levemente e tão carinhosamente que eu suspirei profundamente, sentindo-me completa. Ele me abraçou, mordiscando minha orelha e conseguiu soltar meu sutiã de primeira.

—Yey —Ele comemorou, jogando o sutiã em algum lugar do barco.

Eu gargalhei, jogando a cabeça para trás e ele seguiu a minha risada, contente. Encostei meus lábios nos dele e sussurrei:

—Parabéns pela sua vitória, amor.

Ele não pareceu se divertir tanto com isso quanto eu, ou apenas disfarçou, se concentrando nos beijos e nas mordidinhas que ele começou a dar em meus seios. Aos poucos, fui me rendendo às sensações e deitando-me novamente na cama, puxando-o junto, mas ele se recusou a deitar, continuando sentado mesmo quando não alcançava mais meus seios.

Ele começou a acariciar minha barriga carinhosamente e eu —e tenho quase certeza que ele também não —não vi aquilo como um ato que fazia parte do nosso momento de prazer. Era somente a primeira vez que ele podia, de verdade, acariciar a minha barriga desde que tivera certeza que era pai daquela criança. Céus, ele a queria. Até mais que eu e isso me deu uma vontade louca de chorar, mas não era bem hora para aquilo, era?

Sentei-me novamente e o distraí beijando-lhe a boca e abrindo os botões de

sua camisa social. Ele sorriu maravilhosamente durante o beijo e agarrou minha cintura, deitando-me e deitando-se sobre mim. Tirei sua camisa e deixei o beijo durar, enquanto ele movimentava seu corpo sobre o meu, nós dois ainda de calças, me dando apenas a prévia do que estava para começar.

Ele afastou minhas pernas e ajoelhou-se entre elas e, com as mãos tremendo, ele abriu o botão da minha jeans. Estremeci quando suas mãos abriram meu zíper, seus dedos roçando de leve na minha vagina, e soltei o ar com força. Erick olhou-me, parecendo admirado como aquele simples toque poderia fazer comigo. Sorri para ele e pisquei-lhe um olho, o que o fez sorrir e se lembrar do que estava fazendo.

Erick puxou a calça pelas minhas pernas, arranhando-me de leve com suas unhas quase inexistentes até que ele finalmente conseguiu tirá-la e a empurrou para os pés da cama. Ele colocou uma mão em cada coxa e começou a fazer círculos com o polegar, massageando-as.

Fechei os olhos com um sorriso no rosto, curtindo o momento e soltando algumas expressões de prazer pelos arrepios que o carinho me causava. Então seus polegares alcançaram o elástico da minha calcinha de renda e a puxaram para baixo. Dobrei meus joelhos para ajudar Erick a tirá-la, revirando os olhos de prazer antecipado.

Eu ainda estiquei os braços para recebê-lo de volta em cima de mim antes de perceber que não era bem isso que ele tinha planejado. Na verdade, senti sua língua nos lábios da minha vagina antes mesmo que eu percebesse e em um gemido de surpresa, agarrei seus cabelos.

Sua língua quente me entorpecia e eu me contorcia de prazer enquanto ele sugava meu clitóris, beijando toda a extensão do meu sexo com carinho, indo as vezes até a coxa. Ele parecia não ter pressa em nada do que fazia e eu devo dizer que ele era muito bom naquilo.

Sua mão estava em minha coxa e apertava-a toda vez que ameaçava —e só ameaçava —introduzir sua língua. Eu respondia com gemidos cada vez mais altos, arqueando meu corpo em algumas horas, completamente ensandecida de prazer descomedido. Ele mordeu de leve meu clitóris e penetrou-me com dois dedos, fazendo-me quase arrancar seus cabelos, tamanho a força com que os puxei antes de sentir meu corpo estremecer enquanto eu gozava. Erick pareceu, enfim, satisfeito, lambendo minha vagina mais uma ou duas vezes e com um sorriso de lado, deitou-se sobre mim, beijando-me lentamente.

Sentir o gosto do meu gozo na boca dele excitou-me ainda mais e eu cravei

minhas unhas em suas costas, tentando apressar as coisas enquanto ele parecia querer que elas demorassem cada vez mais. Ele encerrou o beijo e deslizou seus lábios para o meu pescoço, beijando-o, mordendo-o e sugando-o de forma que eu sabia que deixaria marcas, mas eu não estava exatamente me importando com isso no momento.

Eu corri minhas mãos para barra da calça dele e me irritei por não conseguir tirá-la, nem puxando para baixo. Erick riu baixinho e voltou a se ajoelhar entre as minhas pernas e escorregou a calça e a cueca pelas pernas, jogando-as de qualquer jeito em algum lugar que eu não vi porque estava admirando o quanto ele era maravilhoso.

Ele ficou de quatro, para engatinhar-se até mim e eu sacudi a cabeça, tentando voltar a funcionar, mesmo olhando para aquele sorriso tentador. Eu espalmei minhas mãos em seu peito, deslizando-a e o vi fechar os olhos, revirando-os por debaixo das pálpebras enquanto eu sentia seu peso voltar a cair sobre mim.

Você... —Eu sussurrei —Não vai pegar uma camisinha?

Eu não sei de verdade o porquê que perguntei aquilo. Quero dizer, agora a merda já estava feita, não precisávamos mais daquilo, mas passou-se, por um segundo, em minha cabeça que Erick nunca havia usado camisinha em todas as vezes que nós fizemos amor.

Ele pareceu desconfortável com a pergunta e usou-se de uma tática muito baixa para me distrair. Ele sussurrou a resposta em meu ouvido.

—Você vai ter que tomar anticoncepcionais depois —Eu entendi que o depois era depois de ter o bebê —Eu simplesmente detesto camisinhas.

Eu tentei não perder a linha de raciocínio com as mordidinhas que ele deu em minha orelha. Postei minhas mãos em seus ombros, acariciando-os e escorregando-as por suas costas até que elas estivessem em sua bunda, que eu apertei com vontade, fazendo o rir.

—Por quê? —Perguntei.

Ele distraiu-me, mordendo meu queixo antes de beijar-me os lábios.

—Depois —Ele sussurrou, entre dentes. Então, ele penetrou-me de uma vez, distraindo-me eficientemente.

Erick investiu contra mim lentamente, das vezes seguintes, apenas para me torturar. Eu dobrei meus joelhos, quase não me contendo e coloquei um de meus pés sobre a bunda dele, tentando obrigá-lo a aumentar a força e a frequência dos movimentos, mas não deu certo. Apenas funcionou quando eu passei minha

perna ao redor da cintura dele, juntando ainda mais nossos corpos.

Os movimentos duraram por longos e prazerosos minutos, até que eu senti Erick estremecer e, enfim, chegar ao ápice, mas eu não estava pronta para parar. Cravei minhas unhas em suas costas e grunhi:

—Não... Mais.

De alguma maneira, Erick entendeu e investiu mais algumas vezes em mim, até que meu corpo todo se arrepiou e se estremeceu e pareceu totalmente inútil, afogado em prazer. Eu gemi alto e só então eu senti que estava precisando de ar e o suguei com força.

Erick riu de mim e rolou para o lado, abraçando-me meio sem jeito. Eu encostei a cabeça em seu peito e suspirei fundo, fechando os olhos, cansada. O som do batimento cardíaco dele junto com o peito dele subindo e descendo no ritmo de sua respiração me fez sentir sono.

A voz de Erick despertou-me da sonolência alguns minutos depois:

—Você tá muito cansada? —Ele me perguntou, deslizando os dedos pelo meu cabelo que devia estar cheio de nós agora. Ele parecia não se importar.

—Não muito —Eu sussurrei, escorregando-me para o braço dele, ainda de olhos fechados. Ouvi a risadinha dele, provavelmente não acreditando em mim e abri meus olhos, encarando-o. —Por quê?

Ele fechou os olhos e encostou o nariz no meu, roçando carinhosamente. Sorri feito uma boba.

—Queria conversar... —Ele sussurrou.

Erick se afastou e se arrumou na cama, ajeitando-me de modo que pudéssemos ficar próximos o suficiente para nos beijar se quiséssemos, mas que pudéssemos olhar um para o outro sem ficarmos vinhos. Foi difícil.

—Manda. —Eu disse.

Erick estalou a boca, parecendo desconfortável. Ele deslizou a mão que estava em meu cabelo para a minha cintura e ficou encarando o nada por alguns momentos. Eu já estava para perguntá-lo o que foi quando ele me surpreendeu com a única pergunta que eu achei que ele nunca me faria.

—Você... Você.. Ainda... hm... Gosta do Theo?

Eu encarei-o e ele estava com as bochechas coradas e não me encarava. Mordi meu lábio, tentando encontrar a resposta mais sincera.

—Bom, ele foi bom para mim —Eu sussurrei —Ele me magoou com aquela história lá, mas... Eu acho... Não tenho certeza, mas eu acho que não gosto mais

dele. Porque, bom, eu... —Corei até a raiz dos meus cabelos —Eu gosto de você.

Erick sorriu imensamente e mordeu minha bochecha de leve. Eu escondi meu rosto em seu pescoço, fazendo-o gargalhar. Ele acariciou meu cabelo por uns momentos, antes de empurrar-me levemente para poder encarar-me nos olhos. Ele sorriu e encostou o nariz no meu.

—Eu amo você —Ele sussurrou.

Eu senti o ar esvair de meus pulmões e meu corpo pareceu flutuar no ar. Ele me amava... Ele me amava! A frase repetiu-se em minha mente infinitamente e um sorriso involuntário surgiu em meu rosto. Erick sorriu em retorno. Então eu vi que havia necessidade de que eu falasse algo.

—Eu... —Eu não consegui dizer. Eu o amava? Como eu sabia disso com tão pouco tempo? Mesmo sendo tão intenso e tão maravilhoso, como eu teria **certeza**?

Erick sorriu compreensivo para mim. Ele acariciou meu rosto e eu me senti um nada por não conseguir dizer que amava aquele homem que tanto me fazia bem. E que me amava.

-Tudo bem —Ele sorriu —É mais recente para você...

Eu mordi o lábio, chateda.

—Eu queria dizer —Sussurrei.

—Eu sei —Ele beijou a minha testa carinhosamente.

Eu encostei a cabeça em seu peito nu e respirei fundo, entorpecendo-me com seu perfume tão maravilhoso. Ele começou a brincar com as pontas do meu cabelo, às vezes dedilhando minhas costas, causando-me arrepios.

—Erick —Eu chamei depois de algum tempo. Ele me olhou e sorriu —Por que você perguntou se eu ainda gosto do Theo? Erick fechou os olhos com força e respirou fundo. Quando ele os reabriu, os olhos azuis estavam —não mais apaixonados e felizes como antes —tristes.

—Porque eu quero te contar uma coisa —Ele disse, a voz rouca me causando arrepios —Mas estou com medo de te magoar.

Mesmo assustada com o que pudesse ser, eu sorri e coloquei uma das minhas mãos em sua nuca, acariciando-a. Erick fechou os olhos, agraciado com o meu toque —ou talvez ele só estivesse tão assustado quanto eu e não quisesse que eu visse isso em seus olhos.

—Manda ver —Eu disse.

Erick fez uma careta, abrindo os olhos novamente. Ele suspirou e demorou

um pouco, mas enfim começou a falar:

—Bom... O Theo só começou a ficar com você para se vingar de mim.

Eu franzi minhas sobrancelhas, tentando absorver a informação.

—Como? —Eu perguntei mais confusa que chocada —Por quê?

—Por eu ser o favorito —Ele respondeu, prontamente. Seus olhos estavam em cima de mim, como se tentassem descobrir o que eu estava pensando.

Eu não estava entendendo nada. Eu só estava tentando entender. Favorito? De quem ele seria favorito? Eu estava pensando se o leve balanço do barco ou a dose de sexo ou os dois juntos não haviam feito mal à cabeça dele.

—Favorito? —Perguntei, depois de não conseguir pensar em nada.

Erick fechou os olhos. Sua feição ficou grave e ele pareceu ter dificuldades para falar. Mas quando disse, foi suficiente para que eu parasse de respirar por alguns segundos.

—Mari —Ele começou calmamente —Theo e eu somos irmãos.

Eu parei por alguns segundos, esperando que ele me dissesse que estava só tentando me assustar ou algo assim, mas ele continuou com a feição séria, esperando minha reação. Eu respirei fundo, pensando no que ele havia me dito. Irmãos. Isso o fazia bastardo como eu e, então, só por isso, ele havia entendido o porquê de eu ter dito que o bebê era de Theo, mesmo sabendo que era dele. Eu fiquei imaginando se ele não havia passado por coisas tão complicadas quanto eu, o suficiente para entender meu instinto de proteção ao escolher ficar com alguém por dinheiro à ficar com ele.

E, então, eu entendi. Entendi o porquê de ele haver insistido tanto para que eu confiasse nele. Ele realmente podia me ajudar a criar o bebê e eu ficaria sabendo disso em breve e me arrependeria de minha decisão. Inconscientemente eu pus a mão em seu rosto, acariciando-o. Ele sorriu, admirado pela minha reação.

—É por causa disso que você... —Eu comecei.

Ele pôs um dedo sobre meus lábios.

—Me deixa contar tudo? —Ele perguntou. Concordei com a cabeça. —Bom, do começo. Quando a mãe do Theo engravidou pela primeira vez, ela não deixava meu pai encostar nela, então... Hm... Isso é constrangedor —Ele murmurou.

Eu sorri e beijei-lhe os lábios.

—Tudo bem —Eu lhe acariciei o rosto —Ele conheceu sua mãe?

Erick negou com a cabeça. Seus olhos se perderam de mim e ele fixou em algum lugar onde não pudesse me encarar. Abracei-o mais apertado, entendendo que aquilo era mesmo muito difícil para ele.

—Não foi bem assim... —Ele murmurou —Ele *contratou* a minha mãe. — Ele estremeceu e sua voz falhou. Eu apertei sua mão e ele suspirou, continuando —Então ela perdeu o bebê e ele voltou para esposa. Minha mãe descobriu a gravidez logo em seguida. Meu pai soube de mim logo depois que nasci porque a esposa dele engravidou do Theo e ele foi procurar a minha mãe. Ele fez uma poupança para mim naquela época e sumiu por anos. Minha mãe gastou o dinheiro todo. Sabe, ela era maravilhosa, mas não sabia lidar com dinheiro. Ela morreu por causa da AIDS quando eu tinha dez anos. Morei com uma amiga dela por algum tempo antes do meu pai me achar e eu vir morar com ele.

Ele tinha lágrimas nos olhos e não me encarava. Eu não sabia se ele estava com medo ou com vergonha de mim, mas eu só sentia como se gostasse ainda mais dele depois de saber daquilo. Nós éramos muito parecidos.

—Minha mãe era stripper. —Eu confessei. —Às vezes, quando ela gostava muito de um cara... —Minha voz falhou —Ela... Fazia programa com ele. Era constrangedor acordar com alguém estranho em casa e conforme eu fui ganhando idade... Hm. —Eu não consegui terminar de dizer, Erick entendeu e concordou com a cabeça, sem me olhar.

—Somos muito mais parecidos que eu pensava —Ele sussurrou. A voz dele estava embargada e eu podia vê-lo lutar contra as lágrimas.

Eu, por outro lado, já havia perdido minha batalha.

—Somos todos frutos do pecado —Eu sussurrei. Minha mão, inconscientemente pousou em meu ventre e eu acariciei aquela criaturinha que crescia dentro de mim —Nós três.

Erick empertigou-se. Ele logo estava sentado na cama e quando eu menos esperava, ele me segurou pelos ombros fazendo encará-lo.

—Não —Ele sussurrou —Não somos como nossos pais. Nosso bebê é fruto do nosso amor.

Eu concordei com a cabeça, o rosto todo molhado de lágrimas que eu nem mais sabia o motivo de elas continuarem a correr. Erick beijou-me os lábios com leveza e eu passei meus braços pelo pescoço dele, acariciando-o em um cantinho atrás da orelha que eu sabia que ele gostava.

—Você tem razão —Eu lhe disse.

Ele sorriu lindamente e se afastou, encostando-se à cabeceira da cama.

—Vem, me deixe terminar de te contar —Ele esperou que eu estivesse bem acomodada nos seus braços para continuar —Bom, eu fui morar com meu pai quando eu estava com treze. Eu fiz todo o tipo de coisa para despistar que era filho dele. Nessa época, ele estava tentando ensinar ao Theo as coisas da empresa e tudo mais, mas ele não aprendeu. Um dia, o Theo me fez levar algo para ele na empresa e, quando eu cheguei lá, eu conversei com um cara e consegui uma venda de milhões de libras para o meu pai. Então... As coisas melhoraram para mim. O Theo às vezes tenta voltar para empresa e tal, mas... Ele não tem o jeito que eu tenho pros negócios. —Senti seu peito estufar de orgulho próprio e sorri —Então, bom, meu pai tomou gosto por mim e, mesmo que eu tenha bastante dinheiro guardado para faculdade, ele vai pagar para mim... Só que eu vou ter que mudar o curso para mesma coisa que ele fez —Ele revirou os olhos.

Eu encolhi-me em seu abraço.

—Seu pai ao menos te dá um pouco de reconhecimento... —Eu sussurrei —Não que eu esteja reclamando do meu. Ele quer... Me assumir —Meu tom abaixou-se para um sussurro assustado.

Erick sorriu, grudando nossos lábios e puxando o edredom para cima de nós dois. Estava frio e eu nem ao menos havia reparado.

—Que bom —Ele disse.

Eu espalmei minha mão em seu peito e deslizei-a lentamente até seu pescoço. Puxei-o e lhe dei um beijo demorado e delicioso do qual nós dois saímos com sorrisos bestas.

—Algo me diz —Eu sussurrei —Que você ainda não terminou essa história...

Ele deu uma risadinha. Apertou-me pela cintura e juntou mais nossos corpos. Suspirei em reflexo.

—É —Ele concordou —Você ainda não apareceu na história —Ele riu e limpou a garganta, me fazendo gargalhar. Olhei para ele admirada com o quanto eu gostava dele —Quando você entrou para escola... Você se aproximou da Jenna e nós éramos do mesmo grupo de amigos. Eu fiquei totalmente inibido de conversar com você no começo... Fiquei muito envergonhado. Mas a gente conversava e... Bom, um dia, eu estava disposto a te chamar para sair. Eu conversei com uma pessoa sobre isso e o Theo ouviu. Foi quando vocês ficaram. —Ele fechou os olhos e soltou um suspiro resignado. Senti como se ele estivesse vivendo de novo aquela cena e apertei-o. —Bom... Ele nunca foi exatamente um

cara fiel. Ele sempre teve muitas garotas e, no começo da implicância, ele jogava as camisinhas no meu quarto. Depois, quando eu me mudei para minha casa, o telhado dela ficava cheia... Eu reclamei com meu pai e o Theo parou com isso, mas... Quando vocês ficaram juntos... Ele fez questão de pendurar a camisinha na minha porta. Todas as vezes. —Inconscientemente, eu corei. Que tipo de maníaco fazia isso? —Não gosto mais de camisinhas depois disso.

Eu beijei seu pescoço demoradamente.

—Me desculpe. —Sussurrei.

—Não é sua culpa —Ele disse —Ele é um idiota.

Depois disso, acho que conversamos mais algumas coisas, mas estávamos tão sonolentos que não deve ter feito sentido algum. Então, nós dormimos um sono tão pesado que quando Erick me acordou desesperado no dia seguinte, o Sol já estava alto.

—Estão te gritando pelo lago —Ele me sacudiu. —Se veste, Rápido!

Eu corri para ponta da cama e agarrei minhas roupas, me vestindo rapidamente. Arrisquei um beijo rápido em Erick.

—A gente se vê antes de voltar à Londres? —Eu perguntei.

Não devia ter dito nada.

—Mariana? —Uma vozinha me chamou. Eu apenas me virei a tempo de ver o rosto assustado de Lizzie.

Eu encarei-a sem respirar. Ela olhou para Erick meio-não-vestido e para mão dele em minha cintura. Eu empurrei-o levemente e ele deu alguns passos para trás, me soltando. Então ficou claro que eu estava despenteada e com a roupa toda amassada, com um cara lindo e maravilhoso sem camisa ao meu lado e uma cama desarrumada atrás de mim. Olhei para Erick, assustada.

—Lizzie —Eu chamei-a, quase implorando. —Entra. —Ela parecia tão assustada quanto nós dois, mas desceu —Por favor, eu vou te contar tudo, mas não conta isso para ninguém. Por favor —Eu implorei.

Ela olhou de mim para Erick e demorou o olhar nele antes de voltar para mim.

—O que está acontecendo? —Ela perguntou.

Eu fechei os olhos com força, pedindo aos céus que ela não surtasse.

—Erick... É o pai do bebê. Não é o Theo —Eu sussurrei, devagar para não assustá-la —Eu vou contar para ele. Vou ficar com Erick.

Lizzie franziu as sobrancelhas e assentiu. Depois abriu um sorriso.

—Então esse é o meu cunhado, certo? —Ela perguntou. Soltei um riso de alívio e concordei. Ela se aproximou de Erick animadamente e estendeu a mão —Oi, prazer, eu sou a Lizzie.

Erick riu, alegremente. Pegou a mão dela e beijou-a. Que gentleman!

—Erick —Ele disse.

Ela olhou para mim.

—Vamos? —Ela me perguntou —Estão todos te procurando. O Alan está uma fera. Papai está tentando fingir que não está preocupado, mas ele...

—Não consegue —Eu sussurrei —Eu sei. Vamos. —Eu dei a mão a ela e joguei um beijo no ar para Erick.

Erick abaixou-se para pegar a camisa e gritou:

—Cuidado para sair.

Eu ri e pulei para fora do barco displicentemente. Nada aconteceu. Lizzie veio atrás de mim rindo de algo que Erick havia dito. Provavelmente um palavrão descabido.

—Então... —Lizzie murmurou.

—Dormi no cais —Eu respondi —Me distraí vendo o lago e dormi.

Lizzie levantou uma sobrancelha.

—Tudo bem... —Disse. —Eu ia apenas dizer que você tem muito bom gosto.

Gargalhei.

Nós caminhamos fazendo brincadeiras e rindo até a mansão. Passei fazendo barulho pelo hall e senti o olhar de meu pai da sala, para onde Lizzie foi. Passei direto, tentando ir para o meu quarto, mas algo me pegou pelo braço.

—Você tava com aquele bosta do Harvey, não estava? —Alan me inquiriu.

Eu olhei para ele assustada. Ele bufava. Havia me arrastado para dentro do quarto dele. Eu dei uns passos para trás até encostar-me a beirada da cama dele.

—Alan, eu... —Eu não queria responder.

Ele viu em meus olhos a verdade e socou a porta do armário. A pobre da porta rangeu e pareceu despencar um pouco.

—Por que DIABOS —Ele gritou —você não me escolhe?

Eu encolhi-me, ficando com vontade de chorar.

—Eu... Te vejo como... meu irmão —Sussurrei.

—Mas, CARALHO, EU NÃO SOU —Ele berrou.

Eu pisquei. Levantei-me e fui até a porta.

—Desculpe, mas... Eu gosto dele.

Eu abri a porta, mas ele forçou-a a fechar.

—O bebê é dele, não é? —Ele perguntou, parecendo mais calmo.

Eu sacudi a mão dele, tentando fazê-lo soltar a porta para que eu saísse. Estapeei sua mão, mas, infelizmente, ele era bem mais forte que eu.

—Me deixa sair! —Eu pedi, revoltada.

Eu cheguei a conseguir abrir a porta, mas ele a fechou mais violentamente que antes.

—Mas que merda! —Ele resmungou —Eu posso ser melhor pai que esses dois merdas juntos!

Eu encarei-o, chateada. Eu não tinha que ficar ouvindo essas coisas.

—O Erick é ótimo, Alan. —Eu sussurrei —Ele vai assumir o bebê. Vou falar para Theo que o bebê não é dele. E se você não for capaz de aceitar isso, talvez seja melhor não nos vermos mais.

Ele me encarou, chocado. Sua mão escorregou pela porta até que ela estivesse livre. Eu abri-a e sai.

—Tudo bem. —Ele sussurrou, enquanto eu subia as escadas. —Mas não me procure depois.

—Eu não vou —Sussurrei, enquanto batia a porta do meu quarto.

Image

Lizzie me fez colocá-la a par da história durante a viagem de volta para casa. Ela passara o feriado encobertando meus encontros com Erick e eu sabia que devia isso a ela. Ah, mas é claro, Erick a havia conquistado e ela estava muito feliz em me ajudar a me encontrar com o ‘garoto bonito’. Então eu contei a história toda para ela e ela foi uma ótima ouvinte, mesmo falando poucas e boas sobre a minha troca de paternidade —embora eu não tenha entrado em detalhes como motivos -, mas ficou muito feliz em saber que eu iria consertar isso em breve.

Alan voltou para reabilitação, depois de eu tê-lo evitado o feriado inteiro. Eu estava magoada, mas também estava preocupada que isso o afetasse negativamente em sua recuperação. Mas eu achava que ele tinha que aprender a lidar com aquilo, entender o que eu sentia por ele e aceitar.

Jenna me ligou assim que eu pisei em casa e me fez contar tudo o que havia acontecido durante o feriado —fico com preguiça só de lembrar! Tranquei-me no quarto para poder falar com mais tranquilidade. Devo dizer que Jenna quase teve filhos de felicidade ao saber que Erick havia me convencido a dizer a Theo a verdade e mais ainda porque eu havia dito que ficaria com o verdadeiro pai do meu bebê, afinal. Acho que nós duas sorriamos idiotamente durante aquela ligação.

Despedimo-nos às tantas da noite e eu dormi, ansiosa para o dia seguinte.

Escola. Parte ordinária da adolescência. Eu, de verdade, não havia nascido para frequentar a escola com toda aquela gente vil que pisava na gente dependendo da nossa ‘classe’. Eu já havia estado no topo disso e não me preocupava em ofender as outras pessoas como faziam comigo agora que eu estava grávida e, conseqüentemente, nas classes mais baixas da hierarquia do ensino médio. Eu ia acabar me acostumando com as ofensas embora Jenna —e Erick —espantassem a maioria. E eu normalmente fingia que não estava chateada com isso.

O sinal do fim do penúltimo tempo tocou e eu abri um sorriso do tamanho do mundo. Jenna gargalhou e me deu empurrões de pequeno tamanho, me zoando.

—Você fica toda alegrinha, babaca —Ela riu.

Eu estava acompanhando-a até sua próxima aula porque ela não iria deixar que eu andasse sozinha com os corredores cheios daquela maneira. Ela passou o braço pelo meu ombro e fez uma careta para alguém que provavelmente estava prestes a fazer algum comentário maldoso de mim. Eu devia ser abençoada por ter uma amiga como ela.

—Eu tenho algum motivo para *não* ficar? —Perguntei.

Isso fez Jenna rir mais ainda, mas seu sorriso logo se esvaiu e ela fez uma cara séria que me assustou. Devia ser assim que ela afastava as pessoas de mim, certo?

—E o Theo? —Perguntou, sussurrante.

Soltei o ar com força. Eu estivera evitando pensar nisso o dia inteiro. Por alguma força obtusa do destino, Theo havia faltado ou eu simplesmente não esbarrara com ele nos corredores. Porque, eu tinha certeza, ele não estaria querendo me encontrar e eu não queria encontrá-lo porque isso implicaria a fazer coisas que eu ainda não estava pronta para fazer.

—Eu não o vi hoje —Sussurrei, em resposta.

Jenna levantou-me uma sobrancelha, já em frente à porta de sua sala. Ela era esperta o suficiente para enxergar que eu iria fugir daquilo enquanto pudesse, mas nada disse. Ela apenas revirou os olhos para minha impaciência —que eu demonstrava quase pulando por bater os pés no chão.

—Ok —Ela disse, parecendo contrariada —Vai atrás do Romeu, Julieta —completou. E quando eu virei as costas, ainda ouvi-a dizer —Mano, ela tá me deixando enjoada.

Eu ri, andando pelos corredores vazios em direção à cantina. Ok, isso estava quase virando uma tradição. Sorri totalmente idiota, vendo que Erick estava me esperando encostado à parede ao lado da cantina, mexendo em algo no celular. Ao sentir que eu estava me aproximando, ele levantou os olhos e sorriu, guardando o celular no bolso.

—Oi —Ele disse. Então, olhando para os lados antes de fazer qualquer coisa, ele passou um braço pela minha cintura e me deu um selinho. —O que você quer comer hoje?

Eu me aproveitei de seu braço em minha cintura e abracei-o, contente por

estar com ele por perto mais uma vez. Era incrível como meu humor dava saltos em sua presença.

—Eu não sei —Sussurrei, com a voz fraca, o rosto enterrado em seu peito. —Acho que vou querer um grande hambúrguer de novo.

Erick riu e deu-me um beijo na cabeça, arrastando-me até a cantina para que pudesse fazer o pedido. Ele não me deixou pagar, foi fofo. E puxou a cadeira para que eu sentasse, para esperarmos o meu 'almoço' ficar pronto.

—Então... —Erick sussurrou. Ele apertava minha mão por cima da mesa, mas eu queria abraçá-lo de novo. —Você... Huh... Pensou sobre... Como vai falar?

Eu neguei com a cabeça.

—Eu não faço a menor ideia. Só sei que vai ser ruim.

Ele puxou minha mão aos lábios e a beijou lentamente. Eu fechei os olhos. As vezes, estar perto de Erick me fazia ter vontade de chorar. Eu sei que é meio idiota, mas... É só porque eu queria mais. E parecia que tudo conspirava para que nós não ficássemos juntos. Inclusive eu mesma parecia fazer isso, mesmo inconscientemente. Mas quando nós estávamos juntos, era tudo tão certo! E ele me amava.

—Eu vou estar lá com você —Erick sussurrou.

Eu neguei com a cabeça, meus pensamentos já fugindo em um delírio dos dois brigando por minha causa. Eu via sangue, e sangue me deixava nervosa. E eu não queria que Erick se machucasse porque eu havia errado com ele e com Theo. Era minha culpa e as consequências deviam ser somente minhas.

—Não... É algo que eu tenho que fazer sozinha.

Erick encarou-me com uma intensidade impressionante e eu corei perante seus olhos azuis, abaixando meu olhar e me distraíndo, acariciando sua mão. Eu tive um vislumbre de seu sorriso.

—Tudo bem, se você quiser assim. Mas eu não vou deixar você sozinha. —Ele disse —Quero que você me avise e eu ficarei por perto.

Concordei com a cabeça, sentindo que eu não o merecia. Mas se eu havia tido a sorte de tê-lo, eu não o deixaria escapar.

—Eu aviso —Prometi.

Ele sorriu e curvou-se sobre a mesa, colocando seu rosto ao alcance de minha mão e passou sua bochecha de leve por ela, fazendo-me sorrir e sentir um formigamento na barriga ao perceber que ele sentira tanta falta minha quanto eu

sentira dele. Era totalmente reconfortante.

—Mas eu queria pedir uma coisa para você...

Eu teria dito "qualquer coisa", mas qualquer coisa incluía muitas coisas que talvez fossem tão difíceis —ou quem sabe mais ainda —que contar a verdade a Theo e eu tinha medo de coisas abstratas. Então, eu apenas disse:

—Peça.

Erick respirou fundo e deu beijinhos na minha mão.

—Eu vou ter um jogo. No próximo sábado. —Ele mordeu o lábio inferior e desviou os olhos de mim. Eu já havia aprendido que essa era a forma dele de dizer que estava sem jeito —E eu queria que você me assistisse... Como minha namorada. —Ele abriu e fechou a boca algumas vezes, acho que envergonhado pelo meu silêncio —Quero dizer... Que todos saibam disso porque, bom...

Eu fechei os olhos, entendendo o que ele queria. E, de certa maneira, ele estava certo porque eu só faria aquilo com um prazo.

—Você quer dizer que... —Eu comecei a dizer, mas fui interrompida.

Uma sinetinha tocou e nós dois pulamos em susto. Havíamos nos desligado totalmente do mundo, era como se uma bolha tivesse nos envolvido e nos isolado. O funcionário da cantina olhou para gente, indignado que ainda não estivéssemos nos movido.

—Tá pronto! —Ele falou.

Minha vontade era de rir da cara que Erick fazia, mas contive-me.

—Um minuto —Erick pediu.

O funcionário deu de ombros.

—Não sou eu que vou comer o troço frio. —Ele resmungou.

Erick revirou e acenou quase que impacientemente para mim.

—Você dizia...

Eu queria rir, de verdade, mas não era o momento certo, então controlei-me e mantive-me séria.

—Eu estava perguntando...

—É. —Erick disse antes que eu pudesse completar —Eu queria que você falasse com ele antes disso. Mas, bom, é a sua vida. Você que sabe. —E ele fez uma carinha fofa que me deu vontade de apertá-lo.

Eu levantei-me para pegar meu hambúrguer e Erick me seguiu, encarando-me como se esperasse alguma reação. Então eu sorri.

—Você está errado —Eu disse. A cara confusa que ele fez foi mais fofa

ainda. —É a nossa vida. Nossa.

O sorriso dele foi tão envolvente que eu acabei voltando a sorrir feito tonta enquanto ele me abraçava.

—Obrigado —Ele disse.

Seus dedos envolveram-se aos meus e nós tomamos o caminho do campo de futebol enquanto eu tentava comer meu hambúrguer sem derramar nada. Missão impossível, é claro. Erick se divertiu bastante às minhas custas até que ele resolveu parar comigo no esconderijo embaixo das arquibancadas para que eu pudesse acabar de comer. Não demorei muito —o que eu posso fazer? Estava com fome! —Eu queria te pedir uma coisa também —Eu sussurrei.

Erick se aproximou ao ver que eu havia me livrado dos restos do hambúrguer e me abraçou, dando beijinhos no pescoço que me deixaram, instantaneamente, mole.

—É só pedir —Ele sussurrou —E eu faço.

Sorri apaixonadamente e passei meus braços pelo seu pescoço, apoiando-me para não cair enquanto ele mordiscava minha orelha, me torturando.

—Eu tenho que ir ao médico na sexta à tarde... —Sussurrei.

Rapidamente, ele parou o que estava fazendo e encarou-me, chocado.

—Por quê? —Perguntou-me —O que você tem? É algo com o bebê? Ele está bem? Ele...

Eu calei-o com um beijo, antes que ele continuasse metralhando-me com perguntas sem sentido.

—Está tudo bem... É um exame normal —Eu sussurrei —Mas vai dar para ouvir o coraçãozinho do bebê.

Eu ia continuar falando sobre coisas técnicas sobre o exame ou sobre o meu calendário de exames e consultas, mas eu perdi totalmente o foco quando vi seus olhos brilhando de alegria. Então eu só sorri e encostei minha cabeça em seu ombro.

—Eu vou! —Ele disse, animado.

—Que bom —Eu sorri, sentindo que ele apertava o abraço.

Eu lembrei-me de Kate, meses atrás. E eu finalmente entendi que a vida havia sido boa para mim para me recompensar e havia me mandado Erick. E, sabe, mesmo com o preço alto, havia valido a pena só por me sentir tão protegida e amada enquanto os braços deles me envolviam em um simples abraço. Era maravilhoso sentir-me assim... Completa.

E, bom, não havia acontecido nada demais. Nós apenas estávamos conversando abraçados, curtindo um ao outro. Nós não precisávamos de muito mais que isso. E eu tinha certeza que eu ficaria sorrindo feito idiota pelo resto do dia.

Pena que durou pouco.

—HARVEY! ONDE VOCÊ ESTÁ, SEU IMPRESTÁVEL? —Uma voz gritou.

Erick estremeceu no nosso abraço e deu-me um beijo rápido.

—Preciso ir —Sussurrou —É o treinador...

Eu beijei sua mão, afetada demais para falar algo e deixei-o ir. Aos meus cálculos, estava quase na hora de ir embora, então fui para o estacionamento e lá estava a limusine.

Eu fui para casa, feliz e preocupada. Como eu contaria ao Theo?

Erick quer que eu conte a Theo antes do jogo de sábado. Mandeí a SMS à Jenna assim que consegui entrar em meu quarto. Abri minha matéria de Inglês e tentei me concentrar, sem sucesso, enquanto esperava sua resposta. Tentei ler, mas ao chegar ao meio da página, reparei que só estava passando o olho e desisti.

Meu telefone tocou naquele momento com a resposta dela.

Bom, ele está certo, né? Fica calma amiga, vai dar certo.

Eu tentei respirar fundo. Joguei-me na cama, encarando o teto e perguntando-me por que ela não havia me ligado depois da minha sms, como sempre fazia.

Ela deve estar com alguém. Pensei. Anotei mentalmente que deveria prestar mais atenção nessas coisas porque tinha a ligeira impressão que todo o meu drama não estava me deixando ser uma boa amiga.

Para o meu susto, meu celular tocou mais uma vez e eu pulei, enquanto o celular dançava em minha mão, quase caindo. Atendi.

—Alô? —Eu disse.

’Hey’ —Eu pateticamente estremei ao ouvir a voz de Erick ao telefone. Como se nós não estivéssemos nos visto há umas duas horas e trinta e cinco minutos atrás. Quem estava contando?

Meu coração acelerou e eu logo estava sorrindo, desejando que ele estivesse ao meu lado e não ao telefone.

—Hey —Murmurei.

Nós dois ficamos em silêncio por alguns segundos, como se não houvesse mais assunto do que se falar, mas como se nos contentássemos em ouvir as respirações um do outro.

'Eu acabei de me tocar...' Erick sussurrou, quebrando o silêncio. *'Que não vamos nos ver amanhã. Então... Eu estava pensando se você não queria ir ao cinema depois da aula...'*

Eu quase podia vê-lo prender a respiração como se estivesse me chamando para sair pela primeira vez. Suspirei, totalmente encantada por me sentir tão bem com coisas tão pequenas e simples.

—Eu adoraria —Sussurrei —Mas tenho medo...

Ouvi Erick soltar o ar com força.

'Não se preocupa com essas coisas bobas' Ele pediu. *'Eu só quero curtir você um pouco mais, sem me importar com o resto todo. Não é pedir muito, é?'*

Minha voz saiu falhada e baixa quando eu respondi:

—Não...

'Você está preocupada com o Theo, não é?' Ele perguntou. Acho que o meu silêncio o respondeu. *'Ele não vai ao cinema amanhã. Ele tem compromissos como filho oficial.'*

Eu percebi a amargura com que ele falou isso e, naquele momento, decidi que assim que as coisas se acalmassem, eu ia arrumar um jeito do pai de Erick assumi-lo. Só não sabia como, porque nem eu havia conseguido isso do meu.

—Tudo bem, então. —Eu murmurei em resposta, sorrindo. —Como se eu fosse negar, de qualquer jeito.

Ouvi a risada dele, abafada. Senti saudades absurdas.

'Posso te pegar na sua casa às cinco?' Ele perguntou.

—O horário é ótimo —Respondi —Tenho que ensinar a Lizzie antes de sair.

'É. Eu também tenho coisas para fazer.' —Ele disse.

Eu quis apertá-lo, mas, nesse momento, Lizzie bateu na porta do meu quarto e entrou com alguns de seus cadernos. Fez um 'uh' com a boca por ter me visto no telefone e quase voltou para fora do quarto, mas acenei para que ela não fizesse.

—Erick, eu preciso desligar —Sussurrei —Lizzie chegou aqui.

Ouvi o suspiro chateado dele e quase fiz uma careta triste.

'Manda um beijo para ela' —Ele disse —*'Eu amo você'*.

Eu corei e gaguejei. Acabei por apenas dizer:

—Erick!

Ele riu tão deliciosamente que foi impossível não sorrir. Queria poder assistir a cena. Seus cabelos balançando lindamente ao movimento... As mãos postando-se em sua barriga e o sorriso estonteante me deixando tonta o suficiente para que eu esquecesse meu nome...

'Apenas diga que você gosta de mim e eu fico satisfeito' —Ele pediu. Eu podia vê-lo de olhos fechados e eu só não fechava os meus e suspirava porque Lizzie me encarava sorrindo.

—Eu gosto **muito** de você, Erick —Eu disse —Está bem?

'Está ótimo' —Ele disse —*'Até amanhã, amor'*.

—Até amanhã —Eu sussurrei.

Ok, depois que eu desliguei o telefone, tive que contar para Lizzie toda a conversa e sobre o cinema. Ela prontamente disse que não precisava ter aula no dia seguinte, mas eu insisti, já que a margem de tempo era boa. Então ela se contentou em apenas escolher minhas roupas antes que eu conseguisse fazê-la se aquietar para ensinar matemática.

Graças aos céus, a tarde e a manhã seguinte passaram rapidamente e logo eu estava ensinando Lizzie mais uma vez, dessa vez física. Como se ela prestasse atenção. Na verdade, ela estava mais preocupada em descobrir qual a cor de sombra que mais combinava com a minha pele. Ela estava em dúvida entre um verde, um azul e um rosa.

Mesmo assim, insisti em ensiná-la até às três horas, quando ela pulou de alegria e me empurrou até o banheiro, mandando que eu tomasse banho e usasse o perfume que ela jogou em minhas mãos antes de me enfiar lá dentro.

Rindo, eu deixei que ela pulasse em torno de mim e me arrumasse como uma boneca. Ao menos ela tinha um bom gosto e quando eu vi a moto de Erick derrapando na entrada da mansão enquanto eu o esperava sentada em um banquinho ao lado da porta e ele caminhou até mim tirando o capacete, eu vi o olhar de admiração que ele lançou sobre mim e, então, mordeu o lábio, me fazendo estremecer.

A cabeça de Lizzie surgiu pela porta antes que Erick chegasse a mim.

—Seu horário é onze horas —Ela sussurrou. —Oi, Erick. Tchau, Erick.

Erick riu, subindo a escadinha, quando Lizzie fechou a porta. Ele se encaminhou para mim e sua mão foi mecanicamente para minha cintura. Seus lábios encostaram-se no canto dos meus e meus olhos perderam o foco enquanto

eu passava o braço pela cintura dele, sorria e prendia meu dedão no cinto da calça dele.

—Hey —Ele sorriu, o nariz quase encostado no meu. —Você tá linda. Não precisava tudo isso, agora os caras vão olhar para você.

Ele fez uma caretinha fofa que me fez rir.

—Eles podem olhar, ué —Eu disse —De que adianta se eu só olhar para você?

Erick sorriu de lado, contente com a minha resposta imediata, e apenas puxou-me, guiando-me até sua moto.

—Coloca —Ele me ofereceu o capacete.

Fiz careta, mas peguei-o enquanto ele colocava o dele. Ele, carinhosamente, fechou o meu capacete antes de montar na moto. Sentei-me atrás dele, abraçando-o, encostando minha cabeça em suas costas.

A viagem durou pouco mais de dez minutos, onde a gente tentou manter uma conversa, mas foi um pouco complicado. Erick estacionou a moto e guardou os capacetes embaixo do banco. Logo, estávamos na fila para comprar o ingresso.

—Quero pipoca —Murmurei, sentindo o cheiro da pipoca e ficando com água na boca.

Erick me ignorou.

—O que vamos assistir? —Perguntou. Eu ignorei-o, olhando em volta para ver se conhecia alguém. —Mari? Relaxa, por favor —Ele pediu. A mão, na minha cintura, começou a acariciar-me e eu suspirei pesadamente, me rendendo —Então, que tal aquele Harry Potter ali? —Perguntou-me.

—Não gosto muito desse filme. —Murmurei. Tá, eu só estava me vingando da pipoca.

Erick me olhou com as sobrancelhas arqueadas.

—E você vai assistir? —perguntou.

Eu corei como se fosse a primeira vez que a gente estivesse saindo. Hm, tecnicamente, era. Erick gargalhou da minha cara.

—A sala vai estar cheia... —Eu disse, assim que consegui me recuperar.

Ele revirou os olhos.

—Você que sabe —Ele murmurou.

—Eu só quero pipoca —Fiz biquinho.

Erick gargalhou e, finalmente, beijou-me os lábios. Automaticamente,

minhas mãos, fechadas em punhos, foram postadas em cada lado do pescoço dele e eu acabei ficando na ponta dos pés em uma tentativa inútil de conseguir um pouco mais dele do que ele estava querendo me dar. Eu tinha esquecido completamente que estávamos em ‘público’. Ele encerrou o beijo e encostou a testa na minha.

—A promoção do beijo é na quinta, sabe? —A atendente disse.

Eu corei, praticamente escondendo-me atrás de Erick enquanto ele ria. Nós nem ao menos tínhamos visto que havia chegado a nossa vez.

Erick comprou entradas para qualquer filme que nós não assistimos e comprou pipoca para mim, que eu quase não comi porque ele distraiu-me logo nos primeiros cinco minutos de filme.

Foi a melhor sessão de cinema que eu já tive em minha vida e eu nem lembro o nome do filme que eu assisti.

Erick entregou-me em casa às dez e meia. Despedimos-nos com sorrisos tolos no rosto. Minha barriga dava mais voltas que o normal.

Mas, para o meu desgosto, a semana passou mais rápido que o normal, enquanto eu empurrava para deixar para contar para Theo no último dia. E o último dia chegou antes do que eu queria.

Era sexta-feira e era meu último tempo. Meu tempo livre com Erick, mesmo que hoje ele e o time estivessem livres para descansar para o jogo do dia seguinte. Ele estava escondido na mesma sala onde Jenna havia se escondido para que eu falasse com Theo. E eu estava esperando que ele viesse pôr os livros no armário antes de ir embora. Demorou mais que o esperado ou talvez a tensão do momento que havia diminuído minha sensibilidade ao passar do tempo.

Eu tremia. Quase não havia visto Theo desde o feriado e ele não andava muito simpático. Eu tinha medo da reação dele. Eu tinha medo que ele atacasse Erick. Eu tinha medo de perder o meu bebê.

Theo se aproximou do armário e eu não sentia as minhas pernas. Mas ele simplesmente ignorou-me, então eu limpei a minha garganta e arrisquei.

—Theo? —Eu murmurei nervosa.

Ele encarou-me, raivoso.

—Então, o que você quer agora? —Perguntou-me —Mais dinheiro?

Escancarei a boca, chocada.

—Theo, eu só... Queria... Conversar com você —Gaguejei.

Ele bateu o armário com força e olhou-me de cima a baixo. Atrás dele, eu

via o rosto de Erick preocupado. Ele estava quase a sair da sala para interferir, mas eu acenei levemente com a mão para que ele se acalmasse. Já bastava a mim, nervosa.

—Qualquer coisa estúpida que você tenha a dizer sobre esse bebê, não me interessa —Ele cuspiu para cima de mim, colocando a mochila nos ombros. —Já estou fazendo demais dando um nome para ele.

Ele virou as costas, deixando-me sozinha, tremendo. Erick abraçou-me por trás antes que eu sentisse minhas pernas fraquejando.

Image

—Você está melhor? —Erick me perguntou.

Já estávamos fora da escola, próximos à sua moto. Ele carregava minha mochila, um pouco mais pesada que o normal hoje porque eu iria dormir em sua casa. Pedido dele, eu iria negar?

—Eu estou bem —Repeti pela milésima vez. —Me desculpe, eu não consegui —Sussurrei, apoiando-me na moto para olhá-lo.

—Tudo bem —Erick sussurrou —Não foi sua culpa, meu pai tá pressionando ele e tudo mais. Mas, bom, ele é um idiota de qualquer jeito.

Eu ri, baixinho, enquanto ele me abraçava e afundava seu rosto em meu pescoço. Distraí-me, um pouco, com os beijinhos que ele depositou na região e comecei a acariciar sua nuca.

—Sinto muito por amanhã —Sussurrei —Eu queria mesmo.

Erick tirou o rosto de seu esconderijo e encarou-me com os olhos azuis surpresos e a sobrancelha arqueada. Oh, não.

—Do que você está falando? —Ele disse —Amanhã de manhã, antes do jogo, vamos resolver isso, certo?

Insistente. Ok, eu deveria ter adivinhado que ele não desistia tão fácil das coisas que ele queria. Não que isso fosse ruim, mas, no momento, eu não gostava. Mesmo assim, concordei com a cabeça. Eu sabia que era importante para ele e sabia que eu me sentira mil vezes melhor depois que isso fosse resolvido.

—É, resolver —Murmurei, quase contrariada.

Erick riu, dando-me um beijo no canto do meu lábio. Acabei sorrindo com isso.

—Vamos —Ele disse.

Passou-me o capacete, que eu coloquei, enquanto ele guardava nossas mochilas embaixo do banco da moto. Eu já estava quase me acostumando a

montar nela, mas Erick havia começado a falar em comprar um carro porque minha barriga ia começar a crescer e ia começar a ficar difícil andar de moto comigo. E depois que o bebê nascesse, ia ser impossível fazer ‘passeios em família’. Eu achei graça, perguntei que tipo de passeios de família ele queria fazer. Ele me respondeu ‘do tipo dos que eu nunca fiz quando era criança’ e isso me deixou totalmente sem jeito, mas ele acabou rindo da minha cara e tudo ficou bem.

A viagem até o hospital foi muito mais rápida do que ir de ônibus. Ok, isso é óbvio. Mas sabe quando o tempo parece passar mais rápido que o normal? Era assim. Eu acho que era porque eu estava com Erick, sentindo o seu perfume e vendo —e era a única coisa que eu conseguia ver —o vento bagunçando seu cabelo quando ele acelerava...

—Estamos atrasados —Eu sussurrei, enquanto Erick entrava no estacionamento do hospital.

Ele estacionou de qualquer jeito e desligou a moto, guardando a chave. Esperou que eu desmontasse para que ele fizesse o mesmo.

—Estamos quase lá —Ele disse, puxando-me pela mão para a entrada do hospital.

Ele disparou porta adentro e puxou-me pelas escadas para chegarmos até a parte geriátrica. Eu quase tropecei nos meus próprios pés e cai, o que me fez puxar minha mão para longe dele.

—Cuidado —Eu disse, zangada e passando minha mão direita pelo pulso esquerdo, que eu só percebi que estava dormente depois que o fiz largar.

Ele parou alguns degraus acima de mim e voltou, pegando a minha mão com leveza, puxando-me para o degrau que ele estava.

—Desculpa —Ele fez uma carinha fofa, então apertei suas bochechas, fazendo-o fechar a cara e depois rir junto comigo —Não estávamos atrasados? —Perguntou.

Eu arqueei a sobrancelha.

—Sempre há tempo para um beijo, não? —Eu insinuei-me.

Erick riu e grudou seus lábios nos meus por um momento. Eu entreabri os meus lábios para que ele aprofundasse o beijo, mas ele apenas mordeu a pontinha da minha língua e se afastou. Eu quase capotei para frente, tentando manter o beijo e isso o fez rir.

—Infelizmente, o tempo para o beijo é curto —Ele sorriu, puxando-me pela mão até o fim da escada.

Eu fui até o balcão de atendimento e entreguei meus documentos à moça simpática que logo nos levou à uma sala onde a médica me esperava.

—Olá, querida, tudo bem? —Ela me cumprimentou.

Eu sorri e estendi-lhe à mão, parada ao lado da maca. Era adorável saber que ela mudava de especialidade no hospital apenas para mim. Para me atender.

—Bom, é isso que eu vim ver, certo?

Ela apertou-me a mão com o sorriso e apontou para a maca. Eu vi que, enquanto ela pegava o gel e arrumava o aparelho de ultrassom mais adequadamente para mim, seu olhar bateu em Erick. Ele estava fofo, totalmente sem jeito e enrolando o dedo na barra da camisa.

—Então —Ela disse, enquanto eu subia a minha camisa para que ela pudesse passar o gel. E, porra, estava gelado —Esse é o felizardo, certo?

Erick corou levemente enquanto eu concordava com a cabeça.

—Erick —Eu chamei. Ele me olhou quase como se estivesse totalmente aéreo. —Senta aqui, do meu lado —Eu apontei com a cabeça a cadeira ao meu lado e, enfim, ele pareceu repará-la. —Essa é a Dra. Smithers, ela cuida de mim desde... —Minha garganta embargou e eu não consegui falar —Você sabe o quê. E esse é o Erick —Eu disse para ela.

Ela levantou a sobrancelha e sorriu para ele. Vi que ela estava tentando tranquiliza-lo.

—Prazer, Erick. —Disse —Eu apertaria a sua mão, mas estou com as mãos ocupadas, agora.

Eu gargalhei, fazendo Erick e a doutora rir. Então ela começou a deslizar o instrumento pela minha barriga. Eu comecei a olhar pela telinha, as formas do meu bebê e meus olhos encheram de lágrimas. Ele ainda era deformadinho, mas tinha mãozinhas e era todo lindo. Eu queria saber se ele parecia com Erick, mas ainda não dava para ver... Mas eu descobriria logo.

—Está tudo bem, doutora? —Perguntei.

Ela concordou com a cabeça e começou a apontar com a caneta para o visor, me mostrando todas as partes do bebê. Eu fiquei tão encantada e tão feliz que acabei colocando minha mão sobre a barriga e melecando a mão inteira. A minha careta fez a consulta acabar, enquanto Erick tentava limpar minha mão na maca.

Por um segundo, eu me distrai olhando nos olhos azuis maravilhosos de Erick e vi que ele tinha lágrimas ali. Lágrimas que ele segurara com toda força de vontade e eu não pude deixar de sorrir. E também não consegui tirar mais os olhos dele. Passei meus dedos por debaixo dos seus olhos e eu vi quando suas

bochechas coraram.

—Bom, é isso —A doutora disse —O bebê ainda está muito pequenininho para ouvir o coração. Quem sabe daqui a umas três semanas?

Concordei com a cabeça, tirando os olhos de Erick por um segundo e mordendo os lábios.

—É sempre bom vê-lo de novo —Eu disse. A doutora sorriu. —E a senhora também, doutora.

Ela riu de mim (ou para mim, não sei dizer) e me entregou alguns papeis.

—São para você ler, mamãe —Ela disse. Eu olhei os papéis, haviam ilustrações e textos enormes sobre gravidez e bebês novinhos —E também tem um calendário de quando você tem que me ver. Aparentemente, nos vemos antes das três semanas.

Erick puxou alguns papeis da minha mão para poder olhar também enquanto eu sorria para doutora.

—Muito obrigada —Eu disse —Você tem sido extremamente maravilhosa comigo esse tempo inteiro. E eu não me lembro de ter agradecido...

Ela sacudiu a cabeça veementemente. Eu pude ver um pouco de cor em suas bochechas.

—Não precisa agradecer, eu fico feliz em ajudar —Ela sorriu, enquanto Erick ajudava a me levantar e limpava a minha barriga do gel com a toalha que a doutora dera a ele.

Eu sorri para ela, enquanto Erick me arrastava para saída. Eu vi quando ele balançou a cabeça para ela, um gesto de agradecimento, então eu o abracei, fazendo-o sorrir e passar o braço pela minha cintura.

Descemos sem dizer uma palavra, apenas de mãos dadas. Nada precisava ser dito. Então, quando alcançamos a moto, Erick me abraçou e sussurrou ao meu ouvido:

—Eu sei que nada é perfeito e sei que a nossa vida não chega nem perto disso —Eu estremeci, passando o braço pelo tronco dele, fazendo com que ele me abraçasse pela cintura —Mas enquanto você quiser, eu vou tentar ser o mais perfeito possível.

Eu sorri idiotamente e encostei minha cabeça em seu ombro. Ele me balançou como se estivesse dançando.

—Eu estou assustada —Sussurrei —Com tudo isso. Eu tenho medo de não conseguir ser uma boa mãe...

—Você vai ser ótima —Ele me disse, levantando meu rosto com a mão para encarar-me —Nós vamos fazer isso juntos, eu não vou te deixar sozinha nem um segundo.

Eu sorri e senti-me segura. E, nesse segundo, eu tive a mais plena certeza que meu bebê teria o melhor pai do mundo. E eu podia ver Erick sendo atencioso e maravilhoso com uma criança, tão ou mais quanto era comigo.

—Obrigada —Eu sussurrei.

Erick sorriu e grudou nossos lábios em um selinho demorado antes de me passar o capacete. Ele montou na moto e eu o segui, enfiando minha cabeça na blusa dele e o abraçando mais apertado que o devido, mas ele não se importou. Eu aposto que ele queria virar-se para mim e fazer o mesmo.

Eu estremeci quando a mansão da família Ward surgiu no meu campo de visão e eu acabei virando o rosto e abraçando Erick. Ele acelerou, subindo a calçada e passou com a moto no estreito pedaço entre a garagem e a mansão que levava a casa dele. Relaxei instantaneamente quando ele desligou a moto.

—Bom —Erick disse, tirando o capacete e pendurando na moto. Ele desmontou dela antes de mim, mas não me pergunte como —Bem vinda de volta.

Eu sorri, tirando meu capacete também. As bochechas dele estavam coradas e eu não sabia se era do vento frio ou se ele ainda não havia se acostumado com o fato de que eu adorava a casa dele. Ele a achava simples demais para mim, eu só a achava perfeita. Como tudo que havia a volta de Erick, menos, é claro, a família dele. Mas isso não contava. —Obri... —Eu não cheguei a terminar porque, no momento que eu pisei no chão, desmontando da moto, Erick me pegou nos braços, fazendo-me soltar uma exclamação revoltada de: —Erick!

Ele gargalhou lindamente enquanto chutava a porta da casa para entrarmos. Eu agora havia entendido suas bochechas coradas, ele estava tramando contra mim.

Fui depositada com o maior cuidado sobre a mais macia das camas —e eu iria achar isso mesmo que ela fosse dura como uma pedra (só para constar, não era) —e eu logo senti seu peso sobre mim.

Acho que eu fiquei vesga quando ele encostou seu nariz no meu, sorrindo tão brilhantemente que era impossível desviar o olhar, mas quando seu sorriso encontrou-se com o meu para iniciar um beijo de tirar o fôlego e soltar faíscas que poderiam incendiar a casa, impossível foi não fechar meus olhos.

Era como estar no céu queimando em brasas de paixão. Eu sentia sua mão

deslizar pelo meu corpo e por onde ela passava, eu ardia e mordia seus lábios, quase implorando por mais. Eu não entendia como em um segundo nós estávamos simplesmente sorrindo e nos curtindo e no outro estávamos tão desejadores um do corpo do outro.

Seu beijo simplesmente me enloquecia. E quanto mais ele descia seus beijos, mais eu arfava sem ar, mais eu o queria. Ele deixava-me totalmente maluca, beijando meu pescoço e apertando meus seios, ainda por cima da blusa. Eu puxava seus cabelos com força até que decidi-me empurrá-lo levemente. Ele acabou sentado na cama, sem

ntender o que eu estava fazendo. Ajoelhei-me à sua frente e tirei minha blusa em apenas um movimento rápido. Eu podia ver seu olhar de admiração sobre mim.

Ele curvou-se e levou suas mãos a cada lado da minha cintura e depositou um beijo de leve em meu colo, olhando-me pelo alto dos olhos. Fechei os meus olhos, jogando a cabeça para trás enquanto ele abria meu sutiã e intensificava os beijos em meus seios.

Deixei que ele se distraísse —e quase me matasse de prazer —com eles por um tempo. Então, empurrei-o novamente, desta vez com mais força, fazendo-o deitar na cama com a cabeça virada para os pés da mesma. Arranquei sua blusa e pus-me a beijar seu peito nu.

Percebi o quanto ele arfava à medida que eu me aproximava da barriga e, sorrindo maleficamente, eu comecei a morder levemente sua barriga.

À medida que eu me aproximei da barra de sua calça, mas alto ele gemia e eu acabei corando com o volume da calça dele e me sentei. Achei que ele acabaria rindo, mas ele apenas olhou-me e seus olhos azuis ardiam em pura luxúria, fazendo-me estremecer. Ele sentou-se, puxando-me pela cintura e grudando nossos corpos, forçando sua ereção entre minhas coxas enquanto seu beijo calava meus gemidos.

Ok, Erick, da próxima vez eu não paro quando eu chegar aí. Foi o único pensamento razoável que eu tive.

Ele curvou-se sobre mim e fez com que eu me deitasse na cama sem muito esforço. Suas mãos dedilharam meus seios e minha barriga, abrindo minha jeans e tirando-a junto com a calcinha. A jeans dele também não se demorou para juntar-se a pilha de roupas e quando ele se deitou sobre mim, ainda mantinha a cueca e eu não entendi o porquê, a princípio.

Não foi preciso muito de raciocínio lógico. Ele simplesmente começou a se

movimentar sobre mim, apenas para deixar-me mais excitada que antes. Eu corri minhas mãos para a cintura dele, puxando-o mais para perto de mim e mordendo seu lábio em um beijo desesperado.

Distraí-o por tempo suficiente para deslizar minhas mãos para a cueca dele e arrancá-la de seu lugar. Erick correu seus lábios para o meu pescoço, sugando-o para deixar marcas. É, ele só estava dizendo para mim que eu agora era dele em tempo integral. E eu gostava disso.

Então ele grudou o nariz no meu e encarou-me com um sorriso absurdamente maravilhoso. Pus minhas mãos sobre seus ombros, fechando os olhos, agraciada e ele mordiscou meu queixo levemente.

E, aí, ele me penetrou. Inconscientemente, cravei minhas unhas em seus ombros, sentindo todas as sensações entorpecentes que só sentia fazendo amor com Erick. Era incrível e inacreditável que meu corpo seguisse sozinho nessas ocasiões e, em poucos segundos, minha perna havia, sozinha, encaixado-se entre as pernas dele e eu o guiava para movimentos mais rápidos e mais fortes, coisa que, segundos depois, não precisei mais fazer porque ele havia entendido.

Eu acabei fazendo com que girássemos na cama, deitando-me por cima dele e movimentando-me sobre sua ereção como havia feito apenas uma vez, no banheiro de uma determinada festa, um pouco antes de saber da gravidez. E parecia ser até melhor agora, com suas mãos apertando minhas coxas com tanta força que eu duvidava que sangue estivesse passando por ali. Não que eu estivesse preocupada com isso, é claro.

Nós gemíamos tão juntos, como um só. E como um só, alcançamos nosso ápice em um mesmo momento, para que, um segundo depois e aparentemente mais recuperado que eu, Erick estendesse os braços para que eu me jogasse por cima dele. E eu fiz isso com um sorriso mais que apaixonado.

Não demoramos muito para dormir, completamente agarrados e amassados. Como um só.

Acordar assim era muito bom, eu acho que já disse isso. Exceto pelo fato que Erick estava me vendo de cabelos em pé, remelas e bafo de ‘acabei de acordar’. Por outro lado, ele estava em estado tão catastrófico quanto eu e eu achava isso muito fofo.

—Bom dia —Ele murmurou para mim, antes de me dar um selinho.

Ele já estava de pé, com cara de sono e com o uniforme de futebol em mãos. Eu sorri para ele, achando-o mais lindo ao acordar do que acordado ou indo dormir. Talvez o ‘dormindo’ ganhasse. Precisava ser a última a dormir algum dia

para desvendar.

—Bom dia, atleta —Eu disse.

Ele sorriu para mim. Parecia nervoso. Era o primeiro jogo dele, na temporada, e ele precisava se sair bem se ainda quisesse a bolsa. Eu não tinha certeza do que ele estava pensando sobre isso.

—Vou... Tomar banho. Aí nós vamos tomar café, falamos com o Theo e eu te deixo em casa antes de ir para concentração —Ele despejou sobre mim. Ok, um pouco mais devagar, amor. Sou lenta pela manhã.

—Tu...Tudo bem.

Ele beijou-me rapidamente e correu para o banheiro.

Certo, ainda tinha o café da manhã e eu estava com preguiça de me arrumar, então eu apenas vesti a blusa dele —que havia ficado muito curta em mim —e fiquei sentada na cama, encarando o nada e esperando ele sair do banheiro ou que eu absorvesse a informação melhor.

Ding Dong

Eu olhei para porta do banheiro, esperando que Erick saísse de lá correndo para atender, já que eu estava vestida apenas com a blusa dele e com as pernas totalmente expostas. Mas, ao contrário do que eu pensava, a voz dele veio abafada do banheiro, fazendo-me um pedido:

—Amor, atende para mim!

Eu olhei, indecisa, pras minhas pernas e de volta para porta do banheiro.

—Mas... —Murmurei.

—Deve ser só o café da manhã —Ele gritou de lá de dentro —Eu pedi para trazerem aqui hoje! Atende, eu já estou saindo!

Mordi o lábio.

—Ok —Sussurrei, mais para mim que para ele, que provavelmente nem teria ouvido.

Caminhei até a porta e, com o suspiro, abri-a, quase caindo para trás.

Theo.

—Meu pai quer ver você antes da merda do seu jo... —Ele parou no meio da frase, finalmente percebendo que eu estava à porta, e não Erick. —Sua VAGABUNDA!

Eu ainda dei passos para trás, tentando esquivar-me, mas sua mão estalou em minha face com tanta força que eu acabei, após tropeçar em meus próprios pés, caindo no chão.

—ERICK! —Eu chamei-o, desesperadamente, sem saber mais o que fazer.

Tentei arrastar-me pelo chão, para longe de Theo. Ouvi a porta do banheiro se abrindo e as pernas de Erick surgiram em meu campo de visão.

Foi tarde demais.

Eu não vi quando ele me atingiu. Eu só senti a dor excruciante no ventre e eu gritei, sem nem saber o que estava gritando.

—SAI DE PERTO DELA, SEU INÚTIL —Ouvi a voz de Erick, perdida na minha dor. Levei minhas mãos às pernas, sentindo algo gosmento.

Vermelho.

Meus olhos quase sem foco e enchendo-se de lágrimas ainda conseguiram ver por alto Erick avançando contra Theo. Eu não podia fazer nada, tudo estava doendo, eu estava perdendo o meu...

—Erick —Eu sussurrei. E como se eu tivesse gritado, ele estava ao meu lado no segundo seguinte.

Ele puxou-me para seu colo e eu aconcheguei minha cabeça em sua barriga enquanto ele fazia uma ligação da qual eu não consegui entender nada. Eu estava totalmente perdida dentro de mim, sentindo a vida do meu bebê se perder. Ele, enfim, jogou o celular de qualquer jeito e curvou-se sobre meu rosto. Eu sentia as lágrimas dele. Ele devia sentir as minhas.

—Vai ficar tudo bem —Ele me repetia como um mantra.

Eu abri a minha boca, as palavras não saíam. Apertei a mão de Erick com força, finalmente entendendo o quanto eu estava chorando e o quão alto eu deveria tê-lo gritado quando achei que havia sussurrado. Erick apertou minha mão de volta e eu entendi que ele estava ali, que ele ia ficar ali.

—Eu... —Eu sussurrei, de verdade desta vez —O estou perdendo.

Ele apertou-me mais em seu abraço desajeitado e acabou arrastando-me pelo chão em uma tentativa inútil de me deixar mais confortável, mas aquilo apenas deixara-me mais nervosa ao ver o carpete sujo de sangue. Erick pareceu ter se arrependido daquela ideia, também, porque ele estremeceu no meu abraço. Eu senti as lágrimas, novamente.

—Vai dar tudo certo —Ele repetiu. Não havia mais tanta certeza em sua voz.

Eu pisquei. As coisas estavam perdendo a cor. Eu não via mais o dos olhos de Erick com tanto brilho como antes. Estava escurecendo, tudo estava ficando preto. Eu pisquei por quase tempo demais.

—Se algo acontecer comigo...

Ele beijou-me, desesperadamente, tentando evitar que eu não continuasse a frase.

—Não diz isso —Ele implorou.

—Se algo acontecer comigo —Eu insisti —Quero que você saiba... —Eu não estava agüentando. Eu só precisava terminar aquilo —Eu... Eu amo você.

Eu o ouvi grunhir, como se tivesse reprimindo um choro que ele já estava chorando.

—Eu também amo você —Ele sussurrou para mim.

E, então, eu apaguei.

Image

Abri os olhos para o branco. Eu deveria ter entendido onde eu estava mais rápido, mas eu não podia estar mais lenta. Eu só percebi que estava em um hospital quando percebi que estava recebendo sangue por uma agulhinha espetada em minha mão. Gemi, reclamona.

Rapidamente, a confusão de cabelos loiros ao meu lado se mexeu e os olhos de Lizzie, bastante preocupados, encontraram-se aos meus.

—Ei! —Ela me cumprimentou —Você acordou!

Eu sorri pela felicidade dela e fingi não reparar no quanto estava pálida. Algo estava muito errado.

—Oi —Murmurei. Olhei para o quarto do hospital e conclui que estávamos sozinhas —Há quanto tempo eu estou... Dormindo?

É, essa não era a pergunta que eu queria fazer, mas a única que eu tinha coragem o suficiente para. Eu não queria pensar na ideia de...

—Bom... O dia inteiro. —Ela respondeu. —Está de noite, quero dizer.

Eu pisquei e olhei para porta. Eu estava esperando que ela se abrisse e que Erick entrasse para que eu pudesse perguntar com os olhos. Ele entenderia.

—E... Cadê o Erick? —Perguntei. —Como foi o jogo?

Lizzie mordeu o lábio e começou a mexer nos bolsos da sua calça.

—Olha, ele me deu o telefone dele —Ela achou o celular e começou a futucar —E pediu que eu ligasse para ele quando você acordasse. Ele estava muito, muito preocupado.

Eu vi quando ela apertou o *send* e me ofereceu o celular. Eu tentei pegá-lo com a mão onde eu estava recebendo o sangue, mas doeu e ela acabou colocando-o em minha orelha. O telefone chamou duas vezes e, quando atendeu, eu ouvi um barulho surdo e imaginei que Erick estivesse caindo da cama. Eu ri, abafado, e Lizzie sorriu para mim.

'Lizzie, ela acordou? Ela está bem?' Eu ouvi a voz de Erick pelo telefone.

Eu suspirei pesadamente. Como funcionava aquilo do meu coração acelerando só de ouvir a voz dele?

—Oi, Erick —Eu murmurei.

Houve um segundo de silêncio onde ele, provavelmente, absorveu a informação de que era eu ao telefone e que, sim, eu havia acordado.

‘Mari!’ A voz dele tinha um tom surpreso e aliviado. *‘Amor, como você está?’*

Eu olhei para minha mão recebendo sangue e, inconscientemente, olhei para minha barriga. Eu esperava que ainda tivesse algo ali, mas só em pensar em não ter, já me dava vontade de chorar.

—Bem —Murmurei, antes de tentar parecer mais sincera. —Na medida do possível. Por que você não está aqui?

Eu me arrependi no segundo em que a pergunta soou aos meus ouvidos. Eu devo ter parecido uma criancinha acuada e assustada para ele. Ele estalou os lábios, provavelmente sem jeito. Eu não devia perguntado.

‘Bom... Seu pai meio que me expulsou do hospital’ Ele sussurrou. Eu ia perguntar “como assim?”, mas ele continuou falando antes que eu pudesse perguntar. *‘Seu pai surtou quando chegou ao hospital. Ele, bom, começou a gritar que não queria ninguém perto da filha dele’.*

Minha boca escancarou. Eu ouvi direito?

—Ele disse...?

Erick cortou-me.

‘É, ele assumiu você’ Erick disse. *‘Mas ele não quer que eu vá ao hospital. Meu pai também não fica muito feliz com a ideia... Por isso que eu pedi para Lizzie me ligar.’* Eu continuei em silêncio, sem saber nem o que pensar. Meu pai havia me assumido. Deus. *‘Bom... Você fez algum exame?’*

Estremeci levemente, entendendo que não era aquela pergunta que ele queria fazer. Era, na verdade, a mesma pergunta que eu estava com medo de perguntar a qualquer pessoa.

—Eu acabei de acordar —Eu sussurrei.

‘Hum...’ Ele murmurou.

Mordi o lábio, pensativa. Eu só queria abraçar Erick, mas ele não poderia vir me ver e eu tinha que me contentar com aquela ligação e arrumar mais assunto para que ela durasse o suficiente.

—Então —Eu disse —Como foi o jogo?

Erick estranhou a pergunta e eu pude perceber isso porque ele demorou mais que o normal para responder, mas o meu terceiro maior medo, nesse momento, era que eu tivesse atrapalhado-o no jogo e acabado com as chances de bolsa dele. A primeira era sobre o meu bebê, que eu não tinha coragem nem de perguntar e a segunda era que Erick não quisesse mais continuar comigo por causa disso.

'Eu não queria ir.' Ele me confessou antes de soltar uma risada nasalada que me fez sorrir. *'Mas eu fui e, bom, nós vencemos. Tecnicamente porque eu via o Theo em todos os adversários, então...'*

Eu ri, finalmente vendo algo de bom nisso tudo.

—Parabéns —Eu disse.

Quase pude vê-lo sorrir com o meu cumprimento.

'Obrigado.' Ele agradeceu. Fez-se alguns segundos de silêncio na ligação (porque, do meu lado, Lizzie batia as mãos nas pernas no ritmo de uma música qualquer, impaciente) antes que Erick continuasse *'Mari, eu estou preocupado com...'*

Estremeci com a ideia de ver o meu maior medo sendo dito em palavras por ele. Eu queria continuar acreditando que o meu bebê estava em meu ventre por quanto mais tempo eu pudesse.

Para a minha sorte, meu pai entrou no meu quarto de hospital nesse segundo e fez cara feia ao ver-me ao telefone. Lizzie se aprumou na cadeira ao meu lado, arregalando os olhos para mim, dizendo claramente, com eles, que ela estaria em apuros se eu não desligasse imediatamente.

—Eu preciso desligar, Erick —Eu falei, interrompendo-o.

Erick entendeu na hora o que eu queria dizer. Ele soltou um suspiro cansado que eu interpretei como “péssima hora”.

'Me liga quando receber alta, ok?' Ele pediu. *'Vou tentar ir ver você'.*

—Eu aviso —murmurei. Jack parou ao meu lado —Tchau.

'Te amo' Ouvi-o dizer. Meu coração chegou a bater mais rápido e aposto que minhas bochechas coraram assim que eu lembrei-me que havia dito isso a ele antes de desmaiar. *'Independente de qualquer coisa'*. Completou antes de desligar.

Eu abri um sorriso contido que, em situações normais, seria do tamanho do mundo. Devolvi o celular à Lizzie e virei-me a meu pai.

—Como se sente, filha? —Ele me perguntou.

Tentei não me sentir muito contente por ouvi-lo me chamar de filha e fingir que não havia percebido que ele olhava de rabo de olho para Lizzie, tentando descobrir sua reação —que eu aposto que foi dar de ombros e sorrir —e prestar mais atenção em mim e ser sincera ao responder aquela pergunta. E a resposta mais sincera me assustava.

—Vazia —Respondi, estremecendo.

Eu vi o olhar que meu pai lançou a Lizzie, mas não queria ter visto. Eu senti o olhar dos dois sobre mim e era puramente pena. A mão de meu pai veio à minha e apertou-a. Eu não queria saber de mais nada.

—O doutor me assegurou —Meu pai disse —que o bebê não sofreu nada quando... Você sabe. Foi rápido.

Eu fechei os olhos e encolhi-me quase que instantaneamente. As lágrimas começaram a correr. Eu não conseguia controlá-las.

Tudo bem, se eu pensasse friamente, eu conseguia ver as coisas a favor daquela situação, mas eu queria o meu bebê, com Erick e nós três como uma família. Ver tudo que eu estava sonhando desmoronar não era exatamente a melhor coisa do mundo. Se ao menos Erick estivesse aqui...

Lizzie e Jack esperaram pacientemente que eu parasse de chorar e me acalmasse enquanto os dois apertavam minhas mãos ou acariciavam meus cabelos.

E, uma hora, eu parei. Não havia mais como chorar. Eu simplesmente parei e tentei me focar no quão melhor minha vida seria sem ter um bebê nesse momento. E no quanto isso ia ajudar a Erick a conquistar tudo que ele queria. Era tudo mais simples e mais fácil sem o bebê. Nós o teríamos... Um dia.

Olhei, então, para meu pai e para Lizzie com os olhos ainda amargos e cheios de lágrimas. Eu podia parar de chorar, mas isso não ia influenciar na tristeza e no vazio que eu sentia. Eu levaria tempo para mascarar essa dor, como já havia feito com todas as outras. Eu iria guardá-la no fundo de mim. O meu único medo era que, um dia, eu simplesmente explodisse com tudo que eu estava evitando sentir.

Jack e Lizzie sorriram igualmente. Era o mesmo sorriso, e era muito parecido com o meu próprio. E eu me senti em casa, finalmente. Faltava apenas uma pessoa... Essa pessoa, nesse mesmo momento, entrou no meu quarto como se meus pensamentos tivessem a chamado.

A reação foi instantânea. Logo em seguida a nós três olhando-a entrar, Jack suspirou, quase cansado e olhou para Lizzie que, antes que ele pudesse falar

qualquer coisa, já havia desligado seu ipod e estava enfiando-o na bolsa.

—Lizzie, querida... —Meu pai começou.

Ela se levantou, revirando os olhos.

—Já sei —Disse. Curvou-se sobre mim e beijou minha testa —Se cuida, eu volto depois.

Assim que Lizzie fechou a porta, deixando o quarto, eu me obriguei a encarar Kate. Ela estivera com os braços cruzados desde o momento em que entrara e só agora os havia descruzado. Ela caminhou como uma leoa pronta para dar o bote em minha direção, ocupando o lugar que Lizzie estivera. Ela pôs a mão sobre a minha cama e encarou-me, com um leve sorriso no rosto. Pensei se ela disfarçava as coisas tão bem quanto eu.

—Como você está, querida? —Perguntou-me.

Eu encarei-a, tentando encontrar algum traço de 'eu não me importo com sua resposta' no rosto dela, mas ela parecia estar sendo sincera, então eu apenas balancei a cabeça de leve.

—Bem —Menti.

Eu sei que ela percebeu que eu estava mentindo, mas isso não lhe importou. Ela levantou o olhar para Jack.

—E então? —Murmurou. Eu senti o tom de voz magoado e um pouco choroso dela. —Por que você simplesmente nunca me contou sobre isso?

Eu vi o quanto aquilo perturbou meu pai e o quão desesperado ele ficou. Eu pensei em dizer alguma coisa, mas ele me olhou preocupado. Eu entendi que ele não queria que eu participasse daquela conversa e então eu nem tentei.

—Não acho que esse seja o momento, nem o lugar para se conversar sobre isso, Kate —Ele sussurrou.

O rosto dela ganhou um tom avermelhado e eu fiquei realmente assustada de estar entre os dois.

—Você teve milhões de lugares e momentos perfeitos para falar sobre isso e não disse —Ela arranhou a frase inteira, como se quisesse gritar, mas estivesse se contendo —Manteve a menina como empregada, preferiu que eu acreditasse que ela estava tendo um caso com você!

Meu pai grunhiu. Eu olhei para ele assim que eu ouvi o som meio sufocado e ele estava de cabeça baixa e com as mãos sobre as pernas. Ele se levantou em um pulo e encarou a parede, de costas para nós.

—Ele teve medo de perder você. —Eu soltei, quase engolindo palavras de

tão rapidamente —Ele teve medo que você não o perdoasse por ele ter... Hm... —Eu não consegui falar, olhando para ela. Meu pai havia dado um pulo e voltado a olhar para nós. Eu olhei-o e sorri —Se teve uma coisa que eu entendi nesse tempo que eu moro com vocês é o quanto vocês amam um ao outro e o quanto estão dispostos a sacrificar a si mesmos um pelo outro. Ele só teve medo de te contar porque ele te ama muito e ele ficou com medo de você não perdôá-lo.

Kate concordou com a cabeça para o que eu disse e encarou meu pai.

—Difícil vai ser perdoar agora, depois de dezessete anos —Ela disse, olhando-o.

Foi como se fosse a gota para o Jack. Ele caminhou de volta para cama e apoiou as duas mãos ao lado das minhas pernas, curvando-se para olhá-la nos olhos mais de perto. Acho que eu nunca me senti tão fora de lugar do que naquele momento.

—Aconteceu, está bem? —Ele disse —Na despedida de solteiro. Eu havia bebido demais e aconteceu. Eu não soube até receber uma carta falando sobre isso e eu passei a ajudar com dinheiro. Quantos anos você tinha, querida?

—Doze. —Eu respondi, prontamente —E não costumava ver o dinheiro... Minha mãe... Nunca foi um exemplo de como se utilizar dinheiro.

Minha informação extra foi totalmente ignorada.

—A mãe dela não queria que eu a conhecesse. Acho que ela tinha medo que eu a tirasse dela. Então eu apenas dava dinheiro e achei que eu não precisava correr o risco de te contar se eu nunca conheceria a menina, mas aí a mãe dela morreu e eu não soube o que fazer. Foi muito rápido, ninguém estava preparado para isso e foi o que aconteceu. —Ele fechou os olhos —Foi a única coisa que eu já escondi de você, Kate.

Eu sabia que Kate só não estava chorando porque eu e meu pai estávamos ali. Ela era orgulhosa demais para isso.

—Eu escondi uma coisa de você também —Ela sussurrou. Sua voz saiu completamente embargada. —Alan... Não é filho do meu ex-marido. Imagino que você conclua o resto. —Deus, ele era filho do estupro dela! —Foi por vergonha. Não é algo que interfira na nossa relação como... Uma filha que você manteve como empregada! Você sabe o quão absurdo isso soa? Eu teria aceitado-na normalmente, assim como você aceita o Alan!

Meu pai abriu a boca para retrucar algo, mas eu saí na frente.

—Kate, ele sabe disso? —Ela encarou-me assombrada, como se não

acompanhasse o raciocínio —Alan. Ele sabe?

Ela escancarou a boca, como se eu não fizesse sentido.

—Ele descobriu. Há pouco menos de um ano.

Eu soltei uma risada fraca e revirei os olhos.

—Na época que ele começou a usar drogas, talvez? —Perguntei. Tanto Kate quanto Jack me encararam assombrados —Ninguém nunca pensou que isso teria um motivo para acontecer?

—Eu não... Eu... —Kate ficou totalmente sem jeito.

Ok, certo. Eu fora bem-sucedida em distraí-los daquela conversa por um tempo. Eu só tinha que continuar fazendo com que eles tivessem sua atenção em mim.

—Querem saber? Também escondi uma coisa. —Eu disse —Deve ser algo de família, eu não sei. Mas, sabe, esse bebê não era do Theo. Era do Erick. Você deve tê-lo conhecido mais cedo, pelo que eu entendi —Disse a Jack. —Mas ele sabia disso. Respeitou minha decisão e me fez mudar de ideia. Eu ia contar ao Theo... Hoje. Antes... —Minha voz embargou.

Kate pareceu chocada demais com a minha tranquilidade ao falar daquilo, mas apertou minha mão quando minha voz embargou. Meu pai sentou-se na cadeira e me encarou.

—O que aconteceu? —Perguntou-me. —Você caiu...?

Neguei com a cabeça. Minha visão embaçou e eu soube que eram as lágrimas que estavam vindo. Olhei para cima, tentando devolvê-las, mas elas simplesmente caíram. Os dois secaram-nas. Ótimo, Kate me aceitava também. Ou ela estava apenas com pena de mim.

—Eu... Passei a noite com Erick. Nós havíamos decidido... Que eu ia contar ao Theo pela manhã, antes do jogo dele. Foi uma espécie de prazo que ele me deu... Eu tinha que contar até o jogo e eu fiz de tudo para deixar isso para o último momento. Idiota! —Eu tive uma crise de choro ao reconhecer que se eu tivesse contado antes, talvez meu bebê ainda estivesse comigo. Kate apertou minha mão com mais força e meu pai começou a acariciar meu braço levemente —Erick estava no chuveiro e a campainha tocou. Ele... Achou que era o café da manhã.

—Café da manhã na porta? —Kate não se conteve.

Eu pisquei as lágrimas para longe para que eu pudesse vê-la com nitidez.

—Erick tem um problema muito semelhante ao meu. —Sussurrei, tentando

fazer com que isso não se voltasse para a discussão anterior dos dois. —Ele mora em uma pequena casa atrás da garagem. —Eu sorri ao ver a cara chocada de Kate. Meu pai não mostrava reação nenhuma. —É, eles são meio-irmãos. Eu... Fiquei sabendo disso... na ação de graças... Quando eu sumi. —Acrescentei rapidamente antes que algum deles fizesse uma observação. Eu não pude conter um meio sorriso ao me lembrar.

Eu encarei o nada, com medo de continuar a falar sobre o que havia acontecido, mas, infelizmente, eu teria.

—Querida? —Meu pai chamou-me a atenção. —O que houve depois?

Eu abaixei os olhos e as lágrimas voltaram com as lembranças.

—Eu abri a porta —Eu disse. —Era Theo. Ele... —Automaticamente, levei a mão ao rosto. Em minha dor, não havia reparado que estava dolorido —Me bateu —Sussurrei. —E eu cai. Então, ele... —Minha voz embargou e eu puxei o máximo de ar que consegui e soltei as últimas palavras —Me chutou.

Eu fingi não ver as mãos de Jack se fechando em punho. Kate ficou meio sem saber o que fazer, então ela apenas colocou a sua mão livre sobre as nossas.

O olhar de fúria de meu pai me fez crer que aquilo não iria ser deixado para lá.

—Nós vamos resolver isso —Ele murmurou.

Image

Eu recebi alta no domingo, quase de noite. Liguei para Erick enquanto meu pai saiu de perto de mim para resolver qualquer coisa sobre a limusine, mas ele disse que não poderia ir me ver porque tinha alguma confusão rolando na casa dele e esperava que eu estivesse boa o suficiente no dia seguinte para que nós nos vissemos na escola. Bem, mesmo que eu estivesse mal, eu estaria lá, agora.

Meu quarto, quando eu cheguei em casa, estava completamente redecorado. Acho que foi coisa da Kate. Agora eu tinha minhas mordomias que eu tanto havia almejado, eu tinha uma televisão gigante e um computador, sem contar que eu havia ganhado uma nova (outra!) cama, maior e mais aconchegante, novos armário, escrivaninha e estante para livros. Ah, e também havia ganhado alguns muitos novos livros e novas roupas. Acho que estavam tentando me fazer ficar feliz, então eu arrisquei um sorriso, antes de voltar a me deitar na cama —dessa vez, longe do hospital —e sussurrei um 'obrigada'.

E, pela manhã, eu estava de pé e arrumada, na mesa do café da manhã, para espanto dos três.

—Bom dia —Eu sussurrei, sentando-me à mesa, pegando um pão e passando manteiga nele.

Lizzie franziu as sobrancelhas para minha mochila, aos pés da minha cadeira e olhou para meu pai, que suspirou.

—Querida, você não acha melhor passar algum tempo em casa, descansando? —Ele perguntou, docemente. Disfarçou muito mal todas as olhadas de rabo-de-olho para Kate, que, por sinal, parecia muito feliz por eu ter escolhido uma roupa que ela (provavelmente) comprara para mim.

—Não vou aguentar ficar aqui, não quero ter tempo para pensar *nisso*. —Murmurei, sendo sincera —Tenho que ocupar minha cabeça!

Depois disso, ele e Lizzie pareceram não querer mais me fazer ficar em casa.

Na hora, eu me levantei para ir à porta, protetoramente, meu pai se levantou

comigo e caminhou ao meu lado até a limusine. Então eu virei-me para agradecê-lo e vi que seus olhos estavam com olheiras imensas e eu esperava que não tivesse sido nenhuma briga com Kate, não por minha causa.

—Quando você voltar, nós vamos à polícia resolver aquela coisa, está bem?
—Ele me disse, colocando meu cabelo atrás da orelha. Okay, não era por causa de Kate. Ele, provavelmente, passara a noite em claro preparando um processo criminal, o que significava que eu faria uma nova visita à polícia e um novo exame de corpo de delito... Essas coisas de rotina.

Eu estava prestes a responder que sim, com um sorriso tranquilo, mas, naquele momento, eu tive uma ideia brilhante e melhor. Eu não queria arrumar mais problemas para ninguém, nem passar por todos aqueles procedimentos irritantes de novo e por mais que eu estivesse desejando a morte dolorosa de Theo, eu sabia que se eu fizesse algo, ele ia descontar em Erick. Eu não podia permitir. E agora eu via que eu tinha poder de barganha para torná-los iguais e fazer com que Erick se sentisse tão bem, sendo assumido por seu pai, quanto eu estava.

—Pai —Eu sussurrei, tentando ser o mais doce possível porque eu sabia que ele tinha uma ligeira aversão ao Erick criada por uma péssima primeira impressão ao pensar, no hospital, que ele era o culpado por eu estar ali. —Eu... Não quero isso.

Meu pai fechou a cara e franziu a testa para mim. Eu quase podia ouvir as engenhocas do cérebro dele trabalhando para entender melhor o motivo pelo qual eu estava me recusando a registrar queixa contra quem havia me feito tão mal, mas eu tinha algo especial em mente e quase certeza de que meu plano funcionaria. Eu pude ver quando ele encontrou algo plausível para justificar minha atitude e logo pôs isso em palavras.

—Não precisa ficar com medo —Ele disse para mim —Não vai acontecer nada com você.

Eu sacudi a cabeça, veementemente. Eu estava passando longe do medo. Por mim, Theo sofreria o pior dos castigos que eu pudesse imaginar. E eu era capaz de imaginar vários, só para constar, mas eu preferia abrir mão disso para uma coisa que favorecesse Erick.

—Não estou com medo —Eu disse —Estou pensando em negociar.

Assim que ele levantou a sobrancelha para mim, eu comecei a despejar as minhas ideias sobre isso, usando o meu super poder de persuasão e, mesmo assim, não foi nada fácil convencê-lo e fazê-lo concordar, contrariado, em segui-

las. Meu plano entraria em prática depois da aula, era o combinado.

E, assim, eu segui para escola. Estranhamente, ao chegar lá, não achei Jenna me esperando (o que me fez realmente acreditar que eu estava sendo uma péssima amiga. Eu teria que tirar um dia só para ela em breve e ouvir tudo que havia acontecido com ela nesse tempo que eu estive um pouco totalmente fora de mim), mas não liguei e resolvi que iria para sala sozinha, a encontraria lá e colocaria tudo a limpo (e talvez já selecionasse um dia só para ela). Foi uma péssima ideia. Eu havia parado ao meu armário para pegar o livro da primeira aula e estava distraída mandando uma mensagem para Erick, avisando que eu já estava no colégio e que eu ficaria esperando-o ao lado do meu armário até o início do primeiro tempo, que era em vinte minutos, apenas para o caso de ele querer ir me ver. Antes que eu pudesse perceber, estava cercada por alguns brutamontes do time de basquete da escola. Eu só tive tempo de me virar para olhá-los e apertar o *send* do celular para enviar a mensagem, rezando que Erick a visse e aparecesse logo, antes que comesçassem os insultos, piadinhas e algumas mãos bobas. Eu tentei me colocar em outro lugar, ignorar as coisas que eles diziam, já que eu via que era impossível fugir dali sem que eles comesçassem a me empurrar de um para o outro. Atrás deles, líderes de torcida riam de mim enquanto eu tentava ignorar tudo, mas era quase impossível. Acabei por ouvir coisas desagradáveis e dispersas como 'puta de quinta' e 'meus pais viajaram, vamos lá para casa' que fizeram com que eu acabasse saindo do meu transe protetor.

—E aí, gatinha, quando vai ser a minha vez? —Um garoto de cabelos raspados me perguntou. Eu encarei-o, chocada, mesmo sem querer saber o que ele tinha para me dizer. —Estou com cinquenta libras aqui e preciso gastá-las.

Eu corei com um insulto e resolvi, pela primeira vez, reagir, levantando a minha mão para dar-lhe um tapa, mas ele a segurou. O amigo, do lado dele, gargalhava.

—Uh, a gatinha é selvagem! —Ele riu.

Eu senti uma mão em minha bunda e eu já estava prestes a gritar quando algo me puxou pela cintura e me afastou do círculo. Ao perceber que 'algo' era Erick, eu tentei puxá-lo antes que os empurrões virassem socos, já que ele tinha um histórico não muito bom em brigas na escola, principalmente quando o assunto em questão era eu. Levando em consideração o estado em que ele havia me encontrado (sendo xingada e apalpada), o caso era alarmante e, levando em conta o número de garotos a nossa volta, era certo que ele acabaria muito

machucado se continuasse naquilo. Comecei a arrastá-lo para o pátio da escola, mas ele acabou por me parar. Continuei a puxá-lo, mesmo a tarefa sendo mais difícil sem a ajuda dele, com medo que ele estivesse considerando a ideia de voltar para a briga e, olhando para trás, acabei ficando ainda mais assustada com esse pensamento ao ver que muitos dos garotos ainda estavam ali, fazendo sinais feios para gente.

—Espera, não vai por aí —Ele pediu, surpreendendo-me. Eu olhei para o pátio, esperando encontrar outro grupo de idiotas esperando a sua vez de me ofender, mas não encontrei.

Franzi a testa para ele.

—Por quê? —Ok, não me importava por onde eu podia ir, só que ele estivesse calmo o suficiente para conversar comigo ao invés de voltar para discutir com os garotos do time de basquete.

Rapidamente, ele deu a volta em mim, ficando entre eu e o caminho para o pátio. Com um sorriso altamente distrativo, ele me abraçou e me deu alguns beijinhos atrás da orelha. Suspirando pesadamente e já ficando completamente mole, eu passei meus braços pelo pescoço dele, mantendo-me firme o suficiente para ficar de pé. Arranhei-o levemente no pescoço e quase ronronei de felicidade por estar em seus braços mais uma vez, podendo esquecer, com eficácia, o que havia acontecido.

Erick encostou a cabeça em meu ombro e suspirou. Só pelo seu jeito, percebi que o assunto era seríssimo e assustei-me, imaginando que ele tocaria no assunto do bebê. Eu ainda não queria falar sobre isso.

—Não fique muito assustada, eu estou aqui, ok? —Ele sussurrou. Só por isso, eu já estava assustada o suficiente —O Bennet está de volta à escola.

Eu tentei não apertar Erick demais, mas tenho certeza que eu estremeci porque eu senti seus braços fechando-se com mais força ao meu redor. Na ponta dos pés, eu consegui ver Matt no pátio. Por um instante, ele olhou para mim, sorriu e acenou.

Eu não queria me recordar daquela noite absurda que havia deixado minha vida de cabeça para baixo, não quando eu ainda estava completamente magoada por causa do meu bebê, mas eu quase podia sentir que se eu continuasse ali, vendo-o, eu acabaria vomitando de nojo pela lembrança, que voltaria a me sentir tão mal quanto eu havia ficado nas primeiras semanas e que eu acabaria recordando-me daquela noite com mais clareza do que eu conseguia fazer agora, acrescentando o rosto de Matt às memórias, assim como eu havia feito,

inconscientemente, na noite que Erick me revelara o que sabia.

Lembro-me de ter apertado os ombros de Erick com tanta força, perdida em pensamentos horrorosos e tentando, com todas as forças, evitar aquelas memórias, tentando me conter com tanta fibra que, quando as palavras tranquilizadoras e pacientes de Erick finalmente penetraram-me e despertaram-me da minha bolha, os nós dos meus dedos estavam brancos e os ombros deles já adquiriam uma cor avermelhada.

—Me tira daqui? —Eu pedi, afastando-me dele. Ao encostar-me aos armários, atrás de mim, reparei em duas líderes de torcida que continuaram nos seguindo e nos observando depois que nos afastamos dos imbecis que me cercaram e vi os olhos dela arregalando-se quando Erick me deu um selinho, concordando silenciosamente com o meu pedido. —Saiam daqui, suas fofoqueiras! —Despejei toda a minha frustração nelas, ao reparar que eles pretendiam continuar nos seguindo. Isso fez uma das garotas rir, mas a outra apenas me fuzilou com os olhos enquanto Erick me arrastava para o campo de futebol por outro caminho. Só então percebi que a garota que me fuzilara era a mesma com quem Erick havia dormido antes da ação de graças. Então eu não soube dizer quem teria mais problemas futuros: eu ou ela.

—Calma, Mari —Erick me pediu, assim que nós nos afastamos delas o suficiente para que isso não me incomodasse. Eu suspirei, cansada, tentando fazer o que ele havia me pedido —Não é como se elas fossem pegar bastões de fogo e tacar em você.

Não, elas realmente não fariam isso, mas fariam algo muito pior: terrorismo no banheiro feminino com pichações de xingamentos que provavelmente se adequariam melhor à pessoa delas e planos de vingança, por debaixo dos panos, que provavelmente me arrepender de ter nascido, o que me fazia acreditar que eu teria que começar a pensar em um troco já por agora. E olha quem estava me pedindo calma! O Sr. eu-bati-tanto-em-um-garoto-que-ele-teve-que-estudar-em-outro-lugar-por-três-meses.

—Só me tira daqui, Erick —Eu implorei.

Erick concordou com a cabeça, puxando-me pelo campo de futebol até, pelo que eu só percebi assim que chegamos a porta, à saleta de troféus do outro lado do campo, nos limites da escola. Nós entramos na saleta sem nenhum problema e eu imediatamente estranhei que a sala parecia maior do que eu imaginava. Erick olhou-me com um sorriso sapeca enquanto abria outra porta que levava para... A rua!

Ele quase gargalhou com a minha cara de espanto. Curvou-se para que eu passasse e eu sai da escola, ainda com a boca escancarada. Ele me seguiu e fechou a porta atrás de si, divertido com a minha expressão.

—Oras, por onde você acha que eu fujo quando o treinador briga com a namorada? —Perguntou-me com um sorriso.

Eu soltei um pequeno riso, acenando negativamente com a cabeça, o que o fez sorrir ainda mais. Em silêncio, nós atravessamos a rua e nos sentamos, lado a lado, na calçada com as costas encostadas em um murinho de tijolos que circulava o jardim de uma das casas, provavelmente para protegê-lo dos adolescentes inconsequentes da escola.

Em choque, eu encarei Erick tirando um maço de cigarros do bolso traseiro da calça. Ele colocou um dos cigarros na boca e acendeu-o.

—Desde quando você fuma? —Eu questionei-o, resignada.

Eu o vi tragar o cigarro com vontade enquanto me olhava de rabo de olho. Eu soube, sem dúvida alguma, que ele estava medindo as palavras para não me chocar ou magoar.

—Desde quando eu tenho que esperar notícias da minha namorada, que está no hospital, encarando o maço de cigarros de um amigo enquanto ele enche a cara para comemorar uma porra de vitória no futebol —Ele disse, tragando com ainda mais vontade.

Embora meu coração tivesse amolecido com o 'minha namorada', eu me sentia contrariada (e um pouco culpada também) o suficiente para reclamar.

—Você tem que parar com isso.

Ele soltou um montante de fumaça para cima, provavelmente tentando evitar que ela viesse para cima de mim, mas o vento a carregou direto para as minhas narinas, o que me fez tossir e abanar. Erick suspirou cansadamente por causa disso.

—É, eu sei —Ele murmurou. Eu soube que ele apenas concluiu isso por me ver tossir. —Mas não é tão alarmante assim, eu só fumo quando estou nervoso.

—Por que você está nervoso agora? —Eu apressei-me em perguntar. Ele me olhou, cauteloso, e eu li claramente 'pelo mesmo motivo de antes' em seus olhos. —Ah —Murmurei, desanimada.

O silêncio venceu o momento, enquanto nós absorvíamos o fato que havia chegado a hora de ter aquela conversa que, principalmente eu, estávamos empurrando com a barriga. Erick estava quase terminando de fumar o cigarro quando voltou a falar.

—Então... —Ele começou. —Não tem mais bebê, né? —Eu neguei com a cabeça, tentando conter as lágrimas. Erick concordou com a cabeça. —Bom... Agora a gente pode esperar a hora certa. —Ele deu de ombros, *fingindo* não estar abalado. —Pra isso, preciso parar com essa merda. —Ele jogou o cigarro no chão e dobrou o joelho para pisar em cima dele. Tentei, sem sucesso, não achar aquilo sexy.

Eu escorreguei para o lado dele e apoiei minha cabeça em seu ombro, fragilizada. Ele passou os braços ao redor de mim e beijou o topo da minha cabeça com carinho. Era incrível como as coisas pareciam melhores quando ele estava ao meu lado.

—Eu fiquei tão assustada, Erick —Eu murmurei.

Ele levantou o meu rosto para encará-lo e beijou-me os lábios com tanta leveza que eu suspirei aliviada por estarmos juntos, apesar de tudo.

—Vai ficar tudo bem. —Ele sussurrou, com o nariz grudado no meu. Eu confiei totalmente nisso. Ele pôs meu cabelo atrás da orelha e nos ficamos apenas nos olhando com sorrisos tolos por algum tempo, eu não saberia dizer o quanto. —Como está em casa? —Perguntou, se afastando e encostando no murinho novamente.

Eu suspirei, escorregando para o ombro dele, novamente. Passei meu braço por cima de sua barriga, abraçando-o e ele passou o dele pelas minhas costas. Eu não percebi como minhas pernas foram parar em cima das dele, mas me senti altamente confortável.

—Estranho —Murmurei —Meu quarto tem um monte de coisas novas... —Aconcheguei-me no abraço dele, fechando os olhos —Mas é bom, sabe, poder chamar meu pai de pai. Só estou preocupada com o que isso vai fazer com o casamento dele...

Erick começou a mexer em meu cabelo e, quando eu olhei para ele, ele parecia pensativo. Voltei a deitar minha cabeça em seu ombro e fechei os olhos, sentido apenas os arrepios pelos seus dedos em meus cabelos.

—Eu invejo isso, sabe? —Ele murmurou, ainda com o olhar perdido como eu pude ver assim que olhei para ele —Eu queria... Poder chamá-lo de pai. Mesmo ele sendo um idiota e tudo mais. O máximo que eu posso fazer é chamá-lo de senhor ou coisas assim.

Eu sorri por ele estar me confessando isso e sorri mais ainda por achar que eu poderia resolver isso em breve. Beijei-lhe na altura da linha do queixo, que era o único lugar que eu alcançava, naquela posição.

Ele sorriu de lado ao ver meu esforço e abaixou o rosto, beijando-me os lábios carinhosamente. Sua boca estava com gosto de cigarro, mas eu não tive vontade o suficiente de reclamar —e ficar sem aquilo depois.

—Um dia —Eu prometi com a voz ligeiramente rouca pelo esforço do beijo.

Ele concordou com a cabeça, mordendo o lábio, a testa ainda encostada na minha. Escorreguei-me, afundando meu rosto em seu pescoço. Senti-o dando beijinhos próximos à minha orelha e estremeci.

—Queria ser algo melhor para você —Ele sussurrou, à minha orelha, arrepiando-me da cabeça aos pés —Eu não me acho bom o suficiente para você... Eu só sou um garoto morando de favor atrás de uma garagem.

Eu sorri de lado, pensando que eu sentia exatamente aquilo, mas ao contrário. Eu achava que não era boa o suficiente para ele e achei graça de vê-lo sentindo as mesmas coisas que eu.

Praticamente, sentei-me em seu colo e segurei seu rosto com as duas mãos, fazendo-o me olhar.

—Você é tudo e muito mais do que eu queria. —Eu confessei —Eu que achava que não era boa o suficiente para você —Eu ri.

Ele fez uma careta engraçada e eu lhe dei um selinho, soltando seu rosto, voltando a me aconchegar em seus braços.

—Você é maluca de pensar isso —Ele sacudiu a cabeça e suspirou —Vou fazer uma boa faculdade, ficar rico, cuidar bem de você... —Ele foi listando os planos dele enquanto eu sorria.

—Não fala em faculdade... —Eu pedi.

Eu estava sem jeito, com medo e brincando com a barra da camisa dele.

—Por quê? —Ele me perguntou.

Eu levantei os olhos e encarei-o, estremecendo com o seus maravilhosos olhos azuis, tão expressivos e encantadores que me faziam mergulhar em um mundo tão melhor, tão sem dor. Era tão mais fácil só ficar ali, com Erick, sem precisar viver mais nem um segundo perdida em pensamentos ruins...

—Porque nós provavelmente não vamos para mesma. —Eu sussurrei.

Eu já havia pensado nisso e isso me deixava assustada. Era como se a presença de Erick me garantisse que as coisas iam ficar bem e eu morar em algum lugar que ficasse a centenas de quilômetros dele não me deixava nem um pouco feliz.

Ele pareceu ter pensado nisso pela primeira vez e pareceu assustado com a perspectiva. Depois ele sorriu para mim, tranquilizadamente, e o sorriso dele despertou o meu em seu reflexo.

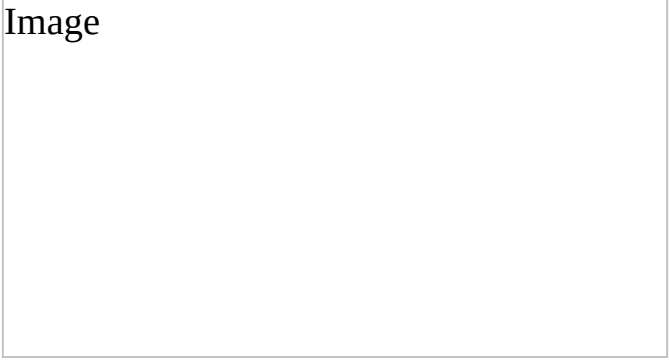
—Nós vamos nos inscrever em todas as faculdades daqui... e dos Estados Unidos. —Ele sussurrou, um plano quase maligno —A que aceitar nós dois... Será a escolhida!

Eu sorri, parecia tão fácil.

—Ótima ideia —Eu sussurrei.

Então nós ficamos apenas abraçados e conversando sobre coisas inúteis... Ou nos beijando (eu preferia isso) até que desse a hora do fim das aulas. Eu não disse nada sobre o meu plano, mas eu sabia que aquela seria uma longa tarde.

Image



Mas que demora! Era a única coisa que eu conseguia pensar, parada à porta da mansão que eu tanto já frequentara meses atrás, quando ainda estava com Theo.

Jack estava com uma das mãos em um dos meus ombros e, todas as vezes que eu olhava para ele, ele sorria para mim, tentando me passar tranquilidade. Tranquilidade, essa, que ele mesmo não tinha, mas eu não iria reclamar. Eu estava precisando mesmo de apoio, de tão assustada que eu estava, com medo de não dar nada certo... De ver Theo e me lembrar do que eu não queria lembrar.

Era por Erick. Eu podia fazer isso por ele, por mais dificuldades que eu pudesse encontrar. Eu podia e eu ia. Eu podia arriscar a minha vida por ele sem pestanejar. Ele valia a pena. Até, por mais, Erick havia sofrido o suficiente, à margem da minha vida, sem saber como entrar nela até que ele finalmente conseguisse e finalmente fizesse com que eu me apaixonasse por ele. Ele faria tudo por mim e eu estava disposta a fazer tudo e muito mais por ele, para compensá-lo. Começando com aquilo, por mais assustada que eu estivesse.

Eu me sentia arrumada demais. Mais arrumada que eu jamais estivera em toda a minha vida. Papai dissera que eu deveria ir arrumada para causar boa impressão e Kate ouvira isso. Eu acho que ele sabia que ela estava ouvindo e só por isso falara. Talvez eu não devesse nem ir tão arrumada, mas isso animara Kate, poder fazer alguma coisa por mim. Acho que ela se sentia culpada por não ter sido uma madrasta presente (mesmo que não houvesse como ela saber que era minha madrasta) e estava tentando compensar. Mal sabia ela que eu a considerava uma das pessoas que mais me ajudaram em toda a minha vida... Eu acho que eu a tinha como exemplo desde que eu descobrira que nós tínhamos algo muito ruim em comum.

Kate acabou atrasando nosso horário de saída combinado para pôr as noções de moda dela em prática no meu novo estoque de roupas, comprado por ela em lojas especiais que eu, provavelmente, não saberia nem pronunciar os nomes. Ela quis, simplesmente, me deixar perfeita como se eu estivesse indo encontrar-me

com a rainha da Inglaterra e, de acordo com ela, eu estava perfeita. Uma dama perfeita. Também, com aquele vestido rosa, chapéu na cabeça e sapatilhas igualmente rosas, era isso ou uma nova boneca em promoção na Harrol's.

Eu batia minhas sapatilhas no chão, totalmente impaciente. Nunca vi alguém demorar tanto para abrir uma porta, seja lá qual fosse essa empregada, deveria ser demitida. Tá, não deveria, eu apenas estou nervosa demais.

Jack tocou a campainha novamente, tão impaciente quanto eu. Ele, ao menos, sabia disfarçar melhor. Eu já estava quase arrancando meu chapéu fora e chutando a porta com força até abrirem. Confesso que também pensei em sair correndo para trás da garagem... Parecia tentador.

Uma das empregadas abriu a porta, finalmente.

—Desejamos ver o Senhor Ward —Meu pai disse, tomando a postura mais formal que eu já vira nele.

A empregada fez que ia perguntar alguma coisa, mas a maneira com que meu pai se portava a bloqueou. Ela olhou para mim e pareceu entender alguma coisa que eu mesma não entendia.

—Quem deseja? —Ela perguntou, apenas por formalidade.

Eu olhei para meu pai, meu coração acelerado demais para abrir a boca e falar qualquer coisa que fosse. Ele apertou meu ombro, com um sorriso e respondeu à moça.

—Jack Evans, Pai de Mariana Evans. Gostaria de ter uma conversa com seu patrão sobre alguns acontecimentos do fim de semana passado.

Ela concordou com a cabeça e, com uma reverência, deixou-nos entrar. Eu apenas fiquei pensando que meu pai me dera o sobrenome dele e me perguntei quanto tempo eu demoraria para me acostumar com isso.

—Sigam-me, por favor. —Ela disse.

Guiou-nos para uma sala e pediu que nós aguardássemos ao sofá. Jack e eu nos sentamos no sofá maior e, assim que o fizemos, ele segurou a minha mão e beijou minha cabeça onde o chapéu não protegia.

—Tudo bem —Ele murmurou, tentando me acalmar —Eu sei o que eu estou fazendo ou você esqueceu que seu pai é o advogado mais brilhante da nova geração? —Ele me perguntou. Acabei rindo.

—Só estou um pouco assustada —Eu disse.

Ele passou o braço pelo meu ombro, beijando-me na cabeça, desta vez, por cima do chapéu.

—O que pode dar errado, huh? —Ele me perguntou —Mesmo que ele não aceite o seu acordo, o que eu acho improvável, o máximo que vai acontecer é esse deliquentezinho ser preso. O que eu gostaria muito.

Encolhi-me no abraço. Eu ainda demoraria um tempo para me acostumar que meu pai agora gostava de demonstrar que era meu progenitor em público. E eu gostava demais quando ele me abraçava e me protegia. Eu nunca havia me sentido assim.

—Tenho medo da reação do Theo —Eu murmurei. —Muito medo.

O sorriso de certeza de vitória do meu pai se desmanchou com a minha confissão. Ele apertou-me ainda mais no abraço.

—Eu estou aqui agora, okay? —Ele me disse —Nada vai acontecer a você.

Eu concordei com a cabeça, mas meu maior medo não era esse. Eu não era exatamente atingível, agora.

—E com Erick? —Perguntei.

—Nem com Erick. —Ele me prometeu.

Eu fingi não perceber que ele não gostou muito de prometer que nada ia acontecer com Erick. Eu apostava que ele, nesse momento, queria estrangular Erick por ter me engravidado, por não ter me protegido àquela manhã e por ser a razão dele não poder colocar Theo na cadeia.

Encostei a cabeça no ombro de meu pai.

—Obrigada. —Eu disse.

Ele apenas sorriu. Aliás, ele só teve tempo de sorrir porque Christopher Ward entrou no aposento.

Meu pai me soltou do abraço e, em um pulo, estava apertando a mão do Senhor Ward. Eu evitei olhar para ele, envergonhada que ele já soubesse da confusão que eu havia feito com os filhos dele, então eu apenas encarei as minhas mãos.

—Desculpe atrapalhar o que o senhor está fazendo —Meu pai disse.

—Sem problemas —Christopher cortou-o. —Apenas estava resolvendo alguns pontos com o meu assistente.

O assistente dele devia ser Erick. E eu senti o olhar do Senhor Ward sobre mim e tentei fazer *Puff* e desaparecer. Apenas continuei encarando as minhas mãos, envergonhada demais para acompanhar a conversa com a devida curiosidade.

—Espero que o senhor já esteja a par dos acontecimentos do último sábado.

Eu arrisquei uma olhadela para ver as feições do Senhor Ward mudar, finalmente entendendo o que se passava.

—Vagamente —Ele disse, se sentando.

Meu pai sentou-se ao meu lado, mas não voltou a me abraçar, apenas apoiou os braços nos joelhos, em total concentração.

—Seu filho agrediu a minha filha verbal e fisicamente. —Meu pai disse — E houve o agravante, as agressões provocaram o aborto. Arrisco até a dizer que foram na intenção do aborto.

—Não há testemunhas. —Foi o que o Senhor Ward acabou por dizer.

A raiva subiu pelo meu corpo e eu tomei impulso para me levantar, mas meu pai segurou-me pelos pulsos.

—Acalme-se, criança —Ele pediu-me. Respirei fundo e cruzei minhas pernas para não ficar batendo com os pés no chão —Acredito que o seu outro filho, o que você não diz que é, tenha assistido o suficiente da cena para ser testemunhas. Sem contar que houve ambulâncias, exames... E, se for preciso, haverá um exame de corpo de delito.

O Senhor Ward estava corando. De raiva. Se ele fosse um trem, estaria soltando fumaça na velocidade máxima. Eu teria ficado com medo se eu não estivesse com raiva parecida.

Erick não irá testemunhar contra o irmão. E as outras provas não vão provar quem fez isso com ela.

—E quanto ao meu testemunho? —Essa fui eu.

Meu pai olhou para mim, instigando-me com os olhos a me manter calada. Soprei meu cabelo para cima, tentando me acalmar.

O Senhor Ward riu e eu senti minha espinha se arrepiar de susto.

—O testemunho de uma garota que mente sobre o pai do filho dela? —Ele disse, ainda em risadinhas —não vale muito, vale?

Eu vi o quanto meu pai teve que se controlar para responder àquele insulto. Eu não me orgulhava muito disso, mas fora uma coisa que eu tinha consciência de ter feito, errada. Mas eu ia consertar.

Pensei, por um segundo, que matar o pai de Erick seria muito mais fácil. Cogitei a hipótese.

—Ela estava assustada, como é normal para uma garota da idade dela na situação em que ela se encontrava —meu pai disse. Eu não estava prestando mais tanta atenção. Meus olhos haviam captado um par de olhos azuis à porta da

sala —Ela procurou por quem ela achou que daria mais segurança a ela. Depois, quando se acalmou, ela percebeu que não era certo e pretendia contar a verdade ao seu *legítimo filho* naquela manhã. Há testemunhas suficientes sobre isso: Lizzie, minha outra filha; Jenna, uma amiga e, novamente, o seu Erick. Meu pai chegou a abranger Erick, que entrava na sala, com a mão. O Senhor Ward fez cara de nada para ele, que apenas cruzou o aposento até sentar-se ao meu lado e puxar-me, pela cintura, para encostar a cabeça em seu ombro.

—O que está acontecendo? —Ele me perguntou, sussurrando em meu ouvido.

Eu neguei com a cabeça, não querendo falar e escondi meu rosto em seu pescoço, os olhos enchendo-se de lágrimas próximas à raiva. Erick percebeu e beijou-me a cabeça. Meu pai riu levemente.

—O Senhor acha mesmo que ele não irá testemunhar a favor dela? —Meu pai perguntou.

—Ele não irá —Christopher sibilou. Era uma ameaça clara.

Eu não pediria nada à Erick. Na verdade, eu acabaria por pedir que ele não fizesse, visto aquele tom de voz, embora eu tivesse a pela certeza que Erick mesmo se ofereceria para testemunhar, se aquilo fosse me ajudar.

—Eu não teria tanta certeza —Esse foi o Erick. Ele teria se levantado para bater de frente com o pai se eu não o tivesse segurado —Você não viu o que eu vi. Não só o que ele fez no sábado, mas como ele a tratava desde quando eles eram namorados, que, aliás, ele só começou a namorar com ela porque ele sabia que eu gostava dela. Ele a traiu durante todo o tempo que eles estiveram juntos e, nessas últimas semanas, ele esteve xingando-a, tratando-a mal e, por último isso. Nós íamos acertar tudo. Era para ele se sentir aliviado que fosse eu. Mas ele só estragou tudo. —Ele beijou-me a testa, vendo que eu tremia, mas não tirou os olhos do pai —Ele nunca foi o melhor dos irmãos e o senhor também nunca foi o melhor dos pais, mas a Mari tem sido todo o meu apoio. E eu não vou deixar de ajudá-la no que for para proteger esse bossal —Erick apontou com o queixo para porta da sala e eu estremeci levemente por ver Theo, com um curativo no nariz e o lábio levemente rachado, o machucado provocado por Erick parecendo começar a cicatrização. Eu torcia para que fosse permanente.

A mão de meu pai pousou-se em minha perna, temendo a minha reação. Eu engoli todo o medo que eu sentia. Erick e meu pai estavam ali, não tinha como ficar mais segura que isso.

Christopher seguiu o olhar para onde Erick apontara e encontrou Theo. Seu

olhar era de extrema fúria. Eu podia ter pena de Theo, mas ele me fizera mal o suficiente para que eu não sentisse nada. Eu podia até desejar coisas ruins a ele sem me sentir culpada.

—Está vendo o que você fez, seu merda? —Christopher perguntou, ferozmente, a Theo —Além de ser incapaz de cuidar dos negócios da família, ainda faz uma burrada desses. E quem tem que consertar? EU! —Ele berrou. Então voltou-se para Jack.

Theo fez uma careta de, realmente, dar dó. Ele sentou-se em um terceiro sofá, frente a mim e a Erick e ficou nos encarando.

—Eu só dei a ela o que ela merecia, pai —Ele olhou para nós, olhando para o pai apenas no final da frase. —Porradas. Não é isso que vadias têm que levar para aprender o que é certo?

—Ora, seu...!

Eu nunca soube dizer se quem havia dito isso fora Erick ou meu pai. Eu segurei os dois, quase acostumada com os xingamentos da escola para não me ofender com aquilo. Pela primeira vez, passara-se pela minha cabeça que Theo poderia estar por trás de toda aquela insistência em me ofenderem e essas coisas. Mas eu descartei, era muita dor de cabeça apenas para se sentir melhor.

—Peço, educadamente, que ele retire isso imediatamente. —Meu pai disse.

—Theo. —Foi a única coisa que Christopher disse.

Theo emburrou e cruzou os braços como uma criança mimada irritada. Eu quase podia ouvir as risadinhas internas de Erick. Eu tinha quase certeza que ele estava se divertindo, não com a guerra contra Theo, mas com a vingança tão rápida por ele ter dito aquilo de mim e a sua atitude infantil.

—Retirado.

Meu pai pareceu considerar o retirado e isso fez com que Christopher suspirasse aliviado. Mas a frase que se seguiu tirou todo mundo do sério, foi o maior erro do Senhor Ward naquela tarde.

—Quanto vocês querem para abafar o caso?

Eu acho que meu pai fingiu muito mal que estava ofendido por Christopher tê-lo oferecido dinheiro, por insinuar que era isso que nós queríamos.

—Dinheiro? —Meu pai questionou, um tom acima de sua voz normal. —Acha mesmo que queremos dinheiro?

Achei que era melhor eu não deixá-lo continuar.

—Pai —Eu chamei-o, minha mão postada em sua barriga, empurrando-o

mais para perto do encosto do sofá. Assim que achei que ele estivesse controlado o suficiente para não atacar ninguém, virei-me, encarando pela primeira vez, a Christopher —Não quero arrumar problemas. —Eu disse —Não quero abrir um processo cansativo para todo mundo. Eu quero, sim, um acordo. Não sobre dinheiro —Acréscitei, rapidamente, antes que pensassem completamente errado sobre isso —Eu não abro a boca, não procuro meios legais para fazer justiça por essa coisa horrível se aceitarem meu acordo.

Christopher encarava-me avidamente, tentando entender o que eu queria. Erick parecia entender um pouco melhor e apertava minha mão com força, assustado demais para falar uma palavra sequer.

—O que você quer? —O Senhor Ward me perguntou.

Eu respirei fundo e pensei exatamente no que falar. Eu sentia todos os olhares em mim e eu não ficava nem um pouco confortável com nada daquilo. Não gostava de atenção concentrada em mim, isso me tirava o foco.

—Acho melhor deixar bem claro que se o acordo não for feito, iremos procurar soluções legais para que a morte do meu bebê seja totalmente justificada. —Eu disse. —Eu, sinceramente, prefiro o acordo e creio que o senhor também vá preferir.

Erick apertou minha mão com ainda mais força. Eu olhei para ele, com um sorriso, esperando realmente que ele estivesse entendendo. Ele estava.

—Eu não acredito —Ele sussurrou em meu ouvido.

Foi apenas um segundo antes do anúncio do meu acordo:

—Peço apenas que assuma Erick como seu filho legítimo.

Erick quase me esmagou sem querer no abraço, devido ao nervosismo. Christopher encostou-se no encosto do sofá, parecendo pensar e Theo encarou o pai chocado que ele pudesse pensar em considerar isso. Jack apenas me encarava, surpreso. Olhei para Erick, encarando-o meio de boca escancarada e ri, dando-lhe um beijo na bochecha, esperando que ele absorvesse a informação mais rapidamente.

Parece razoável —Christopher disse.

—Você só pode estar MALUCO! —Theo gritou, levantando-se em um pulo —Você quer dar o MEU nome para esse filho de prostituta? —Ele continuou, gritando, apontando para Erick.

Captando ou não a mensagem anterior, Erick soltou-se do nosso abraço e estava de pé para atacar Theo antes que eu pudesse dizer “Espera”. Consegui segura-lo pelo cós da calça, mas isso não o impediria de chegar aonde ele queria,

se ele realmente quisesse. Apenas informava a ele que eu estava tentando fazê-lo ficar ali.

—Theo, seja mais razoável —Foi o pedido de meu pai.

—E VOCÊ NÃO DIRIJA A PALAVRA A MIM —Ele gritou, totalmente transtornado, para o meu pai.

Meu pai apenas arqueou a sobrancelha para ele e eu fiquei contente por não ter que tentar segurar mais um. Meu pai era muito mais controlado que Erick. Exceto quando a ofensa era para mim, para Kate ou para Lizzie.

—Seu nome, Theo? —Christopher perguntou, cheio de ironias, a ele —O nome é meu e eu acho muito mais saudável para ele dá-lo a um filho de uma prostituta que a um filho que vai para cadeia por bater em mulher.

Theo corou até os fios de cabelo. Erick olhava para o pai chocado por ter sido chamado de filho de prostituta, mas não havia sido um xingamento, como Theo havia feito. Na verdade, era quase um elogio, dito daquela forma. Mas Erick estava tão cego em sua raiva que qualquer coisa poderia ofendê-lo.

Eu simplesmente não entendia como ele podia ser tão violento com todo mundo e tão carinhoso e atencioso comigo.

—Eu... Eu não aceito! —Theo ainda berrou.

Bom, até eu estava ficando com raiva agora.

—A decisão não é sua, *Theo* —Eu disse, cheia de escárnio.

Olhei para Christopher, esperando que ele dissesse alguma coisa mais concreta. Ele olhou em minha direção e eu demorei um pouco para perceber que ele olhava para Erick, não para mim.

—É isso que você quer, Erick? —Ele perguntou, docemente.

—EU NÃO ACREDITO! —Theo berrou.

Por um segundo, eu achei que ele ia voar para cima de Erick que, no momento, estava vidrado demais encarando o pai para ter uma reação rápida ao ataque, mas Theo apenas bateu os pés para fora da sala, socando e quebrando coisas por onde passou. Nós apenas ouvíamos porcelana cara se espatifando por onde ele devia ter passado até, provavelmente, o seu quarto.

Então, voltei a encarar Erick. Ele parecia assustado que isso tivesse acontecendo com ele e eu, melhor que ninguém naquela sala, entendia totalmente o que ele estava sentindo. Então, não para minha surpresa, ele corou como fazia quando queria me dizer algo muito íntimo ou sincero e concordou com a cabeça.

—É —Ele murmurou, quase inaudivelmente, as bochechas mais coradas que qualquer outra vez que eu tivesse as visto naquele tom.

Christopher balançou a cabeça um pouco, parecendo ainda estar pensando na coisa correta a se fazer. Acho que ele estava pensando que Theo realmente merecia uma dura, ou pagar pelo que havia feito, mas também, consequentemente, pensando no que isso iria causar em sua reputação e de sua empresa. Ele se levantou e eu fiquei com medo da negativa, não por mim, mas pelo transe de Erick no pai, esperando esperançosamente a resposta positiva.

—Bom, então —Christopher começou —Acho melhor você vir dar um abraço no seu velho. —Ele disse.

Eu soltei um riso meio estranho, de alívio e Jack apertou minha mão, levando-a a boca para beijá-la enquanto assistíamos Erick e Christopher se abraçarem. Fiquei feliz em poder dividir mais uma coisa em comum com Erick e por vê-lo tão realizado, naquele momento. Ele, mais que todas as pessoas no mundo, merecia tudo de bom na vida dele só pelas coisas boas que ele me proporcionava.

—Você foi incrível —Jack murmurou ao meu ouvido —Vamos conversar sobre sua carreira depois disso.

Pronto. Lá estava eu e, praticamente, o pedido do meu pai para que eu seguisse sua profissão. Talvez eu tivesse mesmo talento, mas eu não gostava muito de me esforçar e direito exigia demais. Puff, acho que eu seria obrigada a pensar com mais carinho nisso porque, só pela carreira, eu gostava, mas a preguiça sempre acabava por me vencer todas as vezes que eu acabava pensando nisso.

—Você sabe que sempre foi meu favorito, certo? —Christopher perguntou a Erick —Aposto que todo mundo, na empresa, não vai se surpreender com isso. Você herdou meu talento, garoto. Ao contrário do seu irmão, que só sabe dar problema.

Erick sorria, meio sem jeito com a demonstração de afeto. Ele olhou para mim, por um segundo enquanto eu estava perdida em devaneios sobre cursar direito e sussurrou um “obrigado” que por pouco não me fez chorar.

Eu não podia estar mais contente por ele ter finalmente conseguido. Ele realmente desejara ter esse reconhecimento, embora fosse até desnecessário, visto que ele tinha tudo, inclusive era conhecidamente o ‘favorito’ do pai. As intrigas de Theo sempre foram inveja por Erick ter um melhor relacionamento com o pai que ele próprio. Por Erick ter *talento*.

Eu me orgulhava dele. Eu me orgulhava de mim mesmo por estar do lado dele. Eu simplesmente não entendia como o pai dele tivera vergonha de assumir uma pessoa tão maravilhosa quanto Erick como filho dele. Se eu tivesse um filho como aquele, sem importar com que mãe ele tivesse, eu diria para todo mundo quem ele era. Hipoteticamente falando, é claro. Eu não gostaria de ser “pai” do Erick, apesar de achar que se eu fosse homem, eu seria gay.

E, mais que tudo, eu estava feliz em saber que eu era quem estava proporcionando essa felicidade, esse sonho à Erick. Saber que eu estava devolvendo um pouco de todas as coisas boas que ele já fizera por mim, só para variar. Estão vendo só? Eu não sou só a garota de todos os problemas, eu também consigo soluções! E essa solução, especialmente, não poderia ter se saído melhor.

Erick e Christopher finalmente se soltaram e, pelo que eu vi, ao contrário do que Erick queria. Christopher ainda bagunçou os cabelos de Erick, que fez careta quanto a isso (devo acrescentar que quando eu bagunçava os cabelos dele, ele não se importava.) antes de Jack se levantar e praticamente interromper a festa.

—Bom, acho que os adultos têm que conversar sobre papéis já que acordos verbais são vagos demais para certezas absolutas —Ele disse —E eu quero ter certeza que ambas as partes estarão confiantes quanto a boa vontade da outra parte. —E então voltou-se apenas para o Senhor Ward. —Podemos conversar em algum lugar particular?

—Claro, claro —E os dois sumiram pelo hall, em direção ao “particular dos adultos”.

Soprei meu cabelo, frustrada que eu tivesse sido chamada de criança algumas vezes demais àquela noite. Quase não notei quando Erick, ainda em um mundo distante dali, sentou-se ao meu lado. Sorri para o rosto pleno dele, contente que ele estivesse tão realizado quanto eu.

—Você não devia ter feito isso —Foi a primeira coisa que ele conseguiu dizer, uns dois minutos depois, para só então me olhar.

Deu de ombros e revirei os olhos, sorrindo.

—Estou apenas contente em poder fazer isso por você, Erick —Eu disse. Meu pai não está muito feliz com isso, ele acha que Theo deveria pagar de alguma forma e eu acho que ele vai sugerir isso, agora que está longe de mim —Eu ri.

Erick parecia encantado demais para entender o que eu estava falando, mas ele me encarava com tanta avidez que eu achei que não demoraria tanto para que

eu vencesse a cor do meu vestido.

—Você foi brilhante —Ele disse.

Pronto. Ganhei do vestido.

Dei de ombros mais uma vez, antes de saber o que falar.

—Eu só... falei —Eu disse. —Meu pai quer conversar sobre minha carreira agora —Revirei os olhos —Quase posso escuta-lo falando que eu deveria fazer direito e tudo mais. Eu não sei se daria certo... Eu estava pensando em algo como relações internacionais ou derivados.

Não tenho certeza se ele me escutou.

—E você está linda —Ele disse —Diferente, mas linda.

Eu sorri, envergonhada. Meu chapéu quase caiu da minha cabeça de tão sem jeito que eu fiquei.

—Isso? Foi Kate. —Eu murmurei —Acho que ela ainda gosta de brincar de boneca. Ele finalmente demonstrou alguma pista de que estava me ouvindo: riu. Passou os braços pela minha cintura e encostou o nariz no meu.

—Eu amo você —Ele sussurrou.

A essa altura, eu já estava de olhos fechados e com a respiração falhada. Eu não podia fazer nada se ele provocava tantas reações em meu corpo.

—Eu também amo você —E eu corei porque essa era a primeira vez que eu dizia isso desde que eu estivera quase desacordada. Aquela vez não valia.

Erick sorriu e encostou nossos lábios. E esse beijo foi diferente, foi um beijo de agradecimento da parte dele. Eu apenas apertei-o contra mim, postando minhas mãos em cada lado do seu rosto, aproveitando cada movimento, cada segundo daquele beijo, por mais que estivéssemos passado toda a manhã fazendo exatamente a mesma coisa. E mesmo que eu estivesse concentrada em gravar todos os movimentos para a eternidade, eu não descobri como acabamos deitados no sofá. E bem no momento em que eu reparei isso e iria dizer a Erick para nos acalmarmos porque estávamos em um lugar não-apropriado, Theo passou pela porta distribuindo xingamentos à nós dois.

Erick encerrou o beijo no mesmo segundo e eu o vi cogitar a hipótese de ir atrás de Theo para tirar satisfações por isso e por ter me chamado de vadia e eu pensei que talvez Theo realmente merecesse que Erick lhe desse uma surra, mas eu simplesmente não queria estragar esse dia.

—Eu vou... —Erick murmurou.

Ele quase levantou, mas eu agarrei-lhe o braço com um sorriso carinhoso.

Ele olhou para mim e afrouxou a força que o fazia ir atrás de Theo na hora, sorrindo em seguida.

—Não acha melhor esperarmos meu pai lá da porta? —Perguntei.

Ele concordou com a cabeça e, já de pé, ofereceu a mão para me ajudar a levantar. Sorri docemente para ele e deixei que ele me abraçasse protetoramente, guiando-me pelo corredor para a saída, e, então, para o sofá que um dia estivemos sentados, juntos, há alguns meses atrás. Erick pareceu se lembrar disso instantaneamente também.

—Se você não fosse tão certinha, nós podíamos ter dado nosso primeiro beijo aqui —Ele disse.

Eu ri com a menção a frase que ele usara naquela noite, quando eu estava apenas começando a me encantar por ele.

—Você ainda me acha certinha depois de tudo que eu fiz e tudo que você ficou sabendo ao meu respeito? —Eu perguntei. A risadinha dele e o silêncio que se seguiu me fizeram concluir que a resposta era positiva —Uau. —Eu murmurei, quase chocada.

Ele me cutucou, rindo, e beijou-me o pescoço.

—Você É certinha. —Ele disse —Vai dizer que você só não dormiu comigo aquela noite porque estava decepcionada por ter sido traída e sentindo triste e feia?

Eu fiz bico e sacudi a cabeça, negativamente.

—Foram os seus encantadores olhos azuis —eu disse, em tom de piada.

Ele gargalhou.

—Ah, os olhos azuis. Eles tinham que me ajudar em alguma coisa, certo? —Ele riu, dando-me um selinho.

Eu coloquei meus pés para cima do sofazinho e Erick me aconchegou em seu peito e ficamos ali conversando coisas inúteis e engraçadas até que meu pai saísse. Ele demorou menos que o suficiente para nós dois.

—Ah, aí estão vocês —Meu pai disse assim que conseguiu nos ver —Seu pai está de procurando, Erick —Ele disse. —Vamos, filha?

Eu encarei Erick, não ansiosa em deixá-lo. Fiz bico e ele beijou-me a testa (sem jeito para beijar minha boca em frente ao meu pai, aposto), rindo.

—Ahn... na verdade... pai —Eu murmurei, tentando ficar ali com Erick e de quebra ainda fugir da conversa sobre carreiras —Eu estava pensando em ficar por aqui... Erick não se importa, se importa?

Erick não respondeu porque ele estava realmente com vergonha de dizer que não se importava na frente do meu pai, então ele apenas arregalou os olhos para mim. Quem ligava? Todo mundo sabia o que a gente fazia quando ficávamos sozinhos, oras!

—Sei que ele não se importa —Meu pai disse. Está vendo, Erick? Ele sabe! —Mas acho que você entende que não deveria nem ter ido à escola hoje. Sei que você foi apenas para ver o Erick —Ele disse. Eu arregalei os olhos. —Eu já tive a sua idade, eu sei como é. E, bom, você teve uma tarde bem brilhante e bem cansativa hoje, não? —Perguntou-me. Não tinha como negar a parte do “cansativa”, mas acho que eu insistiria que não fora tão brilhante assim —Acho melhor você nem ir à escola amanhã. Erick pode ir vê-la à tarde, almoçar conosco, se ele quiser —Acrescentou, vendo que eu já iria ponderar —Tudo bem para você, Erick?

Erick meneou a cabeça, pensando.

—Bom, eu não tenho futebol amanhã, então acho que não tem problema —Ele disse. —Acho mesmo que você precisa descansar, tudo bem? —Ele perguntou para mim. Eu bufei, contrariada, mas concordei com a cabeça. —Então até amanhã —Ele me deu um selinho e entrou na mansão.

Suspirei, realmente cansada, enquanto Jack me arrastava até o carro. Então eu vi uma coisa que eu desejaria não ter visto.

A princípio, achei que meu cansaço estava me fazendo ver coisas demais, depois de encarar até o chegar até o carro, eu comecei a pensar que eu poderia estar não enxergando tão bem pela distância, mas quando eu claramente vi que Theo, com os lábios grudados nela, piscou-me o olho, eu tive certeza.

Theo era o garoto da Jenna.

Image

—Mari, será que dá para você se acalmar?

Esse foi o resmungo de Lizzie, dez minutos depois de chegar da escola. Ela tinha ido ver como eu estava porque papai fizera um grande escarcéu falando que eu estava 'frágil' e ela acreditou nele. Ah, essa história de fragilidade também me privou do meu celular, o que não me deixava escolha a não ser esperar Erick chegar para o almoço e rezar que nós tivéssemos um tempo a sós para que eu pudesse contar a ele o que havia e visto e ele me dissesse o que fazer, como agir. Porque, desde ontem à noite, a única coisa que eu sabia fazer era andar em círculos pelo meu quarto e era disso que Lizzie estava reclamando nessa manhã.

Eu nem ao menos dormira. Eu só conseguia pensar como uma pessoa podia ter a alma tão ruim a ponto de usar Jenna para me atingir e, consequentemente, atingir a Erick. Mas então eu lembrava que ele havia me usado para atingir Erick e isso também não fora nem um pouco adorável.

—Como eu posso me acalmar? —Eu quase gritei para ele —Ele está com a minha amiga! MINHA AMIGA! —Eu berrei —Ele não pode fazer isso com ela!

Eu chutei a minha cabeceira, soltei um palavrão e joguei-me sentada na cama, ao lado dela. Ela bufou e passou os braços ao redor de mim, como se isso fosse me segurar se eu quisesse levantar. Pobre iludida.

—Eu sei, Mari, eu sei —Ela murmurou, ainda segurando-me —Mas você tem que se acalmar, você não podia ficar assim porque você...

—Está frágil? —Eu ouvi uma nova voz, uma voz que me estremecia.

E lá estava Erick, parado com a mão em punho na porta como se estivesse a ponto de bater nela para avisar sua chegada. Ele sorriu para mim, o complemento da frase de Lizzie demonstrava que meu pai já passara recomendações explícitas para ele. Que saco, eu não ia me quebrar.

—Graças aos Céus! —Lizzie comemorou a chegada de Erick —Vê se consegue acalmá-la porque eu simplesmente não consigo —E com um urro, ela

saiu do quarto.

Eu tinha a ligeira impressão que ela só estava fingindo a frustração para poder nos deixar sozinhos.

Encarei Erick com um sorriso. Ele aproximou-se, olhando a volta, conhecendo meu quarto e, por fim, sentou-se ao meu lado, abraçando-me e colocando minha cabeça em seu ombro. Eu pareci acalmar-me instantaneamente. Foi mágico, eu simplesmente nunca ia entender o poder que Erick tinha em mim.

—O que aconteceu? —Ele perguntou-me, calmamente, acariciando meus cabelos para garantir que eu não voltasse a me exaltar.

Mesmo assim, enquanto eu lhe contava toda a história —que nem era tão grande assim, mas com as minhas reclamações e todo o aumento que eu fiz de tanto nojo que eu tinha dele e de que eu queria matar Jenna por ser tão burra, acabou ficando enorme —de como eu havia visto Theo e Jenna aos amassos quando eu saíra com o meu pai da mansão dos Wards e sobre estar sem celular e sobre estar sendo tratada como uma boneca de porcelana japonesa do século XV e o quanto eu estava irritada com tudo e como eu queria pegar Jenna pelo pescoço e sacudi-la até a cabeça dela voltar a funcionar normalmente.

Erick ouviu tudo tão calmamente que eu achei que ele não estivesse ouvindo, distraído com os dedos em meus cabelos. Confesso que eu só não me distraí porque eu estava com MUITA raiva, mas, quando eu acabei de falar e puxei um montante de ar —que estava em falta no meu super discurso rápido e revoltado —, ele encarou-me com aqueles dois olhos maravilhosos azuis parecendo extremamente preocupado.

—Será que você não consegue ficar nem um dia sem arrumar algum problema? —Erick perguntou-me. Eu sempre me fazia essa pergunta —Nem quando tem que ficar quietinha e descansando?

Fiz bico como se o mundo todo conspirasse contra mim e soltei um ruidoso: —Não.

Erick pareceu se divertir com isso. Ele me abraçou mais apertado e beijou minha cabeça. Eu achei mesmo que ele não tivesse prestado atenção em tudo que eu havia dito e eu tive certeza quando ele voltou a falar:

—Por que não vamos ao cinema depois do almoço? —Ele perguntou-me. Eu encarei-o chocada, afastando-me com resignação.

—Ei! Você não entendeu? —Perguntei —Estamos em uma crise aqui!

Erick gargalhou, jogando-se para trás enquanto as ondas de risos balançavam seu corpo inteiro. Assist aquilo dividida entre a resignação e a

fascinação. Ok, confesso que fiquei mais com a fascinação porque ele não estava de olhos abertos para ver a resignação.

—Você que não entendeu, amor —Ele me disse, assim que conseguiu voltar ao normal —Nós dizemos para o seu pai que vamos ao cinema, ele devolve seu celular, você liga para Jenna e pede para encontrá-la no shopping. Não é isso que você quer? Vê-la e conversar sobre isso?

Concordei com a cabeça, mas eu não precisava do meu celular para ligar para Jenna. Eu já teria ligado se não tivessem tirado a extensão do meu quarto, eu sabia o número de cabeça.

—Eu não posso usar seu celular? —Perguntei. —Eu sei o número...

—Claro —Ele murmurou, prontamente estendendo-me o celular.

Disquei o tão conhecido número que eu já havia discado tantas vezes. Com o pessimismo a solta, pensei que poderia ser a última vez que eu talvez fosse bem recebida. Eu não sabia há quanto tempo Jenna e Theo estavam juntos e quanto ela estaria gostando da companhia dele.

'Alô?' Ouvi-a dizer, do outro lado da linha, confusa por não reconhecer o número, talvez.

E, por um momento, eu senti falta da minha amiga e de fofocar com ela. Senti que ela era total e completamente importante e que eu estava perdendo-a por, talvez, descaso. Perdida nos meus problemas, esqueci que ela também precisava de mim. E, agora, ela nem ao menos sabia o que havia acontecido comigo desde que nos separamos na sexta feira. Tanta coisa que parecia ser outra vida. Tão distante que fez com que eu me recordasse dos nossos momentos com uma certa melancolia que eu só reservava à minha mãe.

—Oi, Jen, é a Mari —Eu disse.

'Oi, Mari, tudo bem com você? Você sumiu da escola!' Eu tive a terrível impressão que ela só falava aquilo por obrigação, mas então eu sacudi a cabeça e tentei não pensar que ela, tão importante, pudesse estar tão afastada de mim.

Arrisquei uma olhada amedrontada à Erick, que encarava-me com avidez, curioso pela conversa. Ao encontrar o meu olhar, Erick mexeu os lábios em um inegável 'vai ficar tudo bem'.

—Eu tive uns problemas! —Murmurei, tentando não parecer desesperada —Queria te ver hoje, eu não devo ir à escola durante essa semana... Tudo bem em encontrar comigo em uma hora e meia?

'Ué, mas por que você não vai à escola essa semana?' Ela perguntou-me. Parecia mesmo interessada. Então eu pensei que o tom de voz esquisito que eu

identificara nas frases anteriores dela poderiam ser apenas medo, medo da conversa iminente sobre Theo, que nós teríamos essa tarde e ela nem sabia.

Eu quase arfei, de medo de perdê-la.

—A gente pode conversar sobre isso depois —Eu disse —Pode ir me ver? —Insisti.

Eu quase pude vê-la franzindo a testa, tentando entender o que eu estava realmente querendo. Eu duvido que tenha sabido o que houvera no dia anterior, mesmo estando tão perto da confusão. Theo não contaria, ele queria que ela se voltasse contra mim e a favor dele. Quanto mais ela estivesse às cegas em todos os assuntos, melhor para ele.

‘Claro’ Ela, finalmente, confirmou.

Então, com praticidade, marquei o ponto de encontro em uma lanchonete mais vazia do shopping. Erick pareceu aprovar e algo me dizia que ele estava pensando mais na comida que nas pessoas à volta. Eu me sentiria meio vidente se visse isso se confirmar mais tarde.

Finalmente, com um suspiro cansado, desliguei o celular e devolvi-o à Erick. Ele encarou-me, quase penalizado, apertando a mão que antes eu lhe estendera o aparelho.

—Você realmente devia estar descansando —Ele disse, antes de me abraçar e eu me esconder no meio do peito dele, morrendo de vontade de chorar —Ei, calma —Ele sussurrou quando viu meu corpo pular em um soluço.

Eu queria me afastar com um prático ‘estou bem’ e secar a lágrima que eu havia deixado escapar, mas eu estava assustada em perder aquela amiga tão importante que eu não cuidara tão bem quanto deveria.

—Por que ele tem que ser tão... —Eu não encontrei palavra asquerosa o suficiente para expor o que eu tava sentindo, então soltei, apenas, um: —Urg!

Erick riu e começou a acariciar meu cabelo, esperando até que eu me acalmasse. Assim que eu pude soltar-me do abraço e secar minhas lágrimas sozinha, Erick levantou-me o queixo para encará-lo e sorriu docemente.

—Quatro anos... —Ele murmurou —E eu ainda não entendi como ele consegue ser tão “urg” —Confessou-me. —Sinto muito por isso, é tudo minha culpa. Talvez tivesse sido melhor nós nunca...

—Talvez seja melhor você nunca dizer isso, senhor Erick Harvey —Eu disse, com um tom que eu tenho certeza que ele interpretou como ameaça porque eu o vi pular ligeiramente. Eu nunca havia falado assim com ele.

Ele levantou as mãos ao ar, mostrando-se rendido.

—Tudo bem —Ele disse, divertindo-se.

Alguém bateu na porta, mas não vimos, apenas ouvimos alguém gritar ‘almoço!’

Então, com um suspiro cansado e dois minutos para que eu maquiasse meu olho e meu nariz para ninguém soubesse que eu estava chorando segundos antes (embaixo de reclamações de Erick sobre “bobagem” e como eu ficava linda de qualquer maneira e não precisava daquilo. Eu apostava que ele apenas estava ansioso para o almoço), nós descemos e ocupamos lugares à mesa, um de frente para o outro.

Erick, tão desacostumado a isso quanto eu, se saiu maravilhosamente bem. Ele soube sobre o quê conversar com cada um deles e eu fiquei encantada com aquilo. Embora eu imaginasse que ele estivesse acostumado à difíceis situações de negociação onde ele tinha que agradar aos mais diversos gostos para conseguir os contratos para o pai, eu não pude deixar de admirá-los e apaixonar-me ainda mais, se possível, por ele.

E foi com essa incrível lábia e com um apoio moral de Lizzie sobre o quão chateada e entediada eu estava em casa que ele conseguiu uma liberação para que eu fosse ao “cinema”. Mas, infelizmente, no meio da negociação, o meu celular se perdeu. A importância era ir ao shopping, foi a desculpa que Erick usou quando eu resmunguei, assim que saímos de casa.

Outra coisa que caiu durante a negociação impecável de Erick foi o uso da moto dele. Papai deixou bem claro que ele não aprovava que eu ficasse andando de moto por aí, muito menos na situação que eu me encontrava.

—Acho que eu vou ter que arrumar um carro —Erick resmungou assim que entramos na limusine para sermos levados ao cinema.

Eu sabia que ele adorava aquela moto e vê-lo pensar em abrir mão dela para apenas poder me levar para sair era extremamente fofo.

—Nós vamos para faculdade em alguns meses, esqueceu? —Perguntei-lhe —Sobreviveremos com um pouco de limusine por aí, você não acha?

Erick riu e me deu o primeiro beijo do dia, um selinho muito rápido e sem-vergonha, embaixo do olhar muito esperto do motorista. Provavelmente, papai mandara-o nos vigiar —e Erick, muito espertamente, sabia disso -, o que era totalmente estúpido, já que havíamos feito até um bebê e todo mundo sabia disso.

Chegamos ao shopping com dez minutos de adiantamento. Inconscientemente, de mãos dadas com Erick e contente por estar fazendo isso

em público e sem culpa nenhuma, deixei que ele me guiasse distraidamente para onde ele queria. Eu me choquei ao ver que nós havíamos parado em frente ao cinema.

—Você pode me dar um daqueles papéis com os filmes em cartaz, por favor? —Erick pediu à uma assistente, fingi não notar que ele escolhera a mais feiosinha para que, provavelmente, eu não me estressasse com isso.

A moça entregou o folheto à Erick com um sorriso que me fez fechar a cara para ela e largar a mão de Erick para abraçá-lo. Ele abraçou-me de volta com um suspiro cansado. Ao menos ele entendia que eu era ciumenta mesmo e não via problema algum nisso.

—Achei que o cinema era só pretexto para gente sair de casa —Eu murmurei.

—Pode ser —Ele concordou —Eu queria mesmo ir ao cinema, mas acho que não vai ter tempo, então é melhor você escolher um filme e decorar a sinopse caso seu pai pergunte alguma coisa —Ele disse —E me diga qual filme é!

Tão inteligente! Eu estava tão preocupada que eu não pensaria em algo assim e provavelmente teria grandes problemas em casa.

Enquanto andávamos até a lanchonete, Erick distraiu-me falando dos filmes e imaginando cenas bizarras para contar para o meu pai como se nós tivéssemos mesmo assistido o filme. Disse a ele que isso era totalmente insano. E se meu pai fosse assistir ao filme e visse que as cenas não batiam? Erick não gostou da minha teoria.

Alcançamos a lanchonete em alguns poucos minutos. Estávamos, ainda, dois minutos adiantados e Erick continuou falando que devíamos escolher um desenho porque meu pai nunca veria um desenho e nós podíamos inventar algo mais convincente e consistente.

—Não seja bobo —Eu murmurei para ele —Eu posso simplesmente falar que eu achei coisas mais interessantes para fazer que assistir ao filme.

Erick também não gostou disso.

—E fazer deu pai me odiar para sempre? —Ele murmurou —Obrigado, Mari!

Eu gargalhei com a cara de ofendido que ele fazia. E, então, eu percebi que ele queria agradar meu pai (não só por ser meu pai) por ter sido ele que guiara a nós todos, meros mortais e inexperientes, a fazer o pai dele assumi-lo. Achei fofo que ele estivesse se preocupando tanto com a ‘aceitação’ e perguntei-me

como estaria a coisa toda na casa dele... Mas achei que o drama todo merecia um pouco mais de atenção nesse momento.

—Quanto drama! —Eu murmurei, olhando o relógio atrás dele. Em cima da hora, ela poderia chegar a qualquer minuto e achei que Erick estivesse sendo exagerado apenas para me distrair —Ele vai guardar a confusão toda para o novo namorado da Lizzie.

—Ela está namorando? —Ele perguntou-me.

O interesse, agora, era real. Não era fofoca ou algo em si, achei que ele estava sendo ciumento ou preocupado com quem quer que fosse porque Lizzie já nos ajudara o suficiente para criar um laço de respeito, carinho e amizade com Erick. E isso significava que ele poderia ficar um pouco ciumento com o namorado dela.

—Não exatamente —Confessei —Mas ela passa muito tempo corada conversando com ele pelo computador. Se ainda não estão namorando, é porque ainda não tiveram oportunidade de se ver.

Erick encarou-me chocada, como se eu estivesse maluca de deixá-la conversando com ele.

—Pode ser um pedófilo! —Ele exclamou.

Ele não estava exagerando de propósito, era real. Isso me fez rir e realmente distraiu-me até que eu o acalmasse dizendo que provavelmente era alguém que era amigo de algum amigo dela. Ele não pareceu muito convencido, mas parou de resmungar (em voz alta, pelo menos).

—Mas, bom —Eu comecei, vendo que estava passando uns cinco minutos do combinado —Como ficaram as coisas na sua casa ontem.

Erick fez careta, como se não quisesse, exatamente, falar sobre isso.

—Meu pai está um pouco zangado, é claro, mas nós tivemos uma reunião ontem à noite e ele meio que me anunciou como filho dele e as pessoas ficaram felizes e a parabenizaram gente e tal, mas mesmo assim ele parecia zangado. —Ele murmurou —Acho que era comigo.

Eu pus a mão em cima da dele e sorri docemente, tentando confortá-lo com a mesma eficiência que ele fazia comigo. Não era fácil, Erick era ótimo em passar conforto e eu nunca me dera bem nisso, mas, mesmo assim, ele parecia mais calmo comigo ali.

—Por que ele ficaria zangado com você, Erick? —Eu murmurei —Você é simplesmente ótimo!

Então, eu vi, nos olhos dele, que ele achava que as pessoas tinham vergonha

dele e senti-me extremamente culpada por ter contribuído com isso nos últimos três ou quatro meses. Eu acho que ele choraria se não fosse tão forte e não estivesse em público. Então, como demonstração de que eu não tinha vergonha dele —pelo contrário, morria de orgulho! —Beijei-o docemente.

Ele correspondeu-me, um pouco surpreso. Sorri ao ver que eu havia cortado ligeiramente a insegurança dele.

—Eu pedi para continuar na minha casa e com o sobrenome da minha mãe —Ele confessou-me assim que encerramos o beijo —por causa de Theo.

Concordei com a cabeça, sem saber o que falar. Eu concordava com a atitude dele e ficava feliz em saber que eu, se acabasse me casando com ele —o que eu achava muito provável —eu teria o sobrenome Harvey, e não o Ward que não me trazia as melhores lembranças.

Um pigarro, atrás de mim e o olhar ligeiramente perdido de Erick fez-me crer que a hora havia chegado.

—Olá, Mari —Ela cumprimentou-me. Depois, de má vontade e demonstrando isso muito bem, ela cumprimentou Erick —Olá, Harvey.

Fingi não reparar (Erick fingiu bem pior que eu), mas não neguei-me de fazer careta ao imaginar todas as atrocidades que Theo já não havia falado para ela sobre Erick.

—Olá, Jen —Eu cumprimentei-a, fazendo que iria me levantar, mas Erick acenou com a cabeça.

Ele se levantou, cavalheiro e ofereceu uma cadeira a ela, esperando que ela se sentasse para voltar ao seu lugar. Eu achei extremamente fofo, mas Jenna não demonstrou nenhuma emoção, ajustando-se com sua bolsa em cima das pernas.

—Então, o que você tem para me falar? —Ela perguntou-me, indo direto ao ponto —Já contaram ao Theo sobre o bebê?

Eu me empertiguei, chateada, finalmente entendendo porque ela insistira tanto em contar ao Theo a verdade sobre o bebê e isso me chateou. Eu estivera me enganando, achando que ela só fazia isso porque gostava de mim e agora eu via claramente que ela estivera visando seu próprio bem.

Por causa da minha ligeira raiva, acabei sendo agressiva demais.

—Eu me pergunto, Jenna, por que você mesma não contou.

Ela encarou-me, a boca escancarada de choque pela minha quase acusação. Erick, instantaneamente, arrastou a cadeira até mais para perto de mim e apertou sua mão na minha, tentando me acalmar, mas ali, encarando aquela que eu chamava de melhor amiga, eu não conseguiria me conter. Eu aprendera a deixar

os sentimentos aflorarem na frente dela e eu estava com raiva e decepcionada. Eu demonstraria isso.

—Do... Que... Você está falando? —Ela vacilou —Por que eu contaria isso a ele, Mari?

Ela ficou insegura. Já devia saber que eu sabia, mas resolveu arriscar para o caso de ser apenas blefe meu. Eu não queria acreditar, embora meus olhos tivessem visto, eu esperava que ela negasse, que eu tivesse apenas imaginado por estar tão cansada e transtornada.

—Eu sei, Jenna, você não precisa fingir nada. —Eu disse. Ela parecia confusa, prestes a me perguntar como —Eu estive na mansão ontem, vi vocês juntos no jardim.

Eu devia ter acrescentado *'Ele me viu e não se importou'*, mas eu não queria perturbá-la tanto. Na verdade, não sei o que me freou, eu deveria mesmo ter dito isso.

—Mari, eu... —Ela começou.

Eu não queria ouvir. Eu, de verdade, imaginava quantas das coisas ele já não teria feito para que ela estivesse naquele grau de paixonite por ele a ponto de aceitar que ele dissesse atrocidades de Erick e que ela acreditasse nele. Ela sabia que Erick era bom, ela tinha visto ele me ajudar várias vezes, eu tinha contado TUDO a ela. Como ela poderia...?

—Você sabe as coisas que ele fez comigo, Jenna —Eu murmurei —Eu não consigo imaginar como você consegue sequer pensar em ficar com ele depois de ter acompanhado tudo de perto! Jenna, ele me traiu! Você não acha que ele fará a mesma coisa com você?

Ela encarou-me chocada, como se eu estivesse extremamente errada de estar falando aquelas coisas para ela, mas eu não acreditava que estivesse.

—Eu já gostava dele, está bem? —Ela me disse, meio alterada —Antes de você vir para cá! Eu me aproximei de você quando vi que ele estava com interesse em você, eu queria te tirar da linha, mas acabei tomando afeição e desisti. E, então, teve aquela confusão toda do baile e eu estava apenas esperando para tentar alguma coisa e aí você me diz que está grávida do Erick, mas que vai falar que é do Theo. Porra, Mari! —Ela estava quase falando alto demais, duas pessoas já haviam passado por ali, olhando torto para gente —E aí você aparece falando que vai contar a verdade para ele. Eu resolvi agir antes que você mudasse de ideia de novo. Era a minha vez! Então, nós começamos a sair e estamos juntos.

—É? —Eu perguntei, irônica, a raiva subindo a minha cabeça por ela ter me escondido aquilo tanto tempo —E quando que ele te deixou tão burra? Entre tentar me agarrar a força e pendurar camisinhas na porta do Erick?

Jenna corou até os fios de cabelo. Eu achei que ela iria explodir, mas eu sentia que eu estava tão nervosa quanto ela. Nós não devíamos ter marcado aquele encontro num lugar público, não estava dando certo.

—EU ACHEI QUE VOCÊ DEVERIA ESTAR FELIZ POR MIM! —Ela berrou —Mas, NÃO! Você só acha legal quando os OUTROS ficam felizes por VOCÊ e o seu empregadinho.

Eu, primeiramente, encarei Erick chocada por estar ouvindo tanta coisa absurda. Ele parecia mais concentrado em mim e nos meus nervos, pronto para tirar-me dali a se eu me irritasse demais que na conversa em si. Mas eu percebi que ele se ofendera com o ‘empregadinho’ e isso era o suficiente para fazer saltar chamas do meu nariz.

—Eu deveria estar feliz pela minha amiga estar namorando um assassino? —Eu perguntei, tentando manter o tom de voz mais baixo que o dela, sem me desestruturar.

Ela encarou-me, esquecendo um pouco a posição ofensiva e baixando a guarda. Eu estava com lágrimas nos olhos de raiva e decepção. Aquilo não podia estar acontecendo.

—Assa...Assassino? —Ela questionou-me, parecendo realmente confusa.

Eu virei o rosto para longe, não querendo me lembrar daquilo tão recente, mesmo que parecesse tão distante por ter acontecido tanta coisa. Ainda estava ali, grudado na minha mente. Eu ainda sentia-me vazia e eu tinha medo que aquela sensação me acompanhasse para o resto da vida. Toda minha vida se resumiria em ‘se eu tivesse contado antes...’ ou ‘Se eu tivesse tido o meu bebê...’. Talvez eu nunca me recuperasse totalmente, mesmo com todos os dias de repouso que meu pai exigia de mim.

—Eu... —A frase ficou perdida na minha garganta. Não consegui dizer.

Erick sorriu docemente para mim, apertando minha mão. Ele, finalmente, resolveu que era hora de interromper.

—Ele agrediu a Mari. —Ele disse, parecendo não querer entrar em detalhes, talvez por não achá-la merecedora ou talvez para não querer me machucar ainda mais com as lembranças —Ele a fez perder o bebê. E só para te atualizar, não sou mais nenhum empregadinho.

A garota corou com a resposta de Erick, mas pareceu não se abalar com a

notícia. Ela só precisou de alguns momentos para formular uma frase concreta para rebater.

—Bom, o seu querido *Erick* —A voz dela estava cheia de desdém. Eu quase não a reconhecia, doce e atenciosa como era —Também não é um exemplo de calma, não? Ele tem seus momentos de agressividade, como Theo. Eu sei controla-lo quando estamos juntos, mas não é sempre. E também não podemos dizer que ele não fez um favor para vocês dois, não é?

Eu não acreditei que ela estivesse dizendo aquilo. Em uma última tentativa desesperada, eu soltei:

—Você vai mesmo deixar um garoto assolar nossa amizade, Jen?

Ela sorriu um sorriso que eu nunca havia visto em seu rosto e que eu não gostaria de ter visto nunca.

—Você vai mesmo deixar um garoto assolar nossa amizade, Mari? —Ela respondeu-me, reutilizando minha pergunta.

Suspirei, cansada.

—Você fez sua escolha, eu sinto muito que ela esteja errada —Eu sussurrei, querendo chorar. Erick apertava minha mão, me dando apoio —Quando você recobrar a razão ou quando ele magoar você, estarei te esperando de volta. Enquanto isso, acho melhor dizer adeus.

—Adeus —Ela disse, sem rodeios.

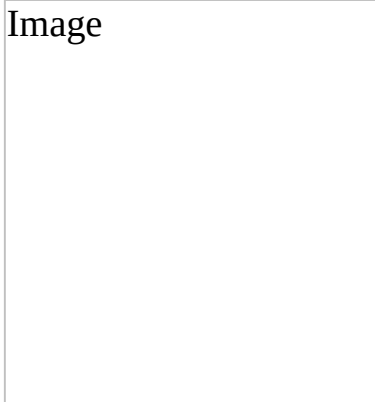
Então eu a vi se levantar sem mais e se arrastar para fora do shopping com uma lágrima solitária descendo pelo meu rosto. Erick secou-a. Eu sentia meu peito sendo rasgado como papel, frágil, dividido ao meio. Eu só não estava aos berros porque estava em público.

—Ainda temos tempo para assistir ao filme! —Ele exclamou, fingindo animação para me distrair. Sorri um sorriso triste para ele enquanto ele me arrastava para o cinema.

Ele sabia que eu não me agüentaria de chorar assim que estivesse sozinha e ele iria tentar me manter longe disso por tempo suficiente para que eu não sentisse tanto quando ficasse sozinha.

Pela primeira vez, ele não conseguiu.

Image



Dezembro chegou e, com ele, o frio e os primeiros flocos de neve, embora não tenham tocado o chão, para a tristeza de todos que queriam Londres branca e aulas a menos. Ainda trancada em minha fortaleza da solidão, esperando liberação médica para voltar às minhas atividades normais, vulgo escola e fugir para casa do Erick, eu apenas tinha uma pequena obrigação a cumprir.

Era apenas sexta-feira, mas parecia que um mês inteiro havia se passado desde o último fim de semana, devido aos acontecimentos loucos que pareciam ter vindo em cadeia. Alias, todos os acontecimentos da minha vida pareciam vir em cadeia. Todos juntos! Incrível. Quase uma conspiração astral contra a minha pessoa e a história da minha vida.

Erick vinha me ver todos os dias, depois da escola ou dos treinos de futebol, nem que fossem apenas dez minutos. Não importava, meu dia valia a pena só de vê-lo. Nós vínhamos evitando entrar em casa. Não era por nada, mas a casa já estava um caos por si só e Erick lá poderia desencadear um ataque de ciúmes de meu pai e eu não queria causar confusão.

Porque, é claro, eu já estava causando demais. Desde o hospital, Kate e Jack brigavam o tempo todo. Eu nunca havia visto alguém brigar por uma moeda que sumiu até aquela semana. Lizzie não dormia e eu fingia que não estava vendo nada, eu estava me sentindo meio intrusa e, embora ela tentasse evitar, eu sentia que Lizzie estava ligeiramente chateada comigo por eu ser o estopim de todo aquele caos.

E lá estava eu, no meu quarto, aguardando Lizzie chegar para que eu lhe passasse as lições de inglês. E foi com um estrondo e uma confusão de cabelos loiros que ela entrou correndo no meu quarto.

—Eu trouxe uma pessoa —Ela disse, ofegante —Por favor, seja simpática.

A principio, não entendi o porquê de ela ter corrido à frente da pessoa para me avisar que queria que eu fosse simpática, eu normalmente era e, a garota,

assim que entrou no meu quarto, parecia ser legal e apresentável. Lizzie olhava impaciente para amiga, quase como se tivesse feito recomendações a ela também.

—Olá —Eu cumprimentei a garota, sendo simpática como me fora pedido —Sou Mari. —Estendi minha mão à ela, mas a garota simplesmente me olhou como se fosse um alien.

Do lado dela, Lizzie meio que pulava, impientemente, como se tudo estivesse para dar errado no plano dela. Ela cutucou a garota, tentando fazê-la agir 'educadamente' e a garota sorriu, quase forçada, para mim.

—Imaginei que você soubesse quem eu sou —Ela continuou sorrindo aquele sorriso estranho e eu tive vontade de socar a cara dela —Afinal, minha crônica ganhou o concurso do *The Sun* e, com certeza, pessoas cultas o suficiente para ensinar inglês sabem disso.

Levantei a sobrancelha e olhei para Lizzie, perguntando com os olhos quem era aquela garota. Lizzie apenas me encarou, quase implorando, que eu me segurasse.

—E pessoas que ganham concurso de contos do *The Sun*, tecnicamente, não deveriam precisar de ajuda em inglês de pessoas não-cultas, certo? —Eu disse. Mesmo com os pedidos de Lizzie, não pude me conter.

A garota iria me responder, mas Lizzie segurou o braço dela com força e a arrastou para mesa que havia no meu quarto especialmente para estudos, que normalmente era somente ela que usava, porque eu gostava de fazer meus trabalhos na cama, sacudindo as pernas no alto. Eu fingi não perceber que a garota me olhava fuzilando-me, como se estivesse ardendo de ódio. Ótimo, é claro, eu precisava de mais alguém me odiando mesmo, obrigada.

E eu fiquei sem saber o nome da garota até quando ela se cansou de me ver explicando coisas para Lizzie e não para ela (como se eu fosse deixar de ajudar a minha irmã porque ela era uma celebridadezinha falida), bateu os livros e se levantou com um:

—Eu não preciso de ajuda, se a minha crônica é boa o suficiente para o *The Sun*, deve ser suficiente para passar em Inglês —E, com uma risada no mínimo estranha, ela saiu batendo a porta do quarto.

—Nay, ESPERA! —Lizzie gritou, indo atrás dela.

Continuei com as sobrancelhas levantadas e batucando a caneta na mesa, em cima do papel em que eu vinha explicando a Lizzie as dúvidas dela até que ela retornasse com cara de derrotada.

—O que foi isso, Liz? —Eu perguntei.

Lizze se jogou ao meu lado, cansada.

—Você já tentou ajudar uma pessoa e se ferrou por causa disso? —Ela me perguntou, os olhinhos assustados por algo que eu não entendia.

Rapidamente, lembrei-me de Jenna. Eu realmente queria ajudá-la, mas agora eu apenas havia me privado da companhia tão tranquilizadora dela, embora Erick e Lizzie (talvez sem perceber ou talvez Erick tenha pedido à ela) tentassem compensar.

—Já —Eu respondi.

Minha garganta embargou pela ferida ainda recente da possível perda da melhor amiga que eu tivera na vida toda. Eu ainda tinha flashbacks com todos os nossos melhores momentos e chorava sozinha à noite. Ela fazia mais falta que um fígado, eu podia dizer. Parecia que haviam fincado uma faca no meu peito e que não tirariam-na dali nunca. E eu teria que aprender a conviver com aquele buraco, congelado pelo metal frio por muito tempo. Ou até que eu a tivesse de volta.

—Ela estava tendo problemas em casa, com a separação dos pais —Lizzie me confessou —E ela sempre gostou muito de escrever, então eu disse à ela para escrever algo sobre o que ela tá sentindo e mandar para o concurso do *The Sun* —Ela suspirou —Eu sabia que não havia como ela ganhar, mas ela ficou tão feliz e esperançosa com isso que eu pedi para o papai comprar o concurso para ela. Estava perto do aniversário dela, achei que seria um bom presente, sabe? Uma injeção de estima! Mas aí ela ficou assim, sabe? Ela se agarrou a isso e está se achando a melhor de tudo e de todos... E ela está se sentindo tão boa que está achando que o professor de Inglês que está errado em dar notas baixas a ela. Ela parou de estudar depois do concurso e só está levando bomba! Eu não sei mais o que fazer, mana —Ela murmurou.

Eu me perdi alguns segundos por causa do 'mana' com um sorriso que eu poderia ter disfarçado melhor. Eu segurei a mão de Lizzie enquanto tentava pensar em algo para respondê-la.

—Você é uma boa amiga, Liz —Eu sussurrei, depois de um tempo —Mas, acho, tem certas coisas que as pessoas tem que aprender sozinhas. Acredito que ela vai voltar ao normal quando as pessoas começarem a esquecer esse concurso. É só ter um pouco de paciência com ela.

Ela fez uma cara de que esperar não era com ela, mas concordou com a cabeça, levemente. Beijei-lhe a bochecha e ela sorriu para mim e, calmamente,

voltamos aos estudos dela, desta vez, sem interrupções até o final, quando ela se cansou e pediu para parar porque já não estava mais conseguindo entender o que eu lhe explicava, então ela se despediu e foi para o próprio quarto pensar no que poderia fazer com a tal da Nay. Eu fingi não notar que ela realmente havia ficado abalada com a história, como se fosse a gota d'água o que ela fizera hoje.

Eu queria estudar, mas eu nem sabia o que eu deveria estudar e meu pai já começara a falar em emendar meu repouso com as férias de natal. Eu tinha quase certeza que eu estava perdendo provas, mas o colégio garantiria que eu deveria ficar em casa pelo tempo que eu quisesse e depois eu faria as provas com calma ou eles adaptariam a minha nota em provas futuras.

Talvez fosse melhor, por mais que meu tempo com Erick estivesse reduzido. Não indo para escola, eu não tinha que sofrer com aqueles garotos imbecis me perseguindo, não teria que ver Theo e Jenna juntos e não teria problemas com líderes de torcida me matando com os olhos por eu estar namorando Erick.

Deitei em minha cama e fiquei pensando na volta que minha vida havia dado em tão pouco tempo. Primeiro, eu ia me casar com um cara estúpido e ter um bebê, aí tudo mudou e eu ia fugir do casamento e ter o bebê e agora eu não teria bebê, não casaria ou fugiria, mas era uma herdeira milionária de um advogado de sucesso e tinha um namorado maravilhoso que era herdeiro milionário de um empresário de sucesso e que tinha um futuro impressionante pela frente, em vista do talento que já demonstrava nos negócios do pai.

Pus a mão em meu ventre, pensando em como a vida era frágil. Eu ainda desejava que meu bebê estivesse ali e que eu pudesse amamentá-lo e vê-lo crescer. Eu sempre pensaria em como teria sido.

Fui interrompida bruscamente com uma batida na porta. Uma das empregadas novas (porque meu pai trocara três delas por terem me olhado de cara feia por eu ter 'subido') bateu a porta e anunciou simpaticamente:

—O Sr. Harvey, Srta. Evans —Ela disse.

Agradei com a cabeça e vi Erick entrar com um sorriso e, então, o sorriso dele praticamente murchar. Acompanhei o olhar dele e vi que ainda mantinha minha mão em cima da minha barriga e tirei-a rapidamente de lá, tentando disfarçar. Mordi o lábio como uma criança pega em um momento de travessura e, sentando, levantei meu rosto, fazendo biquinho para que ele viesse me beijar.

Sorrindo, ele sentou-se ao meu lado e puxou-me pela nuca para encostar os lábios nos meus. Abracei-o com força, quase como se estivesse assustada em perde-lo, mas eu tinha certeza mais que absoluta que ele era meu e que ele

estaria ali para mim quando eu quisesse.

Ele encerrou o beijo e sorriu docemente para mim, passando os dedos pelo meu cabelo. Parecia triste, de alguma maneira, mas contente em estar ali, me abraçando. Encostei a cabeça no ombro dele e ele abraçou-me ainda mais forte, beijando o topo da minha cabeça. Suspirei pesadamente.

—Você não pode ficar assim para sempre —Ele murmurou. Entendi que ele estava falando por causa do bebê.

Esfreguei meu nariz em seu ombro, quase implorando por carinho e abracei-o com mais força.

—Eu sei —Murmurei, a voz embargada —Vai passar.

Eu tenho certeza que ele não acreditou, mas ele não falou nada. Deitei-me na cama e chamei-o com o braço para que ele me acompanhasse. Ele deitou praticamente em cima dos meus seios e eu fiquei fazendo cafuné nele. Ele quase dormiu.

Como eu o amava, meu Deus. Eu não sei onde eu estaria agora se Erick não tivesse entrado na minha vida. Por mais que eu soubesse que a gente ainda tinha muito pouco tempo junto, a gente tinha passado por mais coisas que muito casal juntos há décadas e isso fazia com que a coisa toda fosse mais intensa e real. E ainda tinha o agravante das nossas histórias serem parecidas demais, de termos muito em comum. Eu queria ficar do lado dele para sempre. Eu seria feliz com ele, eu tinha mais que certeza disso.

Mesmo assustada com as constantes brigas de Kate e Jack, que eram o meu exemplo de casamento e amor perfeito, eu confiava que tudo daria certo, tanto comigo e Erick, tanto com eles dois. Era só uma questão de tempo para tudo se ajustar, tínhamos que ser todos pacientes.

Só havia uma coisa que eu não costumava ser paciente.

Comecei descendo minhas mãos pelas costas dele, apenas acariciando-o lentamente. Vi quando ele suspirou profundamente, contente com o meu toque e, então, continuei, puxando a blusa dele para cima, levemente. Ele deixou que eu levantasse até o meio das costas antes de começar a se mexer.

Sua mão entrou por dentro da minha blusa, apertando minha cintura e seus lábios traçaram um caminho de fogo por cima dos meus seios, antes de apoiar a mão livre na cama e levantar o corpo para beijar-me os lábios.

Ele sabia o que eu queria e eu estava encantada que ele parecesse estar cedendo porque ele evitara até me beijar durante esses dias, assustado em me machucar em minha fragilidade. Ninguém entendia que eu estava bem, que eu só

estava ferida por dentro.

—Não vai rolar —Ele sussurrou, os lábios encostados nos meus.

Eu fiz bico quando ele encerrou o beijo e jogou o corpo para o lado, deitando-se na cama na mesma altura que eu.

—Por quê? —Eu murmurei, virando-me para ele.

Ele estava olhando para cima, concentrado em algo que eu não podia imaginar o que era. Reparando no volume da calça dele, consegui pensar em algo e estremeci, querendo ajudá-lo naquilo.

Erick sorriu de lado, ainda concentrado no teto, passou o braço por debaixo da minha cabeça, acariciando-me. Eu arrumei-me no abraço dele pronta para atacá-lo á primeira oportunidade. Havia funcionado antes.

—Porque está cedo ainda —Ele sussurrou, cuidadoso para que não magoasse meus sentimentos. Eu soube que ele estava falando do aborto, mas foi sutil demais para entrar em mais detalhes —Porque, dessa vez, eu quero fazer cedo e esperar e, ainda, porque você ainda não foi à sua médica, pedir um anticoncepcional.

Meu bico aumentou, mas ainda assim abracei-o. Eu não havia desistido, o volume na calça dele ainda estava alto o suficiente para fazer arrepios perpassarem em minhas costas quando eu olhava.

—Não precisa nada disso —Eu murmurei.

Ele gargalhou e, finalmente, voltou a olhar para mim. Seu nariz encostou-se ao meu e ele quase fechou os olhos com as nossas respirações se misturando. Eu teria fechado os meus, os arrepios se intensificando e meus instintos gritando para senti-lo em mim mais uma vez, mas eu estava preocupada demais em encontrar uma brecha para seduzi-lo.

—Eu *quero* que seja assim —Ele sussurrou —Não custa nada esperar um pouco, você ainda está fraquinha...

Eu achei que ele ia voltar a ficar sonolento e a dormir, naquela posição nova em que estávamos, tão entorpecidos um no outro. Mas eu não havia desistido.

—A gente pode ao menos ficar se beijando? —Eu perguntei.

Minha esperança era que os beijos nos levassem as outras coisas como quase sempre acontecia.

—Claro —e com uma gargalhada, ele me beijou.

Então foi meio automático, meu corpo correspondia muito bem ao dele e o dele ao meu. Quando eu vi, estava sentada em cima da ereção dele, mexendo-me

por cima dela e fazendo o gemer entre meus lábios, eriçando os pelos da minha nuca enquanto a mão dele subia pela minha coxa, apertando e acariciando como só ele sabia fazer.

E, então, o encanto em que havíamos nos metido simplesmente se quebrou quando ouvimos a porta do quarto se abrir com um estrondo.

Nós separamos do beijo com um susto, mas nossa posição continuou a mesma, os dois com uma cara meio retardada por terem sido interrompidos em um momento crítico. Na porta, estava meu pai e o olhar dele estava bem em cima da minha coxa, exatamente no ponto onde a mão de Erick estava.

Eu olhei de Erick para o meu pai com uma cara meio boba. Demorei um pouco mais para perceber onde estava sentada e então pular para o colchão. Erick engoliu a seco, encolheu-se e pôs uma almofada em cima da ereção, mas não discretamente o suficiente para que meu pai não percebesse. E ele fechou a cara para isso, mas, qual é, ele sabe que eu faço essas coisas!

Nós dois encaramo-lo, praticamente esperando a bronca de ‘você querem passar por aquilo de novo?’, mas o silêncio constrangedor reinou no quarto por um tempo enquanto papai encarava Erick com um olhar mortal. Eu continuava parada, sentada comportadamente na cama com os pés para baixo e Erick meio que se escondia atrás de mim. Eu podia sentir o joelho dele encostado de leve na minha bunda.

E o silêncio continuou até que Erick limpasse a garganta e meu pai saísse do transe de ódio em que estava e voltasse ao normal.

—Estou marcando uma viagem no natal —Ele anunciou e eu dei graças aos céus por não mencionar a posição constrangedora que estávamos anteriormente —Pra reabilitação do Alan. Mas Lizzie deixou-me saber que você e ele tiveram uma discussão na ação de graças, foi isso mesmo, querida?

Eu percebi que ele estava se esforçando para não voar no pescoço de Erick. Porque depois de todas as recomendações que ele dera à todos, eu e Erick estávamos prestes a fazer a coisa que ele, provavelmente, classificaria como a coisa que eu definitivamente não poderia fazer em primeiro lugar. Ah, existia uma lista mental de coisas que eu definitivamente não podia fazer.

—Brigamos —Eu confirmei —E não sei se é uma boa ideia, sabe, eu ir —Tentei parecer o mais centrada possível, mas meu íntimo ainda gritava por continuar o que eu estava fazendo com o Erick e eu acreditava que seria impossível, agora que havíamos parado com essa interrupção. —Nós brigamos feio... Ele não ficou feliz por eu estar com Erick, eu tenho medo de chegar lá e

isso afetar a... situação dele.

Jack concordou com a cabeça e eu quase o vi em um dilema interior. Eu sabia que a viagem à Alan, que era altamente não recomendada, estava sendo programada apenas para a alegria de Kate e em uma tentativa esperançosa e desesperada de fazer com que aquelas brigas cessassem. Mas lá estava eu, prestes a passar meu primeiro natal como filha assumida e ele estaria longe. Vi todas as alternativas passarem na cabeça dele e eu sabia que a segurança do tratamento de Alan viria em primeiro lugar.

—E o que nós fazemos com você, meu bem? —Ele questionou-se, mais para si mesmo que para qualquer pessoa naquela sala.

Eu olhei para trás, para Erick, que ainda estava meio perdido na conversa, meio lerdo por causa do sexo não finalizado. Eu estava esperando que ele falasse, estava mesmo. E, quando eu olhei para ele, ele pareceu acordar e perceber o que eu queria.

—Ela pode ficar comigo —Ele ofereceu. No segundo seguinte, o vi se arrepender amargamente. Não pelo convite em si, mas pela situação inoportuna para que ele fosse feito.

Meu pai parecia zangado com a proposta. Ele fechou o rosto e nada e pareceu ponderar diversas situações, diversas escolhas.

—Não tenho certeza —Ele murmurou para Erick —Não a quero perto do... *Seu irmão*. —E lá estava o amargo ódio na voz dele.

Eu sorri por ser apenas isso e senti o suspiro aliviado de Erick atrás de mim. Quase pude ouvi-lo pensar *‘não é a mim que ele quer matar hoje’*. Resolvi, então, sair em defesa do meu natal melhor e mais bonito.

—Erick não mora na mansão, mora em uma adorável casinha nos fundos da garagem dos Wards —Eu disse. E, então, olhei para Erick —Eu adoraria passar o natal lá, ela deve ficar simplesmente magnífica toda branca pela neve.

Ele sorriu, encantado que eu não poupasse elogios à casa dele. E só então eu percebi que ele estava inseguro quanto a isso por causa do fim de semana passado.

Eu pensei em me arrepender de ter dito aquilo no mesmo instante em que olhei para Papai. Ele parecia realmente zangado em saber que eu conhecia onde era a casa de Erick, o que significava que eu havia ido algumas vezes até lá e isso, provavelmente, o lembraria que eu não era mais a bonequinha que ele queria que eu fosse e que eu fazia as mesmas coisas, trancada em um quarto, que ele fazia com a esposa dele. Devia ser perturbador e difícil de acostumar, eu

pensei, com tão pouco tempo que ele havia me tido como filha. Quero dizer, saber que eu tinha outro, um homem que me protegesse e amasse no lugar dele. Era como ganhar e perder logo em seguida.

—Vou pensar nisso —Ele murmurou, saindo do quarto, deixando a porta escancarada.

Eu respirei fundo e joguei meu corpo para trás, onde eu sabia que encontraria o de Erick. Ele abraçou-me com um suspiro cansado, beijando minha orelha.

—Eu sabia que não era uma boa ideia —Ele disse.

Eu ri baixinho, mas fechei a cara em seguida quando papai voltou ao quarto. Ele franzia as sobrancelhas para nova cena e apontou para Erick.

Fudeu. Eu pensei. *Hora da bronca.*

—Eu me lembro de você, Harvey —Ele murmurou, parecendo se esforçar. —Nos meus jardins —Completo —Cheios de espinhas na cara, correndo com um balde de água no verão.

Eu franzi a testa para ele e, quando olhei para Erick, ele parecia contente em ter sido reconhecido. Eu não entendia.

—É, eu me lembro disso também —Erick sussurrou.

Meu pai parecia querer falar algo, mas sacudiu a cabeça e disse o que eu tinha certeza que não era o que ele havia pensado de primeira.

—Você costumava vir sempre aqui, depois sumiu. O que houve?

Erick teve o cuidado de apertar minha mão, que batucava na perna dele, impaciente por não entender nada, antes de responder.

—Ele começou a andar com uma galera esquisita —Erick disse —Não sei o que houve, foi completamente do nada. Eu ainda tentei conversar com ele, o fazer parar e sair daquilo, mas ele não escutava ninguém —Sussurrou. Parecia estar se lembrando daquilo agora, as emoções do fracasso brincando com força na voz, fazendo-o falhar —Mari deve lembrar disso, nós todos saíamos juntos nessa época.

Eu franzi as sobrancelhas, tentando entender e lembrar.

—Vagamente —Sussurrei —Não sabia por que você andava com a gente, não sabia que você era amigo do Alan.

Erick sorriu docemente e encostou os lábios nos meus, de leve e rapidamente, tentando acalmar-me e, ao mesmo tempo, não irritar meu pai.

—Eu era —confirmou.

—Hum —Meu pai murmurou, parecendo ser uma aprovação e saiu do quarto. A porta sendo cuidadosamente deixada aberta.

Olhei para Erick, tentando entender melhor a história. Ele apenas sorriu, mexendo no meu cabelo.

—Foi para Alan que eu contei que gostava de você e queria te chamar para sair e o Theo ouviu —Ele sussurrou, o olhar meio perdido nas memórias. —Ele tinha me confessado que achava que você era irmã dele e eu achei que ele podia ficar chateado se eu não falasse com ele primeiro...

Eu abracei-o, vendo-o meio choroso com as lembranças e eu me perdi ao pensar que nós podíamos ter tido tão mais tempo juntos... Que eu podia ter me entregado à Erick naturalmente. Talvez Erick tivesse me protegido, talvez eu nunca tivesse sido estuprada.

—Você devia ter tido mais cuidado para ninguém ouvir —Eu sussurrei docemente.

Ele riu com o que eu disse, um pensamento malicioso que ele provavelmente não teria tido na época. Teria apenas cuidado para que eu não ouvisse, não Theo.

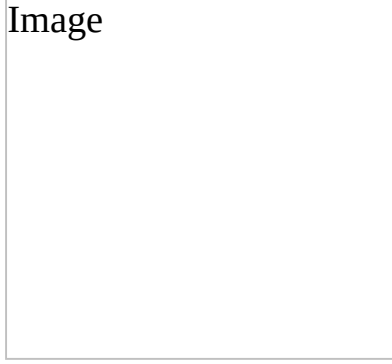
—Eu sei —Ele murmurou. Depois, com um sorriso cansada, ele me confessou —Alan era meu melhor amigo, foi horrível vê-lo se perder daquela maneira e foi horrível vê-lo começar a me odiar por tentar ajuda-lo.

Eu percebi que ele havia ficado chateado porque eu havia dito que eu e Alan brigamos porque Erick e eu estávamos juntos e pensei, tarde demais, que deveria ter tido cuidado com as palavras. Cheguei-me para trás e abracei-o o mais apertado que pude, como se eu pudesse tirar aquela dor de dentro dele.

—Eu sei —Murmurei, lembrando-me de quanto o Alan era hostil a toda e qualquer ajuda no começo —Eu estava lá.

E eu entendi que nós não faríamos nada àquela tarde. O clima fora totalmente quebrado.

Image



Dezembro pareceu voar por debaixo do meu tédio e do meu cansaço sem motivo algum. Foi com muita tristeza que, depois de duas semanas mofando em casa, eu voltei para escola bem na semana das provas. Adrianny e Brian me ajudaram com todas as matérias naquela semana em que eu tive que diminuir meus horários com Erick e anular meus horários com a Lizzie, que ficou muito contente em não ter que estudar, mas me deixava recadinhos todos os dias, contando coisas banais do dia dela ou me pedindo ajuda sobre algo com o garoto que ela estava ou com a amiga. Eu gostava disso, essa coisa de irmãs realmente estava funcionando e eu ficava feliz.

Outra coisa que funcionava muito bem era eu e Erick. Embora ele continuasse com a história de que queria fazer tudo direito e blábláblá (e a semana de provas o ajudou muito nessa empreitada), eu estive gostando dos poucos minutos que nós dividimos naquela semana, normalmente à porta da escola para que ele tivesse a desculpa que 'tinha gente olhando' e, depois, assim que nos livramos das provas antes das férias de natal, normalmente gastávamos horas sentados em frente de casa, conversando e trocando apenas pequenos beijos. Às vezes brigávamos por coisas inúteis como... Tons de cores. Eu estava começando a achar que ele era daltônico quando ele resolveu reconhecer magenta no terceiro dia seguido de discussões, mas eu acho que ele pesquisou no computador para me falar aquilo. Enfim, nós também tivemos alguns problemas de ciúmes, da minha parte, porque, assim que eu consegui me livrar das horas de estudo e tive meu tempo livre de matemática de novo, eu pude ver aquela nojenta líder de torcida tentando de tudo para ter um segundo da atenção dele. E o problema era que, mesmo impaciente e contra a vontade, ele dava atenção. E eu não queria porque eu sabia que ela só precisava de uma vírgula para tentar embebedá-lo de novo e... Eu não queria nem pensar.

—O que você queria que eu fizesse? —Ele me perguntou, após eu ter dado uma bronca nele depois de tê-lo pego conversando com a garota pela terceira vez. Ele me arrastou até um corredor vazio da escola para que pudéssemos

conversar com mais calma —Ignorasse que ela está falando comigo? Eu só estou sendo educado, Mari!

—Seja educado com outras pessoas! —Eu bufei, irritada —Não com ela! Ela... Ela... URG!

Bati com os pés no chão sem encontrar algo plausível para que ele evitasse a garota. Erick riu e revirou os olhos. Ele abraçou-me pela cintura e olhou em volta, procurando alguém que pudesse reclamar daquele abraço —tipo um inspetor ou um professor.

—Ela o quê, amor? —Ele me perguntou, beijando minha testa carinhosamente.

Fiz um barulho estranho com os lábios, frustrada.

—Eu acho que é ela que tem escrito as coisas do banheiro —Eu murmurei, sem ter prova alguma. Eu tinha certeza, mas não tinha provas, então... —Sobre mim.

Erick riu e beijou a ponta do meu nariz.

—Acho lindo que você esteja com ciúmes de mim, linda —Ele sussurrou — Mas você não pode deduzir que ela tem escrito essas coisas só porque você está com ciúmes!

—Mas é óbvio que é ela, Erick!

Ele não acreditou em mim, é claro. Isso só me deixou com mais raiva ainda, mas, tirando isso, a gente estava muito bem obrigada. Era só sair da escola e todos os meus problemas sumiam e eu ficava feliz. Quer dizer, quase todos.

Enquanto eu e Erick e eu e Lizzie estávamos dando certo, Jack e Kate não estavam nem tentando. Sabe o meu ciúme com o Erick? Era muito pior com eles dois. Eu simplesmente não entendia, eu via que os dois estavam sofrendo com isso, mas eles simplesmente não paravam com aquelas brigas infinitas e eu via o quanto isso magoava Lizzie. Ela não falava nada comigo, mas eu pescava seus sentimentos com os olhares que ela me dava. E, em meados de dezembro, o guarda-roupa dela pareceu mudar dos sempre arrumados vestidos pros jeans surrados e blusões, quase ao mesmo tempo em que eu estava me acostumando aos vestidos. Parecia que nós tínhamos trocado de personalidade. Eu queria ajudá-la, mas eu não achava um espaço. Ela evitava o assunto e quando eu conseguia contorná-la (porque ela, infelizmente, também herdara a lábia do papai, mas ela tinha um agravante de alfinetadas que Kate tivera o prazer de ensinar a ela), ela revirava os olhos e resolvia que tinha outra coisa para fazer.

Foi um alívio quando, finalmente, o dia vinte e quatro de dezembro chegou

e, com ele, o meu passaporte para o paraíso.

As malas de todos estavam dentro da limusine. Menos a minha, que aguardava pacientemente ao lado do batente da porta. Jack e Kate passaram por mim em meio a uma discussão todas as coisas que Kate levava na mala e, embora Jack estivesse tentando evitar implicar com ela, ele também não parecia muito complacente. Ele passou por mim e passou a mão pelo meu cabelo, imaginei que fosse minha despedida.

Lizzie não parecia muito ansiosa. Ela estava futucando em algo no ipod ao meu lado, tentando não demonstrar sua chateação com a briga dos pais.

—Hey —Chamei-a. Ela voltou-se para mim com um sorriso triste —Acho que nos vemos depois do natal, certo?

Ela me abraçou com força e rapidamente, como se só naquele momento tivesse se dado conta de que me abraçara, se afastou em um pulo.

—Tem certeza que você não quer vir com a gente? —Ela me perguntou —Vai ser um inferno sem você.

Eu neguei com a cabeça.

—Eu realmente queria ir com você —Eu disse, verdadeiramente. Erick teria preferido que eu fosse com ela porque ele insistia que eu tinha que distrair Lizzie dos problemas porque ela era uma boa menina e tudo mais —Mas você sabe... Não sei como o Alan está com relação a... Mim.

Ela concordou meio contrariada e, ao ver o pai se aproximando, revirou os olhos e colocou os fones de ouvido. Com um aceno de mão, ela entrou na limusine sem falar nada.

Uma mão envolveu minha cintura antes que meu pai chegasse a mim. Eu conhecia muito bem aquele toque, aquele perfume e aquelas sensações. Sorrindo bestamente com a eminente overdose de Erick, eu encostei-me nele e olhei-o para receber um lindo sorriso de boas vindas. Nenhum beijo... Culpa de papai.

—Bom, estamos indo —Ele disse. Ainda não estava feliz por eu ficar com Erick, mas ele não teria me deixado passar o natal sozinha ou negado meu pedido especial de natal. —Espero que você se divirta, filha. —Ele deu-me um beijo na bochecha e, das costas, tirou uma caixa razoavelmente grande e colocou em meus braços. Eu fraquejei, assustada com o peso, mas Erick rapidamente pegou-a, tirando de mim —São seus presentes de natal —Ele disse para mim e, depois, virou-se para Erick —Não deixe-a abrir antes da manhã de natal —Recomendou. Erick concordou com a cabeça, mas eu poderia abri-los enquanto ele dormia. Sem problemas —Feliz natal para vocês dois.

E, com isso, ele entrou no carro e o carro sumiu enquanto eu acenava, embolando-me levemente com o cachecol que Erick estava usando, e eu tenho que acrescentar que ele ficava maravilhosamente lindo no frio, com as bochechas rosadas e, principalmente, de cachecol. Parecia que quem inventara o cachecol inventara somente para Erick Harvey usar. É, mistérios da vida.

—Bom —Erick murmurou em meu ouvido, estremecendo-me, assim que eu desisti de acenar para onde o carro havia sumido —Que tal sairmos daqui antes de congelarmos, huh? —Perguntou-me.

Concordei com a cabeça e deixei que ele me guiasse até um carro —por isso que eu não o havia visto chegar —e abrir a porta para mim. Lá dentro, quente e feliz, resolvi perguntar:

—Por que o carro? —Disse assim que o vi entrar pela porta do motorista.

Ele tirou as luvas para dirigir e sorriu lindamente para mim enquanto eu colocava o cinto.

—Frio demais para motos —Ele me respondeu —Não queremos ninguém doente, certo? Essa belezinha aqui tem aquecedor —Ele bateu no painel do carro com orgulho.

Perguntei-me quando eu veria a moto de novo porque me parecera que Erick ganhara uma ‘belezinha’ de natal do meu adorável sogro.

Paramos no shopping por algumas horas e eu fingi não reparar que Erick receava ficar sozinho comigo, depois de tanto tempo, na casa dele e aceitei o capuccino da Starbucks muito bem (e muito feliz). O ambiente da cafeteria era adorável e nos distraímos conversando sobre assuntos mais banais como a nova cor de cabelo da moça da cantina e as risadas pareciam fluir mais fácil, imaginando que ela havia arrumado um namorado gordo e careca que combinasse com ela. Foi malvado, mas divertido.

Erick só deixou que nós saíssemos do lugar poucos minutos antes de fechar e imaginei que além de tentar adiar nosso tempo sozinho, ele tentava evitar que alguém —vulgo Theo —nos visse chegar e nos incomodasse com coisas ruins, mas, mesmo assim, sem cerimônia alguma, Erick estacionou totalmente de mau jeito em frente à garagem —tive a impressão que em frente a vaga que Theo normalmente usava e fiquei muito contente com isso —e saiu do carro, levando-me junto para longe da mansão e para o nosso magnífico natal sozinhos no paraíso, junto com a minha caixa de presentes, é claro.

Surpreendi-me com um novo carpete. Eu devia imaginar, mas não era isso que chamava mais atenção na casa, embora todos os móveis pareciam ter sido

mudados para os melhores do mercado, assim como o meu quarto, mas sim a linda e grande árvore de natal posicionada na beirada da cozinha, ao lado da porta do quarto.

Eu sorri para ela, ainda à porta, e Erick abraçou-me por trás com um sorriso muito parecido com o meu, beijando a beirada do meu pescoço desprotegida pelo meu cachecol. Tudo parecia perfeito.

Com uma risada, ele pegou a minha atenção e apontou para cima. Uma folha de azevinho estrategicamente posicionada estava lá, aguardando-nos.

—Espertinho —Eu sussurrei, virando-me para beijá-lo.

O beijo doce não me pegava desprevenida, mas, tampouco eu havia me acostumado com ele. Eram as mesmas borboletas no estômago, as mesmas vontades de que ele durasse para sempre, e parecia que a cada beijo se multiplicava. Talvez eu nunca entendesse as reações que meu corpo tinha ao toque de Erick, mas eu não precisava entender para sentir e me deliciar com cada segundo ao lado do cara que eu tinha orgulho de chamar de *meu namorado*.

Ele separou-se de mim com um suspiro longo, deixando nossos corpos e narizes encostados os suficiente para que nossas respirações se embolassem e meu coração continuasse a bater descompassado. Minha mão, em seu cabelo, estava ligeiramente suada, esperando que aquilo continuasse.

—Esse é o nosso primeiro natal juntos —Ele sussurrou, quase como uma confissão —Eu quero que tudo seja perfeito.

—Já está sendo —Eu sussurrei para ele, apertando-o contra mim —E ainda nem é natal.

Ele riu lindamente e eu encostei a cabeça em seu ombro. Ele ficou dando beijinhos o meu pescoço até que, em um movimento súbito, ele me largou e voltou a pegar a caixa com os meus presentes —que eu nem havia visto quando ele depositara na mesa da cozinha —e levou até o pé da árvore de natal, ajoelhando em frente a ela. Assisti-o enquanto tirava o excesso de proteção contra o frio de mim. Luvas e cachecol foram abandonados visto o poder do aquecedor. Erick também abandonara os dele em alguma das cadeiras da cozinha.

—Aluguei uns filmes para gente assistir —Ele disse, assim que achou que o presente estava bem posicionado e eu fingi que não vi que ele havia colocado um pequeno envelope em cima da grande caixa.

Eu caminhei até onde ele estava ajoelhado admirando a árvore e deixei que ele encostasse as costas nas minhas pernas enquanto eu enterrava minha mão em

seus cabelos e acariciava-o. Ele fechou os olhos, deliciado com o carinho e eu ajoelhei atrás dele, abraçando-o.

—Você sabe que não é assistir filme que eu quero de verdade —Eu murmurei em seu ouvido enquanto escorregava minha mão pela barriga dele.

Ouvi-o suspirar pesadamente, controlando-se das minhas provocações como ele havia aprendido a fazer, tão maravilhosamente nesse último mês. Eu havia insistido, provocado e me insinuado o mês inteiro e ele resistira, devolvendo as provocações, excitava a mim e a si mesmo, mas sabia a hora exata de parar antes que ele não conseguisse mais. Isso, é claro, não significava que eu podia parar, mas ele não se importava. Ele continuava com a ideia idiota de momento perfeito. Eu não queria um momento perfeito, eu só queria UM momento. Será que era tão difícil?

—Mari, nós já conversamos sobre isso... —Ele sussurrou, virando-se meio zangado para mim.

Eu sentei-me no chão em frente a ele, bastante irritada. Era hora de falar o que eu queria, meus medos, minhas inseguranças. Nós estávamos definitivamente sozinhos como há muito não ficávamos.

—Não, Erick —Eu disse, chateada —Eu ouvi o que você tinha para dizer, mas você não me escuta! —Eu esfreguei a mão no rosto, tentando manter a calma —Você não toca em mim há um mês, por mais que eu insista! Eu tô tentando entender... —Ele fez menção de falar, mas eu não permiti —É sério, eu ‘tô tentando entender! E você deveria ter entendido o porquê que eu estou tão ciumenta! É! Eu tô mesmo pensando que você está com aquela garota. Não importa! —Berrei ao vê-lo sacudir a cabeça veementemente —Eu não quero saber! Você... Está com nojo de mim ou algo assim? Por causa... Do bebê, do sangue ou qualquer outra coisa! Eu sei que não deve ter sido algo muito legal de se ver, mas eu...

Ele calou meu monólogo com um beijo. Meu coração disparou enquanto eu tentava me jogar para trás para fazer com que ele se deitasse em cima de mim. Eu consegui deitar-me no chão, mas ele encerrou o beijo antes que seu corpo encontrasse o meu. Ainda sentado, ele acariciou minha barriga e meus olhos marejaram —espero que ele não tenha visto —pela lembrança de tê-lo sentido acariciar minha barriga assim quando ainda havia um bebê ali. Ele logo parou para apenas acariciar minha cintura, talvez percebendo que aquilo havia mexido comigo negativamente. Ele curvou-se e me deu um selinho, puxando-me para que eu me sentasse com ele no chão.

—Vamos só assistir o filme, está bem? —Ele perguntou.

Ele começou a se levantar e eu me resignei. Puxei-o pelo braço para que ele voltasse a se sentar.

—Me explica, então, por que eu estou tomando anticoncepcionais? Sério, eles são horríveis, eu me sinto inchar com eles e eu to tomando e não servem para nada, sabe? —Eu soltei o ar, frustrada —Eu... Sinto falta.

Eu mordi o lábio vendo o sorriso arteiro que Erick carregava em seu rosto, Vi-o suspirar e se acalmar antes de começar a pensar no que iria me responder. Eu não sabia se o sorriso era bom, se o suspiro era ruim. para falar a verdade, eu não pensava direito com ele ali.

—Amor —Ele começou —Eu já falei que o seu ciúme é bobagem, não tem nada acontecendo, de verdade. Eu nunca faria isso com você. Muito menos nojo, que absurdo você pensar isso! —Ele riu e beijou-me os lábios —Você é uma boba e nada do que você está tomando é inútil. Eu só quero que você tenha paciência e assista a um filme comigo! —Ele pegou a minha mão carinhosamente, olhando-me nos olhos com um sorriso bobo. Como eu poderia me concentrar em qualquer outra coisa com ele me olhando assim? —Por favor —Ele implorou. —Eu não quero *machucar* você. —Ele sussurrou, quase para que eu não ouvisse.

Franzi a testa, tentando entender o que ele havia dito.

—Me machucar? —Perguntei —Por que você me machucaria?

Ele pareceu inseguro em responder aquilo, como se fosse uma questão que ele deixaria em branco na prova para não falar uma bobeira. Então ele abriu os braços e, sorrindo, eu me joguei no meio do abraço dele. Ele acariciou minhas costas por alguns longos segundos, os arrepios costumeiros me deixando ligeiramente sonolenta e, ao mesmo tempo, ligeiramente acordada demais. E quando eu achei que não teria mais minha resposta, ele começou a falar:

—Por tudo que já aconteceu com você —Ele sussurrou —Eu... Tenho medo de te fazer sofrer e depois do que aconteceu no último mês... —Nós dois nunca falávamos o que havia sido. A palavra 'aborto' havia sido banida dos nossos dicionários, ao menos quando nós dois falávamos um com o outro —Eu tenho medo de machucar você. —Ele acariciou meu rosto e encostou o nariz no meu, os olhos fechados com força como se ele estivesse sofrendo uma dor horrível — Foi muito... —Ele não conseguiu falar por um tempo e depois de muito vacilar, sussurrou um baixíssimo —*Sangue*.

Eu quase ri do medo dele. Ok, não era coisa para rir, mas eu achei bonitinho

que ele estivesse com medo *disso*. Depois eu me senti uma idiota por ter pensado em tantas coisas absurdas podendo pensar em algo mais provável e mais simples, o que realmente era.

Para o bem da minha sanidade mental, eu tinha a solução.

—Sabe quando eu comecei a tomar os anticoncepcionais? —Eu perguntei doce e calmamente. Ele concordou com a cabeça, levemente —Então, eu fiz um check-up total para ver se tinha algo errado... Como foi algo brusco e tudo mais. E estava tudo bem, tudo normal.

Eu esperei até que ele absorvesse a informação e foi totalmente visível quando ele mudou do inseguro sofredor para um brilho estonteante e avassalador nos olhos azuis, mais conhecido como 'estou te comendo com os meus olhos e pensando em coisas que é melhor fazer que dizer...'. Tentei não desmaiar. Tão controlado que ele havia estado o mês inteiro, eu não via aquilo há um bom tempo. Eu estava ficando enferrujada e sem jeito...

—Mesmo? —Ele perguntou, antes de morder o lábio.

E vendo que eu havia ganhado a batalha e a guerra, com um sorriso safado nos lábios, eu confirmei:

—Mesmo.

Com isso, ele se levantou e carregou-me nos braços até a cama dele enquanto nos beijávamos como não fazíamos há muito. Meus pelos na nuca se eriçaram todos ao toque dele quando, ao deitar-me na cama, suas mãos tiraram minha camiseta sem que eu nem notasse. E o fecho do sutiã se soltou em seguida enquanto eu me sentava em seu colo, impaciente em esperar que ele se deitasse sobre mim e nossos lábios voltassem a se encontrar.

Suas mãos passeavam em minhas costas nuas, ansiosas em encontrar meus seios, mas sem apressar nada ou me impedir de abraçá-lo com força para que, enfim, ele pudesse se aproveitar do meu pequeno vantajamento frontal.

Arranquei o casaco dele junto com a blusa, puxando-o com força e sem pestanejar, por cima de sua cabeça, afundando, logo em seguida, meu rosto em seu pescoço, mordiscando-o enquanto sentia a mão dele procurando desesperadamente como abria a minha calça. A falta de sanidade dele não o deixou perceber que eu estava usando cinto, então abrir o zíper não iria adiantar muito na empreitada.

Rindo das mãos totalmente sem jeito dele, mordi-lhe o lábio e abri tanto a minha calça quanto a dele, para felicidade da nação, mas, então, ele pareceu acordar de uma espécie de encantamento. De um momento para o outro, ele

pareceu desistir do 'vamos já com isso' para o 'vou te torturar'.

O tempo parecia não passar enquanto ele beijava cada canto do meu corpo, deixando-me num frenesi louco de excitação e espera, mas, na realidade, passaram-se quase duas horas de loucura e prazer.

Eu havia conseguido tirar-lhe toda a roupa e gemia toda vez que ele vinha beijar-me a boca e seu pênis roçava levemente entre minhas coxas, excitando-me mais ainda. Eu sentia minha vagina excessivamente molhada pelas horas de brincadeiras para lá de provocantes e, numa dessas vezes que ele decidiu me beijar, eu urrei alto demais.

Foi a gota d'água. Eu sentia que ele também não agüentaria muito tempo, mas sabia que ele não desistiria do 'especial' tão fácil, mas acho que duas horas pareceu de bom tamanho quando ele *rasgou* as laterais da minha calcinha, jogando o que sobrou dela para longe e me penetrou.

Eu, tão enlouquecida como estava, não demorei muito para chegar ao meu orgasmo, contorcendo-me e apertando-o em meus braços, gemendo mais alto do que deveria, mordendo-lhe a orelha enquanto trocávamos algumas palavras que nunca seriam ditas em público e que nós, provavelmente, teríamos vergonha de dizer se estivéssemos totalmente sãos, mas, como não estávamos, pareciam algo mais perto de juras de amor que de pornografia. Em meio a isso, eu atingi meu segundo orgasmo, coisa que nunca havia acontecido comigo e cravei minhas unhas de tal força em suas costas que pequenas marquinhos vermelhas e ligeiramente pegajosas surgiram do nada.

Meio molenga, aguardei até que ele urrasse de prazer extremo e caísse sobre mim. Já sonolenta e totalmente satisfeita —mais que nunca —, abracei-o com força, suspirando todo aquele cheiro de suor e prazer que impregnava o ambiente. Eu sentia mais que via, o sorriso dele, idêntico ao meu, tão satisfeito quanto eu com o que havíamos acabado de fazer.

Rolando comigo na cama, ele parou em uma posição que eu sabia que ele gostava e era altamente confortável para mim. E lá estava eu, a cabeça apoiada no peitoral dele, sorrindo idiotamente enquanto eu esticava-me para olhá-lo. Por um segundo, nossos olhos ao invés de se encontrar, bateram no rádio-relógio da cabeceira do lado onde Erick dormia —eu sabia porque o perfume dele estava mais forte ali que em qualquer lugar da casa inteira —e sorrimos idiotamente.

—Feliz natal —Erick sussurrou para mim, a voz rouca eriçando os pelinhos da minha nuca.

—Feliz natal —Eu disse e quase não reconheci minha voz. Pensei em sair

correndo e abrir os presentes, mas a sonolência e o cansaço não me permitiam. Então acabei pensando em uma outra coisa. —Ih, será que é pecado fazer *isso* no natal? —Perguntei.

Erick gargalhou e me derrubou na cama com uma travesseirada. Entre risadas e brincadeiras, acabei despertando o suficiente para correr dele — roubando a camisa dele —até a árvore de natal, para abrir os presentes.

Erick não foi rápido o suficiente para me parar antes que eu pudesse abrir o pequeno pacote que eu o havia visto colocando em cima da grande caixa dos presentes que meu pai deixara para mim. Chocada, eu encarei uma caixinha de veludo vermelho com o coração mais disparado do que deveria.

Ele derrapou ao meu lado, só então percebendo porquê eu havia parado de fazer estragos nos papeis de presente. Eu vi-o corar, lindamente, antes de tirar a caixinha da minha mão.

—Não era para ser assim, sabe? —Ele se desculpou.

Meio sem saber o que fazer, eu sussurrei um rouco:

—Como era para ser, então?

Ele corou mais ainda e eu quase sorri porque fazia tempo que eu não o via tão rosado assim se não pelo frio. Ele pegou a caixinha da minha mão e brincou de girá-la levemente de mão em mão enquanto pensava exatamente no que devia dizer.

—Não é... Casamento, eu quero dizer, nós somos novos e tal, mas eu achei que, bom, já que você está tão... Hum... Nervosa e ciumenta e já que eu também tenho lá minhas crises de ciúmes, achei que seria bom... Hum... A gente ter algo. —Ele abriu a caixinha, mostrando as duas alianças —são de prata, me explicaram que prata costuma ser de compromisso e ouro de casamento e eu não queria assustar você, mas a gente pode dizer que está noivo, sei lá, se você quiser.

Eu sabia que eu iria chorar se ele ficasse mais três segundos falando tão linda e fofamente, nervoso e inseguro sobre aquilo e, então, com os olhos marejados, eu joguei-me em cima dele com tanta vontade que ele caiu para trás e acabamos nos beijando deitados no chão da cozinha. Algum problema nisso? Nenhum, obrigada.

Depois de nossas alianças serem devidamente colocadas e da gente combinar de falar para todo mundo —principalmente pras pessoas que o outro tinha ciúmes —que nós éramos noivos e blábláblá, eu consegui fugir de novo para abrir a caixa, alegando que faltava muito pouco para a manhã de natal, já

que eram duas da manhã, eu já estava possibilitada de abrir meus presentes sem culpa.

Erick concordou apenas quando eu, puxando da minha mala, joguei-lhe o presente dele em seu colo. Quando eu ouvi o leve gemido dele, eu me lembrei que era ligeiramente pesado e que podia ter quebrado. Por sorte...

Alias, sorte fora o que havia me feito achar aquele presente perfeito. Eu não era boa em dar coisas materiais, até porque eu nunca havia tido dinheiro para isso, então eu preferia as sentimentais e eu fiquei muito feliz em vê-lo me abraçar, emocionado, com o presente. Era um porta-retrato com uma foto de uma das primeiras vezes que a gente havia saído junto, antes que nos falássemos realmente. Mas estávamos sentados lado a lado rindo de algo que Alan, sentado ao lado de Erick, falava para Jenna, que estava fora da foto, mas se podia ver a bolsa dela abandonada na mesa, em frente a Alan. Eu suspeitava que Erick já gostasse de mim naquela foto e, ao vê-lo tão feliz com ela, eu tive certeza. Meus olhos encheram-se de lágrimas enquanto ele me abraçava e eu limpei-as furtivamente quando ele se levantou contente, para colocar o porta-retrato ao lado do rádio-relógio.

Fingindo que nada havia acontecido, eu abri a caixa para encontrar os presentes que minha família havia deixado para mim. Kate, claro, havia me deixado um vale spa, anexado um aviso que ela havia se dado um e Lizzie havia ganhado um terceiro e que nós iríamos assim que as festas acabassem para nos livrarmos de toda a comida gostosa e indesejável que comeríamos. *Bom saber, poderei comer mais.* Jack havia me dado algo mais do meu estilo, algo que me emocionaria. Em um pequeno bilhete, ele me informou que aquele fora o livro que havia o feito escolher a carreira dele e que ele esperava que eu acabasse lendo e percebendo que, além de potencial, eu amava aquilo. Eu me apaixonei pelas orelhas e bordas amassadas do livro automaticamente. Tentei não chorar, mas Lizzie me pegou. Ela escreveu uma longa carta sobre o quanto ela desejara uma irmã mais velha quando ela via as amigas delas falando o quanto as delas eram legais e o quanto ele ficara feliz em descobrir que me tinha, tão bonita e inteligente, uma ótima irmã no pouco tempo que ela me tinha. E embrulhada carinhosamente dentro da carta, um cordão com um pingente com uma estrela escrito 'B. Sis', *Best Sister* (n/a: Melhor Irmã), como ela informara em uma nota no fim da carta.

Emocionada, chamei Erick para colocar o cordão em mim. Sorrindo, ele beijou-me o nariz e colocou o cordão em mim. Encarei a estrela por alguns segundos, tão chorosa por ter sido tão bem aceita por aquela linda menina loira

que eu detestava, antes, por estar em meu lugar. O mundo girava tão rápido que eu mal conseguia acompanhar as mudanças.

—Sou uma boba —Murmurei, ainda encarando o pingente.

Erick riu e beijou-me a bochecha.

—Não, você é linda.

Encostei-me nele e ele me abraçou. Ficamos assim até que ele resolveu que eu estava bocejando demais para admirar a árvore de natal e me arrastou para cama.

Image

Engraçado como o tempo parece andar mais rápido quando as coisas parecem razoavelmente bem. Ele simplesmente voou do natal até que eu me desse conta. Erick e eu estávamos melhores que nunca. Depois de mostrar que eu havia lido e relido todo o livro que papai me dera e convencê-lo legalmente que eu poderia e deveria dormir no Erick, eu tinha direito a uma noite de sexta ou a uma noite de sábado na casa dele. E a gente sempre conseguia cinemas durante a semana se Lizzie pudesse ir com a gente. Bom, ela somente 'ia'. Ela sumia depois de cinco ou dez minutos sem falar nada e a gente não reclamava. Provavelmente ela estava fazendo coisas muito parecidas com as que a gente fazia. Eu esperava que não. Ué, ela era minha irmãzinha, eu podia querê-la pequena e inocente para sempre, certo?

Felizmente, meus problemas normais de adolescentes não duravam muito. Alias, como ligar para eles com o tanto que eu já havia passado? Enfim, a líder de torcida, durante os primeiros meses, havia insistido com Erick, me perturbado e feito alvoroço por debaixo dos panos, mas chegou a um ponto que ela simplesmente desistiu de nós dois e das nossas lindas alianças de prata. Nunca mais tive problemas com os idiotas do futebol, eu realmente acho que Erick deu uma dura neles. Falando em futebol e Erick, ele venceu os últimos cinco jogos e eu tive o prazer de ganhar o 'beijo da vitória'. Nojentos, eu confesso, mas ainda assim eram bons. Jenna e Theo fixaram namoro. Erick me contou que ele não cortara relações com nenhuma das outras garotas que visitavam a mansão de tempos em tempos e que quando uma parava de aparecer, surgiam mais garotas. Ele só me contava isso quando eu o pressionava porque ele sabia que isso me deixava chateada. Afinal, era minha melhor amiga (ou ex —melhor amiga, tão difícil aceitar isso) de quem estávamos falando. Eu sei que eu havia avisado e tudo mais, mas eu sofria por ela estar tão cega a esse ponto.

Lizzie e Adrianny, eu imagino que as duas, por toque de Erick, tentavam ocupar o espaço que Jenna havia deixado. Elas eram boas nisso, mas não era a mesma coisa, sabe? Era como se sempre estivesse faltando um pedaço de mim

que talvez eu nunca mais recuperasse. E eu só tinha que superar mais aquilo, mais aquela ausência. Não era a primeira e não seria a última.

Fez dois anos que minha mãe se foi naquele período. Foi muito ruim para eu ter de me lembrar disso, mas, ao mesmo tempo, parecia necessário tirar todas as coisas dela do fundo das minhas coisas e olhar as fotos, as cartas... Eu fiquei insuportável por ao menos quinze dias, mas todo mundo pareceu ser compreensivo. Eu acho, realmente, que há uma rede de comunicação interna escondida entre todas as pessoas que falam comigo, provavelmente governada por Erick ou papai. Ou alguma coisa (a única coisa) que eles faziam juntos.

Alan me mandou uma carta no meado de fevereiro. A neve começava a derreter, o Erick estava começando a deixar o aquecedor da casa dele desligado, o que deixava o frio muito gostoso para ficar na cama sem fazer nada. É, sem fazer nada. Apenas conversando, era ótimo. A gente não precisava fazer coisas o tempo todo. A carta era muito sutil, falava que ele sentia muito pelo que havia dito para mim e que ele esperava que nós pudéssemos conversar quando ele voltasse para casa e ficássemos amigos de novo. E que ele sentia muito a minha falta e que haviam muitas pessoas que ele havia magoado que não mereciam e que agora que ele estava limpo, ele enxergava melhor as coisas.

Eu respondi a carta dizendo que eu o perdoava e que eu adoraria ter meu irmão de volta assim que ele pudesse. Então ele me mandou um e-mail (acho que ele finalmente se lembrou que é assim que as pessoas fazem hoje em dia) falando que ele seria um irmão melhor e nós passamos a conversar por e-mail diariamente, contando o que havíamos feito. Quando ele me contou que planejava ter uma conversa amorosa com uma das enfermeiras e me pediu ajuda sobre como falar com ela, eu suspirei aliviada. Eu estava com medo de estar criando falsas esperanças para ele, mas parecia mesmo que ele havia acordado do pesadelo em que ele mesmo se jogara.

Falando em pesadelo, eu perdi a conta de quantas vezes eu ouvi a palavra 'divórcio' durante aqueles meses. As coisas estavam indo de mal à pior e eu estava preocupada tanto com Jack quanto com Lizzie. Jack não dormia. Eu via nos olhos deles, fundos e inexpressivos. Passei a acordar mais cedo para sair com ele de manhã, todo dia, e tomar café na Starbucks mais próxima. Eu não sabia como ajudar e achei que isso seria bom.

Por outro lado, Lizzie estava ficando cada mais retraída. Embora ainda fôssemos muito próximas, ela começou a ficar cada vez menos espontânea e eu estava com medo de que aquilo fosse ficar cada vez mais entranhado nela. Ela

passava cada vez mais tempo trancada no quarto dela, salvo as vezes que ela saia comigo e com Erick e parecia uma irmã mais nova normal indo empatar a foda da irmã, mas que fugia para algum lugar com outro garoto. Mesmo assim, eu estava preocupada. As notas dela caíram ligeiramente e eu ouvia, às vezes, isso ser motivo de briga dos dois. Um culpando o outro por Lizzie estar piorando na escola e às vezes Kate culpava *a mim*. Eu sabia que ela não falava por mal, só porque estava com raiva, mas doía ouvi-la dizer que *a bastarda* não dava nem conta *disso*. Jack, normalmente, no dia seguinte a ela ter dito essas coisas alto demais —não eram freqüentes, mas não foram poucas vezes —começava a conversar sobre direito comigo no nosso café no dia seguinte e me mostrava o quão brilhante eu era. Ele estava realmente feliz a me ver querendo seguir a carreira dele e eu ficava feliz em ter finalmente me encontrado.

Mas nada da faculdade. Erick e eu mandamos nossas recomendações para todas as faculdades do Reino Unido, Estados Unidos e Austrália, mas, até o momento, não havíamos sido aceito em nenhuma 'juntos'. Erick recebera aprovações de Yale e Oxford. Eu fiquei com Cambrigde e Princeton. Começamos a pensar em ficar em faculdades que fossem próximas e comprar um apartamento entre elas. Na teoria era ótimo, mas ainda não havíamos desistido de escolher uma faculdade 'juntos'.

Naquela tarde do meio de maio, eu estava preparando um pedido à Harvard. Erick havia mandado o dele no dia anterior e me dera um esporro por ainda não ter mandado o meu, então eu estava me concentrando em fazê-lo no tempo que eu tinha livre antes que Lizzie viesse ter suas aulas.

—Mari? —Eu ouvi bem baixinho do quarto em frente ao meu —Você pode vir aqui um momento por favor?

Franzi as sobancelhas, abandonando minha carta sobre porque eu havia escolhido Harvard e saí de meu quarto.

Pela primeira vez desde que eu havia chegado àquela casa, a porta do quarto de Lizzie estava aberta e, pela primeira vez, eu estava sendo convidada a conhecer o quarto da minha irmã mais nova.

O quarto era cor de lavanda, mas não era isso que chamava a atenção. Haviam desenhos em todas as paredes, desenhos de vestidos, animais, pessoas. Desenhos perfeitos pintados nas paredes ou em papéis colados nas mesmas que prenderam minha atenção. Eu sorri ao encontrar meu próprio rosto sorrindo em dois ou mais desenhos, alguns com Erick, inclusive.

—Liz! —Eu exclamei, encantada com a quantidade e a qualidade dos

desenhos —Que... Lindos! Eles são ótimos!

Ela sorriu, ligeiramente encabulada e eu virei-me para olhá-la. Preferia não tê-lo feito.

Atrás dela, que estava sentada ao computador, havia um mural cheio de fotos e desenhos dela com um rosto conhecido. Alguém que eu gostaria que tomasse distância de qualquer um que estivesse a minha volta, principalmente das pessoas que eu amava. E lá estava ele, sorrindo, abraçado a minha irmã.

Eu abri a boca, chocada ao encarar as fotos. Lizzie pareceu não notar e eu não notei que ela havia levantado para fechar a porta até que eu ouvi o estampido. Abafou o som da briga que havia começado alguns segundos antes no quarto de Kate e Jack, mas eu ainda ouvia meu coração resignado batendo a toda e não conseguia tirar os olhos do mural.

Ela voltou e pegou algo em cima da cama que eu não pude ver o que era porque não tirava os olhos das fotos do mural, mas entendi que talvez tivesse sido deixado ali para que eu visse assim que eu entrasse no quarto.

Tentei não tremer encarando aquele rosto tão detestado, mas minhas mãos me traíram. Ele não podia estar com ela. Não podia.

—Olhe! —Ela chamou-me atenção para o que ela queria assim que percebeu que ainda não tinha —Eu desenhei para a sua formatura e mandei fazerem.

Eu precisei de todo o meu esforço e autocontrole para entender o que ela estava falando, mas foi extremamente fácil adorar o [vestido](#). Ele era todo de material leve e preto, mas havia uma faixa rosa claro que descia do ombro direito, caindo e circulando a cintura, dividindo os cachos que caíam até os pés em metade rosa e metade preta. Eu cheguei até a sorrir.

—É lindo, Liz —Eu disse.

Ela parecia decepcionada com a minha falta de animação. Ela olhou para o vestido, tentando achar algo fora do lugar ou ruim e o balançou para checar o movimento dele. Não tinha nada de errado, não com ele. Era perfeito.

—Minha mãe disse que vai te dar os sapatos —Ela tentou fisgar minha atenção, tentou provocar emoção em mim. Eu não conseguia —Ela mandou encomendar em Paris. Serão únicos.

Concordei com a cabeça e aceitei o vestido que ela estendeu para mim. Percebendo o quão fria e sem emoção eu estava sendo pelo meu nervosismo, tentei consertar dando-lhe um beijo na bochecha e um abraço; Ela parecer suspirar, aliviada que eu tivesse gostado. E tinha como não gostar?

—Obrigada —Eu sussurrei. Virei-me de costas para ele e voltei a encarar as fotos do mural. Tomando coragem o suficiente, perguntei: —Quem é o garoto das fotos?

Não sei porquê eu perguntei. Eu sabia a resposta. Aquele rosto povoava meus pesadelos desde que eu consegui montar o quebra-cabeça. E vê-lo naquelas fotos, sorrindo e, por vezes, beijando a minha irmã caçula me deixava enojada.

Desejei nunca ter entrado no quarto de Lizzie.

Ela, desconfortável com a conversa e com, talvez, meu comportamento ligeiramente estranho, sentou-se na cama e respirou fundo. Eu esperei, nervosa, rezando que a resposta não fosse a que eu imaginava.

—É o Matt —Ela me respondeu —A gente tá meio que namorando escondido há algum tempo. —Eu olhei para ela por um segundo e suas bochechas estavam coradas —Mas não conte para o papai! —Ela acrescentou, rapidamente —Achei que você o conhecia, ele disse que estuda na sua escola.

Evitando o olhar dela, virei-me para o outro lado e fechei os olhos com força, ouvindo o que eu mais temia. As imagens daquela noite voltaram a minha mente, tão claras que nem pareciam que estavam empoeiradas há tanto tempo. Por um momento, vi Lizzie nelas, de boa vontade e, inconscientemente, dei um passo para longe delas, enojada.

—Eu o conheço —Sussurrei —E você precisa terminar com ele.

Sei que deveria ter sido mais sutil, mas as palavras assustadas simplesmente saíram da minha boca sem o meu comando. Eu me arrependi de ter dito aquelas coisas na hora que eu as disse e voltei-me para ela a tempo de ver sua resignação.

Ela abriu a boca em choque e encarou-me como se eu fosse o pior ditador da face da Terra. Podia vê-la pensar em algo para dizer, algo para me acusar de estar destruindo o que a gente tinha construído nesse pouco tempo que havíamos descoberto ser irmãos e eu já estava criando meu pedido de desculpas quando ela falou, a voz ofendida e uma oitava mais alta, como se ela estivesse com a garganta apertada:

—Você está louca? Por que eu faria isso? —Ela estava magoada, eu conseguia sentir na voz dela —Depois de tudo que a gente passou...!

Depois de tudo que a gente passou. Foi repetido na minha mente e eu imaginei mil coisas, todas ruins. Eu esqueci do meu pedido de desculpas, esqueci que eu tinha que alertá-la sobre o que ele era, eu só conseguia ver... coisas ruins.

—Tu...do o quê? —Eu perguntei, gaguejando de medo.

De braços cruzados e tentando acompanhar a conversa sem começar a surtar, sentei-me na cama ao lado dela. Eu tinha que manter a calma, tinha que saber se ele havia encostado um dedo sequer nela. Se eu explodisse, ela não me contraria nada. Eu tinha que protegê-la.

—Do tempo que a gente ficou separado! —Ela exclamou. Fiz cara de quem não havia entendido nada e ela suspirou. —A gente se conheceu naquela festa de início de ano letivo que o Alan fez, conversamos e trocamos msns, mas ele teve que se mudar por causa de uma briga na escola. Nós conversamos muito tempo pelo msn, a gente já estava se gostando e, então, ele voltou por minha causa — Ela colocou o cabelo atrás da orelha, encabulada —E a gente tem saído, as vezes. —A voz dela abaixou uma oitava —Ele me chamou para formatura com ele. Acho... Que... Hm... A-gente-vai-ficar-junto.

Tive que controlar-me ao máximo para não vomitar ou ter alguma outra reação exagerada. Eu precisava sair dali, precisava pensar no que fazer, precisava achar uma maneira de afastar Lizzie de Matt, precisava... De Erick

—Liz, isso não pode acontecer —Eu murmurei.

—Por quê? —A pergunta saiu dela como se quase ela não tivesse pensado ou assimilado o que eu havia dito. Era apenas o reflexo de uma negação à algo que ela queria muito fazer. E ela não deveria querer.

—Ele... Ele não serve para você —Eu não consegui dizer nada sobre o que havia acontecido na noite que eles haviam se conhecido —Eu o conheço, confia em mim.

Ela levantou as sobrancelhas.

—Duvido que melhor que eu —Ela disse —Qual o problema? Você pode ser feliz com o Erick e eu não posso ser feliz com o Matt? Ele é ótimo para mim, achei que você ficaria feliz com isso!

—Não é isso, é que...

Ela não deixou que eu terminasse. Ela estava chateada demais comigo para que ouvisse qualquer outra palavra que eu dissesse.

—Me deixa sozinha, por favor —Ela pediu, extremamente chateada.

Contrariada, eu abracei meu vestido e saí calmamente do quarto. Calmamente? Só até a porta do meu quarto.

Ao entrar no meu território, eu corri de um lado para o outro, agarrando a primeira bolsa cheia de coisas que encontrei, calcei uma sandália qualquer e saí desesperada, escadas abaixo.

—Cherrie! —Eu chamei a arrumadeira. Ela apareceu rapidamente para me ver correndo em direção à porta —Diga ao meu pai que eu saí, estou indo com o motorista, se ele quiser me achar, estou com Erick.

Ela fez cara de quem não estava gostando. Ela levaria bronca, mas eu não me importava.

—Srta, hoje não é dia de sair com o Sr. Harvey.

—Emergência —Eu gritei antes de bater a porta de entrada atrás de mim. Corri até o carro e pedi que ele me levasse aonde Erick trabalhava. Eu sabia onde era, mas nunca havia ido até lá porque, bom, ele **trabalhava** lá.

É uma emergência. Eu repetia em minha cabeça, culpando-me por ir até o trabalho dele porque eu estava precisando dele. *É uma emergência.* Continuei repetindo, tomando coragem para entrar no imenso prédio espelhado que pertencia à família dele.

Respirei fundo e entrei na porta giratória, dirigindo-me decidida até o balcão de recepção.

—Boa tarde —Eu cumprimentei a garota da recepção —O Sr. Harvey, por favor?

Ela digitou alguma coisa no computador antes de olhar para mim.

—Ele está em reunião. —Ela disse —Quem deseja?

Por um momento, achei que eu deveria arrancar a cabeça dela. Ok, ciúmes.

—A noiva dele.

Ela pareceu prestar mais atenção em mim por alguns segundos.

—A Srta. Pode pegar o elevador e aguardá-lo na recepção do nono andar, se desejar.

Concordei com a cabeça e a vi mutilando-me com o olhar enquanto eu caminhava rapidamente para o elevador. Eu deveria ter desistido e voltado para casa, mas, não, eu continuava no meu mantra de 'É uma emergência'.

Cheguei ao nono andar e repassei às informações à recepcionista do andar. Ela pediu que eu aguardasse no sofá e eu a vi ligar para informar a minha chegada a mais alguém. Eu não queria ter que ficar parada sem ter o que fazer.

Foi automático, as lembranças vieram e elas se alternavam entre mim e Lizzie de uma forma assustadora. Quando Erick apareceu desnortado, cinco minutos depois, eu quase corri e joguei-me em seus braços.

—Você está tremendo, amor —Ele disse, enfim me abraçando —O que houve?

Eu apertei-o mais no meu abraço e comecei a chorar antes que eu percebesse. Eu não sabia que eu estava com vontade de chorar até abraçá-lo.

—É a Lizzie —Eu consegui dizer —Eu... —Não consegui dizer mais nada.

Ouvi vozes atrás dele e percebi que a reunião da diretoria havia se dispersado e estavam parabenizando Erick pelo sucesso do trimestre. Eu encolhi-me com medo de que me vissem chorar. Por sorte, Erick percebeu.

—Vem —Ele me chamou.

Puxou-me pelo caminho de onde os executivos saíram e abriu uma porta no meio do corredor para que eu entrasse. Entrei na sala, grande e espaçosa e sorri, tentando parar de chorar, entendendo onde eu estava.

—É a sua sala? —Eu perguntei.

Ele concordou com a cabeça, um sorriso leve brincando nos lábios, fechando a porta atrás de si. Ele pegou-me pela mão e puxou-me até a sua cadeira e sentou-se, puxando-me para sentar no colo dele. Aconcheguei-me em seu colo, abraçando-o enquanto ele me abraçava e passava os dedos em meu cabelo.

—Então? O que houve?

Encostei a cabeça em seu ombro e suspirei fundo.

—Sabe o namorado misterioso da Liz? —Eu perguntei. Ele concordou com a cabeça, aquilo já havia sido pauta de conversa nossa, mas, antes, achávamos divertido. Afinal, a gente havia começado com encontros escondidos também — Eu descobri quem é... Eu vi as fotos no quarto dela. É o Bennet, Erick, eu não sei o que fazer!

Eu quase caí com o pulo que Erick deu quando eu disse o que era.

—Você... Você tem certeza? —Ele questionou-me.

—Tenho! —Eu disse, tentando manter-me calma —Ela disse. Nós meio que brigamos por causa disso.

Ele abriu a boca para falar, mas o telefone tocou e ele mordeu o lábio.

—Tenho que atender —Ele sussurrou —Mas nós vamos conversar sobre isso.

Concordei com a cabeça e levantei-me de seu colo, indo me sentar em um sofá que tinha na parede oposta, de frente para mesa dele. Só então percebi que ele estava de roupa social e o quão lindo ele estava. Durante a ligação, que durou mais de quinze minutos, em alguns momentos, ele olhava e piscava para mim, que acabava comigo rindo e o adorando cada vez mais. Isso me distraiu o

suficiente.

Quando ele desligou o telefone, vi-o suspirar profundamente antes de se levantar e vir sentar ao meu lado, quase como se quisesse se acalmar o suficiente para me acalmar.

—Ok —Ele murmurou, abraçando-me —Conte-me exatamente como foi.

E eu comecei a contar tudo que havia acontecido, do vestido até a hora que Lizzie pediu que eu saísse do quarto. Erick concordava com a cabeça em alguns momentos enquanto suas mãos passeavam pelas minhas costas.

—Eu não quero ela com ele, Erick —Eu disse, assim que acabei a história —Não sei o que fazer.

Erick abriu a boca para falar algo, mas bateram na porta. Vou me lembrar que, mesmo em emergências, o trabalho dele é péssimo para resolver coisas. Mas foi bom ao menos vê-lo. Ele consegue acalmar-me só de estar perto.

—Entra —Ele disse.

Estremeci levemente ao ver Christopher Ward entrando na sala. Eu não guardava nenhuma boa lembrança dele. Fingi não perceber o sorriso que Erick abriu quando abraçou-me, tentando me fazer parar de tremer.

—Erick... —Ele disse. —Você não pode trazer garotas aqui. —Eu percebi que não era isso que ele tinha para dizer, mas mudou assim que seu olhar bateu em mim.

Eu corei terrivelmente e tentei encolher-me e esconder-me ao mesmo tempo que tentei me afastar de Erick para evitar que ele levasse uma bronca muito grande. Erick não permitiu que eu fizesse nenhuma das três coisas, então ficamos meio embolados.

—É um caso extra, senhor —Erick disse. —Sinto muito por isso, mas foi necessário.

O Senhor Ward meneou a cabeça e pareceu ponderar. Achei que Erick talvez tivesse que lhe contar o que estava acontecendo quando chegasse em casa.

—Certo. —Ele disse —Você está liberado.

E, sem cerimônias, saiu da sala. Erick levantou-se em um pulo e pegou o celular em cima da mesa, voltando até mim.

—Ele gosta de você, sabe? —Ele tentou me acalmar —Ele acha que você tem personalidade. —Não deu muito certo, eu ainda sentia que ele me detestava —Vamos.

Nós ficamos em silêncio até chegarmos ao carro. Erick pareceu se acalmar

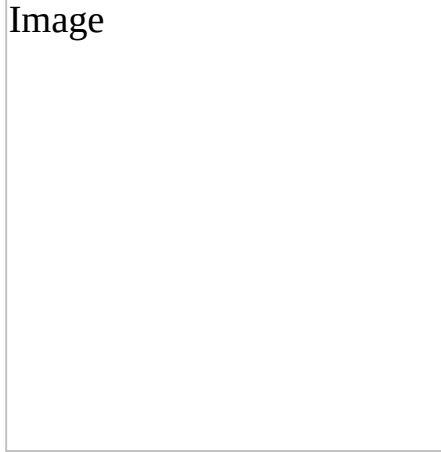
ao pegar no volante porque ele precisava fazer isso para não bater em ninguém.

—Eu não coloquei você em problemas não, coloquei? —Perguntei, assim que saímos do estacionamento da empresa.

Ele negou com a cabeça, um sorriso leve no rosto, mas ele não falou nada até estacionar na frente da minha casa.

—Escuta —Ele disse —Você tem que ficar perto dela, saber o que ela está fazendo, como ela está com ele. para impedir. Entende? —Ele perguntou. Eu concordei com a cabeça —Diga que uma amiga sua ficou com ele algum tempo atrás, mas peça para ela não contar para ele o que você disse. E as coisas com ela não foram muito bem, mas talvez terminem com ela. Peça desculpas. Você consegue fazer isso? —Concordei com a cabeça —Certo. Vamos entrar.

Image



Eu odiava ficar menstruada no fim de semana.

Meu espelho também não gostava nem um pouco porque depois de uma sexta-feira e metade de um sábado na casa de Erick sem sexo, porque eu achava um nojo fazer isso menstruada, significava várias marcas roxas de puxões, chupões e apertões fortes demais. Sem contar na frustração de resolver o problema de Erick sem resolver o meu próprio.

O que acontece é que nós resolvemos assistir a um filme que aos dez minutos ficou completamente desinteressante demais com os lábios dele em meu ouvido, contando algo que havia acontecido durante a semana que eu não consigo mais me lembrar o que era. Acabou com uma única peça entre nós — minha calcinha -, eu masturbando-o e muitas marcas roxas por causa disso.

Agora que eu havia chegado ao meu quarto e me encarava no **meu** espelho, eu via a marca enorme e roxa no meu pescoço. Eu imaginava, embora não estivesse com animação o suficiente para procurar, que tivesse marcas muito parecidas com aquela no meu seio esquerdo e em algum lugar da minha coxa, mas elas estavam devidamente escondidas. Agora eu tinha aquele pequeno problema do pescoço que eu precisava resolver.

Abri meu armário e empurrei os cabides até achar o que eu queria: Um lenço prático que iria esconder aquela mancha, se tudo desse certo.

Olhando-me no espelho, arrumei o lenço no pescoço e lachei o nó no lado da mancha e o empurrei para o outro lado, checando se o roxo estava bem escondido, não-satisfeita com o resultado.

Bufei. Erick, sim, ficaria satisfeito. Ele adorava quando aquelas marcas roxas apareciam magicamente no meu pescoço. Algo para mostrar ao mundo que eu tinha alguém. Ou melhor, que eu era dele.

Eu achava que eu usava aliança por causa disso.

Tentei estufar o lenço para que ele tampasse o roxo inteiro, esticando o pescoço para ver se aquilo funcionava. Nada dava jeito.

—Gelo costuma funcionar, sabe?

Virei-me, assustada ao ouvir a voz da minha linda e inocente irmãzinha falando coisas que eu preferia ignorar que ela soubesse, principalmente namorando o cara que ela namorava. Mas lá estava ela, encostada no encosto da minha porta, os braços cruzados e um sorriso inteligente e compreensivo no rosto.

Eu estava pisando em ovos com Lizzie. Ela, ainda namorando o Bennet, aceitou minha desculpa inventada por Erick, mas depois surtou quando eu disse que não haveria mais sessões de cinema porque eu deveria estudar, mesmo com Erick vindo até em casa para gastar o mesmo tempo que gastaríamos no cinema. Minha única intenção era mantê-la longe dele o quanto eu pudesse.

Claro, minhas medidas eram quase nulas. Eu havia impedido de uma maneira, mas eu sabia que ela ia encontrar com ele quando dizia que ia para casa da Nay ou quando dizia que tinha ficado até mais tarde na escola para terminar um dever. Ela era muito boa nas desculpas e quanto mais elas evoluíam, mais eu me preocupava e insistia nas conversas sobre o Matt.

Por Deus, ela sempre me afirmava que pretendia dormir com ele na formatura. Quero dizer, não que isso fosse bom porque ela aconteceria em duas semanas, mas porque ainda não havia acontecido. Mas ela evitava conversar comigo sobre o garoto porque ela sentia que eu sempre estava carregada de ironias quando conversávamos sobre ele. Era mais forte que eu.

—Não posso tirar isso antes do Erick ver —Eu murmurei, desistindo do espelho do armário e me jogando sentada na cadeira em frente à cabiceira para ver se o espelho dela me favorecia mais —Garotos são meio... Possessivos com as suas marcas. Não vai adiantar nada eu tirar se isso vai deixá-lo zangado e colocar outra de volta no lugar.

Lizzie estalou os lábios, como se estivesse pensando em algo. Eu, mesmo sendo reservada em determinados assuntos, tentava falar sobre tudo do meu relacionamento com Erick com ela. Porque ninguém sabia o que havia de acontecer muito em breve, quando ela me odiaria pelo resto da vida por separá-la de Matt, então eu queria ser uma boa irmã e deixar, ao menos, um pouco de experiência minha para ela, já que ela não conseguia conversar com a mãe sobre isso. E nem dava para tentar, com toda a gritaria de sempre.

—O Matt não liga —Ela sussurrou, incerta —Ele se preocupa se exagerou

ou se me assustou... É tão... Fofo.

Eu olhei para ela com um sorriso sádico no rosto. Eu já disse que era mais forte que eu? Eu simplesmente não conseguia ver o cara dos meus pesadelos sendo fofo com alguém e isso me assustava e deixava-me pensando horas se não deveria ligar para Hollywood e falar que tinha um novo ator britânico para eles colocarem para brilhar no Sol.

Pena que eu não sabia o telefone de Hollywood.

—Ah, isso é porque vocês estão no começo —Eu disse. —Isso começa quando ele começa a querer mostrar para todo mundo —Eu levantei a mão e posicionei meus dedos de forma que a aliança ficasse devidamente visível — Que você é dele. Ele ainda não cansou do "escondido", não? Erick cansou bem rápido. Ele queria andar por aí de mãos dadas comigo, queria que eu resolvesse tudo logo... Bom, se eu tivesse feito como ele queria... Você sabe.

Lizzie ignorou o final do meu discurso como todos à minha volta faziam quando eu começava a falar ou mencionar aquilo. Eu já estava acostumada ao arrependimento eterno, mas eles preferiam que aquilo não fosse lembrado para que eu não sofresse. Doce ilusão, aquilo iria me acompanhar para sempre.

—Um pouco —Ela confessou. —Mas ele prefere esperar mais um pouco porque... Bom... Por causa dos problemas.

Problemas. Traduzindo, isso significava que ele estava se cagando de medo de entrar pela porta da nossa casa como namorado de Lizzie e eu apontar para ele e falar 'FOI VOCÊ'.

—Bom, quando ele parar de se preocupar tanto com os problemas e começar a perceber que tem garotos demais olhando para você enquanto vocês brincam de amor escondido, essa história vai começar —Eu disse —E nada mais de gelo para você.

Ela riu.

—Talvez —Contemplou-me com a resposta —Mas não foi por isso que eu vim aqui. Tem uma surpresa para você lá embaixo.

Eu sorri de lado e pude imaginar Erick parado ao pé da escada com um grande buquê de rosas rosas e um sorriso imenso no rosto. Ele me arrastaria para algum lugar onde ninguém nos veria, desamarraria meu lenço e ficaria muito contente consigo mesmo pelo imenso roxo que encontraria ali.

—Uma surpresa, é? —Perguntei.

Eu podia vê-lo sorrir longamente e sussurrar frases sobre o quão contente ele estava por eu ser totalmente dele. Então nós nos beijaríamos e voltariamos a

conversar sobre nossas faculdades e sobre os resultados que ainda estavam para chegar. E nos beijaríamos e beijaríamos e beijaríamos... Até que meu pai reparasse em nosso desaparecimento e o expulsasse de casa.

Sorrindo, levantei-me da onde eu estava sentada e caminhei até a porta, estranhando o sorriso enviesado de Lizzie para mim.

—Você vai gostar —Ela me garantiu ao interpretar, erroneamente, o meu olhar esquisito para ela.

Eu só havia me assustado com o sorriso dela, mas, quando alcancei o alto da escada com Lizzie em meu encalço, eu não poderia ter ficado mais feliz, mesmo que a pessoa lá embaixo fosse Erick.

Eu encontrei outra pessoa. Uma pessoa que me esperava com um sorriso inseguro e as mãos dentro dos bolsos da calça. E com um sorriso imenso, eu vi, depois de muito tempo, meu amado irmão, Alan.

—Alan? —Eu arfei, totalmente pega desprevenida.

Ele deu de ombros e eu abri o maior sorriso do mundo, correndo escada abaixo e pulando em cima dele quando cheguei ao terceiro degrau. Alan não aguentou o impacto e nós dois caímos no chão com uma gargalhada uníssona e, para completar, Lizzie pulou em cima da gente, amassando Alan, embaixo de mim. Ele berrou e se sacudiu até que caíssemos e começamos a fazer cócegas em Lizzie.

O barulho chamou a atenção de Kate, que passou por ali tirando uma foto da bagunça que estávamos fazendo com o celular.

—Essa vai para lareira —Ela disse.

Isso significava que ficaria junto com a coleção de melhores fotos da família que ela mostrava para todos que cruzavam o portal da mansão.

—O quê? —Lizzie berrou.

Ela desvencilhava-se da gente e saiu correndo atrás da mãe, tentando convencê-la a apagar aquela foto e impedi-la de morrer de vergonha a cada visita. Eu poderia gritar que era uma missão impossível se eu conseguisse parar de rir.

Demorei mais de três minutos inteiros para recuperar o fôlego. Alan se recuperara bem mais rápido, mas começava a rir a cada nova crise de riso que eu tinha.

—Você... Voltou! —Eu exclamei, ainda um pouco sem fôlego.

Ele sorriu e deu de ombros, se levantando. Oferecendo a mão para ajudar-me a levantar também. Caminhamos, eu seguindo-o, até a sala e sentamos no sofá sem falarmos uma palavra.

—Acho que vou poder ficar —Ele sussurrou, inseguro —Mas, bom, eu vim para formatura.

Eu sorri longamente e joguei-me em cima dele para abraçá-lo mais uma vez. Dessa vez, não caímos, nem rimos. Ficamos apenas curtindo o abraço.

—Mas... Bom... Você está bem? —Eu não sabia como perguntar isso, então arrisquei uma pergunta indireta.

Ele sorriu, entendendo. Nosso abraço se desfez e ele segurou minha mão, apertando-a.

—Eu estou bem —Ele disse —Quero dizer, eu tô controlado, não tenho vontade de usar aquelas coisas de novo, mas eu tenho que tomar cuidado porque, bom, eu to bem agora, mas não sei se eu vou ficar bem se alguém tiver algo perto de mim, entende?

Concordei com a cabeça. Acho que deveria continuar vigiando Alan. O que não seria fácil, já que eu também tinha que vigiar Lizzie. Puxa, ser uma boa irmã dava trabalho demais!

—Entendo —Murmurei, sem saber o que fazer ou falar —Vou cuidar de você. —Prometi.

O silêncio se abateu sobre nós, fortalecido pelo tempo que havíamos ficado separados e a forma com que isso havia acontecido, mesmo já tendo sido feito o pedido de desculpas e de ter sido devidamente aceito.

Olhei para o nada, querendo falar mil coisas, mas incapaz de formar uma frase que fizesse tudo voltar ao normal ou resumisse tudo que havia acontecido em minha vida desde que havíamos nos separado.

Ouvi-o suspirar pesadamente, sentindo a tensão do momento com a mesma intensidade que eu. Sua mão soltou a minha e ele se remexeu desconfortavelmente no sofá.

—Eu queria —Ele sussurrou, totalmente sem jeito —Que você soubesse que eu... Aprendi a apreciar tudo que você fez por mim —Eu abri a boca para pará-lo, mas ele não permitiu —Não! Eu tenho que falar! Eu fui terrível com você e você sempre cuidando de mim! Eu sinto... Tanto! Não era eu!

—Eu sei —Eu sorri, docemente —Eu sabia que você ainda estava lá, em algum lugar. E eu não queria perder meu irmão pra... isso.

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente.

—Foi ótimo ter alguém lá —Ele disse, sorrindo.

E nos abraçamos pela terceira vez. Quem se importava?

Nosso momento de quebra-gelo foi interrompido abruptamente por uma das empregadas da mansão que, à porta, chamou-me. Com um meio sorriso de quem sabia do que se tratava, despedi-me ligeiramente de Alan, levantei-me e fui em direção ao hall, onde ela me chamava;

—O Senhor Harvey, Senhorita —Ela me comunicou —Ele se recusa a entrar.

Agradei-a e, com uma reverência, ela se retirou.

Bom, ao que me parece, Erick não quer perder tempo procurando um lugar longe dos olhos da minha família e havia decidido ficar nos sofás da entrada mesmo.

Abri a porta de supetão e lá estava Erick, espreguiçando-se no sofá, com um grande sorriso no rosto que se alargou ainda mais quando seus lindos e divinos olhos azuis pousaram-se em meu lenço no pescoço.

—Oi —Eu disse.

Sentei-me ao seu lado, pensando o quanto de tempo eu poderia gastar admirando domingos ao lado dele. Ele cumprimentou-me com um beijo carinhoso.

—Parece que eu fiz um estrago —Ele sorriu, sussurrando em meu ouvido.

Como eu havia imaginado, ele desamarrou meu lenço com cuidado e grudou seus lábios em meu pescoço sem cerimônia alguma. Mesmo tendo esperado isso a manhã inteira, eu ainda estremeci. Com uma risadinha abafada, ele mordiscou minha orelha e puxou-me para um abraço. Suspirei, aconchegando-me nos braços dele.

—Tá acabando —Eu sussurrei, depois de alguns segundos de silêncio.

Ele riu lindamente da minha aparente brusca mudança de assunto e de humor.

—E em alguns meses estaremos morando juntos e estudando em algum lugar —Nós ainda não havíamos decidido onde -, mas o mais importante é que estaremos juntos o tempo inteiro —Ele aproximou os lábios da minha orelha e sussurrou —Sem sermos controlados pelos horários estranhos do seu pai.

Gargalhei, jogando-me em cima dele e tentei —apenas tentei —tirar meu lenço da mão dele, mas ele o manteve afastado de mim o suficiente para que eu não lhe passasse a perna.

—Mal posso esperar! —Eu sussurrei, tentando ser encantadora.

Passei meus braços pelo seu pescoço, sorrindo, e pisquei meus olhos docemente. Erick riu da minha tentativa totalmente patética de fazer charme e deu-me um selinho de prêmio de consolação. Ao menos isso, não é?

Ele suspirou, o braço sobre o meu ombro e a mão posicionada em cima da minha coxa.

—Vamos matar aula amanhã? —Ele perguntou.

Eu franzi a sobrancelha, estranhando. Erick estava numa fase "vamos dar o bom exemplo para Liz" e não estava aprovando nenhum tipo de fuga. No máximo, se esconder do meu pai para dar uns beijinhos.

—Matar aula amanhã? —Eu reproduzi, ainda absorvendo a informação.

O ar pensativo dele se transformou em um sorriso sádico e safado. Inconscientemente, eu estremeci. É, acho que ele iria causar esse efeito em mim para sempre.

—É —ele confirmou que eu havia escutado perfeitamente bem, o sorriso brincando nos lábios —Não é amanhã que acaba o seu ciclo menstrual? —Ele perguntou.

A insinuação ficou no ar e, a princípio, eu encarei-o com a boca entreaberta, em choque. Depois, eu caí na gargalhada! Segundas, terceiras, quartas e quintas intenções! Esse era o meu namorado.

—Erick! —Eu berrei em meio aos risos. Dei-lhe um tapa no ombro e ele acabou rindo de mim, mais por causa das minhas gargalhadas que pelo assunto. Acabei nem ouvindo a porta ser aberta. Só percebi que Alan estava nos assistindo quando os risos e o olhar de Erick se perderam e, por fim, Alan pigarreou.

Eu não sabia como reagir. Eu nem ao menos imaginava que aquele encontro —ou reencontro, como minha memória tratou de lembrar-me que eles haviam sido melhores amigos —seria tão tenso. Eu esperei que os dois parassem de se encarar vergonhosamente, mas nada fizeram. Então achei que era minha hora de tentar fazer algo.

—Ahn... Erick! —Eu tentei atrair a atenção de ao menos um deles, mas Erick apenas balançou a cabeça, deixando que eu entendesse por mim mesma que ele estava me ouvindo. Tive que me contentar com isso —Esqueci de te falar que o Alan voltou.

Tentativa totalmente falha, eu sei. Mas foi o suficiente.

—Oi —Alan disse, timidamente.

E não disse mais nada. Eu já estava começando a pensar em levantar-me e fazer um remake de um musical quando Erick, finalmente, proclamou-se.

—Cara —Ele disse.

E levantou-se, abraçando Alan. E eu me senti uma estranha no planeta dos homens.

—Desculpa por ter sido um idiota, cara —Alan disse —Eu disse coisas horríveis para você e sobre você para Mari.

Erick deu tapas —que eu considerava fortes demais —no ombro de Alan.

—Deixa para lá, cara —Erick disse —Só não usa mais essas porcarias.

—É isso que eu tô tentando.

Eu funguei. Eu sei, era patético, mas eu chorei vendo os dois fazendo as pazes.

—Que lindo! —Eu disse, tentando justificar-me quando os dois olharam para mim.

É, eles riram demais da minha cara.

Dez minutos depois, gastados com os dois contando-me histórias sobre o ginásio deles, incluindo a terrível fase das espinhas de Erick, Jack deu uma passada rápida por nós três, parecendo muito contente por Alan estar sentado ao meu lado, achando que ele estava "nos vigiando".

—Alan —Eu chamei, após mais uma crise de risos —E a enfermeira?

Ele fez uma careta e sacudiu a cabeça enquanto Erick perguntava "Que enfermeira?" sem parar.

—Ela disse que é muito velha para mim —Ele continuou com a careta —Cinco anos, nem é grande coisa.

Pensei no que falar, sem saber. Por um momento, fiquei com medo que ele voltasse a nutrir o antigo sentimento que ele tinha por mim. Talvez fosse um medo tolo, mas eu o tive. Eu tinha medo de magoá-lo de novo.

—O problema é uma garota? —Erick perguntou. Eu nem entendi de que problema ele estava falando. —Pô, cara, eu te apresento um monte.

Eu olhei para Erick, perguntando-me de onde ele tirara um "monte" de garotas, o ciúme gritando na minha cabeça.

—Vocês querem que eu saia para vocês terem conversas de homem? —Eu perguntei, ironizando —Porque, se for preciso, eu saio.

Fingi não ver quando Erick revirou os olhos e quando Alan acenou para ele um "depois". Então Erick procurou, rapidamente, um novo assunto. Não um dos

mais agradáveis, eu admito.

—Você contou para ele da Liz? —Perguntou-me.

Eu não consegui nem abrir a boca para falar.

—A Lizzie? O que tem ela? —Alan desesperou-se.

Então contei tudo a ele e Erick fez o favor de contar a parte que eu não conseguia —falar sobre o estupro. Alan pareceu mais preocupado com o fato de Lizzie estar namorando de o fator "com quem".

—Alan, você não entendeu? —Eu perguntei, meio desesperada que ele não tivesse entendido o problema —Você não notou com quem ela está namorando?

Ele debochou da minha fala, fazendo um barulho esquisito com a boca.

—O Bennet? Eu duvido. Ele é pau mandado, não faz nada por si só —Ele revirou os olhos —Acho que Lizzie é mais perigosa para ele que ele para ela.

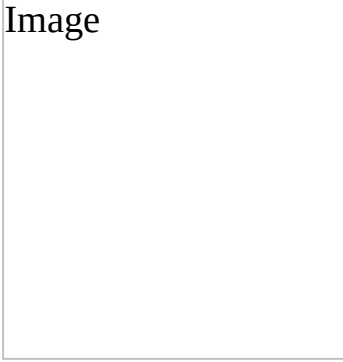
Eu encarei Erick de rabo de olho. Ele estava tamborilando os dedos da minha perna, impaciente.

—Alan —Erick chamou —Você vai querer arriscar uma segunda... coisa?

—Não —Alan respondeu sem pensar —Eu vou ajudar a vigiar os dois, mas não acho que seja por aí.

Talvez não fosse, mas foi bom ter o apoio dele.

Image



Eu estava tão nervosa para pegar o diploma que tropecei na minha própria beca em cima do palanque. Não foi legal, mas, de acordo com Lizzie, me dera um tom perfeito e adorável de vermelho nas bochechas, agora que eu estava pronta para o baile de formatura e para ver todas as pessoas que me viram cair.

Certo, eu não estava pronta para a segunda parte, mas minhas preocupações com o “mico” eram as menores nesse momento. Meu quarto estava o caos por causa de uma mudança de última hora para os Estados Unidos, em uma semana e meia. Acontece que Harvard foi a única universidade a aceitar eu e Erick juntos, e não é como se ela fosse a última opção de qualquer pessoa com um pouco de sanidade mental. A matrícula seria em duas semanas, e nós ainda tínhamos que arrumar a nossa casinha e tudo mais... Então iríamos um pouco mais cedo.

É, nós sabíamos que não iria dar tempo de arrumar tudo em meia semana, mas não custava ao menos “começar” a fazer o reconhecimento do território.

Jack tinha viajado a negócios aquela tarde, logo após a minha formatura, e levava Kate consigo para que eles ficassem sozinhos. Ele não desistia de tentar fazer aquilo funcionar de novo, e eu esperava que conseguisse. Não haviam ido muito longe; a reunião era duas horas dali e eles pretendiam só voltar pela manhã, mas isso me dera algumas dores de cabeça.

Primeiro, essa era a noite de Lizzie. Teria que vigiá-la atentamente para que não acontecesse nada grave, e eu estava realmente surtando com isso. Segundo, era a primeira festa de Alan depois da recuperação, e até o próprio estava nervoso com isso. Ele me fez jurar que eu não o deixaria fazer nada de errado, mas eu acho que metade do nervoso dele era por causa da líder de torcida que Erick apresentou a ele, e que ele estava saindo desde então. Todos nós achávamos que ela seria a rainha do baile, e Alan estava se sentindo muito sortudo, mas inseguro; e quando juntou com o ex-probleminha dele, mais nervoso ele ficou.

Erick emanava felicidade. Eu, às vezes, tinha apenas que rir dele. Ele parecia não ficar nervoso com nada, como se tudo estivesse muito certo e que fosse ficar assim. Ele estava convencido (e me convencendo) que tudo essa noite daria certo; que nada de ruim aconteceria com nenhum dos meus irmãos, e que eu deveria “desencanar” de estar tão nervosa.

Mas sabe qual era o problema do meu nervoso? É que a escola não favorecia muito a minha vida. Como os índices de casais indo para qualquer motel ou mirante à vista em bailes de formatura eram muito altos (principalmente na minha escola), eles alugavam um sítio mais afastado da cidade, que, além de ter mais de cinquenta quartos, ainda tinha pequenos chalés em todo o jardim para o conforto dos alunos e “despreocupação” dos pais. E os alunos, normalmente os meninos, reservavam (com uma certa quantia para ajudar nos projetos de arte do ano seguinte) um chalé ou um quarto com uma pessoa responsável por isso. Erick havia reservado um para gente, caso as coisas saíssem tranqüilas; e para Alan, que o agradecera longamente por isso, mas eu havia mexido alguns pauzinhos e descobrira que Matt reservara um chalé. Isso estava me deixando louca.

E, agora, lá estava eu, com uma flor amarrada ao pulso e os braços de Erick despreocupadamente sobre meus ombros. Sorria-lhe, nervosa, olhando meio desaprovadora para Alan, do outro lado do sofá da limusine, que meio que brincava com a garrafa de champagne, provavelmente intencionando bebê-la, o que, obviamente, seria uma péssima ideia. Ao lado dele e da líder de torcida estava Lizzie, meio inquieta e envergonhada, claramente nervosa, e um Matt totalmente sem jeito, sob os olhares completamente possessivos meus, de Erick e, de tempos em tempos, de Alan também.

Naquele momento, só desejei ter dito mais coisas à minha irmã; sobre como agir com um garoto, caso Matt realmente fosse um bom rapaz, como ele aparentava ser. Mas eu também pensava interminavelmente que ela poderia ter feito aulas de proteção pessoal com a Julia Roberts. Com certeza seria funcional; se ela soubesse se defender, ninguém encostaria um dedo nela se ela não quisesse. Infelizmente, essas coisas só me passaram na cabeça agora e eu não podia fazer mais nada a não ser correr por fora e rezar que tudo desse certo.

—Falta muito para chegar? —Sussurrei a Erick, impaciente.

Ele sorriu para mim e beijou-me na bochecha, provavelmente achando graça da minha aparente ansiosidade. Não estava ansiosa, só queria saber quanto mais de tempo teria para pensar no que fazer com todos eles. Eu tinha um

primeiro plano, e isso custaria muito da minha boa vontade.

—Acho que não —Ele respondeu-me —Mas eu sei tanto quanto você. — Fiz careta sobre isso —Mas posso te distrair, se você quiser.

Quando o olhei, ele estava com aquele sorriso de lado safado que eu tanto adorava. Dei risada, provavelmente voltando a corar, e joguei minhas costas sobre ele, fazendo o rir. Acabei por suspirar. Essa era a única coisa realmente certa que eu tinha na vida, e ele sempre me passava tanta segurança... Não sei o que teria sido sem , como teria lidado com tudo que aconteceu comigo.

Escola? Só serviu para que eu o conhecesse e fosse para *Harvard* com ele.

Erick escorregou o braço para a minha cintura e apertou-me contra ele, tentando me acalmar, depositando um beijo no meu pescoço.

—Nem pense nisso —Eu disse, zangada.

Mesmo com Erick me distraindo, percebi o momento exato em que Alan pareceu querer parar de brincar com a champagne e começar a tentar abri-la.

—É para Tina —Ele se justificou.

Arqueei a sobrancelha, não acreditando em nada do que ele dizia, mas concordei com a cabeça, vendo-o colocar a champagne para a líder de torcida e voltar a pôr a garrafa no balde de gelo com um olhar triste.

—Relaxa, linda —Erick sussurrou em meu ouvido. —Hoje é para se divertir, não se estressar!

Suspirei, realmente tentando relaxar. Erick ajudou-me, fazendo com que me sentisse confortável em seus braços, e tentando me fazer rir com coisas bobas ao pé do ouvido; mas, mesmo assim, quando senti que havíamos chegado à mansão, gelei. Ele reparou e começou a friccionar meus braços, com a intenção de me aquecer, assim que descemos da limusine. Eu estava vendo a hora que ele iria tirar o paletó e jogar pelos meus ombros, achando que eu estava com frio, mas não era bem isso.

—E se tudo der errado, Erick? —Sussurrei a ele, enquanto acompanhávamos mais atrás para que eu pudesse relaxar um pouco mais, tendo a visão perfeita de Alan e Lizzie até a entrada da mansão. Dali, podíamos ver os chalés mais perto da casa e eu não queria sequer pensar nisso agora.

Ele não me respondeu, mas o vi sorrir de lado, como se estivesse achando graça de toda a minha preocupação; então me beijou na bochecha e nós entramos na mansão.

Ok, decoração nula. Não entendi o que todas aquelas meninas haviam feito o ano todo planejando aquela festa, até que vi a pista de dança e a quantidade de

bebida alcoólica que havia ali. Céus, como deixaria Alan longe disso?

Eu teria que tomar uma atitude drástica.

—Bom, tenho que ir buscar as chaves dos chalés —Erick falou em meu ouvido, porque qualquer lugar longe disso seria inaudível. —Aguenta um pouco sem mim?

Concordei com a cabeça, então ele deu-me um selinho e se afastou. Respirei fundo, tomando coragem. Com uma última olhada à Lizzie e Matt, que haviam ocupado uma mesa um pouco afastada demais de Alan e Tina para o meu gosto, eu encarei.

Fingi que não percebi que os dois me olharam como se eu fosse um ET quando parei ao lado deles. Quando abri a boca, então...

—Alan, me empresta a Tina um momento?

Os vi entreolharem-se e Alan concordar com a cabeça levemente, enquanto Tina tentava esconder a careta que fazia.

—Tudo bem —Alan disse.

Quando ela, finalmente e impulsionada a isso por Alan, se levantou, o lancei um olhar e apontei com a cabeça para Lizzie; ele concordou, entendendo. Então entrei em um corredor que estava bem ao lado do sofá onde os dois estavam sentados, entrei no primeiro cômodo vazio que encontrei e aguardei até que ela entrasse e fechasse a porta atrás de si.

Apoiei minhas costas no armário de livros e cruzei os braços.

—Não gosto de você e sei que você não gosta de mim, mas acho que Alan está encantado por você, e eu respeito isso o suficiente para não me meter entre vocês dois. Espero que você esteja gostando dele e que não o magoe, porque se você magoá-lo... —Respirei fundo, vendo que estava fugindo do assunto.

Ela cruzou os braços igual a mim e fez uma cara de quem estava detestando tudo aquilo.

—Que bom que você sabe que eu não gosto de você, já me poupa o suficiente. —Ela disse —Mas gosto do seu irmão, ele parece ser um cara legal, diferente dos idiotas que conheci.

—Que provavelmente eram do time de futebol. Os conheço o suficientemente bem. —Engoli minha próxima frase. —Ótimo. Não sei se você sabe, mas o Alan saiu de uma reabilitação recentemente. Ele provavelmente não gostaria de falar isso para primeira garota que se interessa nos primeiros encontros. —Acrescentei quando vi a cara dela —Ele teve um problema sério com drogas no início do ano letivo e não conseguia parar. Mas não se sente

seguro, e estou preocupada, porque essa é a primeira festa dele, e eu queria... Bom, pedir ajuda para vigiá-lo.

Ela arqueou as sobrancelhas para mim e deu dois passos à frente, descruzando os braços e estendendo-me uma das mãos. Apertei-a, com um meio sorriso.

—Não deveria pedir, apenas me avisar.

Acenei com a cabeça, concordando.

—Por favor, não o deixe sozinho por muito tempo, e não o deixe beber demais... Se ele perder a consciência de que não pode usar drogas... Eu não sei se... Bom... Não acredito que vou sugerir isso, mas acho que, talvez, você pudesse levá-lo para o chalé mais cedo que o previsto... para tirá-lo de perto dessas coisas e tudo mais.

—Entendo. Acho que... Acho que vou levá-lo ao chalé antes mesmo. Eu... Não sabia dessas coisas, obrigado por me contar. Acho que o expus um pouco demais com a champagne, e ainda te achei uma megera quando brigou com ele para não tomar —Ela disse.

—De nada. Imaginei que você não soubesse disso... Ele tem vergonha de ter sido idiota e usado aquelas coisas... Mas precisa de ajuda e de muito cuidado hoje, e eu ainda tenho que cuidar da minha caçula.

Ela concordou com a cabeça e nós ficamos em silêncio por meio segundo, por não gostarmos uma da outra. Então, ela falou:

—Acho que devo voltar.

Concordei com a cabeça e ela acenou, saindo de perto.

Suspirei fundo, detestando-me por ter confiado essa tarefa à ela, mas ainda tinha Lizzie e, na minha cabeça, o caso dela era mais grave; não só porque eu não gostaria de me sentir culpada por ela repetir a minha história, tanto porque Alan tinha consciência de que ele não deveria fazer isso, e ela não.

Tomando coragem para voltar à festa, caminhei até a porta, que se abriu antes que eu encostasse.

—Estava procurando você —O sorriso de Erick me brindou a noite —Tina disse que você estaria aqui, eu achei estranho ela saber disso... —Ele reparou no meu sorriso de lado —O que você fez?

Passei os braços pela cintura dele, deixando-me esconder de tudo por alguns segundos. Ele, estranhando, colocou as mãos na minha nuca, acariciando meus cabelos com carinho e leveza.

—Eu pedi à Tina para cuidar de Alan —Sussurrei.

Ouvi a risada de Erick e, então, pegou meu rosto com as duas mãos, fazendo com que o encarasse. Ele sorria, e seus lábios capturaram os meus por alguns segundos, por segundos de menos do que eu gostaria, mas segundos demais do que me permitiria essa noite.

—Você se preocupa demais —Disse —Vai dar tudo certo, é só... Não deixar a Lizzie sair dos nossos olhos —Esfregou seu nariz no meu —Pronta para voltar? —Questionou-me.

—Não. —Confessei

Mas, com um suspiro cansado de antecipação, passei o braço pelo dele e o acompanhei de volta ao grande salão da mansão, onde a maior parte das pessoas com quem convivi nos últimos anos ainda estava.

—Relaxa —Ele pediu-me, mais uma vez, quando eu estremeci por estar em volta aquele lugar.

Erick soltou o meu braço e passou o dele pela minha cintura; seus lábios encostaram-se a algum lugar acima da minha orelha enquanto, pelo seu olhar, ele metralhava algum garoto, já bêbado, que me encarava torto.

—Relaxa —Repeti a ele, que me deu língua. —Ciumento —Eu disse, dando a volta nele e passando meus braços pelo seu pescoço.

Ele sorriu, aproveitando o momento para me exhibir, e beijou-me os lábios. Eu ri, encerrando o beijo e acenando com a cabeça negativamente. Erick parou um pouco com o ciúme depois disso, mesmo com o cara continuando a me encarar.

Sentamo-nos quase em frente a Matt e Lizzie, e eu fiquei olhando-os de rabo-de-olho, enquanto Erick reclamava que queria um pouco mais de atenção e beijava meu pescoço provocadoramente de tempos em tempo. Eu acabava empurrando-o e convencendo-o que tínhamos que ficar atentos à hora que Matt e Lizzie fossem sair. Ele se convencia por cinco minutos.

—Como estão suas malas? —Tentei distraí-lo.

—Não quero saber de malas —Fez bico e eu beijei-lhe os lábios, rindo —É, é disso que quero saber!

Eu também queria saber disso. A gente meio que estava sem fazer isso desde a nossa fuga no meio da semana depois do meu ciclo menstrual. Tudo ficou meio corrido... Não me espantava ele ter perdido um pouco o foco.

—Amor, a Lizzie —Sussurrei, assim que ele conseguiu, finalmente, distrair-me por alguns minutos.

Erick se afastou, encarando o nada e batucando os dedos na mesa.

—Certo. —Murmurou e, em um pulo, se levantou —Vou buscar bebidas para gente.

Concordei com a cabeça, não prestando muita atenção, para falar a verdade. Tive que sacudir-me para voltar à sanidade, e só então procurei o lugar que Lizzie estava sentada. Suspirei aliviada ao ver que Matt não estava por perto, mas sim Tina. Por um segundo, ela olhou para mim e piscou-me o olho. Entendi que ela queria realmente ajudar, mesmo não entendendo o que estava acontecendo. Perguntei-me onde Alan estava, mas achei que ele não deveria ter ido muito longe, porque as duas pareciam bem tranquilas. Entendendo que Lizzie também estava bem e que Tina, mesmo com o meu julgamento ruim, parecia uma boa pessoa e disposta a ajudar, resolvi deixar meu olhar vagar, para ver se encontrava qualquer um dos meninos perdidos.

Meu olhar acabou parando em uma menina que eu não via direito desde nossa briga. Jenna estava sentada a algumas mesas de distância de mim e parecia bem, apesar de estar olhando o relógio de instante em instante. Estava sozinha, o que me fez suspirar aliviada, embora eu soubesse que ele só deveria ter ido ao banheiro ou algo assim. Ela também vagava o olhar e, por um momento, nossos olhares se encontraram. Não sei dizer quem desviou o olhar primeiro.

Eu estava corando novamente, por ter sido pega em meu momento saudosos. Senti toda aquela falta que ela, sem dúvidas, fazia, pensando na minha iminente mudança para os Estados Unidos; talvez eu não tivesse outra oportunidade.

Fechei os olhos com força, inspirando coragem no ar. Deveria fazer isso antes de Erick chegar, ou me sabotaria. Com mais um suspiro de coragem, me levantei.

Foi um segundo tarde demais.

Um grito agudo de socorro chamou minha atenção, pela primeira vez naquela noite, às escadas e, no segundo seguinte, ao ter encarado-a, uma garota rolou abaixo, gritando coisas ininteligíveis e chorando alto até demais.

A semelhança foi assustadora, assim que a encarei. Sua roupa estava rasgada em pontos constrangedores e eu podia ver sua boca ensangüentada, além de diversas marcas no corpo. Ela devia ter a minha idade, e estava completamente assustada. Pelas roupas, mesmo rasgadas, via-se que ela não fazia parte dessa festa, mas eu não tinha ideia do que ela poderia estar fazendo ali.

Eu me via, acanhada e com o orgulho ferido, tão claramente que não pude

evitar fazer alguma coisa. A única a fazer alguma coisa, na verdade. Todos olhavam e nada faziam.

Caminhei com cuidado em sua direção e ajoelhei-me onde ela caiu, após rolar da escada. Não havia uma alma viva que não nos encarasse aquele momento. Estendi a mão para tocá-la e ela gemeu, se encolhendo antes mesmo que eu conseguisse terminar a minha ação.

—Calma —Lhe pedi —Eu não vou fazer nada com você —Sussurrei, tentando acalmá-la. Assim que ela permitiu que eu a ajeitasse em meu colo, berrei para a pessoa mais próxima: —Dá para ligar para a ambulância? —Felizmente, a reação foi instantânea; vi três celulares acendendo para efetuar a ligação. —O que aconteceu, querida?

Ela fungou e estremeceu em colo. Aguardei pacientemente até que ela se sentisse segura para me sussurrar secretamente o que lhe havia acontecido:

—Um garoto me obrigou a ir para um quarto... Ele tentou... Ele me bateu —Gemeu e voltou a chorar —Fugi.

Respirei fundo e agradeci a Deus por ela não ter tido a mesma experiência que eu, que ela havia conseguido fugir.

—Está tudo bem —Disse à ela.

—Não! —Ela balançou a cabeça, negando e chorando sem parar —Não! —Entoou ainda mais alto para reforçar. Se encolheu enquanto eu passava a mão por seus cabelos, tentando acalmá-la. Sua voz caiu absurdamente quando ela voltou a falar, os olhos verdes já vermelhos por causa do choro. —Ele me obrigou a... —Sua voz caiu ainda mais e seu rosto se contorceu tanto que achei que ela iria vomitar —Na boca.

Foi o suficiente para entender. Eu engoli meu próprio choro, entendo mais que ninguém a dor que ela sentia. Curvei-me sobre ela, com vergonha de dizer aquilo mais alto, mas com a necessidade de dividir para que ela tivesse mais força em sua própria dor, assim como Kate havia feito comigo, e sussurrei em seu ouvido.

—Vai ficar tudo bem —Confirmei —Eu passei por isso, mas não consegui fugir. —Sorri tristemente quando vi que ela arregalou os olhos, entendendo o que eu quis dizer —Acredite em mim, pode demorar, mas vai ficar tudo bem —Ela concordou com a cabeça, encolhendo-se —Você sabe quem fez isso com você? —Perguntei.

Ela negou com a cabeça, levemente.

—Ele estava usando algo, como uma meia, para esconder o rosto.

Concordei, voltando a sentar-me normalmente. Só então percebi que Erick encontrava-se ajoelhado ao meu lado. Eu não saberia dizer a quanto tempo.

—Onde você estava? —Rosnei para ele.

Ele arqueou as duas sobrancelhas, estranhando minha atitude, mas logo suavizou-se e sorriu de lado. Por três segundos, esqueci-me de que ele era Erick e só conseguia pensar que ele não estava sob meus olhos quando aconteceu isso com a garota, e isso o fazia um suspeito.

Eu sei. Insana. Totalmente insana.

—Fui buscar bebidas e vi Alan saindo de perto de Tina, então o segui por precaução. Aí a gente acabou conversando.

Alan estava três passos atrás dele e eu o encarei, vendo que ele concordava avidamente com a cabeça. Fechei os olhos com força e abaixei a cabeça, tentando fazer a sanidade voltar a mim. Senti a mão de Erick acariciando meu rosto levemente, tentando me ajudar, mas acabei afastando-o com certa urgência.

Havia uma terceira pessoa ausente naquele mesmo momento. Meu coração disparou quando olhei para o lugar que havia visto-o na última vez, confirmando minha teoria.

—Erick —Chamei-o, sem olhá-lo, minha voz mais calma do que deveria.
—Onde está Lizzie?

Image

Eu não conseguia nem respirar, mas, mesmo assim, ainda tive força de vontade para dizer à Tina para cuidar da garota antes de conseguir me levantar. Erick estava discutindo com o rapaz responsável pelas chaves do chalé, alguns passos mais distante da gente, e Alan estava meio sem saber o que fazer.

—Fique aqui —Lhe pedi —Ao menos até a ambulância chegar.

Ele concordou com a cabeça, e eu imaginei que ele estivesse feliz em ter ordens a seguir.

—Chalé seis —Erick chegou perto da gente, anunciando.

No mesmo momento, agarrou minha mão e puxou-me porta afora, respirando afobado em seu próprio nervosismo. Eu sabia que ele estava tentando arduamente não ser violento, mas também sabia que isso não ia durar muito mais.

Enquanto Erick me arrastava pelos jardins para os chalés mais baratos que ficavam na parte da frente da mansão e próximos a entrada de carros, as piores coisas do mundo passaram pela minha cabeça. A recente figura da garota na festa fez com que eu me recordasse claramente do por que deveria proteger Lizzie dela mesma. *Por mim, nós destruiríamos essa porta.* Foi meu primeiro pensamento assim que consegui visualizar a porta do chalé seis, mas essa não foi a minha primeira atitude, nem a de Erick.

As janelas estavam fechadas e o interior do aposento era ocultado por grossas cortinas de cor magenta, então, sem nem ao menos combinarmos, encostamos os ouvidos, eu na janela e Erick à porta, para ouvirmos o que se passava do lado de dentro. Não foi lá a melhor das ideias.

—*Dá para você ficar quieta?* —Ouvimos Matt dizer. Havia um certo quê de raiva em sua voz.

Engoli a seco, pensando no que poderia fazer. Invadir o quarto gritando ‘yaaaaaah!’ não parecia ser lá uma boa ideia. Eu deveria ter pensado nisso antes, planejado algo a se fazer caso acontecesse o pior, como estava acontecendo

nesse momento.

—*Está machucando, Matt!* —A voz de Lizzie, meio choramingada, chegou aos meus ouvidos, enchendo meus olhos de lágrimas —*Tira logo isso!*

Foi a gota d'água. Eu já estava à procura de alguma coisa para jogar contra a porta quando ouvi o estrondo de Erick destruindo a mesma com o próprio pé, antes de desaparecer totalmente como um furacão.

Quando entrei no quarto, Erick já isolara Matt, jogando-o contra a parede e segurando-o pelo colarinho, e Lizzie encontrava-se à cama, a face confusa, com a parte de cima do vestido caída à frente de seu corpo, mostrando o espartilho, que ela usava por baixo, tendo sido devidamente desapertado recentemente.

Corri até ela, envolvendo-a com meus braços por trás e protetoramente, de maneira que pudesse olhar para Erick e Matt com raiva pelos meus olhos chorosos.

—O quê? —Lizzie emituiu, confusa, aparentemente incapaz de dizer qualquer outra coisa.

Estranhei; ela não parecia magoada, machucada ou decepcionada. Sua face apenas refletia a mais pura confusão. Pensei que talvez ela não tivesse tido tempo para absorver a informação. Talvez ainda estivesse em choque. Então, para melhor compreensão, eu disse calmamente, mas em alto e bom som, a ela:

—Não vou deixá-lo machucar você como fez comigo, irmãzinha.

Só então percebi que devia haver algo terrivelmente errado.

Lizzie soltou mais um “quê?” confuso, e a feição de Matt ficou mais confusa ainda, enquanto ele olhava de mim para Erick repetidamente. Então, olhou para Lizzie por um longo segundo e seu rosto se encheu de compreensão, antes que ele voltasse a encarar Erick.

—Você me bateu porque me ouviu falando da Mari —Não foi uma pergunta. Erick nem se moveu (talvez tenha até apertado-o mais um pouco por ele ter me chamado pelo apelido). Matt voltou-se a Lizzie —Eu não sabia que ela era a sua irmã, descobri isso hoje no carro; e isso me deixou muito nervoso, porque entendi que tinha algo muito errado, mas eu esperava ter uma situação mais calma para poder entender isso. —Olhou para Erick, e acredito que nenhum de nós três (Erick, eu e Lizzie) entendíamos o que ele dizia —Eu não a machuquei, cara, eu juro —Havia total sinceridade em sua voz, mas eu continuei sob alerta —Será que você pode me soltar?

Lizzie sacudiu-se sob meus braços, concordando com isso também, então soltei-a, indo sentar-me sobre meus joelhos ao seu lado.

—Solte-o, Erick —Pedi. Ele rosnou algo, contrariado, mas o soltou —Vem, senta aqui —Chamei-o para sentar-se ao meu lado, mas ele recusou, sentando-se à minha frente, no chão ao pé da cama, uma posição altamente protetora, caso Matt tentasse investir contra qualquer uma de nós duas.

Passei a mão por seus cabelos, acariciando-o com o intuito de acalmá-lo, enquanto Matt, massageando o seu pescoço onde, segundos antes, a mão de Erick estivera a apertar, sentou-se no sofá à nossa frente, do outro lado da parede e respirou fundo.

Eu estava evitando arduamente olhar em seus olhos, mas ele procurava me encarar. Entendi que era comigo que ele queria falar, mas faltou-me coragem para escolher ficarmos sozinhos. Então ele olhou para Erick.

—Eu, naquele dia, estava repetindo coisas que ouvi. Não entendi o que eram, na época, qual era o real significado. Agora... —Ele suspirou e encarou-se. Seus olhos eram puros e verdadeiros. Tão ligeiramente inocentes que lembraram-me os de Lizzie —Cheguei a ouvir seus gritos —Me disse e, instantaneamente, senti as lágrimas rolarem —Eu havia sido pago para ficar à porta e garantir que ninguém entrasse —Erick se levantou em um pulo, as mãos fechadas em punhos, fazendo com que Matt se encolhesse um pouco -, mas não consegui ficar lá, não com os gritos. Então, saí. Foi aí que conheci a Liz. Nunca liguei que você fosse a irmã estuprada dela, até porque, quando recebi o dinheiro, ele me disse que era apenas para garantir a privacidade de um casal de namorados... E era isso que vocês eram na época.

No segundo que demorei para assimilar a informação, perdi o chão, e todo e qualquer vestígio de sanidade que ainda pudesse ter. Não conseguia ver nada por trás das minhas lágrimas, então comecei a tremer enquanto os flashes mais inconvenientes passavam-se pela minha cabeça.

'Deita na porra dessa cama' A voz era tão reconhecível quanto repulsiva.

'Que delícia. Vira de costas, gatinha'.

A voz sempre me parecera tão familiar... Como eu fora incapaz de ver? Tão cega a cair em seus braços, em acreditar ainda mais nele.

—Delícia... —A voz veio doce e com malícia, não sabia se estava tendo um pesadelo ou se estava acordada mesmo. —Princesa, acorda! —Theo me acordou. Talvez eu estivesse mesmo tendo um pesadelo.

Eu podia ter visto, podia ter enxergado. Tinha tudo para saber, para ter certeza. Sempre estivera ali, em algum lugar, esperando para que eu puxasse e simplesmente soubesse. Perdi tanto por tão pouco...

Matt? Busquei na memória. Matt, Matt Bennet. Um garoto que parecia ser um ano mais novo que nós dois, e parecia receber dinheiro de Theo para fazer algumas tarefas, às vezes, quando ele não as pedia a Erick, porque o detestava. Garoto com quem Erick havia brigado, e motivo de Erick não estar mais no time de futebol da escola.

Matt. Eu poderia ter pensado nele antes, poderia ter ligado ele à história antes, sempre soubera que ele fazia coisas para o Theo. Deveria ter tido coragem de conversar com ele antes, de perguntar se fora ele ou não. Mas preferi me enganar. Enganar-me como eu havia feito todo tempo que estive com *ele*, mesmo sabendo que ele não prestava e que havia feito isso comigo, continuava a me enganar e achá-lo perfeito. Tão iludida pelo poder e o dinheiro que sua posição poderia me oferecer... Até Erick surgir na minha vida.

Sempre mesquinha.

Meus olhos se fecharam com ainda mais força, as lágrimas caindo como cascatas pelo meu rosto. Eu fora tão cega...

Quando voltei a mim, tudo parecia meio fora de lugar. Até o presente momento, eu não havia percebido que estava gritando o tempo inteiro. Só então senti a dor imensa em meu peito e não sabia o que ela era, até que percebi que era uma mistura de ódio com vontade de fazer justiça, de ter aquilo decretado, de ver aquela pessoa que tanto me fizera mal atrás das grades.

Parei de gritar, tentando respirar e gemendo de sofrimentos. Só então percebi que Lizzie e Alan me rodeavam, tentando me acalmar. Tina estava à porta, sem conseguir pensar no que fazer; Erick e Matt estavam parados no mesmo lugar, parecendo estarem em uma conversa silenciosa que os dois se entendiam.

Eu estava deitada no colo de Alan e ele passava as mãos pelo meu cabelo desesperadamente, enquanto Lizzie apertava minhas mãos e tentava fazer fricção para me aquecer, uma tentativa inútil de fazer com que eu parasse de tremer.

—Calma —Alan murmurava, quase tão nervoso quanto eu. Ele olhava para Erick, quase ansioso que ele pudesse vir ajudá-lo, porque era certeza que Erick conseguia me acalmar rapidamente —Por favor, calma! O que eu posso fazer?

Tenho quase certeza que ele perguntou isso a si próprio, mas engoli a seco e tentei acalmar-me o suficiente para conseguir responder.

—Pa...Pai —Murmurei.

Não sei por que chamei meu pai. Talvez fosse um desejo inconsciente de ter alguém que soubesse o que fazer, já que Erick não fazia. Talvez fosse porque ele

era meu *pai* e eu sentia isso. Talvez eu só precisasse dele comigo.

—Alguém liga para o papai? —Alan pediu.

Lizzie não se mexeu. Erick e Matt continuavam parados.

—Eu ligo —Ouvi Tina dizer. Ela caminhou até nós três, embolados na cama, e pegou o celular de Alan, saindo do chalé já com ele no ouvido, falando, eu imaginava, com meu pai.

Minha atenção voltou-se ao meu interior e eu não podia deixar isso acontecer, então encarei Erick de costas para mim. Não entendia o porquê de ele não estar comigo, mas suas mãos, fechadas em punho, me davam uma ligeira noção. Mas eu o queria; queria esquecer e sabia que só Erick conseguiria fazer isso.

—Erick —Sussurrei. Em reflexo, ele olhou para mim, os olhos ardendo em brasas de fúria. Mas quando eles encontraram os meus, vendo meu sofrimento, se amenizaram. Ele chegou a dar um passo em minha direção, antes de seus olhos arderem ainda em mais raiva e ele virar as costas para mim, correndo para fora da porta —Erick! —Gritei. Em reflexo, levantei-me correndo atrás dele, antes que qualquer um deles pudessem parar para me interceptar.

Corri por todo o gramado de volta a mansão e, embora Erick não estivesse correndo, eu não consegui alcançá-lo, mas cheguei a tempo de ouvi-lo bater na mesa de Jenna.

—Onde está o merda do seu namorado? —Ele gritou.

Jenna nem ao menos levantou o olhar para olhá-lo. Ela continuou distraída, lendo o folheto com o nome de todos os formandos.

—Olá para você também, Harvey.

—ONDE ELE ESTÁ? —Erick berrou.

Ela levantou os olhos para Erick e olhou por alguns segundos para mim, que ainda tentava me aproximar dos dois.

—O quê...? —Ela se perguntou, incapaz de entender o que estava acontecendo. Então respirou fundo —Essa é uma coisa que eu realmente gostaria de saber. Ele sumiu há quase uma hora.

Voltou a olhar para mim, quando eu finalmente consegui chegar a uma distância mínima dos dois para que eles ouvissem minha voz fraca.

—Erick —Chamei.

Virou-se para mim e eu apertei sua mão, puxando-me até ele. Passei meus braços pela sua cintura e o deixei me abraçar, tentando não voltar a chorar. Ele

beijou o topo da minha cabeça, mas estava completamente avoado.

—Chalé vinte e quatro —Ouvimos alguém dizer. Ao virar-me, vi o rapaz responsável pelas chaves do chalé. Parecia que qualquer coisa que Erick tivesse dito a ele antes havia feito resultado —Ele veio buscar a chave comigo há uns trinta minutos.

Pelos meus cálculos, logo após a garota cair da escada.

Erick concordou com a cabeça e começou a puxar-me para os fundos da mansão. Lancei um último olhar à Jenna, que parecia extremamente confusa. Ela não nos seguiu, mas vi quando ela interceptou Alan e Lizzie para entender o que se passava, antes de sairmos por trás.

—É perto do nosso chalé —Erick me disse. Ele parecia bem controlado, mas eu estava achando que era somente comigo. Mexeu no bolso de trás da calça e tirou a chave, entregando-me —Você pode ir direto para lá.

Parei de olhar, encarando o chaveiro de madeira com um grande vinte e dois pintado em preto, destacado. Erick disparou na frente, evitando que eu visse Theo, mas algo estava errado. Erick ia se descontrolar.

Um último flash passou pela minha cabeça antes que eu corresse atrás dele, para evitar que fizesse uma besteira.

A voz de Erick veio à minha mente, ecoando entre meus ouvidos.

—O que houve? —A voz do garoto parecia alterada. —O que você fez com ela, seu imbecil?

E o resto daquela tarde chegou-me toda de uma vez, fazendo com que me perdesse em minhas próprias memórias.

—Tudo bem, quero propor uma coisa a você, mas só se... Bom, se você se sentir confortável com isso, se você realmente quiser...

—Me propor?

—Bom, é que... Hm... Você não teve uma experiência muito boa, quero dizer, não quero que você lembre disso. Bom... E se... hm... você se esquecesse, sabe, do que aconteceu... E, bom, a gente podia... Eu juro que só se você quiser, juro que vou com calma e... Bom, você podia se lembrar de algo melhor, quero dizer, acho que posso te ajudar com isso e... bom, acho que é isso. Você... Hm... Quer?

Ele se arrependeu.

Erick iria matá-lo.

Quase larguei a chave do chalé no chão quando dei por mim no que Erick

iria fazer, mas a segurei e corri. Quando achei o chalé vinte e quatro, a porta já estava aberta. Ative-me alguns segundos, parada ali, com medo do que poderia encontrar. Eu ouvia os urros de Erick e de Theo, e isso me assustava.

Entrei quase tomando cuidado demais. Para minha surpresa, havia uma garota à cama, assustada e aliviada. Perguntei-me se isso era normal, se ele fazia aquilo com frequência, se eu não fora a primeira...

Então meu olhar caiu sobre Erick, esmurrando Theo ao pé da cama, ao acompanhar o olhar na garota. Meu coração parou de bater por alguns segundos, até que eu absorvesse a informação.

—Não! —Berrei. Corri até Erick e abracei-o pela cintura, tentando puxá-lo para longe de Theo —Não, por favor! Não vale a pena!

Comecei a chorar de nervoso, vendo que ele não me obedecia. E foram exatamente os meus lamentos que o fizeram parar. Mas ele simplesmente parou, não se mexeu. Então dei a volta e o abracei com força, sem conseguir parar de chorar. Ele me abraçou de volta apenas com os braços, mas eu não senti suas mãos em minhas costas. Seus lábios vieram ao topo da minha cabeça e eu suspirei, aliviada. Abri os olhos e, por alguns segundos, olhei para Theo, ensanguentado e cuspidando um dente, e entendi porque Erick não usava as mãos.

—Vem, vamos sair daqui —Ele sussurrou para mim, deixando apenas um braço sobre a minha cintura.

Soltei-me dele. Não entendi por que fiz isso, mas parei com meus pés quase tocando Theo, olhando com uma mistura de dó e raiva.

—Por quê? —Lhe perguntei. —Por que comigo?

Ele deu-me um sorriso sarcástico, faltando-lhe dois dentes.

—Você não queria abrir as pernas para mim —Soltou, parecendo feliz consigo mesmo —Eu estava ficando cansado de esperar, e queria torturar o Harvey com isso, mas você toda certinha, mimimi, não estou pronta. Fiz a força mesmo, que mal há nisso?

Pisquei, tentando entender como uma pessoa poderia ser tão cega, tão naturalmente má.

—Que mal há nisso... —Repeti, chocada.

—Mas, afinal —Ele continuou, como se eu não tivesse interrompido —Não adiantou de nada, não é? Vocês, dois merdas, acabaram juntos. Nunca entendi o que ele viu em você, para falar a verdade. Você nunca foi grande coisa. Nem na cama.

—Ora, seu... —Erick avançou contra ele outra vez e, mesmo segurando seu

braço, não consegui impedi-lo de voltar a socá-lo.

Alan, Lizzie e Jenna finalmente chegaram à porta, quando eu consegui puxar Erick de novo para longe de Theo. Aquilo ia demorar a sarar, mas eu não conseguia sentir pena. Não era possível sentir pena. Entreguei a chave do nosso chalé na mão de Erick.

—Quero sair daqui. —Sussurrei.

No segundo seguinte, minhas pernas falharam, mas Erick pegou-me no ar e me carregou para fora do quarto.

—Polícia —Ele rosnou para os três.

Ainda vi quando Alan entrou no quarto e ajudou a garota a se levantar e sair dali, pegando a chave do chalé e trancando Theo lá dentro assim que Matt os alcançou. Aí eu não vi mais nada, porque entramos no nosso chalé.

Erick depositou-me com suavidade em cima da cama e beijou-me os lábios calmamente.

—Você... —Comecei, mas ele pôs o dedo sob meus lábios, impedindo-me de continuar.

—Shiii! —Ele soou. —Fica quietinha que você está fraquinha, ok? —Me pediu. Concordei com a cabeça —Você comeu algo na festa? —Perguntou-me. Neguei com a cabeça —Eu já volto.

Ele sumiu pela porta do banheiro do chalé para, pelo que eu pude perceber, lavar as mãos ligeiramente sujas de sangue. Voltou, segundos depois, com um pano molhado, que passou cuidadosamente onde suas mãos sujaram minha pele quando me carregou.

Lizzie chegou à porta e eu pude vê-la por baixo dos braços de Erick, enquanto ele tentava limpar a mancha de sangue do meu braço. Sorri para ela e vendo-a sorrir-me de volta, entrando no quarto cuidadosamente, como se estivesse com medo de Erick.

Isso não me surpreendia.

—Está tudo bem? —Perguntou.

Erick virou-se abruptamente para ela, só então percebendo sua presença, e seu movimento rápido e sem aviso a assustou um pouco. Acho que ela só estava assustada por ter visto o estrago que ele fizera em Theo. Ou por causa de suas mãos, recentemente limpas, sujas de sangue.

—Está —Erick respondeu, voltando a olhar para mim, ajoelhando-se ao meu lado, ao pé da cama para acariciar meus cabelos, acalentando-me —Só está

fraca, foram coisas demais para ela. —Disse e voltou a olhar para Lizzie —E está sem comer. Você pode pegar algo, por favor?

—Não estou com fome —Reclamei

Nenhum dos dois pareceu sequer me ouvir.

—Claro —Respondeu, virando-se para voltar de onde viera, mas se ateve a porta, voltando-se para mim —Ah! —Disse, como se tivesse acabado de se lembrar de algo —Papai ligou faz cinco minutos. Ele conseguiu um helicóptero e já está a caminho. Deve chegar em uns quinze minutos. —Sorriu largamente e voltou-se à sua tarefa de me arrumar comida, da qual eu não desejava.

Erick suspirou aliviado, como se a presença do meu pai fosse alguma solução para minha dor. Eu nunca encontraria uma solução para minha dor.

—Ele acabou com a minha vida —Eu murmurei, um pouco depois, fechando os olhos com força.

—Não diz isso —Ele sussurrou.

Seu nariz encontrou o meu e eu senti suas lágrimas se misturando com as minhas em meu travesseiro. Eu entendia. Além de tudo, por mais que eles se odiassem, Erick era irmão de Theo, e sentia (mas negaria até a morte) pelo que havia tido que fazer; quero dizer, na cabeça dele, ele tinha a necessidade ou a missão de espancá-lo como havia feito. E sentia pelo futuro que o garoto teria, embora fosse incapaz de sequer pensar em contradizer isso.

Eu entendia. Era o seu sangue, e sangue sempre gritava em nossos ouvidos.

—Mas é verdade —Murmurei —Ele tentou me tirar você, tirou minha virgindade e matou meu bebê —Funguei, sentindo, tanto o fluxo das minhas lágrimas quanto o fluxo das dele, aumentar consideravelmente —Você sabia que, se eu não tivesse perdido o bebê, ele estaria nascendo?... E teria um nome agora.

Ouvi Erick respirar pesadamente. Então senti suas mãos em meu queixo.

—Olha para mim —Ele pediu. Eu abri os olhos, olhando-o. Espantei-me com o quanto seus olhos azuis estavam mais azuis, límpidos e brilhantes por causa das lágrimas. Automática e instintivamente, levei minha mão às bolsas embaixo de seus olhos, secando suas lágrimas. Ele capturou-a, beijando-a levemente e a impedindo de terminar seu trabalho.

—Eu estou aqui —Sussurrou —Você me tem, e nós podemos ter quantos bebês você quiser —Beijou-me nos lábios, leve e rapidamente —E nós fizemos amor tantas vezes, todas maravilhosas, por que essa, essa primeira, tem que ser a que mais importa?

As lágrimas, as minhas, caíram com mais vontade e força, minha cabeça

finalmente voltando a entender como eu podia ser feliz mesmo com tanta coisa ruim em minha vida.

—Ah, Erick! —Choraminguei, antes de me jogar, com os braços envolvendo seu pescoço, em cima dele.

Eu podia senti-lo sorrir por entre meus cabelos, depositando leves e doces beijos em meu pescoço. Suas mãos desembaraçavam meus fios, acariciavam minha nuca e dedilhavam, de leve, minhas costas de tempos em tempos. Ele sussurrava palavras doces e de consolo em meu ouvido para que eu parasse de chorar e, mesmo quando eu parei, ele não se conformou e continuou dizendo-me o quanto me amava.

Quando a porta finalmente voltou a se abrir com um estrondo, e meu pai e Kate entraram irrompendo por ela, totalmente preocupados, trazendo todo o resto de pessoas, Matt, Lizzie, Tina, Alan e uma tímida Jenna junto com eles, além da minha comida, eu já estava me sentindo bem comigo mesma, apenas indisposta.

—Oh, querida —Kate empurrou Erick para o lado e abraçou-me com força.

Foi estranho, porque foi inesperado. Tudo bem ela me abraçar, mas ela abraçou-me como uma mãe abraça uma filha e fazia muito, muito tempo que eu não sentia um abraço de mãe; isso significou muito para mim.

Jack empurrou-a levemente e passou os braços por mim, sentando-se na cama e acalentando-me em seus braços. Fechei meus olhos com força e senti-me com cinco anos de idade novamente.

—Você está bem? —Perguntou-me. Concordei com a cabeça, e ele passou os dedos pelos meus cabelos —Ele vai pagar pelo que fez com você e com as outras garotas, tenha certeza disso.

Concordei com a cabeça e abri os olhos, focando Lizzie, sentada na cama com uma bandeja de salgadinhos posicionada sobre o colo, esperando o momento certo de me entregar. Respirei fundo, somente agora reparando que ela estava com o vestido de volta no lugar.

—Desculpe por ter feito você perder sua noite —Murmurei a ela. Lizzie corou e concordou com a cabeça, tentando evitar os olhares que Jack e Kate lançaram a ela. Eu devia me desculpar por isso também, mas achei que não era a ocasião certa para isso. Então olhei para Matt —Desculpe por ter pensado coisas ruins de você.

—Se você me perdoar por não ter te ajudado quando te ouvi gritar... —Ele sussurrou, quase sem coragem de dizer isso em voz alta.

Concordei com a cabeça. Seria apenas mais um “se” com que eu aprenderia a conviver.

Então olhei para Erick e ele sorriu-me de lado levemente, vendo que eu estava realmente bem. Arriscou-se e colou seus lábios nos meus na frente do meu pai, coisa que raramente fazia, porque isso rendia-nos longas horas sob vigilância.

Uma sirene soou ao fundo e eu ouvi meu pai suspirar.

—Acho que tenho que resolver umas coisas —Ele disse. Levantou-me levemente e puxou Kate consigo. Ela franziu as sobrancelhas, mas levantou-se da cama. Jack colocou a mão sobre o ombro de Erick —Você realmente cuida bem dela. —disse.

E acenando, ele tirou todos do quarto, deixando-me e Erick sozinhos.

—Eu acho... —Erick sussurrou, levantando-se, assim que Lizzie fechou a porta atrás de si —Que isso significa que ele me aprovou.

Eu ri enquanto ele deitava-se em meu lado na cama, abraçando-me.

—Acho que foi a “benção” dele —Eu disse.

Erick riu, concordando com a cabeça.

—Você realmente não quer comer? —Perguntou-me.

Neguei.

—Eu só quero ficar quietinha —sussurrei —Abraçada com você.

Ele sorriu de lado e passou os braços com mais jeito pelo meu corpo. Encostei minha cabeça em seu peito, fechando os olhos.

Eu tinha certeza que, se tinha algum lugar no mundo onde poderia ser feliz e esquecer tudo de ruim que acontecera comigo, era nos braços de Erick.

É, aquele era meu lugar.

Image

Laranja não era minha cor.

Vestir laranja, aquela roupa laranja fedida, não era o que eu queria. Mas não pude fazer nada quando me deram aquele macacão e falaram que logo teria a oportunidade de vesti-lo.

Eu fui burro. Deixar que alguém ligasse uma série de garotas que comi à força para mim. Mas como eu poderia imaginar que uma daquelas empregadas pobres e nojentas, uma que eu namorava apenas para fazer inveja no favorito do papai, era, na verdade, filha de um dos melhores advogados da Inglaterra? E, por causa desse meu erro, desse meu descuido estúpido, eu estava sendo preso.

—Seus pertences, Ward —Uma mulher mal-encarada ordenou-me, na entrada do presídio. —Irá recebê-los de volta se sair daqui algum dia.

Se dependesse do meu dinheiro, eu iria sair daqui mais rápido do que ela poderia soltar um pum. Era só deixar todo mundo esquecer quem eu era e pagar para sair. Simples.

Coloquei o celular e as chaves do carro em cima do balcão, contrariado. Ela guardou-as em um envelope com o meu nome e, então, levaram-me para uma sala e me revistaram.

Isso significava que tive que ficar nu. E se eu falar que eles não me socaram, estaria mentindo.

Arrastaram-me pelos corredores cheios de celas e cheios de presos que me chamavam de boneca e mandavam beijos para mim. Eu estava enojado.

Então fui jogado contra uma parede com força e encarei meu colega de cela, grande demais, forte demais e com dentes amarelos demais.

—ESTUPRO —O guarda gritou.

Até ali, eu não sabia o porquê de ele ter gritado o meu delito, mas descobri.

Assassino, tudo bem. Ladrão, tudo certo. Corrupto, ok.

Mas estuprador...

O cara grande demais pulou sobre mim e eu não tive nem tempo de lembrar meu nome.

Image

Querida irmãzinha superinteligente em Harvard,

Por que você ainda não me mandou uma porra de um e-mail contando sua primeira semana de aula? Você disse que ia me mandar um todo dia falando como são as bundas das americanas (ou isso foi Erick que falou? Sei lá). Mas me conte, como estão as coisas aí? Conseguiram deixar a casa arrumada?

Antes que me pergunte, estamos todos bem. A Lizzie está lá na escola agora, para me vigiar. Sabe o quão constrangedor é sua irmã mais nova ir para sua escola te vigiar? Eu disse para todo mundo que a vigio, e é por isso que ela está sempre comigo; agora ela está super zangada e irritada, mas acho que só está assim porque as férias acabaram e ela não vê o Matt todo dia. E, ah, acho que ela está naquela de achar que ele a está traindo com qualquer uma na faculdade, então, se você puder dar uma ajuda nisso... Eu simplesmente não entendo essa coisa de garotas! Mas sei que o Matt não vê uma garota gostosa nem que ela fique dançando nua na frente dele. Ê, cegueta. Mas já que ele é namorado da minha irmã, fico feliz com isso.

E eu terminei com a Tina, não deu certo. Ela foi para o outro lado do país por causa da faculdade, então... Agora estou saindo com outra pessoa. Sabe a Jenna? Pois é, prefiro não comentar sobre isso.

Minha mãe e o Jack estão naquele Love de novo. Céus, eles estão insuportáveis! Ainda bem que você não está aqui para ver isso, eu estou quase pensando que prefiro que eles fiquem brigando o tempo todo! É roupinha de bebê para cá, decoração de bebê para lá... Estou vendo a hora que eles vão querer testar o babador em mim e na Lizzie.

Tem certeza que não tem espaço aí na sua casa nos Estados Unidos?

Salve-me,

Alan.

Querido irmão pateta-panaca,

Olhe quem fala! Você está me mandando um e-mail só hoje! E não é como se eu tivesse tempo entre as aulas, os estudos e o Erick. É uma loucura aqui, eu

preciso dormir às vezes, sabe? E que história é essa de bundas americanas? Que merda, vocês dois!

Que maldade você fez com a Liz! Não deve ser tão ruim assim, eu vivia na sua cola, não lembra? Apesar de que você dizia que eu era sua empregada e tal. Mas, sei lá, você devia ser mais bonzinho com a Liz! Vou falar com ela, pode deixar, mas não sou a melhor nisso. Aliás, tô passando uns maus bocados aqui. Erick entrou no time de futebol e tem um monte de americanas loiras e peitudas correndo atrás do lindo sotaque inglês dele. Isso me irrita. Eu ainda vou socar a cara de uma delas, acredite em mim. Em contrapartida, ele está completamente obcecado. Acho que é por causa da quantidade de homens na minha turma. Está com ciúmes até do pufe verde que comprei para pôr na sala. De acordo com ele, eu passo mais tempo com o pufe que com ele. Vai entender. E a casa está ficando arrumada. O “terminar” da ação é que não sei quando vai acontecer, principalmente com o Erick abandonando as coisas pelo meio do caminho.

E como assim você terminou com a Tina e está com a Jenna? Você está muito rapidinho, amor! (ps: Erick acabou de meter o cartão no meu e-mail para saber quem eu estava chamando de amor. Como ele sabia que eu estava te chamando de amor? Também não sei.)

Ah, não fala assim deles! Eu também estou empolgada com um novo irmãozinho! Aliás, já dá para saber se é menino ou menina? Diga para Kate que eu vou comprar um monte de coisas para presentear o bebê. Levo todas no natal!

Falando em bebê, Erick está tentando me convencer a ter um. Mas está cedo... Quem sabe quando terminar a faculdade?

E nada de vir morar aqui. Já me basta deixar um longe das americanas ridículas. Pode ficar por aí com a Jenna (e acho melhor você se cuidar ou eu mando um e-mail para ela falando que você anda querendo saber de bundas de americanas com o Erick).

Odeio você,

Mari

PS: mentira, te amo, estou morrendo de saudades!

Fim



AUTORA

Letícia Black tem 28 anos e é natural do Rio de Janeiro. Estudante de **marketing** e viciada em livros e séries e escreve desde muito nova. Tem cerca de 70 histórias de todos os gêneros e gostos e é apaixonada por

Letícia Black tem 28 anos e é natural do Rio de Janeiro. Estudante de **marketing** e viciada em livros e séries e escreve desde muito nova. Tem cerca de 70 histórias de todos os gêneros e gostos e é apaixonada por

apaixonada por todas as suas leitoras. Seu primeiro livro foi publicado em 2012 e ela não pretende parar.

Autora orgulhosa dos livros *Deserto*, *Jogando os Dados*, *Safira*, *Toque de Recolher*, *Contos de Uma Fada* e *Garota de Domingo*.

Acesse: www.leticiablack.com.br

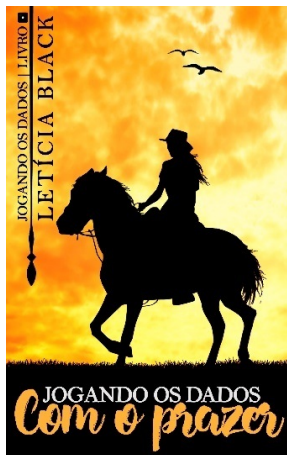
Conheça mais sobre a autora através de suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Fanpage](#) | [Twitter](#) | [wattpad](#)

OUTROS LIVROS

Jogando os Dados com o Prazer

Jogando os Dados #1

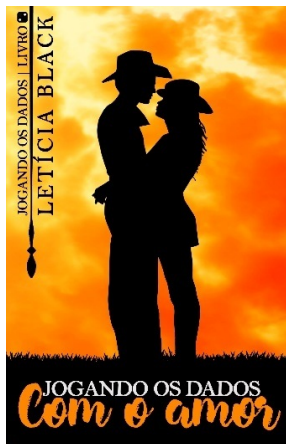


Em algum lugar, em algum momento, um ser iluminado disse que os opostos se atraem. E não há verdade mais clara e óbvia que essa quando um cara convencido, arrogante e violento, vencedor invicto dos rachas de uma cidadezinha do interior de Goiás, cruza o caminho de uma jovem mulher justa, defensora dos indefesos e para lá de discreta. Diferenças a postos, seus mundos entram em colapso e uma aposta maluca é a única solução para colocar seus problemas a limpo, então eles resolvem deixar os dados rolaem. Se ela ganhar, ele terá que aprender a se controlar e não ser um babaca o tempo todo; Se ela ganhar, ela terá que passar longos três meses de férias em sua companhia. E a única certeza do jogo é que nenhum dos dois é um bom perdedor.

[Baixe agora!](#)

Jogando os Dados com o Amor

Jogando os Dados #2

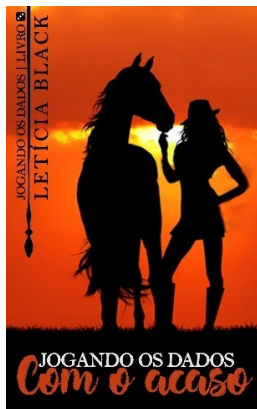


Desde que deixamos Talles e Mila, após o verão, eles trilharam um longo caminho por entre descobertas de prazer e sensações —porém, ainda tem muito pela frente para desenvolver seu frágil relacionamento criado em cima de atração sexual em um amor de companheirismo. Mila deve ceder ao seu medo de entrega e confiança, Talles deve dar o braço a torcer com seus próprios problemas de envolvimento. Os dois extremos se chocaram, faíscas foram espalhadas por todo o campo, agora é necessário que a chama seja controlada antes que se alastre em um acidente fatal.

[Baixe agora!](#)

Jogando os Dados com o Acaso

Jogando os Dados #3



Mais de dez anos se passaram desde a primeira aposta, a blusa rasgada e a Pepsi desperdiçada.

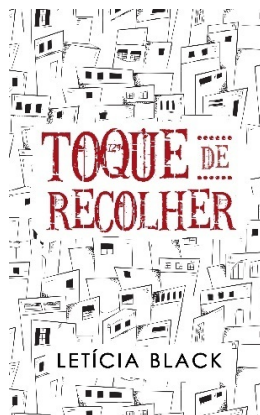
Talles e Mila agora são um casados e acabaram de receber sua terceira filha ao lar.

Ambos sucedidos profissionalmente, Mila acaba recebendo uma proposta que vai abalar as estruturas do lar que eles criaram.

Brigas, apostas, intrigas e muito sexo nos esperam na continuação de Jogando os Dados.

Em breve!

Toque de Recolher



Drica e JP são dois jovens cheios de problemas. Drica está em seu ano de vestibular, desejando passar para uma faculdade em outro estado e se livrar da favela onde cresceu, mesmo que sua mãe não a apoie. JP realizou esse sonho alguns anos antes, mas precisou voltar para casa quando não conseguiu se manter em outra cidade porque ninguém estava muito confiante em contratar um jovem negro recém formado e filho de bandido. Os dois se encontram em circunstâncias desfavoráveis, em um verão confuso, cheio de medos de um futuro incerto, pequeno demais para seus próprios sonhos, e encontram, um no outro, o apoio que precisam para passarem por essa fase sombria de suas vidas.

[Baixe agora!](#)

Deserto



O que você levaria para uma ilha deserta?

Eles levaram sua maior desavença.

Morena e Gustavo trabalham na mesma empresa de arquitetura e urbanismo. Ela é designer de interiores e ele é arquiteto. Ambos são os melhores profissionais de sua área no escritório em que trabalham e, por esse motivo, acabam pegando um ou outro projeto juntos, embora evitem porque se detestam e não conseguem se entender. Porém, quando o esforço é feito, o trabalho fica impecável.

A empresa resolveu presentear-los —e aos outros funcionários reconhecidos em premiações —com uma viagem pela costa brasileira e até o Caribe.

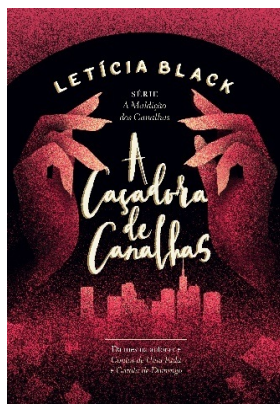
O que eles não esperavam é que, logo nos primeiros dias de viagem, em uma bebedeira, acabarem à deriva, sozinhos, em um bote salva-vidas.

E, agora, a sobrevivência dos dois depende deles encontrarem essa balança impecável também em suas vidas pessoais.

[Baixe agora!](#)

A Caçadora de Canalhas

A Maldição dos Canalhas #1



Após ser demitida de seu emprego, Tainá acaba aceitando fazer alguns favores para suas amigas em troca delas pagarem sua parte do aluguel. Descobre, então, um talento especial que logo a faz virar uma lenda urbana e a fornecer-lhe uma nova fonte de renda.

Porém, o que tinha tudo para ser um subemprego de investigadora particular, a Caçadora de Canalhas acaba se envolvendo em tramas que transcendem o valor monetário, sua índole e mexe com coisas antigas que ela preferia manter enterradas.

Embarcando em uma busca para salvar mulheres e exterminar a exportação e sequestro de jovens mulheres para a prostituição, guiada por um investidor que ela jamais viu, Tainá se põe a enfrentar os perigos da noite afim de desembaraçar uma rede de crimes contra as mulheres de sua cidade.

Em breve!